UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

EDUARDO DA SILVA GARCIA

Narrativas da *bagaceira*: Um estudo sobre consumo de
drogas e transição para a vida adulta

VERSÃO CORRIGIDA

SÃO PAULO
2013

EDUARDO DA SILVA GARCIA

**Narrativas da *bagaceira*: Um estudo sobre consumo de
drogas e transição para a vida adulta**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social do
Departamento de Antropologia da
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Mestre em
Antropologia Social.

Orientadora: Profª. Dra. Sylvia
Caiuby Novaes

SÃO PAULO

2013

EDUARDO DA SILVA GARCIA

Narrativas da *bagaceira*: Um estudo sobre consumo de drogas e transição para a vida adulta

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Sylvia Caiuby Novaes

São Paulo, 2013.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Sylvia Caiuby Novaes – FFLCH/USP

Prof. Dr. Edward MacRae

Profa. Dra. Silvana Nascimento – FFLCH/USP

Dedico aos meus pais, Marcos e Célia.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer o CNPq, pela bolsa de dois anos, que permitiu que me dedicasse exclusivamente à pesquisa de mestrado, sem o que não poderia tê-lo feito. Agradeço também especialmente os colaboradores e amigos que me deram acesso a suas vidas e permitiram que eu as discutisse aqui. Certamente, sem esse ato de generosidade e confiança, este trabalho também não seria possível.

Agradeço meu pai e minha mãe, Marcos Lourenço Garcia e Célia da Silva Garcia, pelo apoio incondicional nessa jornada, com a qual foram extremamente generosos. Sou grato por todos os ensinamentos e pela força que me deram a base sobre a qual trilhar meu próprio caminho. Destaco também o papel da minha irmã, Michelle Garcia, sobretudo pela atenção e companheirismo em alguns momentos mais angustiantes do processo. Agradeço também aos meus avós, Manoel e Maria, por sempre oferecerem a mim um ambiente agradável de estudos em sua casa, bem como pelas muitas conversas inspiradoras. E também à minha madrinha, Eloísa, e minha prima Cristiane Souza, pelo interesse e disponibilidade que tiveram com este trabalho, o que muito me motivou. Agradeço também a meu companheiro e amigo ArieH Wagner, cujo auxílio ao longo de todo o processo não posso mensurar. Sou grato também ao amigo de longa data Julio Razec, que muito inspirou as reflexões aqui desenvolvidas. Também agradeço às amigas Barbara Rosa e Gabriela de Paula César e aos amigos Guilherme Alvarenga, Elias Vidal e Vicente Martos, que estiveram dispostos a me ouvir e a me aconselhar em momentos complicados do processo.

Agradeço especialmente minha orientadora Sylvia Caiuby Novaes por ter aceito orientar minhas reflexões desde a iniciação científica. Agradeço pelos comentários e direcionamentos sempre perspicazes, que impactaram fundamentalmente o desenvolvimento da pesquisa. Destaco seu envolvimento com este trabalho, sobretudo, visto que ele não se insere em sua área de atuação, o que não a impediu de ser brilhante em sua condução. Sou grato extremamente grato pela liberdade e confiança que ela me concedeu.

Além de minha orientadora, outros professores do Departamento de Antropologia da USP ofereceram contribuições preciosas ao longo do curso de mestrado. Quero registrar

minha gratidão à Heloísa Buarque de Almeida que fez as primeiras sugestões a este projeto ainda na graduação, na disciplina de Pesquisa de Campo em Antropologia, e com quem pude manter diálogo também na pós-graduação; à Rose Satiko Hikiji, que fez provocações importantes ao projeto na disciplina de Metodologia do Projeto e também no estágio supervisionado do PAE que realizei com ela na disciplina de Antropologia IV. Agradeço também à Marta Amoroso e ao Renato Sztutman pelas leituras indicadas ao longo das disciplinas teóricas e, por fim, aos professores Ana Lúcia Ferraz e John Dawsey, por meio dos quais tive contato, pela primeira vez, em disciplinas da graduação, com muitas das leituras teóricas que me auxiliaram neste trabalho.

Agradeço também aos professores Julio Simões e Maria Filomena Gregori que gentilmente aceitaram participar da banca de qualificação e ofereceram contribuições fundamentais para a consolidação do texto. Também por suas contribuições, em diferentes etapas do protesto, manifesto minha gratidão aos colegas Maurício Fiore, André-Kess Shouten, Danilo Ramos, Vitor Grunvald e Vinicius Zanolli, bem como aos professores Antônio Rafael Barbosa, Lenin Pires e Brígida Reinoldi. Agradeço também aos professores Edward MacRae e Silvana Nascimento por aceitarem participar da banca de defesa deste mestrado.

É importante ressaltar também o apoio institucional oferecido pelo PPGAS, principalmente nas pessoas dos funcionários Celso Cunha, Ivanete Ramos, Soraya Gebara, Rose Oliveira e Mariana Vanzolini, que sempre foram gentis no suporte administrativo.

Por fim, gostaria de declarar a importância da formação acadêmica e humanista que tive acesso na FFLCH/USP para a minha vida. Esta etapa foi extremamente enriquecedora, sobretudo, pelas trocas que pude estabelecer com muitos colegas, tanto da turma de 2006 da graduação em Ciências Sociais, quanto da turma de mestrado em Antropologia Social de 2011. Ressalto aqui aqueles que se tornaram grandes amigos e com os quais espero continuar trocando por muitos anos. São eles: Ane Talita Rocha, Andreza Davidian, Ana Pophal, Elisa Castro, Alex Magri, Bruno Grecco, Bruna Triana, Natália Lago, Bianca Chizzolini e Weslei Estradiote.

Resumo

O tema dessa pesquisa é o consumo de substâncias psicoativas em contextos urbanos. O trabalho de campo foi realizado em situações de lazer e sociabilidade de três redes de amigos, que se cruzam em alguns pontos. Essas pessoas são provenientes da classe média, residem na cidade de São Paulo, a maior parte delas possui formação superior, todas estão inseridas no mercado de trabalho e suas idades variam entre 27 e 35 anos. Com base nas entrevistas e na observação participante dos encontros em que os psicoativos eram consumidos, o objetivo é apresentar as mudanças e as continuidades no modo como a rede de psicoativos é mobilizada e problematizada ao longo das “carreiras” dessas pessoas como consumidoras de drogas (Becker, 1973) – as quais correspondem, em média, aos últimos dez anos de suas vidas. O material é analisado a partir da noção de curso da vida, mais especificamente, no caso, de transição para a vida adulta, com as quais olhamos para as categorias de *loucura* e *estragação*, que são utilizadas para descrever os efeitos dos psicoativos sobre os corpos. Nesse sentido, atenta-se para o modo como a atuação dessas substâncias nos corpos e nas redes de amizade possibilita a elaboração e a regulação de normas referentes à idade, o que, neste contexto, articula-se à elaboração do estilo que aqui denomino *bagaceira*; essas normas se articulam também a outros marcadores da diferença como classe, gênero e sexualidade e, ainda, a ideais sobre laços de parentesco, de amizade e de conjugalidade. Em poucas palavras, a hipótese com que trabalho é que, por meio dessas práticas e de suas narrativas, essas pessoas se apresentam umas perante as outras, delimitam laços sociais e refletem sobre eles.

Palavras chave: consumo, drogas, curso da vida, corpo.

Abstract

The theme of this research is the consumption of psychoactive substances in urban contexts. The field work was conducted during situations of leisure and sociability of a network of friends, that interconnect with one another in some points. They are middle class people and inhabit the city of São Paulo, most of them have higher education qualifications, all of them are inserted in the labor market and their age range between 27 and 35 years. Based on interviews and participant observation in meetings in which psychoactive drugs were consumed, the goal is to present the changes and continuities in the way the network of psychoactive substances is mobilized and channeled along the “careers” of these people as drug users (Becker, 1973) - which correspond, on average, to the last ten years of their lives. The data is analyzed based on the notion of the course of life, more specifically, in the case, of transition to adulthood, through which we look at the categories of *loucura* and *estragação*, which are used to describe the effects of psychoactive drugs on bodies. Accordingly, we describe how these substances act upon bodies and friendship networks enabling the development and regulation of standards regarding age, which, in this context, articulates to the development of the style here named *bagaceira*; these norms are also articulated to other markers of difference such as class, gender and sexuality, and also to the ideals of kinship, friendship, and conjugal ties. In short my hypotheses is that through these practices and their narratives these people present themselves to one another, draw social bonds and reflect about themselves.

Key-Word: consumption, drugs, course of life, body.

Sumário

Introdução.....	9
Apresentação.....	9
O Campo, caracterização das redes de amigos e algumas definições.....	12
Referencial teórico e questões da pesquisa.....	24
Organização dos capítulos.....	32
Capítulo 1: Consumindo droga, produzindo a bagaceira.....	34
Estilos Corporais.....	35
Na praia ou A preparação do ator	42
Espaços, Sociabilidades e Convenções.....	51
No sítio ou A beleza de um/a louco.....	61
Capítulo 2: Estragando o corpo, corrigindo relações.....	70
Ter cabeça.....	73
Interrupção do fluxo – o enfarto de Ângelo.....	86
Pés descalços.....	93
Capítulo 3: Afetos, erotismos e outras formas de contágio.....	105
Amores, relações e normas.....	105
Ferida no Nariz.....	112
Cuidado, putaria e o nirvana	123
Considerações Finais: Responsabilidade e ansiedade.....	146
Referência Bibliográfica.....	162

Introdução

F - Eu não entendo qual é a da *bregonha*, acho que nunca comi uma que fez efeito.

L – Como não? A gente fez uma vez na casa do Tiago, você não lembra? Eu que fiz, a minha *bregonha* sempre dá certo.

F – Ah não lembro...

L – Foi a vez que a gente tomou o *Hoffmann*, que o Pietro trouxe da Europa, não lembra?

F – Ah sim... mas também, como que eu vou saber se a sua *bregonha* funcionou? A gente bebeu, fumou, cheirou e tomo um doce cada um... Isso não existe, depois que toma tudo, é uma grande loucura única, como que vai falar: foi a *bregonha*. Foi o doce. Não dá pra saber!

Diálogo entre Laura, 29 anos, e Flávia, 28 anos.

Apresentação

O principal objetivo dessa pesquisa é lançar luz sobre as práticas de consumo de substâncias psicoativas em contextos urbanos, tendo em vista os significados que elas adquirem e as condutas dos sujeitos em relação a elas. Para tanto, tem como universo de análise três redes de amigos compostas por jovens adultos de classe média (as idades variam entre 27 e 35 anos) que residem na cidade de São Paulo, sendo que alguns deles nasceram em outras cidades e vieram à capital paulista para estudar ou trabalhar, em geral, logo após completarem 18 anos.

É importante dizer que, a princípio, nas primeiras incursões ao campo, o consumo de drogas não era o tema central da pesquisa, embora descrevê-lo figurasse entre meus objetivos. Inicialmente pretendia fazer uma descrição da sociabilidade que se desenvolve em baladas de música eletrônica. Eu especulava, então, sobre a influência da música e da dança na conformação dessa interação, em que, normalmente, as drogas também participam.

Após o susto de ter sido criticado, no primeiro semestre do mestrado, por não ter um objeto de pesquisa bem recortado e por levantar um número muito grande de questões, o primeiro passo foi iniciar o campo proposto, em casas noturnas. Iniciei os contatos já neste primeiro semestre e, ao final dele, já de posse de alguns dados, decupei o projeto inicial e me dediquei, a partir daí, na observação e investigação da relação dessas pessoas que eu começava a conhecer com esse conjunto de produtos, os psicoativos.

Tendo iniciado minha aproximação com a bibliografia sobre o tema ainda na graduação, para a escrita do projeto de mestrado, o estímulo para me deter nesta temática foi influenciado também pelo reduzido número de trabalhos que investigam o consumo de psicoativos propriamente – além, obviamente, da inegável relevância desses produtos nos ambientes em que iniciei o campo, de maneira geral, e nas rede de interlocutores que eu vinha construindo, em particular. Como pontuado por Vargas (2001), parece haver uma divisão (arbitrária) do trabalho intelectual sobre o tema, de acordo com a qual caberia às ciências biológicas ou da saúde as questões sobre o consumo, enquanto às ciências sociais e humanas, caberia a investigação das questões referentes à circulação (tráfico) desses produtos e de suas consequências nas grandes cidades (violência).

Problematizando essa partilha, Maurício Fiore (2007) apresenta em seu trabalho as controvérsias do debate médico em relação ao tema. Com base em entrevistas realizadas com médicos brasileiros, referências de suas áreas sobre o tema no país, Fiore mostra, em primeiro lugar, que não existe consenso no que diz respeito ao campo semântico delimitado pelo termo droga. Se por um lado o termo, tendo em vista um repertório farmacológico, se refere a qualquer substância que age no sistema nervoso central, Fiore verificou que, em seu emprego, os médicos muitas vezes buscam enfatizar os aspectos negativos do uso de certas substâncias, justamente aquelas que foram proibidas ao longo do século XX. Assim, “ por mais distante que o significado farmacológico do termo 'droga' esteja do seu emprego mais comum, é a este último que se referem preferencialmente muitas das falas dos médicos” (Fiore, 2007, p. 71), numa intenção clara de, assim, manter um diálogo com o público leigo. Do mesmo modo, a delimitação do conceito e do quadro clínico da dependência, as discussões sobre predisposições biológicas que explicariam tal quadro, e, por fim, as especulações acerca das motivações que levam a essas práticas e a relação delas com a promoção de prazer, são outras temáticas controversas do “discurso médico”.

O trabalho de Fiore nos ajuda a ver que, nos discursos médicos, considerações jurídicas, sociais e morais recorrentemente misturam-se com formulações de ordem biológica na articulação dos argumentos. A historização desse discurso, no tocante ao consumo de drogas, fortalece a demanda pela ampliação do número de estudos sócio-antropológicos sobre o tema. Aponta também, em contrapartida, para as contribuições que as ciências sociais podem oferecer nesse debate, em especial, possibilitando a superação de velhos estereótipos: a imagem invariavelmente degradante do consumidor e a força absoluta da substância.

Ainda que não queira reafirmar tais esteriótipos, não quero perder de vista o fato de que a ação dessas substâncias sobre nós desafia nosso entendimento, o que Fiore foi feliz em apontar em um campo tão estratégico: elas são apenas coisas, produtos sintetizados a partir de elementos encontrados na natureza, mas ao mesmo tempo, parecem ser muito mais do que isso. Muitas razões podem ser dadas para nos ajudar a compreender o “encanto” desses produtos sobre nós: o número reduzido das pesquisas sobre o tema, nas ciências sociais, mas também nas áreas da saúde¹; a quantidade de jovens celebridades que já morreram em decorrência do consumo dessas substâncias, mas também compuseram canções ou escreveram livros brilhantes sob o efeito delas; as imagens de pessoas degradadas pelo consumo e pela miséria, tal qual vistas em regiões deterioradas dos grandes centros urbanos; não se pode esquecer da exploração simplificadoras dessas imagens por agendas políticas oportunistas; ou ainda, para selecionarmos uma imagem mais amena, o modo como elas fazem com que a pessoa ria, fale mais alto e com maior eloquência, se movimente com maior desenvoltura e confiança. Por essas e outras razões, Taussig (2004) as chama de “substâncias transgressoras”, coisas que, em sua qualidade de coisas, aparecem quase como “entidades espirituais”. Elas são fetiches. A esse respeito, o argumento de Taussig, informado pela teoria da linguagem esboçada por Benjamin (1996), é de que o engajamento prolongado do humano com essas substâncias pode suscitar a formulação de uma linguagem – “[a] language that runs along the seam where matter and myth connect and disconnect continuously” (Taussi, 2004, p.xviii). Com este trabalho, meu objetivo é aproximar-me dessa linguagem que meus colaboradores elaboram mediante a interação com a rede de psicoativos disponíveis a eles, das temáticas de que ela trata e das formas que ela as problematiza.

Mais especificamente, pergunto: a força dessas substâncias, que decorre em parte desse desconhecimento, da dificuldade que temos em defini-las, pode ser empregada para compor e apresentar subjetividades (tendo em vista os marcadores sociais da diferença que operam nos contextos investigados, a saber, estilo, idade, classe, gênero e sexualidade)? Essa força impacta também as relações sociais que por meio delas são estabelecidas? Por fim, por meio da interação com a força dessas produtos, é possível explicitar o impacto dessas relações sobre as subjetividades? Em poucas palavras, que particularidades, então, elas apresentam, subjetividades e relações, do ponto de vista do analista, quando tomadas a partir dessa

¹ O próprio Fiore (2007) pontua o número reduzido de pesquisa sobre o tema na área médica, bem como sua orientação sempre no sentido de evitar e combater a dependência. Fernandez (2007) também faz considerações semelhantes.

linguagem experimental? Para embasar essas questões e esboçar o modo como pretendo respondê-las, apresento a seguir uma breve descrição da amostra selecionada e dos procedimentos utilizados para a coleta e análise dos dados. Na sequência, apresento o referencial teórico mobilizado e, por fim, um resumo dos capítulos.

O Campo, caracterização das redes de amigos e algumas definições

Iniciei o trabalho de campo no começo de 2011, tendo selecionado a região da Rua Augusta como ponto de partida. Fui algumas vezes na *Aloca*, e sempre aproveitava a oportunidade para passar pelo *Bar do Netão*, onde não é necessário pagar para entrar, pagando-se apenas o que for consumido. Neste semestre *Aloca* também estava com uma promoção que dava direito à entrada gratuita para quem chegasse antes da 1h da manhã.

Nas três primeiras vezes que fui para a região, sempre com o mesmo trajeto, passava no *Bar do Netão*, onde ficava até por volta da meia noite e quarenta e, então, seguia para *Aloca*. O primeiro esteve sempre lotado. Como não é necessário passar por qualquer controle para ter acesso à pista de dança, muitas pessoas passam por ele, mesmo sem tê-lo planejado. *Aloca*, por sua vez, apesar da promoção, atraía menos frequentadores.

Ocorreu que nas baladas, embora fosse patente a importância das drogas, do álcool e da cocaína especialmente, tive grande dificuldade em abordar as pessoas e iniciar conversas. Apenas na quarta noite na *Aloca* consegui estabelecer contato com frequentadores, que vieram falar comigo, após terem observado que eu estava sozinho apoiado na bancada do bar.

Eles eram Pedro e Gil, de 29 e 31 anos, respectivamente. Os dois moram próximos à boate e, por isso, disseram estar sempre por ali, às vezes entram, às vezes ficam apenas pelos bares. Passei o resto da noite conversando com eles, expus meus interesses de pesquisa e pedi seus contatos para que pudesse explicar-lhes melhor em outro momento, quando estivéssemos menos cansados. Paralelamente, conheci Dan e Vitor, de 28 e 30 anos, respectivamente, através da página da *Aloca* na internet. Com o primeiro consegui marcar um encontro presencial ainda no primeiro semestre de 2011. Com Vitor, só consegui marcar um encontro presencial alguns meses depois de iniciar o contato via internet.

A partir dessas quatro pessoas montei as três redes de amigos que frequentei ao longo dos mais de dois anos de pesquisa. Pedi para que eles me apresentassem e indicassem a seus amigos e/ou, quando possível, me chamassem para eventos em que pudesse encontrar essas pessoas. No caso de Dan, por exemplo, acabei me aproximando mais de seus amigos Sérgio e Laura, que se mostraram mais abertos para me receber e expor suas histórias. No total,

participei de 20 desses encontros, ocorridos no domicílio de alguém ou em bares e baladas. Nessas ocasiões, entrei em contato com um total de 34 pessoas, sendo que todas são consumidoras de pelo menos um psicoativo e frequentam a mancha de lazer noturno onde iniciei a pesquisa de campo. Neste cenário mais amplo, existem muitas pessoas que eu encontrei apenas uma vez, outras que encontrei duas ou três e que, por isso mesmo, não tive a oportunidade de expor abertamente meus interesses. Nesses casos, embora tais pessoas tenham inspirado minhas reflexões com seus comentários, opiniões e *performances*, evito caracterizá-las com maiores detalhes.

Deste cenário mais amplo, realizei entrevistas aprofundadas com 11 pessoas, dentre essas, tornei-me especialmente próximo de 6, dada a maior afinidade que tive com elas e pela disponibilidade que elas demonstraram em me receber e responder às minhas questões. No caso dessas seis relações, vale ressaltar que muitos dos nossos encontros não se deram devido a questões ou motivações diretamente relacionadas à pesquisa. De todo modo, as conversas que tivemos nessas ocasiões me deram acesso a informações preciosas que foram incorporadas no texto que apresento. Para todas as pessoas com quem realizei entrevistas individualmente, fiz questão de mandar os capítulos prontos para que opinassem sobre o modo como eu tratava as narrativas que elas haviam me fornecido. Neste processo, não obtive nenhuma censura, apenas comentários no sentido de acrescentar informações que as pessoas achassem importantes.

Dado o caráter ilícito das práticas investigadas, preferi não gravar essas entrevistas. Utilizei sempre cadernos de anotações no momento do diálogo e, posteriormente, transcrevi as falas a partir desses apontamentos e valendo-me de minha memória. O mesmo procedimento foi adotado no registro das informações decorrentes de observação em festas e reuniões com muitas pessoas. Nesse caso, contudo, não ficava com o caderno de anotações aos olhos de todos, mas preferia dirigir-me ao banheiro para tomar notas.

Uma vez tendo acessado essas redes ainda no ano de 2011, considerei que os dados obtidos nesses eventos íntimos eram mais ricos e detalhados do que aqueles que tinha acesso nas casas noturnas. Particularmente no que diz respeito às drogas, podia observar não só os movimentos e gestos para consumi-las ou para disfarçar o consumo, nessas reuniões podia observar também a expectativa com que é aguardada a atuação das substâncias, além do embate e a incrementalidade das opiniões e discursos sobre os psicoativos.

Para me referir à forma de agrupamento dessas pessoas que investigo, trabalho com a

ideia de rede social. Com isso, parto da conceituação de Mitchell (1969) e de Bott (1976), que se apropriam do conceito, utilizado primeiramente em sociedades africanas que passavam por processos de modernização e urbanização, para pensar arranjos sociológicos próprios de sociedades complexas. O emprego deste termo busca evidenciar que as articulações entre indivíduos ou os sistemas de interações entre eles não constituem grupos fechados, com fronteiras bem definidas e permanentes. Pelo contrário, o conceito pontua a mobilidade com que os indivíduos transitam por estes relacionamentos e estabelecem graus variados de conexão. Além disso, como enfatizado, sobretudo, por Mitchell (1969), a categoria de rede social tem também um caráter comunicacional, no sentido de que por meio delas circulam informações e bens capazes de gerar padrões normativos para as condutas dos sujeitos. Este aspecto é bem expresso pelo trabalho de MacRae & Simões sobre usuários de maconha de São Paulo e de Salvador. Estes autores conceituam uma subcultura da droga ou da maconha, a qual “tende a ser o resultado do entrelaçamento de experiências através de redes informais de comunicação entre usuários (...) através [das quais] se articulam uma série de entendimentos comuns sobre determinada substância e as melhores maneiras de utilizá-la.” (MacRae & Simões, 2003, p.90). Passo agora para uma breve descrição das redes de amigos em que realizei o trabalho de campo.

Em termos socioeconômicos, todos os indivíduos são provenientes das classes médias². Se pensarmos em toda a amostra, encontramos pessoas de diferentes camadas de classe média, havendo 2 indivíduos dentre os entrevistados e 8 dentre os 34 que conheci que se aproximam de uma classe média alta. Nesses casos, são pessoas cujos pais também têm formação superior em carreiras tradicionais e bem remuneradas, como engenharia, medicina, economia, direito. O restante da amostra, 9 entrevistados e 26 contatos, fazem parte de um estrato de classe média que, em geral, fora atingido na geração dos pais, os quais muitas vezes não possuem curso superior ou, quando possuem, o realizaram após o nascimento dos filhos. De todo modo, a maior parte das pessoas observadas estudou em instituições particulares de ensino durante a maior parte de suas trajetórias escolares, tendo passado para o sistema

2 Não foi uma tarefa fácil classificar meus interlocutores quanto à classe. Como será discutido adiante, no texto, se partimos da diferenciação entre classes trabalhadoras e classes médias que ficou famosa no contraste das obras de Duarte (1987, 1994) e de Velho (1986, 1999), as pessoas com que dialoguei apresentam características de ambos os setores sociais. Optei por caracterizá-los como classe média, seguindo os trabalhos de Grillo (2008) e Lins de Barros (2010), pois, apesar de seus pais, em geral, terem origens nas classes trabalhadoras, eles puderam dar aos filhos acesso a bens e serviços (de educação, sobretudo) que possibilitaram que, atualmente, os últimos desenvolvam hábitos de consumo e disputem posições (no mercado de trabalho ou no mercado afetivo-sexual) em espaços tradicionalmente ocupados por indivíduos de classe média.

público apenas para a realização do curso superior. Dentre aqueles que optaram pelo superior em instituições privadas, apenas uma interlocutora precisou arcar sozinha com o valor do curso, a maioria teve as mensalidades pagas parcial ou integralmente pelos seus pais.

A maior parte mora na cidade de São Paulo, com maior concentração na região central, em bairros como Santa Cecília, Bela Vista, República, etc. Considerando a residência de suas famílias de origem, a maior parte está localizada em bairros mais distantes do centro, como Tucuruvi, Tatuapé, Casa Verde; em cidades da região metropolitana, como Santo André, Mogi das Cruzes, Barueri; ou em cidades do interior do Estado, como Ribeirão Preto, Sorocaba, Valinhos e São José dos Campos. As redes de amizade que oferecem o material para esta pesquisa, contudo, foram todas forjadas nos equipamentos de lazer disponíveis no centro da cidade.

Apenas três pessoas não têm curso superior completo, mas mesmo elas já estiveram ou estão matriculadas em universidades. Os motivos para não terem se graduado, mais do que a privação de recursos, estão ligados à decepção com a carreira escolhida ou a complicações decorrentes da falta de responsabilidade e comprometimento para com o curso. Atualmente, todos estão inseridos no mercado de trabalho, ainda que duas das pessoas que ainda não se graduaram ocupem posições que não exigem qualificação. As profissões são variadas, mas concentram-se nas diversas áreas das humanidades – artes visuais, cinema, jornalismo, arquitetura, letras, publicidade e propaganda, são alguns dos cursos superiores que foram citados. Essas profissões, ligadas às artes e à comunicação, podem ser circunscrita no que Featherstone (1994), com base na teoria de Bourdieu sobre a distinção, chamou de “novas classes médias”, as quais seriam um estrato de classe cujo prestígio e meios materiais decorre mais do conhecimento que detém sobre padrões de consumo valorizados e menos de sua posição na administração e ampliação da produção³. Tais carreiras são usualmente apresentadas mediante uma aura vanguardista em termos de comportamentos e valores, o que, no caso das redes que estudo, concorre para a elaboração do estilo *bagaceira*. Houve e há, no entanto, muitas histórias de mudança de carreira. Quase todas essas mudanças, contudo, se deram dessas profissões para outras tidas como mais tradicionais, como direito, economia, etc., nas quais as pessoas acreditam poder ter maior facilidade para conseguir uma colocação no mercado de trabalho.

3 Com essas observações não quero inferir que o consumo de drogas é um traço distintivo dessas profissões ou, mesmo, que é mais frequente nelas. Faço esses apontamentos apenas para descrever as redes investigadas, nas quais, como pontuado no texto, também há profissionais de outras áreas.

Todos eles já tiveram trabalhos ou *bicos* em empregos que não demandam formação superior, como vendedor de roupas e de livros, *barman* em casas noturnas, corretor de imóveis, etc. Cumpre ressaltar que todos eles se sentem orgulhosos de terem passado por tais empregos e de arcarem com suas despesas (ou pelo menos com boa parte delas), sendo que várias vezes ouvi reclamações e acusações direcionadas a pessoas *ricas* que, segundo eles, costumam “não ter noção”. Inversamente, pedir dinheiro aos pais e, principalmente, quando passam períodos em que voltam a depender quase que integralmente da renda dos pais, faz com que se sintam culpados. Ainda a esse respeito, sair da casa dos pais é um evento muito desejado e bastante valorizado; mesmo que isso implique passar por apertos, considera-se que a liberdade de poder receber os amigos, namorados(as) ou parceiros(as) sexuais casuais (*fuck friends*) e consumir drogas sem ter que dar explicações aos pais, faz com que a atitude seja recompensada.

Embora alguns já tenham tido relações conflituosas com os pais, via de regra tiveram e têm boas relações com eles – em muitos casos essa relação é descrita como de amizade. Ressoando os dados quantitativos apresentados por Abramo (2005), entre os jovens adultos com que trabalhei, pais e mães são pessoas em quem se confia e a quem se recorre para conselhos e auxílios (material e emocional) em momentos de infortúnio. Mais do que isso, em muitos aspectos, apesar de haver disparidades entre opiniões, padrões de consumo e projetos de vida entre pais e filhos, não é exagero afirmar que sobressai entre essas pessoas uma postura de admiração para com seus pais⁴. Como pontuado por Almeida e Eugênio (2008), no caso das redes sociais que descrevo, a relação com a geração dos pais é vista mais pelo sinal da continuidade do que pelo da ruptura. Como ensaiado por elas, essa diferença de posicionamento da geração atual, contrastante com aquele observado por Gilberto Velho (1989) entre seus colaboradores na década de 1970, tem consequências para o modo como a relação com os psicoativos é experimentada e representada em cada um dos contextos. Trataremos dessas questões no segundo capítulo deste trabalho.

No que se refere ao consumo de drogas, entretanto, apenas 2 pessoas declararam ter uma relação aberta com seus pais a esse respeito. Para todos os outros, com exceção do álcool e do tabaco, se o hábito do filho não é de todo desconhecido por parte dos pais, este assunto

4 A pesquisa *Retratos da juventude brasileira* foi realizada em 2003 pela Fundação Perseu Abramo, e contou com uma amostra de representatividade nacional. A pesquisa considerou como jovens pessoas que neste ano tinham idades entre 15 e 24 anos. Estes jovens, ao serem questionados sobre “que pessoa [dão] mais atenção ao que diz”, 59% dos entrevistados respondeu ser a mãe e 15% respondeu ser o pai (Ver: questão 36, p.389). Ao serem questionados sobre qual instituição mais confiam, 98% mencionaram a família (Ver quadro 69, p.408).

não é tematizado na relação. Como veremos no capítulo 2, por causa mesmo dessa exclusão (aparente) dos pais dos contextos de uso de psicoativos, observei um grande tabu referente à compra desses produtos com dinheiro proveniente de pais e mães.

As idades variam de 27 a 35 anos. A escolha de trabalhar com este coorte geracional merece uma justificativa. Tendo em vista que as experiências com drogas são significadas e controladas pelos sujeitos em um processo de aprendizado, tal qual explicitado pela categoria “carreira” (Becker, 1973), considero que para apreender o modo como as pessoas conhecem, significam e utilizam a rede de drogas disponíveis a elas é necessário que uma trajetória mínima seja atendida. Estabeleci em, pelo menos, 10 anos de contato com substâncias psicoativas, lícitas ou ilícitas, pois, acredito que, nessa faixa etária, tenho acesso a pessoas que, em suas problematizações sobre essas práticas, consideram uma gama maior das potencialidades da relação com esses produtos. Do mesmo modo, dado o caráter ilícito dessas práticas e, conseqüentemente, sua reprovação social, foi necessário também que houvesse alguma proximidade entre mim e os sujeitos pesquisados, de modo a facilitar o estabelecimento de relações de confiança e, assim, viabilizar a coleta dos dados que me interessavam. A escolha de trabalhar com esse coorte geracional atendeu também a esse critério. A exemplo, aliás, das estratégias adotadas por Becker e também por Velho⁵.

Como será explorado no primeiro capítulo, em termos de estilo, caracterizo essas pessoas de *bagaceira*, tendo em vista os locais que frequentam e alguns aspectos dos produtos culturais que consomem. Ainda que, com esse termo, me refira a uma parte dos gostos e hábitos dessas pessoas, por meio dele é mais fácil expressar o caráter estético que queremos enfatizar com a utilização do conceito de estilo. Em consonância com o emprego de redes ao invés de grupos, o termo estilo é entendido principalmente em seu caráter espetacular e comunicacional, isto é, como conjunto de convenções e de disposições por meio das quais as pessoas, nos limites de suas redes sociais, significam e orientam suas interações. Nesse sentido, pensamos o estilo na chave proposta por Hebdige (1979), a qual no Brasil foi empregada, de forma pioneira, por Abramo (1994). Contudo, diferente desses autores, não considero que o conhecimento das convenções e o domínio das disposições corporais da *bagaceira* delimite um grupo específico, uma subcultura. Assim, *bagaceira* nomeia menos uma coletividade e mais as técnicas que essas pessoas utilizam para se apresentar umas

5 Becker declara que partiu de suas redes pessoais de amizade, entre músicos de Jazz de Chicago, em entrevista concedida à Gilberto Velho (Ver: Becker, 1990). Velho faz as mesmas declarações à Maurício Fiore, em entrevista publicada coletânea do NEIP (Ver: Velho, 2008).

perante as outras e para interagir umas com as outras.

A região onde iniciei o trabalho de campo não comporta equipamentos que se destinem exclusivamente ou mesmo predominantemente para um público homossexual, havendo muitas casas e bares cuja frequência é predominantemente heterossexual. Pensando exclusivamente na boate *Aloca*, trata-se de um lugar em que se encontram principalmente homossexuais masculinos, mas desde sua inauguração a casa se recusa a se identificar abertamente como uma boate GLS. Como pontuado por França (2006), ao inaugurar a festa *Grind* no começo dos anos 2000, dedicada ao rock dos anos 80, os organizadores do evento queriam oferecer um ambiente *mix for mixed people*. De fato, apesar da predominância de homossexuais masculinos, há pessoas de diferentes orientações sexuais e identidades de gênero. Em especial, há muitas mulheres heterossexuais, em geral, amigas de homens homossexuais que, às vezes, trazem consigo seus namorados, homens heterossexuais. Existem também grupos de amigos formados por homens heterossexuais, que se interessam pelo ambiente por conta da música e do estilo descontraído e debochado do lugar.

Seguindo essas evidências, não estabeleci de antemão um corte de gênero e sexualidade na construção da rede de colaboradores que ofereceria o material para a análise. De todo modo, seguindo a composição dos frequentadores da boate *Aloca*, a rede que construí é formada predominante por homens homossexuais, dentre as 11 pessoas entrevistadas eles são 7; dentre as 34 pessoas que encontrei em eventos variados, 21 pessoas são homens e se dizem *gays*; 7 mulheres são heterossexuais e 3 homossexuais, por fim, há 3 homens heterossexuais. Ainda que haja um interesse, por parte do público e da administração da boate *Aloca*, em não delimitar amigos e público a partir de um recorte de gênero ou sexualidade, vê-se pela composição das redes de amigos que esse contato ainda é limitado, concentrando-se em relações de homens homossexuais com mulheres hétero e homossexuais. Relações entre homens homossexuais e homens heterossexuais são mais escassas e, nesse ponto, observa-se maior tensão. Um exemplo dela pode ser apreendido em uma fala de Vitor, que refletia sobre essa questão em sua experiência:

Eu tenho muitos amigos [homens] héteros, e gosto muito deles, me dou bem como eles, mas sempre fica aquela coisa, sabe? Porque, enfim, ele pode estar sendo legal comigo, ter mesmo a cabeça aberta pra um monte de coisa, mas eu sei que com os amigos [héteros] dele é outra coisa. Daí ele deve falar de mulher que não presta, de mulher pra comer e mulher pra trepar, entende?

Embora seja importante registrar essas tensões para justificar os contornos de minha amostra, adianto que elas não serão aprofundadas ao longo do texto. Em primeiro lugar, como decidi

trabalhar com redes de amigos e nos contextos de sociabilidade em que os psicoativos são consumidos, situações em que tais tensões se explicitaram foram raras. Em segundo lugar, embora haja evidências de que o uso de psicoativos compõem performances de gênero, como mostrado por Fernandez (2007), não foi observado o emprego de substâncias psicoativas no sentido de explicitar relações conflituosas. Pelo contrário, é mais fácil observar as drogas funcionando como mediadores dessas relações, oferecendo pontos de afinidades a partir das quais certas interações podem ser desenvolvidas, apesar do tipo de tensão a que Vitor faz menção em seu raciocínio.

Atualmente, a única droga que meus colaboradores utilizam com frequência é a *cannabis*, a maior parte deles utiliza diariamente. O LSD é utilizado em eventos especiais, assim como o *ecstasy*, mas esse último é ainda mais raro, e algumas pessoas não gostam (ou não gostam mais) dos seus efeitos. Também já consumiram anfetaminas. A cocaína também é utilizada esporadicamente por alguns deles, mas no caso dessa substância, nas três redes encontramos sujeitos que já a utilizaram com maior frequência ao longo de suas trajetórias, bem como sujeitos que não a veem com bons olhos. Quase todos consomem álcool, alguns o fazem quase diariamente, e apenas Gil não fuma tabaco.

Cumprе ressaltar que a decisão de não limitar a análise a apenas uma substância acompanhou a evidência de campo de que, embora a maconha seja a substância mais utilizada atualmente, também a cocaína, o LSD e o *ecstasy* já tiveram, e em alguns casos ainda têm, grande importância, seja porque ainda se consome esporadicamente, seja, de maneira mais geral, porque se convive com pessoas que o façam. Em poucas palavras, todas elas compõem o repertório que essas pessoas possuem sobre experiências com psicoativos. Nesse sentido, para que entendamos, por exemplo, porque depois de cerca de, em média, dez anos de experiências com seis substâncias em especial – maconha, álcool, *ecstasy*, LSD, cocaína e tabaco – meus informantes preferem a utilização da maconha para compor seus estilos, devemos também estar cientes das razões de acordo com as quais a cocaína não é considerada adequada para os mesmos fins. Portanto, a esse respeito, tomo as sugestões de Gomart (2002), em sua crítica a Becker, no que é seguida, no Brasil, pelo trabalho de Vargas (2001). Segundo esses autores, ambos partindo de uma combinação de considerações de Foucault e Latour, um estudo sócio-antropológico sobre o tema deve evitar tomar de antemão qualquer divisão entre o que é considerado droga ou não. Do mesmo modo que não deve definir anteriormente à investigação qual dimensão da experiência com drogas e que tipos de relações entre sujeitos e

drogas cabe ou não considerar. Reforçam assim o desafio de explorar as formas complexas entre os significados que estas práticas adquirem e a materialidade do envolvimento entre os corpos e as drogas. Voltaremos a esse ponto em breve.

Por hora, pontuo que ao me referir a esse conjunto de psicoativos como uma rede, quero frisar, a exemplo da ideia de rede social, a diversidade de combinações que podem ser experimentadas, dando vazão a uma variedade de modalidades de uso. É importante atentar para esta questão não só quando comparamos diferentes trajetórias, mas sobretudo ao olhar para as mudanças e continuidades nos padrões de consumo ao longo de uma carreira individual.

Em todos os casos, as primeiras substâncias experimentadas foram o álcool e o tabaco, em geral ainda enquanto cursavam o ensino médio. Os mais precoces o fizeram por volta dos 13 ou 14 anos, com amigos, depois da escola, quando ficavam a sós em casa ou em festas que ofereciam em suas casas muitas vezes com o consentimento dos pais. Em geral, as primeiras experiências de embriagues (*loucuras, porres*) ocorreram antes de concluírem o ensino médio; com 16 e 17 anos, muitos lembram que já bebiam quase que semanalmente e muitos já frequentavam os ambientes que mencionei acima, no centro histórico da cidade. Nessa fase, muitos relatam terem buscados *loucura* também em remédios de farmácia, *bolas*, dos quais se destaca o *Benflogin*, um medicamento para combater inflamação e sintomas de gripe que provoca alucinações se consumido em grande quantidade. As primeiras experiências com maconha também ocorreram antes do término do ensino médio, em geral com amigos ou parentes (irmãos e primos) mais velhos. Poucas pessoas, no entanto, disseram que, ainda no ensino médio, já consumiam maconha com alguma frequência (algumas vezes por semana, aos finais de semana, todos os dias, etc.). Em geral, aqueles que hoje consomem *cannabis* diariamente, passaram a fazê-lo ao longo do curso superior ou após concluí-lo. Poucas pessoas disseram ter consumido cocaína, *ecstasy* e LSD antes dos 18 anos. Tal qual acontece com a maconha, em relação a essas substâncias, mesmo aqueles que depois passaram a consumir com maior frequência e/ou em maiores quantidades, passaram a fazê-lo após o término do ensino médio.

A saída do ensino médio e a consequente entrada no mercado de trabalho e os anos dedicados ao ensino superior aparecem na maior parte das narrativas como aqueles em que houve maior contato com psicoativos, em que em geral se aumentou muito o consumo de álcool e em que se passou a ter acesso facilitado a drogas ilícitas. Antes dos 25 anos, quase

todas as pessoas com as quais interagi ao longo da pesquisa tinham *contatos* para conseguir qualquer uma das quatro substâncias ilícitas que compõem a rede de psicoativos disponíveis – maconha, cocaína, LSD e *ecstasy*. Atualmente, evita-se ter acesso às substâncias nesses lugares, aos quais se recorre somente quando o *traficante delivery* falha em manter a oferta do produto desejado. No caso dessa pesquisa, a droga cuja oferta precisa ser mantida constante é a maconha, contudo, é concebível também, embora muitos considerem desaconselhável, que se consuma cocaína diariamente, como algumas pessoas que compõem a amostra já fizeram.

Outro ponto recorrente na maior parte das trajetórias é o aumento das preocupações com a saúde do corpo e com o avanço na carreira profissional, o que acarreta maiores temores na relação com os psicoativos, sobretudo, com aqueles tidos como mais danosos. De todo modo, observa-se uma atenção constante para com esses hábitos, buscando-se a diminuição e mesmo a interrupção do consumo de certas substâncias. Da mesma forma, observa-se uma menor exposição nos espaços de lazer onde, anteriormente, eles haviam incrementado a experiência com psicoativos. O processo que leva a uma postura mais comedida com esses produtos e serviços, para muitos de meus colaboradores, foi experimentado com sofrimento e se deu em meio à frustrações e fracassos em diferentes âmbitos da vida, o que demandou reconfigurações de relacionamentos e de projetos de vida, não só da rede de psicoativos mobilizados.

Howard Becker (1973), pioneiro na investigação do consumo de psicoativos nas ciências sociais, se apropriou da noção de carreira, advinda dos estudos sobre a delinquência, empreendidos pela primeira geração de sociólogos da Escola de Chicago, para sugerir que a interação com psicoativos, mediada pela interação entre pessoas (amigos), pode ser compreendida tendo-se em vista uma perspectiva de projeto, em que os indivíduos orientam e dão sentido as suas ações tendo em vista o resultado de escolhas e interações passadas, somadas às expectativas com o futuro. No próximo item, essa perspectiva será apresentada detalhadamente, por hora, apenas chamo a atenção para o fato de que, pelo breve histórico acima, vê-se que as modalidades e os padrões de consumo de psicoativos, articulados em termos de uma carreira, não são indiferentes aos eventos que, em nossas sociedades, marcam e regulam o avanço no curso da vida. Mais especificamente, neste caso, o desenvolvimento de uma carreira como usuário de drogas se mostra intimamente articulado à transição para a vida adulta, um processo longo e, muitas vezes, envolto em incertezas de diversas ordens. Ao longo deste trabalho, defendo que atentar para as mudanças e continuidades nos padrões de

consumo dessas substâncias, ao longo das trajetórias individuais, nos dá acesso a imagens que informam sobre a moralidade que recai sobre o processo de tornar-se adulto, o qual se articula aos marcadores de classe, de gênero e de sexualidade. Articula-se também a ideais de relações de parentesco, de amizade e de conjugalidade.

Portanto, é de acordo com estes parâmetros que exploro a hipótese de que, por meio das práticas de consumo de drogas e de suas narrativas, as pessoas se apresentam umas perante as outras, delimitam relações sociais e agem sobre elas e/ou a partir delas. Antes de seguir para o próximo item, em que apresento o referencial teórico que será mobilizado para articular essas questões, seguem algumas observações acerca das noções de curso da vida e de transição para a vida adulta.

O conceito de curso da vida, com que trabalham autores como Featherstone (1991), Debert (1999) e Simões (2004), entre outros, é pensado como alternativa à ideia de ciclos da vida ou idades da vida, as quais pressupõem que, embora variáveis, a depender do contexto sociocultural, o amadurecimento humano atende a etapas mais ou menos universais, lastreadas no desenvolvimento fisiológico e psíquico do indivíduo. A ideia de curso da vida, por sua vez, enfatiza que o envelhecimento é um processo gradual e considera aspectos históricos, sociais e individuais para a compreensão e delimitação de períodos da vida. Atenta-se, assim, para o modo contingencial e dinâmico com que os referenciais de idade são mobilizados por agentes específicos, bem como para os embates, negociações e redefinições por que passam a delimitação de etapas no curso da vida tendo em vista a diversidade de discursos sobre elas. Resumidamente, Bassit (2000) esclarece que

(...) o estudo sobre o curso da vida vem se movimentando de uma tendência que divide o estudo do desenvolvimento humano em estágios descontínuos para um firme reconhecimento de que qualquer ponto do curso da vida precisa ser analisado dinamicamente, como consequência das experiências passadas e das expectativas futuras (2000, p.218).

Quanto à segunda noção, é mostrado por vários autores (Camarano et. al., 2006; Shiner, 2009; Lins de Barros, 2010) que a transição para a vida adulta é composta pela saída da escola e entrada no mercado de trabalho, pela saída da casa dos pais e pela constituição de uma nova família (matrimônio e/ou parentalidade). Esses estudos pontuam que no final do século XX observa-se que esses eventos se dão de maneira fragmentada: um dado indivíduo não necessariamente passará por todos eles, bem como a sequência dos eventos e sua importância relativa é variável, a depender das condições sócio-culturais em jogo. Além disso, cada vez mais esses eventos se mostram como reversíveis, havendo a possibilidade de voltar

para a casa dos pais ou de dar continuidade aos estudos ao longo da carreira profissional, por exemplo. Debert (2010) acrescenta que a juventude, mais do que uma etapa natural da vida, se converteu no fim do século passado em um estilo de vida que deve ser mantido independente da idade cronológica. Para esta autora, a disponibilidade de produtos e serviços nas grandes cidades é um dos fatores que permitem que o avanço no curso da vida seja representado como um “platô indefinidamente extenso de consumo agradável”.

Nesse sentido, ao tentar apreender o avanço desses sujeitos em termos do curso da vida, tendo em vista particularmente a consolidação da vida adulta, não se trata de esboçar delimitações de idades ou mesmo estabelecer características e avaliar a ocorrência ou não de determinados eventos que condicionem a vida adulta. Como Camarano et. al. (2006) argumentam, o risco com esse tipo de abordagem é apreender a faixa etária com que trabalhamos, compostas por jovens adultos, como sujeitos incompletos, marcados por instabilidades de diversas ordens e vulnerabilidades, ao passo que o sujeito adulto é representado em contornos rígidos e marcado pela estabilidade. Pela perspectiva do curso da vida, reconhecemos que a sociedade inteira está sempre em transformações e que, então, o mundo adulto é também, em muitos momentos, extremamente vulnerável. Portanto, ao sugerir que as experiências com drogas e as problematizações que delas são feitas oferecem parâmetros com os quais as pessoas se apresentam com referência a idade, aponto para o fato de que tais práticas oferecem indícios, nos corpos e nas relações sociais, a partir dos quais o “trabalho do tempo” sobre a subjetividade pode ser inferido, como coloca Veena Das (2011).

A esse respeito, vale uma última observação, acerca das perspectivas das interseccionalidades, que orienta a utilização feita do conceito de curso da vida. Teóricas como Butler (2003), Brah (2006) e Haraway (2004), chamam nossa atenção para os critérios de inclusão e exclusão, baseados em marcadores de gênero, raça, classe, etc., que operam no estabelecimento de identidades políticas e sociais. Elas nos alertam que a formulação de categorias identitárias são sempre contingenciais e que, portanto, deve-se evitar tomá-las como consequência direta dos corpos a que se aplicam. Olhar para esses corpos tendo em vista como são marcados pelos vários eixos de diferenciação relevantes em um determinado contexto, então, é uma maneira de evidenciar que, ao invés de derivar de um “núcleo coerente”, a elaboração de identidades sociais é um processo em que “a multiplicidade, contradição e instabilidade é significada como tendo coerência, continuidade, estabilidade; como tendo um núcleo – um núcleo em constante mudança, mas de qualquer maneira um

núcleo – que a qualquer momento é enunciado como 'eu'" (Brah, 2006, p.371). Sigamos para a apreciação das leituras teóricas utilizadas.

Referencial teórico e questões da pesquisa

A sociologia do desvio ou “as novas teorias do desvio” foram formuladas no contexto teórico do interacionismo simbólico da Escola de Chicago. O ponto de partida desses estudos é o de que um ato ou um padrão de comportamento é julgado como desviante por quebrar uma regra tida como necessária aos olhos dos indivíduos que compõem a sociedade que a utiliza, o que faz com que o indivíduo que agiu dessa forma seja visto pelos seus pares como *outsider*. A crítica formulada por Howard Becker (1973) busca reverter o modo naturalizado e psicologizante com que o tema era abordado até então. Para tanto, ele propõe uma noção de desvio que tome, ao mesmo tempo, o ato que infringe a lei e o esforço social para a formulação e aplicação da lei.

Desse modo, fica claro que condutas desviantes não devem ser explicadas fazendo-se menção às determinações psicológicas das ações individuais, mas sim por sua caracterização a partir de regras sociais e da expectativa, pela maioria, de que tais regras serão acatadas: a “marca” (*label*) que caracteriza um indivíduo, antes de ser um atributo natural, é sempre o produto dos significados que uma ação toma em interações sociais específicas. No caso do consumo de drogas, ele argumenta que só se torna um usuário regular aquele que aprende a ter prazer com o uso e enfatiza que esse prazer não é uma qualidade química inerente à substância, mas que ele é socialmente construído. Segundo Becker: “Impulsos e desejos vagos [...] são transformados em padrões definidos de ação por meio da interpretação social de uma experiência física que em si mesma é ambígua” (Idem, p.42 – tradução minha). O autor lista, então, uma série de aprendizados que marcam a carreira do usuário, todos eles obtidos a partir da interação com usuários mais experientes, os quais são responsáveis pela representação positiva do hábito que, em geral, até os primeiros contatos, é tido como imoral.

Em primeiro lugar, deve-se aprender a técnica correta para que a dosagem necessária da “droga” seja inalada e, assim, seus efeitos possam ser sentidos. Em segundo lugar, é preciso aprender a perceber tais efeitos e a conectá-los ao consumo da substância: o novato, ansioso para experimentar certas sensações, toma de empréstimo daqueles já iniciados algumas referências concretas do que seria estar “chapado” (*high*) e as aplica a sua própria experiência. Por fim, é preciso que o novato aprenda a gostar dos efeitos, que podem a princípio parecer aterrorizantes, mas que na medida em que recebem definições favoráveis

dos pares mais experientes, também ele passa a percebê-los como agradáveis. Para se tornar um consumidor regular é preciso que se tenha acesso à canais que mantenham a oferta do produto. Uma vez que essa sucessão de eventos é atendida, do ponto de vista do usuário regular, a prática de consumo e as interações sociais que elas propiciam deixam de ser encaradas como desviantes – o usuário pode inclusive vir a caracterizar aqueles que não estão engajados nessas práticas como os verdadeiros anormais. Nesse sentido, defende Becker, o gosto por fumar maconha não seria diferente de outros gostos, como por vinho ou queijos; pode ser visto, então, como um gosto socialmente construído⁶.

A etnografia realizada por Velho (1989) entre dois grupos de jovens da classe média alta do Rio de Janeiro, no final da década de 1970, toma por base os apontamentos da teoria do desvio e busca investigar o modo como os indivíduos desses dois grupos significam suas práticas de maneiras distintas, tendo em vista demais características do estilo de vida e da moralidade dos dois grupo, bem como a diferença de idade entre eles. Os nobres estavam na época na faixa dos 30 anos, enquanto os anjos, em sua maioria, eram secundaristas.

No caso dos nobres, o uso da maconha e eventualmente do LSD se associa a um amplo interesse pela psicanálise como ingredientes fundamentais de uma cruzada íntima para produzir “a Mudança”, que uma vez alcançada conduziria o sujeito a outro patamar de existência, marcado pelo rompimento com visões de mundo e comportamentos que acreditavam desgastados. O autor classifica o tipo de hedonismo no qual estão engajados esses indivíduos como “de camisa de força”. Ainda que tentassem romper com o “outro repressor” (a família, o Estado, o trabalho), este “outro” era sempre suposta a suas costas, o que lhes provocava medo e culpa e, por consequência, dosavam suas experiências com os “tóxicos”. Com os anjos, por outro lado, tratava-se de um “hedonismo sem culpas” que, associado a um padrão de relações mais sexualizadas e uma maior igualdade entre homens e mulheres, propunha uma ruptura mais radical com as referências de poder – muitos abandonavam a escola e/ou não pensavam em construir uma carreira profissional. Para os anjos, o uso de drogas fazia parte de um *ethos* lúdico-erótico em que não havia lugar para preocupações para além da “curtição” com os amigos.

6 Mike Featherstone (1991, 1994), ao reclamar maior atenção das ciências sociais para com as práticas de consumo, aponta essa dimensão pedagógica como condição necessária para a institucionalização de qualquer tipo de consumo (e, por consequência, para a articulação de uma sociedade do consumo). Em seu livro, com base em textos de Bourdieu e Douglas & Isherwood, ele comenta o modo como os produtos são utilizados para enfatizar diferenças de estilo e demarcar relações sociais, de modo que, nesse contexto, “o conhecimento se torna importante [...]”. Esse é, especificamente, o caso dos grupos aspirantes, que adotam uma atitude de aprendizes perante o consumo e procuram desenvolver um estilo de vida.” (Featherstone, 1994, p.38).

O trabalho de Velho avança no sentido de mostrar que a experiência com drogas não é interpretada da mesma forma. Embora reconheça que o recurso ao uso de drogas esteja ligado, tanto nos anjos quanto nos nobres, a uma vontade de ruptura com os valores estabelecidos, o autor mostra que tal ruptura é significada de maneira particular em cada grupo⁷.

As novas teorias do desvio promoveram um efervescente debate sobre o consumo de drogas nos EUA e na Inglaterra ao longo da década de 60 e início da década de 70⁸, no entanto não conseguiu se estabelecer como área canônica da sociologia, o que impossibilitou que as ferramentas teóricas para a interpretação do fenômeno se desenvolvessem de modo a acompanhar as transformações pelas quais este passou nas últimas décadas. O problema retorna à pauta da sociologia britânica na década de 90, o que foi muito influenciado pela emergência da cultura *rave* e das *dancing drugs* (das quais a mais conhecida deve ser o *ecstasy*), o que foi acompanhado com alarde pela imprensa britânica, a qual anunciava um segundo “boom das drogas” entre as culturas juvenis (Shiner, 2009 – o termo em destaque é utilizado por esse autor).

Esses novos estudos, talvez influenciados pelo fervor das *raves* que se multiplicavam por várias cidades europeias, passaram a defender a hipótese de que o consumo de substâncias psicoativas nas sociedades industriais no final do século XX teria se normalizado, isto é, teria se convertido em um aspecto normal da vida cotidiana. Nigel South (2000), pensando no cenário britânico, defende a tese da normalização com base, sobretudo, na acomodação social e cultural dessas práticas, mais do que na escalada do consumo. Embora não sejam práticas da maioria dos jovens, ele argumenta, elas não são vistas exclusivamente sobre a aura da degradação por parte daqueles que não estão engajados nelas. Mais relevante, para ele, é a transformação da inserção da temática nos grandes meios de comunicação, a qual não mais se resume ao modelo do pânico moral sobre o qual falava Josh Young (2011).

A esse respeito é importante chamar atenção para o potencial que a atual economia das mídias (Santaella, 1999), com a multiplicação de canais pelo sistema por assinatura e,

7 Essa postura está de acordo com os comentários desse autor no que se refere à “vivência individual da heterogeneidade” nas grandes cidades, de modo que, para ele “[é] ao nível das biografias de indivíduos que encontramos com maior vigor e dramaticidade a coexistência de orientações e códigos diferenciados. (...) Insisto, portanto, que sendo as diferenças entre grupos sociais, com fronteiras mais ou menos claras, detectáveis num plano mais tipicamente sociológico, quando chegamos ao nível individual passamos a um terreno forçosamente inter ou transdisciplinar. (...) Percebe-se a complexidade da rede de significados ao nível da biografia, suas contradições e seus conflitos(...) É importante assinalar que um indivíduo em momentos e contextos específicos, pode apresentar comportamentos e atitudes classificáveis como novos ou modernos e, em outros, apresentar-se ligado a uma visão de mundo dita tradicional” (1999, p. 53-54).

8 A coletânea *Resistance through ritual: Youth subcultures in post-war Britain* (1975), organizada por Stuart Hall apresenta alguns desses trabalhos.

principalmente, pela emergência das tecnologias digitais, tem na promoção de visibilidade para práticas culturais que, por serem desconhecidas, são tidas como desviantes. Ainda que os teóricos da normalização não mostrem dados estatísticos que comprovem suas hipóteses no contexto britânico, como critica Shiner (2009), acredito que são pertinentes os apontamentos que fazem, tendo em vista os efeitos de legitimidade que essas práticas podem adquirir tendo em vista a transmissão de cenas em que personagens aparecem consumindo substâncias ilícitas de forma corriqueira por séries de grande sucesso como *True Blood*, *Six Feet Under*, *Weeds* e *Breaking Bad*. Podemos citar ainda os vários vídeos postados no *Youtube* que ensinam passo a passo a produzir e fumar um cigarro de maconha ou a consumir essa substância de maneiras menos usuais. Além disso, há sites, blogs e comunidades em redes sociais, que oferecem “tutoriais” das precauções a serem tomadas no consumo de drogas mais fortes como LSD ou *ecstasy*, além de ensinarem técnicas para potencializar seus efeitos.

Michel Shiner (2009) defende uma postura que chama de *continuity within change*, no que quero segui-lo em meu trabalho, tanto no que se refere à aceitação de que o consumo de drogas teria mesmo se espalhado pela sociedade, quanto no que diz respeito ao descarte dos *insights* teórico-metodológicos dos estudos do desvio. Desse forma, utilizo a noção de carreira e de estilo como balizadoras dos significados tomados por essas práticas, tal qual Becker e Velho. Ao mesmo tempo, quero me aproximar de discussões mais recentes da disciplina, acerca do caráter *encorporado*⁹ dos processos de subjetivação e de significação. Atento também à questão da agência dos objetos, com o que pondero a oposição estanque entre a autodeterminação dos sujeitos e a passividade das coisas.

O argumento de Vargas (2006) é útil neste ponto. Ele afirma que as pessoas que muitas vezes se aventuram para conseguir essas substâncias estão interessadas em seus efeitos, e as questões mais recorrentes quando do seu uso são sobre a ocorrência desses efeitos (se *bateu* ou não): a especificidade do efeito desse comprimido ou desse pó individual em relação ao repertório de cada um, a vigência e a sucessão de cada um dos efeitos particulares, etc. Sua proposta é deixar de lado questões “inadequadas e recalcitrantes” (como as que buscam faltas ou deformações da subjetividade que expliquem a “dependência”) e se aproximar daquelas que os sujeitos levantam nas ocasiões em que interagem com os psicoativos. Argumenta, então, que o evento *onda* pressupõe modalidades de ação interior, em que se experimenta

9 O neologismo *encorporação* é trazido por Vargas (2006). Com ele, o autor estabelece uma diferença com “incorporação”. Enquanto o segundo significa “trazer para o corpo” e, portanto, pressupõe que subjetividades e significados são produzidos *fora* do corpo, o primeiro enfatiza que é a materialidade dos corpos que *dão forma* às subjetividades e significações.

estados paradoxais de auto-abandono e formas diferenciais de engajamento no mundo, o que levanta a questão da “pluralidade imanente dos modos de vida” (Vargas, 2006, p.607). Portanto, conclui o autor, para que tal pluralidade possa de fato ser apontada nas etnografias sobre o consumo de drogas, é preciso levar em consideração que tais práticas, no que diz respeito às consequências delas para a elaboração de identidades sociais, em primeiro lugar, acarretam em formas diferenciais de dar corpo às subjetividades e, em segundo, que neste processo não são apenas os sujeitos que agem, mas também as substâncias mobilizadas. Nas palavras de Vargas:

Quem é então o senhor do ‘barato’, da ‘viagem’, da ‘onda’? O indivíduo, a sociedade, o organismo, a coisa? Nenhum deles, parece-me, pois a ‘onda’ não tem senhor nem servo, controlador ou controlado: ela ocorre ou não ocorre, ‘rola’ ou não ‘rola’. Ela é da ordem do evento. (Vargas, 2006, p.603).

O estudo de Vargas influenciou quase todas as pesquisas sobre consumo de drogas que, a partir da segunda metade dos anos 2000, tornaram-se mais frequentes na antropologia brasileira. Resultou disso que os pesquisadores passaram a prestar maior atenção aos usos dos corpos que essas práticas propiciam. Tiago Coutinho (2009), que estudou a cultura das raves, dá importância, em sua análise, ao modo como esses corpos são produzidos mediante o uso de *ecstasy*. Nessa discussão, descreve e analisa os cuidados que tal prática demanda no que diz respeito ao controle dos efeitos colaterais e manutenção de um corpo belo e potente. Taniele Rui (2012), em sua pesquisa de doutorado, é feliz em apontar que os usuários de crack em situação de rua, não só são acometidos pela degradação que a sujeira, o consumo descontrolado da droga e a falta de comida acarretam. Ao gerenciarem sua *situação*, como a autora mostra, estas pessoas manipulam esta corporalidade degradante e, nesse sentido, a partir dela, agem no contexto das relações que configuram as territorialidades que habitam. Seguindo essas preocupações, também atento para a materialidade envolvida na relação entre corpos e drogas. Contudo, não quero perder de vista, como Becker, o caráter transgressor dessas práticas, o qual ainda persiste, a despeito dos constrangimentos para o usuário de classe média sejam menores.

A esse respeito, mobilizo também os escritos de Michel Taussig (1993a). Esse autor confere à “obscuridade epistemológica” um papel fundamental na circulação de discursos e na distribui de poderes a pessoas e coisas em contexto sociais específicos. No campo que ele realizou na Colômbia, essa obscuridade se manifestava sobretudo nas práticas rituais que configuravam o espaço da tortura e da morte, a partir de onde, grosso modo, a selvageria era inscrita nos corpos indígenas (e também nos negros). Dois aspectos são importantes aqui, no

que diz respeito à exploração da obscuridade epistemológica e à configuração do espaço da morte, os quais quero utilizar para formular o problema dessa pesquisa. Em primeiro lugar, para Taussig, é o acúmulo de histórias que alguém pode passar, com aquelas de que se ouve falar e mais aquelas que se observa de perto os amigos passarem, bem como a imaginação e sentimentos que elas sustentam que “cria uma realidade incerta, a partir da ficção, dando contornos e voz à forma amorfa da realidade, na qual uma atuação recíproca de verdade e de ilusão torna-se uma força social fantasmagórica.” (Taussig, 1993a, p.126). Nesse sentido, quero ressaltar que, como no caso das histórias sobre os mistérios do Novo Mundo e sobre o poder de seus habitantes, o poder das substâncias que aqui me interessam, no que diz respeito ao caráter formativo que o consumo delas ganha nas trajetórias de meus colaboradores, são inseparáveis do conjunto de narrativas que cada um deles têm acesso, as quais, semelhantes às narrativas do terror no Putumayo, têm como traço fundamental a dependência mútua entre verdade e ilusão. Acredito ser importante ter isso em conta ao tentarmos descrever a força que esses produtos tomam, sua agência, no interior das redes sociais em que estão inseridos.

Em segundo lugar, o autor chama a atenção, sobretudo em sua reflexão sobre o ritual, para a complexidade e dependência mútua entre ordem e desordem, lei e transgressão, que devem ser levadas em consideração para que não deixemos – nós, antropólogos preocupados com o consumo de drogas – de considerar certos aspectos do problema, aqueles que não são diretamente associados ao prazer e ao controle, tal qual a crítica feita por Gomart e Vargas a Becker. Segundo Taussig, o ritual deve ser pensado como experiência da desordem, a qual é vivida nos termos de metáforas relevantes do ponto de vista da história e da memória (fantasia). Nesse sentido, o compromisso do ritual não é com o retorno à ordem ou com a solidariedade, mas sim com a articulação de uma “perspectiva infinita de conflitos” que, ao mesmo tempo em que exacerba as clivagens e contradições da sociedade colonial, permite, por outro lado, que se vislumbre possibilidades de superação dessas contradições.

Nesse sentido, Taussig analisa os rituais de cura com *yagé* partindo do conceito de “imagem dialética”, que Benjamin formula inspirado na técnica cinematográfica da montagem. Ao invés de ver nessas técnicas xamânicas a manipulação de símbolos, associações perfeitas entre significantes e significados, Taussig diz que as imagens que se formam nesses rituais são justaposições violentas de fragmentos do cotidiano e estão imersas na ambiguidades das relações sociais que o caracterizam. Portanto, ele conclui que, seja nos rituais de tortura do espaço da morte, seja nos rituais mágicos do espaço da cura, trata-se

sempre de explorar as possibilidades e quase impossibilidades dos laços sociais e de inscrevê-los nos corpos. Nesse processo, alteridades também são inscritas nesses corpos. Assim fazendo, ao perscrutar os significados das alterações corporais inerentes às experiências com drogas e das marcas que elas deixam nesses corpos, queremos “construir o sentido como um processo em que as declarações faladas derivam seu significado do mundo da vida ao invés de noções abstratas de semântica estrutural” (p.19), como é feito por Veena Das (2011).

Com base nessas reflexões, considero como “meios de apropriação experimental da história” não só o que foi experimentado e narrado como prazer ou o que decorre de “usos controlados das substâncias” (Zimberg, 1984; Grund, 1993), isto é, aqueles que não interferem na vida produtiva ou nos laços afetivos do consumidor de drogas, mas também aquelas experiências com drogas que em sua narração receberam a marca da dor e do sofrimento, pois, acredito que em ambos os casos meus interlocutores tiram proveito da desordem para conhecer a ordem, seu caráter arbitrário e criminoso, bem como para agir sobre ela, a partir desse conhecimento. Seja quando Laura e Sérgio morrem de rir depois que a primeira, que é branca, se mostra ao amigo como negra, em meio a uma *loucura de LSD*, seja quando Cláudio trincou o pulso ao esmurrar as paredes de seu apartamento por não conseguir encontrar cocaína em uma dada noite; em ambos os casos, como argumentarei, trata-se de dar testemunho, por meio de inscrições no corpo, das relações em que se está inserido, como coloca Veena Das (1995). Não quero dizer com isso que, ao descrever e analisar as cenas e narrativas com drogas, estejamos lidando com rituais, ainda que seja inegável que elas ocorrem de acordo com convenções e respeitam sequências mais ou menos estilizadas de ação. Mas sim, quero me aproximar de concepções mais dinâmicas da relação e das fronteiras entre dor e prazer, normas e escolhas, descontrole e controle, transgressão e lei. Problematicar tais categorias é tarefa fundamental para que possamos formular questões mais interessantes acerca do modo como o consumo de substâncias psicoativas impactam as trajetória daqueles que as mobilizam.

Assim sendo, existe um componente metodológico em concentrar a atenção da pesquisa na circulação de coisas – no caso, drogas. Como é argumentado por Appadurai (2008), os objetos não têm uma existência autônoma, independente da posição que ocupam nas transações humanas e das significações que nelas adquirem. No entanto, do ponto de vista metodológico, argumenta o autor, ao investigar as interações e relações que se configuram em torno da circulação de drogas, no meu caso, nos limites das redes sociais com

que me relacionei, bem como a partir das problematizações que as pessoas fazem delas, pode nos dar acesso, enquanto analistas, a aspectos peculiares do modo como esses relacionamentos são vividos e pensados. Não é o caso, então, de se tentar definir o que é uso controlado ou não, como se obtém esse resultado, como se reverte esse estágio, embora algumas respostas nesse sentido sejam conhecidas, e em grande medida serão reforçadas com o material que apresento. Mas sim: o que se produz mediante o uso de drogas? Quais relações são mobilizadas? Que acesso, material e intelectual, as práticas e discursos sobre drogas oferecem a essas relações? Ou seja: que formas o emprego de psicoativos confere a determinadas relações? Ou: como se reflete sobre determinadas relações, com o namorado, por exemplo, quando se parte do uso que faziam junto de algum psicoativo? Como, então, é percebida a agência desses produtos? Que força elas tomam nessas trajetórias? Quais as características da moralidade que orienta a conduta perante as drogas? Qual o impacto das imagens, sensações e marcas produzidas pelas drogas em interação com os corpos, na elaboração dessa moralidade e na atualização de suas normas?

Ao formular essas questões, temos em mente os apontamentos feitos por Daniel Miller (2002) acerca do ato de comprar, com os quais ele questiona a representação desses atos como motivados, exclusivamente, por um materialismo hedonista, em que se observa somente a persecução de prazeres individuais e a expressão de subjetividades. Alternativamente, a partir de uma etnografia em supermercados do subúrbio de Londres, ele lança a hipótese de que, na verdade, atos de compra e de consumo são, em grande medida, “atos de amor”. Segundo ele, “suas compras são teleguiadas pelo que você acha dos outros, pelo que acha que eles querem de você e como reagem a você. É sobre relacionamentos com quem tem importância para você” (p.19). É na esteira dessas ideias que tento mostrar que, ao apresentarem-se feito *loucos* ou *se estragando*, as pessoas também dão testemunho do impacto de certos relacionamentos sobre si. Para concluir essa introdução, cabem algumas observações sobre o modelo que utilizo para pensar a noção de agência..

De acordo com Gell (1993), a agência social, ao invés de ser um atributo da mente humana, é um fator da ambiência (*ambience*), “uma característica global do mundo de pessoas e coisas em que vivemos” (p.20). Nesse sentido, um agente só pode ser posicionado mediante operações cognitivas que ele chama, citando Umberto Eco, de abdução. Estas operações são utilizadas para refletir sobre índices que não são nem convenções da linguagem (símbolos), nem fenômenos da natureza. Nessa leitura, agentes são todas aquelas entidades que podem ser

vistas iniciando uma sequência de ação, não em decorrência de leis físicas de qualquer ordem, mas por um ato de intenção, de vontade. Ocorre que, por um lado, os mecanismos que temos para abduzir uma ação a partir de índices variados são, em geral, aqueles que utilizamos para discriminar as intenções de “outros sociais” com os quais interagimos – ainda que atribuamos mentes à coisas e animais, elas são sempre, em última análise, mentes humanas. Consequentemente, a ação não pode ser conceituada a não ser em termos sociais. Por outro lado, se não houver mediações entre o agente e o paciente, formadas em grande medida por artefatos, eles não podem interagir. Nas palavras do autor: “De fato, é somente porque o *meio (millieu) causal* nas vizinhanças de um agente assume certa configuração, da qual alguma intenção possa ser abduzida, que reconhecemos a presença de outro agente” (p.20). Nesse sentido, as coisas, em sua qualidade de coisas, são tão importantes para a operação da agência quanto os estados da mente. É importante frisar que agentes, instrumentos e pacientes, não são entidades fixas, mas posições relacionais e que, portanto, existe certa indeterminação entre elas. Dessa forma, a depender de *settings* específicos e da perspectiva de que olhamos, uma entidade qualquer – digamos, uma pessoa – pode ser vista iniciando uma sequência causal, como pode também figurar como passiva, como meio pelo qual flui a agência de outrem ou mesmo como resultado dessa agência. Nos capítulos que seguem, então, ao pontuar os índices que atestam a agência de determinada substância, esforço-me para reconstituir as intenções que tais marcas dão corpo, em que atestam as capacidades, enquanto agentes, da pessoa que mediante tais efeitos se apresenta – em alguns casos, vale adiantar, as marcas produzidas pela droga podem atestar também as capacidades de agência de outros sobre si.

Organização dos capítulos

A dissertação está organizada em três capítulos em que apresento e analiso, à luz das reflexões acima esboçadas, o material etnográfico coletado nos quase três anos de pesquisa. Eles não se destinam a responder de modo exaustivo todas as questões que apresentamos nesta introdução, mas simplesmente oferecem dados etnográficos que nos permitem visualizar algumas características morais relevantes que regulam essas práticas. Cada capítulo apresenta um aspecto da relação que se estabelece com drogas, no que enfatizamos a rede de relações sociais que é acionada na manifestação dessa ou daquela dimensão da relação com drogas. Pensando na noção de transição para a vida adulta, cada capítulo explora também um conjunto de relações, e suas transformações, que marcam esse processo.

O **capítulo 1** está organizado em torno da ideia de *loucura*, com que meus

interlocutores descrevem o tipo de evento que é desencadeado pelo consumo de substâncias psicoativas. O objetivo desse capítulo é assinalar a relação entre o consumo dessas substâncias, tendo-se em vista as alterações que elas provocam, e demais imagens e símbolos que compõem o estilo *bagaceira* que meus colaboradores mobilizam para se apresentar e por meio do qual se diferenciam, tendo em vista a paisagem urbana mais geral.

No **capítulo 2** introduzo a noção *estragar-se* ou *estragação*, também utilizada para se referir à agência dos psicoativos sobre si, mas que enfatiza as consequências perversas desses atos, seja para os corpos, seja para as relações em que ele está inserido. Aponta, então, para a percepção que meus colaboradores têm sobre os perigos que esses produtos acarretam. Nessa discussão, proponho que por meios desta categoria (tendo em vista práticas e marcas corporais que elas denominam) estas pessoas formulam questões que articulam classe, projetos de vida, perspectivas na carreira profissional e relações com a família (destacadamente, pais e mães). Nestas reflexões, a idade aparece como o eixo perturbador, que demanda novas condutas em relação às drogas.

Por fim, no **capítulo 3** discorro sobre a intersecção, na trajetória dessas pessoas, entre suas carreiras como consumidoras de drogas e o roteiro afetivo-sexual (Gagnon & Simon, 1974; Gagnon, 2006) subjacente à ideologia do “casal igualitário”, tal qual descrita por Heilborn (2002). Nesta discussão, proponho que o emprego de drogas nesse setor da vida auxilia na articulação de afetos, relações e erotismos. Dessa forma, quero apreender o modo como as práticas conjugais são experimentadas por essas pessoas, o potencial que elas têm de orientar e reorientar trajetórias e, por fim, em que medida, elas informam sobre o avanço da pessoa em termos do curso da vida.

Capítulo 1: Consumindo droga, produzindo a *bagaceira*

[Don Juan:] Quando um homem começa a aprender, ele nunca sabe muito claramente seus objetivos. Seu propósito é falho; sua intenção vaga. Espera recompensas que nunca se materializarão, pois não conhece nada das dificuldades da aprendizagem.

Trecho de *A erva-do-diabo* (*The teachings of Don Juan*), de Carlos Castañeda.

A Terra gira, meu bem, o tempo passa
Já são 7 bilhões nessa bagaça
[...]

Viva a bagaceira! E o Agora Vai na terça-feira
Versos do samba de 2012 do bloco *Agora Vai*, da cidade São Paulo

Este capítulo está organizado em torno das categoria *loucura* e *louco(a)*, as quais são empregadas para descrever, respectivamente, um aspecto da experiência que se tem com drogas e a pessoa que passa por tal experiência. Meu objetivo aqui é, em primeiro lugar, descrever e analisar as imagens e demais indícios por meio dos quais a ocorrência de *loucura* pode ser atestada. Nossa hipótese é de que tais imagens compõem o estilo que aqui denominamos *bagaceira* e que, dessa forma, por meio de sua análise, é possível apreender aspectos da moralidade dessas redes de amigos, tal qual são encenados, refletidos, questionados e subvertidos no contexto das interações mediadas por este estilo. Estilo aqui é entendido sobretudo em seu aspecto espetacular, isto é, não como uma “representação do *ser* do jovem que o exhibe, ou de seu modo de vida, mas das ideias que ele quer expressar: que ele quer comunicar através do espetáculo (Abramo, 1994, p.149-50). Será pontuado que ideias, produzidas no curso da relação que se desenvolve com psicoativos, nos limites desse estilo, mobilizam, deslocam e reiteram convenções e normas que regulam idades, gênero, sexualidade e classe.

Estilos Corporais

Era a segunda vez que me encontrava com Gil, ele me apresentaria à Mariana, em um bar na Vila Madalena. Chegamos já passava das 22h, Mariana estava na mesa com Pedro, que eu também encontrava pela segunda vez, e outra mulher, Heloísa, que me foi apresentada nesta noite. Com Mariana e Pedro, Gil dividiu um apartamento nos primeiros anos em que morou em São Paulo, são amigos íntimos dele, nos quais ele confia e os quais ele admira. Como veremos mais adiante, esse foi o período mais “agitado” da vida de Gil, em que ele mais “se jogou”, foi o período de sua primeira graduação, no curso de cinema, o qual ele não chegou a concluir. Ele estudava em uma faculdade renomada de São Paulo, que era paga por sua mãe, que ainda mora no interior do Estado, enquanto que seu pai era responsável pelo pagamento do aluguel. Seu pai e sua mãe, que eram divorciados, davam-lhe ainda mais um dinheiro por mês para outras despesas e Gil complementava sua renda dando aulas particulares de inglês.

Embora morasse no interior, ele já conhecia a noite paulistana desde os 16 anos, quando fez amizade com um rapaz de São Paulo pela internet e com quem teve um breve relacionamento amoroso, tendo permanecido a amizade que dura até hoje. Foi nessa idade que ele começou a planejar sua vinda para a capital. Seus pais concordaram em financiar seus estudos, mas seu pai reconsiderou quando Gil lhe contou de sua orientação sexual.

G – A minha mãe reagiu de boa, teve um pouco de drama, ela falou que não queria que eu sofresse, coisas desse tipo, deve ter chorado se pá. O meu pai, desde o dia que eu contei pra ele, a gente só se falou duas vezes. A primeira foi alguns meses depois desse dia, ele me ligou por causa do meu aniversário, disse que a mulher dele havia insistido. Me ofereceu alguma ajuda, perguntou se eu não estava precisando de alguma coisa. Eu disse que não, eu estava puto ainda, disse que se ele não concordava com o jeito que eu levo a minha vida, também não precisava se preocupar, eu estava me virando...

E – Mas como foi no dia que você contou?

G – Ele disse que não iria mais pagar a minha safadeza, que eu que desse um jeito de me bancar, coisas delicadas assim. E foi o que fiz. Depois de alguns anos eu liguei também, porque ele estava doente, mas também não me senti confortável e ele não se esforçou pra me tratar bem, então, agora, eu decidi não me preocupar mais com isso... Foi foda, hoje eu penso, se não fosse isso, se eu não tivesse que ter trabalhado pra me sustentar, talvez eu tivesse terminado o curso, não tinha feito a “louca” como eu fiz. Sei lá, talvez tivesse mais calma pra estudar e hoje em dia estivesse fazendo mestrado também. Mas enfim, como eu disse, se ele não queria ter um filho como eu, eu também não preciso mais de pai e não tenho nenhum problema com isso. A única coisa que eu ainda penso é isso, mas penso também ter que virar tão jovem por aqui me ensinou muito.

Devido a esse rompimento, ele foi morar com Mariana, que lhe ofereceu a sala do apartamento que já dividia com Pedro¹⁰, onde Gil ficou por alguns meses sem contribuir com

¹⁰ Pedro e Mariana ainda moravam juntos no dia desse encontro no bar. Entretanto, ele voltou para o interior do Estado alguns meses depois.

o aluguel. Logo que conseguiu equilibrar sua renda foram os três para um apartamento maior, onde ele passou a ter um quarto e a dividir as contas igualmente. Ao todo, os três moraram juntos por quase quatro anos. Mesmo que com pouco dinheiro e já com a responsabilidade de se manter na cidade, esse foi o período em que Gil mais consumiu psicoativos e a amizade com Mariana e Pedro foi bastante influente nesse sentido. Na época ela tinha um bom trabalho e Pedro trabalhava como professor. Ele era responsável pela oferta de maconha na casa, para a qual Gil contribuía, mas sem lidar com o traficante. Mariana, por sua vez, sempre trazia *ecstasy* e LSD; contribuía também com a oferta de vodca, uísque e cerveja, além de sempre carregar consigo um papelote de cocaína. Pedro também cheirava na época, no dia do bar, entretanto, ele recusou a oferta de Mariana, como já vinha fazendo há algum tempo, embora nem sempre com sucesso. Gil, por outro lado, sempre foi contrário ao consumo dessa substância e em grande medida foi esse hábito de Mariana que o fez não querer mais morar com ela. Ainda assim, ele tem um grande carinho e muita admiração por ela desde que se conheceram.

A Mariana nunca prestou, sempre muito louca. Sabe o que ela já fez? Um belo dia, saiu pra balada, a gente morava em Pinheiros ainda, tomou todas, gastou tudo o que tinha com pó na Augusta, sei lá o que deu nela, resolveu que tinha que ir embora e tomou um táxi, sem nenhum puto. Aí, né, toda gostosona, jogou um xaveco no motorista pra ele estacionar no Pão de Açúcar, que ela tiraria dinheiro no banco 24h – o cara aceitou. O que ela fez? Ela saiu pelo outro lado e correu pra casa. Chegou em casa e capotou. Depois ela me contou, e eu casquei o bico. [...] Eu achava isso muito foda – essa postura dela. Eu sou de uma cidade pequena, lá só tem mina fresca, sabe? Quando conheci a Mariana, fiquei todo deslumbrado, ela já era uma mulher resolvida, saca?

Nesse dia no bar, ainda era possível perceber essa admiração. Ela é uma mulher bastante bonita, pele clara, levemente bronzeada, cabelos cacheados e lábios volumosos, que nesse dia estavam pintados com batom vermelho bem forte, os cabelos estavam escovados e presos na nuca de uma maneira que os últimos centímetros ficassem soltos para cima. Ao sermos apresentados ela perguntou se eu era o menino que queria saber sobre as drogas e eu respondi que sim, um pouco constrangido. Ela afirma que é a pessoa certa, que não tinha nada que ela nunca tivesse experimentado, “o Gil tá ligado, não é, gato?”, conclui se dirigindo ao amigo, que respondeu positivamente com um sorriso tímido no canto da boca.

Depois dos cumprimentos e apresentações, percebo que Mariana sugere algo a Heloísa com o olhar, a qual acena positivamente com a cabeça. As duas se levantam e vão em direção ao banheiro onde consumiriam cocaína. Logo retornam. Heloísa volta ao seu lugar na mesa, ao meu lado, e Mariana permanece em pé, ao lado de Gil, em minha frente. Ela tinha na mão um copo de cerveja e, enquanto permaneceu de pé, inspirou com força algumas vezes e

perdeu o contato com as pessoas na mesa – olhava em direção à entrada do bar, movendo-se de um lado para o outro, sem sair do lugar, demonstrava certa ansiedade ou, pelo menos, alguma inquietação, como se esperasse alguém. Voltou-se para a mesa, olhando por cima, troca olhares com Heloísa, as duas sinalizam que aquele “pó” era de boa qualidade, Mariana então puxa a cadeira e senta-se, curvando o tronco para se aproximar de Heloísa diz quase sussurrando que era de um novo traficante, ela “estava com ele” fazia algumas semanas, era um negro “muito gostoso”; naquela semana descobrira que ele já foi famoso como cantor de uma banda de pagode, o que provocou curiosidade dos demais. Heloísa pergunta se ela ainda estava cheirando todos os dias, Mariana responde que sim, mas não percebo em sua resposta qualquer pesar, que me pareceu estar implícito na pergunta da amiga. Pelo contrário, Mariana levanta o tronco e afirma, com o peito aberto, que precisava todos os dias e que precisava “do bom”. Por isso ela buscou um novo traficante, pois o antigo começara a lhe trazer “porcaria”: “Você acha que tem condição de eu cheirar isso aqui? Eu sou viciada mas não sou porca!”, ela lembra da última conversa que tiveram, mais uma vez fazendo com que déssemos risada.

Ela retoma o assunto sobre o novo traficante, fala que morre de tesão nele. “É mesmo?”, Gil questiona e continua, “não vai me arrumar mais essa, sua louca”. “Aquilo que é homem de verdade! Umas costas largas, mãos enormes! Mas não tá interessado não, já ofereci o meu peito, falei: vamos lá, quanto você acha que vale – uma mamadinha? Dá negócio? quanto de desconto você me dá?”, ela fala essa última frase mostrando como havia oferecido – abaixou um pouco o decote com um mão, a outra colocou em baixo de um dos seios e o conduziu, movendo todo o tronco, na direção de Gil. “Imagina o quanto eu não economizaria!”, ela diz, “Como você é escrota, Mariana!”, responde Gil. “Não acredito que você fez isso, e se ele aceitasse?”, Heloísa pergunta. “Oras, era só cair em cima, meu amor! Eu dava fácil e ainda levava um desconto no ‘pó’”, a amiga responde, mais uma vez nos fazendo dar risadas. “É o que falta, né? Você de caso com o traficante”, Gil interfere. “Ah, meu bem, isso me resolveria muitos problemas!”.

Mariana sai para fumar. Heloísa se direciona a Gil, com quem pouco tinha falado até então, e pergunta se ele ainda trabalha no mesmo lugar. Ele responde que sim, mas que conta os dias para sair. Iniciam uma conversa sobre seus empregos. Pedro diz não ter problemas com seu “trampo”: ele havia parado de lecionar há dois anos e, desde então, trabalhava em uma agência de publicidade. Ele, contudo, reclama de uma estagiária evangélica que acabara de ser contratada: contou um incidente daquela semana que o havia irritado e que essa menina

o adicionara no *Facebook* - “é claro que eu vou recusar, meu *Facebook* é para ter só meus amigos, nem minha mãe eu aceito, porque quero falar de maconha, do que eu quiser sem me preocupar”.

Heloísa então dá o seu depoimento. Ela é autônoma, trabalha com consultoria e produção de moda, tinha fechado um contrato com uma empresa evangélica, para quem trabalharia nos próximos meses. A estagiária evangélica de que falou Pedro a fizera lembrar dos problemas que vinha enfrentando nesse trabalho. Especificamente, contou de sua irritação quando, em seu primeiro dia de trabalho, foi interpelada pelo diretor que pediu para que ela e sua sócia não levassem drogas para as filmagens, pois a empresa não compactua com esse tipo de conduta e ele sabe que “esse pessoal da moda” costuma achar que essas coisas são normais. “Não é uma mentalidade cretina... careta, hmm, eu achei isso tão, tão... mas tudo bem, o problema é que eles ficam vigiando a gente, tem sempre alguém da produção em cima. Outro dia uma crente horrorosa, gorda (sorrindo, buscando uma palavra) toda errada (risos) ela veio falar se a gente não podia ir vestindo roupas mais 'normais', para sermos mais profissionais... olha isso! Você acredita?! Essa gente é, é... reprimida, careta... eu fico... revoltada... como pode? gente uó!”.

Heloísa é magra e tem a pele bem branca. Seu rosto é fino e já traz algumas marcas de expressão, principalmente nos cantos dos olhos e próximo à boca, que estava pintada com batom rosa bem claro, dando a impressão de que estava pálida. Enquanto falava, segurava-se na cadeira, as vezes soltava, pressionava uma mão contra a outra, e logo retornava para a posição inicial – braços estirados contornando a silhueta. Ela se repetia, enfatizava que as pessoas eram “reprimidas”, “caretas”, “horrorosas”, mas as palavras não pareciam servir ao que ela gostaria de expressar, as sentenças saíam entrecortadas, tinha dificuldade para concluir o raciocínio. Trazia um sorriso de superioridade no rosto, que várias vezes se transformou em curtas gargalhadas, que dificultava ainda mais sua fala. Seus lábios tinham um movimento estranho, a mim parecia que eles tremiam, algo como pequenos espasmos que faziam a figura parecer ainda mais tensa. Seus olhos, por outro lado, embora brilhassem, pareciam não se mover, quando não se contia e soltava as risadas, eles abriam mais, dando à fala um tom emocional, mas a falta de movimento deles, porém, dando um tom mecânico a sua performance. Em suma, a aparência estática dos olhos, o tremular dos lábios, o sorriso e as risadas e ainda sua dificuldade de encontrar palavras, sugeriam algum nervosismo, o que fazia a assertividade de seu discurso soar patética.

Mariana retorna e sugere que peçamos a conta, pois o estabelecimento logo fecharia. Ela pede a última cerveja e nos convida para acompanhá-la à *D-Edge*, que é uma balada situada na Barra Funda, na zona oeste da cidade. Pedro diz estar cansado e que teria que acordar cedo – preferiu então voltar para sua casa¹¹. Heloísa diz já estar bem e não aguentar mais. Mariana insiste e faz menção à quantidade de *pó* que ainda possui. “Pra que dormir? Eu também trampo amanhã, vamos lá! Eu consigo VIP, só tem que pagar bebida”. Heloísa prefere voltar para casa: “Não, não... pra mim é um tirinho ou outro, não posso entrar numas, amiga”. “Você não sossega mesmo, hein?”, Gil fala para Mariana. “Nem vem que você está longe de ser uma santa”, ela responde. “Não disse que era, por isso mesmo to pensando se eu me joga nessa 'buatchy' ou se chego na hora amanhã no trampo.” Gil, Mariana e eu decidimos ir para o bar *Ecléticos*, na Rua Augusta, que costuma ficar aberto até mais tarde, e de lá decidiríamos se encararíamos o *D-Edge* ou não.

Acabamos não acompanhando Mariana à balada”. No bar, Gil e ela tiveram um pequeno atrito que o fez preferir voltar para sua casa e eu preferi acompanhá-lo. O bar estava cheio, pois é um dos poucos que não fecha depois da uma da manhã, como manda a lei do silêncio¹². Não havia lugar para sentar, então ficamos em pé perto da bancada onde se realizavam as transações. Mariana chegou com muita sede, já vinha reclamando pelo caminho, pensou em parar em um posto, mas Gil preferiu ir direto, com medo de alguma *blitz*. O serviço é sempre lento e os funcionários desse bar costumam ser grosseiros – aliás, todo o ambiente é pesado: pessoas falando alto, batidas no balcão e nas mesas; pessoas batendo na porta do único banheiro do bar, apressando quem estava dentro; funcionários brigando com as pessoas que tentavam entrar juntas no lavabo... A luz é baixa, de modo que não vemos bem as feições dos outros frequentadores e dos funcionários, o que faz o lugar parecer ainda mais tenso.

Chegamos e fomos direto pegar uma cerveja, Mariana segurava o cartão na mão – pois é preciso pagar com antecedência – tentava chamar atenção do homem que atendia. Um homem chegou por trás dela, com uma nota na mão, e o atendente pegou o dinheiro. Ela bate no balcão e grita contra o atendente, que quando volta, pega o cartão dela e pede para que se

11 Soube depois, quando o encontrei para realizar uma entrevista formal, que desde que ele decidiu não cheirar mais, evita ir à baladas ou lugares em que ele sabe que será mais difícil resistir. Esse foi também um dos motivos que o fizeram deixar de morar com Mariana.

12 Isso varia, sei disso por minha experiência e pelo que pude coletar entre os meus interlocutores, mas desde o início dessa pesquisa, todas as vezes que fiquei até mais tarde nos bares dessa região, a maioria para de vender depois da uma da manhã. O *Ecléticos*, onde passei por duas vezes no início dessa pesquisa – esta com Mariana e Gil e, uma segunda, com Paula e Joana – fechou as portas em novembro de 2011, pois o imóvel em que funcionava foi vendido.

acalme. “Se acalmar o meu cu, meu irmão!”, ela responde. Gil tenta apaziguá-la e ela responde rispidamente: “que é isso bicha, já vai começar a me regular”. “Eu te regular? Tá me estranhando?”, ele responde, diminuindo o drama, “vai arrumar briga em boteco agora, pra que?”, ele conclui.

Vamos para fora do bar fumar. Gil consegue acalmá-la, mudam de assunto, falam de pessoas conhecidas, falam de um tal de Rui que os vem incomodando pelo *Facebook*, Gil o conhece da “noite”, é um dinossauro de “balada”, como ele diz. Logo Mariana pede licença e vai ao banheiro, ficamos de nos encontrar na bancada para pegar outra cerveja e já iríamos para a balada. Quando ela sai, Gil me fala que prefere não ir à *D-Edge*, “ela está cheirando assim desde que acordou – tenho certeza – estou vendo que isso vai dar merda.”. Comento que ela parece estar sem paciência, “você não gosta de vê-la assim? Tipo, fica mal por ela?”, pergunto. “Ela é assim mesmo... se bem que já nem sei mais, o que é uma coisa o que é outra, quer dizer, ela faz as coisas dela, só se atrapalha com isso... só sei que hoje não quero bafão de gente cheirada”, ele responde.

Gil mencionou o que considera ser consequências nefastas da cocaína para a vida das pessoas que ele conheceu. Falarei disso adiante, aqui apenas chamo atenção para a ambiguidade da desaprovação, por Gil, da conduta de Mariana. Se, por um lado, sua *loucura* nessa noite foi considerada imprópria, bem como também é o fato de ela continuar “cheirando” com essa frequência, na idade que tem¹³; por outro, a apresentação de Mariana como *louca* é utilizada por Gil para justificar ou expressar a admiração que nutre por ela, uma de suas melhores amigas. De modo geral, essa alcunha serve mesmo para delimitar o tipo de mulher com as quais esse interlocutor consegue manter relações de amizade, por meio dela, portanto, ele diferencia suas amigas das mulheres que podem ser chamadas de *mulherzinhas*, *patys*, (menina) *frescas*, *princesinhas*, etc., e das quais se fala mal entre os membros das redes em que realizei essa pesquisa.

Dizer que elas são *loucas* não é o mesmo que dizer que elas são “drogadas”. Não obstante, os termos *loucura* e *louca(o)* são utilizados para se referir, respectivamente, à experiência que se tem com drogas e para designar a pessoa que passa por essa experiência. Ainda assim, acredito que o consumo de drogas é um importante marcador da diferença entre as mulheres que compõem essas redes e as *patys*. Outra entrevistada, Laura, explicita esse ponto, diferenciando-se de si mesma em outro período de sua vida:

13 A relação com a idade seria feita, explicitamente, alguns dias depois, na primeira entrevista que realizei com Gil, que diz: “Continuar cheirando assim, na idade que ela tem... você acha que pode dar coisa boa?”

Eu namorei o mesmo menino o ensino médio inteiro, aos poucos deixei de ter amigos, parei de me relacionar com os meus amigos, na verdade eu deixei de ter vontade própria, eu só ficava com o Pedro, só saía com ele... Foi depois que terminei com ele que comecei a fumar maconha, voltei a viver, conhecer gente nova, e minha cabeça começou a mudar... aí que eu percebi como eu fui tosca, como eu era tosca. Começar a fumar maconha abriu minha cabeça. Nunca mais fui, assim, essas 'mulherzinhas', sabe? Que tão sempre grudadas no namorado, não têm vontade própria.

Mariana sai do banheiro *cheirada*, na volta, ao falar sobre seu novo traficante, repete para nós o modo como ofereceu o seio a ele. Heloísa, que também volta *cheirada*, tem os olhos estalados e estáticos, além de alguns movimentos espasmódicos com os lábios e o pescoço enquanto fala alto, reclamando sobre seus colegas de trabalho. Acredito que nessas cenas observamos a encenação de atos, gestos e condutas por meio dos quais essas mulheres expressam atributos valorizados em suas redes sociais. Porém, e aí reside o meu interesse por essas figuras, também podemos ver nesses atos – caso sejamos “iniciados” – indícios das substâncias psicoativas consumidas por essas mulheres.

Mesmo a agressividade de Mariana, já no final da noite, em outros momentos poderia ter divertido Gil, mas nesta noite ele não queria *bafo*, o que o levou a reprovar a conduta da amiga, ainda que de maneira sutil. As questões relacionadas a essa desaprovação serão tratadas principalmente no próximo capítulo. Por enquanto, meu interesse é o de mostrar que tais disposições corporais (tanto no sentido físico quanto no emocional), engendradas pelo consumo de substâncias psicoativas, comunicam e atestam o domínio que se tem das convenções de um estilo. Dessa forma, semelhantes a outros objetos, como roupas, sapatos, aparelhos eletrônicos, etc., as drogas são também recursos estéticos, mobilizados para demarcar diferenças no cenário urbano. Como é colocado por Featherstone (1995),

os novos heróis da cultura de consumo, em vez de adotarem um estilo de vida de maneira irrefletida, perante tradição ou ao hábito, transformam o estilo num projeto de vida e manifestam sua individualidade e senso de estilo na especificidade dos conjuntos de bens, roupas, práticas, experiências, aparências e disposições corporais destinados a compor um estilo de vida. (Featherstone, 1995, p.123).

Nesse sentido, parte do meu argumento está de acordo com dois pontos "clássicos" da bibliografia sobre consumo de drogas nas ciências sociais: 1) de que essas práticas, por elas mesmas, não criam laços de sociabilidade nem correspondem a fronteiras simbólicas suficientemente sólidas para que recortemos uma experiência sócio-cultural, mas que o fazem em articulação com outros bens; e 2) de que, portanto, os efeitos das drogas não podem ser considerados fora dos contextos culturais em que ocorrem. Por outro lado, atento também à agência desses objetos, quero assinalar que existe uma particularidade das drogas enquanto

componentes do estilo *bagaceira* e que tais particularidades impactam a reflexão (moral) que se faz sobre essas experiências. Quero formular essa especificidade como sendo de ordem retórica, isto é, como constituindo um argumento de autoridade, o qual coloca em operação o que se sabe dos esforços e das relações que estão envolvidos quando uma pessoa se apresenta como *louca*. Nesse sentido, argumenta-se 1) que um dos resultados da interação entre pessoas e drogas nas experiências de *loucura* é possibilitar que as primeiras se afirmem enquanto *bagaceira* e 2) que esse resultado se deve ao modo como as alterações perceptíveis nos corpos e nas condutas de uns e de outros explicitam relações e esforços moralmente valorizados nessas redes de amigos. No próximo item, ampliarei o repertório que compõe a *loucura* e a *bagaceira*. Em seguida, ofereço pistas no sentido de precisar a relação entre elas.

Na praia ou A preparação do ator

Laura havia experimentado maconha pela primeira vez com um *ficante*, o Thomas, um caso que não deu muito certo, iniciado pouco mais de uma mês após o término do namoro “careta” mencionado acima. Ela nunca gostou muito de beber, segundo ela, seu organismo não suporta álcool – seu fígado é muito sensível, o que faz com que ela tenha ressacas horríveis toda a vez que exagera, principalmente quando se arrisca com os destilados. Seu entusiasmo com a descoberta da maconha está ligado a essa percepção que tem de seu fígado. Em suas palavras:

A maconha é a minha droga. Desde a primeira vez que experimentei eu saquei isso. É maravilhoso isso, pra mim sempre pareceu como uma coisa que foi feita pra mim, você entende?... Fico louca, me divirto... ainda tem o soninho gostoso depois, achava o máximo capotar e dormir como um anjo e no dia seguinte não tem bad, ressaca [...] Álcool sempre acabou comigo, me deixa péssima, sempre me arrependo quando exagero. Desde que eu comecei a beber toda a vez que dou PT eu juro que nunca mais coloco pinga na minha boca.

A cabeça de Laura começara a ser aberta com o grupo de pessoas com quem ela começou a fumar maconha, mas essa abertura é sua avaliação a posteriori de um conjunto de eventos que se davam individualmente como experiências e performances de *loucura*. Ainda que a maconha seja a sua droga, seu repertório de mais de nove anos de consumidora de psicoativos é bem mais extenso. Em um certo sentido, a *loucura* experimentada com o álcool e com a maconha foi buscada também em outras substâncias, na cocaína, no LSD e no *ecstasy*. Conquanto essas drogas tenham estruturas químicas e provoquem sensações distintas, nas várias narrativas que coletei, a agência delas parece intensificar a condição de *louco(a)* que caracteriza essas pessoas. Seus organismos ficaram mais resistentes à maconha e eles

foram atrás de outras substâncias mais fortes? Ou os efeitos dessas substâncias são interpretados sob a forma de “loucura” porque esse foi o vocabulário adquirido com as experiência com a *cannabis* e com o álcool? Mais importante do que responder a essas questões é explorar o modo como a vizinhança semântica entre os cinco psicoativos mais comuns nas redes investigadas, a saber, o álcool, a *cannabis*, o *ecstasy*, o LSD e a cocaína, é utilizada como balizadora de seu pertencimento a esse estilo. Nesse sentido, é importante notar que passar de uma a outra parece atestar que a pessoa de fato é *louca* e, como veremos, que ela também domina as performances necessárias para a composição do estilo que aqui denomino *bagaceira*. Do mesmo modo, as quantidades são consideradas, bem como as diferentes combinações possíveis: três *balas*, dois *doces*, cinco *balas*, quinze carreiras de cocaína; tomar meio *doce* e uma *bala*, fumar um *beque* depois de tomar uma *bala* ou um *doce*, etc. A longa e eloquente resposta que Mariana me deu, quando perguntei o que ela já tinha usado, é bastante sugestiva a esse respeito, vejamos:

E – Suas primeiras loucuras foram com álcool? Você já bebia com frequência?

M – Foi com álcool sim, bebia sempre... mas uso qualquer coisa. fiz uma análise ontem enquanto bebia.... Bom, querido, seguinte: comecei a beber com 13 anos pra me "enturmar" com a galera. Por curiosidade usei benzina, cola, tomei bola e tals... mas realmente o álcool é que sempre esteve presente com 17 anos a coisa piorou, minha mãe foi morar em Belo Horizonte e eu fiquei sozinha, bebia quase todos os dias na maioria das vezes sozinha mesmo... até hoje saio pra beber sozinha... sempre fui muito tímida também, coisa que hoje desapareceu, mas quando cheguei em Sampa com 21 ainda me sentia muito insegura... as pessoas, o frenesi daqui... tudo me assustava, então bebia muito também. Eu já conhecia a cocaína, mas isso aqui na minha cidade não era tão fácil de conseguir, então foi só quando cheguei em São Paulo que comecei a cheirar mais. Depois de uns 2 anos e já sabendo onde conseguir a droga eu comecei a cheirar quase sempre que bebia achei que tava viciadinha e tudo. Aí voltei pra casa da minha mãe. Lá eu vi que não precisava que na real eu cheirava mesmo pra poder conseguir beber mais, porque o padê segura bem a onda da bebida... Até porque sem bebida eu não cheirava... deixa eu ver... fumei maconha durante muitos anos aqui também... eu gostava, mas aí, em São Paulo, parei porque começou a me noiar... Crack eu fumei, mas vi que ia dar merda porque a parada vicia na hora mesmo quando a onda passou decidi nunca mais cheirar pela fissura que me deu eu sabia que seria infinito se continuasse... LSD, *ecstase*, MDMA... essas coisas eu uso só em ocasiões especiais... (Mariana, 31 anos).

Para ilustrar essa discussão, mostrando o modo como as formas introduzidas pelo consumo de drogas compõem o estilo *bagaceira*, narrarei a seguir uma viagem à Bertiooga que Laura fez no período em que começava a frequentar a *noite* e a consumir psicoativos. Essa viagem foi organizada por Thomas, que havia prometido também conseguir um pouco de maconha com seu irmão. Laura estava cheia de expectativas por conta disso: seria a primeira vez que ela fumaria com esse grupo de amigos, em um clima de festa, sem ter de se preocupar em ser descoberta pela mãe quando voltasse para casa. Estiveram presentes nesse evento

quatro de meus interlocutores: Laura, Sérgio e Dan e Sabrina. Para a reprodução dessa história me baseio em informações concedidas por eles¹⁴.

Era o mês de julho e o tempo ficou fechado os três dias que ficaram na cidade, o que fez o grupo permanecer dentro da casa conseguida por Thomas. No primeiro dia eles limparam a casa: varreram, lavaram louça, tiraram pó dos móveis, jogaram fora alimentos que estavam estragados enfim, “tornaram a casa habitável”, como me disse Sérgio:

Quando a gente chegou, a casa estava imunda, ficamos o dia inteiro limpando para torná-la habitável. Nos quartos a gente nem mexeu, estava nojento, jogamos os colchões na sala e foi ali que dormimos os dois dias. Na hora do bar, começamos a reclamar disso, de repente a casa tinha virado nossa inimiga (risos), ficamos com raiva dela. Alguém jogou um copo de pinga na parede, depois uma garrafa d'água, quando o Dan jogou uma lata de tomate no teto... foi aí que a coisa ficou tensa. Aí a gente começou a perder o controle.

Após a limpeza, todos dormiram. Acordaram já estava de noite, beberam um pouco de pinga e assistiram ao filme *Trainspotting* (1994), que Sérgio havia levado para apresentá-lo à Laura. O filme trata de uma história semelhante a que eles viviam nesse período: o grupo de jovens escoceses, recém-saídos do ensino médio, se dedicavam à descoberta e à exploração de drogas num contexto de falta de esperanças com o “mundo dos adultos”. Assim, talvez inspirados pelo estilo de vida “*junkie*” dos jovens do filme, os acontecimentos narrados por meus interlocutores se assemelham ao descontrole e à “falta de noção” que é evidente em vários trechos do filme. As músicas do filme, em especial *Lust for Life*, cantada por Iggy Pop, serviram de trilha sonora para o resto da noite. Eles beberam uma garrafa de vinho barato com leite condensado e dormiram sem grandes surpresas. Essa música foi mobilizada também no dia seguinte, na “hora do bar”, mencionada por Sérgio na fala acima.

A “hora do bar” diz respeito à encenação de um bar que aconteceu na segunda noite, a que realmente nos interessa aqui. Na bancada que separava a cozinha da sala, ao som de Ângela Ro Ro, todas as luzes foram apagadas, iluminando-se a casa com velas. Havia uma caipirinha feita com a cachaça mais barata que encontraram na vendinha perto da casa, *Cachaça do Barril*. Nessa bar improvisado, beberam uma jarra de caipirinha, Sabrina interpretou uma travesti, Laura diz que esta era uma personagem que sua prima sempre acionava, e que a fazia rir muito. Nesse dia na praia, a performance de Sabrina enfatizou a vida difícil dessa personagem, contando suas decepções amorosas, seus vícios e os problemas que teve com a polícia. Essa ênfase era condizente com o aspecto decadente que fora dado à

14 Essa viagem foi citada por Laura em minha primeira entrevista com ela, citei esse evento também com Sérgio e Dan, que confirmaram sua relevância em termos de sua entrada na mancha de lazer noturno e também em termos de suas carreiras como consumidores de psicoativos. Tive um segundo encontro com Laura e com Sérgio em que me detive a essa história. Não tive a oportunidade de fazê-lo também com Dan.

encenação desse “boteco”, o que era uma tentativa de remontar ao “espírito dos anos 80”, como me disseram. Nesse caso específico, fazia-se referência sobretudo ao que a produção *pop* dessa década carrega de pessimismo e sofrimento. Laura lembrou que a música *Balada da Arrasada*, composta e interpretada por Ângela Ro Ro, foi tocada nessa encenação e provocou grande comoção entre os presentes. A letra dessa canção me ajuda a imaginar o tom dessa cena, tal qual tentaram me transmitir:

Entregou-se sem um zelo ao apelo de sorrir
Ofertou-se inteira e dócil a um fácil seduzir
Sem saber que o destino diz verdades ao mentir
Doce ilusão do amor...
Doce ilusão do amor...

Arrasada, acabada, maltratada, torturada
Desprezada, liquidada, sem estrada pra fugir
Tenho pena da pequena que no amor foi se iludir
Tadinha dela...
Tadinha dela...

Hoje vive biritada sem ter nem onde cair
Do Acapulco à calçada ou em frente ao Samir
Ela busca toda noite algo pra se divertir
Mas não encontra, não...
Mas não encontra, não...

Desespera dessa espera por alguém pra lhe ouvir
Sente um frio na costela e uma ânsia de sumir
Transa modelito forte, comprimidos pra dormir
E não acorda mais...
E não acorda mais...

A canção descreve uma mulher em situação extrema de desesperança, “no fundo do poço”, como diz a expressão dos *Alcoólicos Anônimos*. Uma mulher que, mesmo desiludida pelo amor, ainda “busca toda noite algo pra se divertir” e que, agindo dessa forma, transforma em degradação o caráter depressivo de sua condição. A performance do bar os aproximava, ainda que de maneira lúdica, dessa experiência pessimista que, em sua vertente *punk*, a que Iggy Pop esteve relacionado no começo dos anos 80, ganha tonalidades de violência. No cenário *punk*, essa agressividade aparece na construção estética dos corpos de artistas e de fãs, nas guitarras descontroladas e nos vocais esganiçados que caracterizam as músicas e, ainda, na apologia à depredação de espaços públicos¹⁵. Vale ressaltar que nos anos

15 Para informações sobre esses aspectos do movimento *punk*, tal qual se passou na Inglaterra, ver Hebdige (1979). Para o autor, as imagens provativas de depredação trazidas por esses jovens, tendo em vista sua teoria de que o estilo é uma maneira de resolver simbolicamente problemas materiais concretos, são vistas como decorrentes da crise econômica por que passava seu país no período, o que acarretava menores oportunidades para os jovens das classes trabalhadoras. Abramo (1994) oferece uma etnografia que acompanha os desdobramentos dessas ideias na São Paulo da década de 80, onde deram origem a dois grupos distintos,

80 quase todos os meus colaboradores eram ainda crianças, de modo que é só mais tarde, no curso da adolescência, que este repertório passa a ser mobilizado como marcador de diferença. Ainda que não chegassem nem perto da degradação por que passam os personagens de *Traispotting*, na encenação desse bar, com a ajuda da cachaça, essas figuras eram trazidas para seus corpos. O rumo tomado por essa encenação se valeu dessa agressividade. Do ponto degradante em que se colocaram, a postura agressiva passou a ser direcionada para as várias figuras em oposição às quais essa estilização dos corpos era elaborada.

Corria na época uma expressão pela região da Rua Augusta e outros clubes do centro da cidade, “meu cu para...”, que deu a tônica para que o cenário se transformasse, isto é, para que o bar decadente fosse dissolvido. Essa expressão é utilizada para demonstrar indiferença a alguém ou a alguma coisa. O caso foi que, com uma caneta piloto encontrada na casa, começaram a escrever nos azulejos da cozinha frases utilizando essa expressão: passaram a escrever os ressentimentos sobre os quais reclamavam, dando a eles o “cu”, isto é, desqualificando-os: “Meu cu para os bombadinhos da Vila Olímpia”¹⁶, “meu cu para o vestibular”, “meu cu para a Rede Globo”, “meu cu para...”.

Na noite anterior, haviam encontrado revistas pornográficas em uma caixa, o que já havia rendido muitas risadas. A ideia de recuperá-las e extrair delas maior rendimento em termos de *loucura* foi de Thomas que, ao longo da “brincadeira” de escrever na parede, na transição do bar para o novo cenário, entrou em questão com os pôsteres de *Surf* que decoravam a sala. Foi Sérgio quem se lembrou desse detalhe:

S – Pra mim quem começou a baixaria mesmo foi o Thomas. Depois ele ficou puto, que o pessoal perdeu o controle, mas foi ele que começou.

E – Por que? O que ele fez?

S – Tinham uns pôsteres na sala, que era dos donos da casa, e ele, na loucura, começou a arrancar e rasgar, destruiu tudo.

E – Mas pra que? Quero dizer, ele falava alguma coisa de por que ele estava fazendo aquilo?

S – Ele estava com raiva, fazendo a raivosa, sabe? (risos) Falava umas coisas tipo “essas merdas desses pôsteres... esses surfistinhas de merda”, coisas assim. Aí ele teve a ideia de colar as fotos de putaria, tipo, falando que era mais bonito as vadias trepando do que aqueles pôsteres. Ra mim, foi isso que fodeu tudo, porque ficou pessoal a coisa, quer dizer, com os donos da casa, mexeu com as coisas deles, entende? Sem contar que liberou de vez a loucura da galera, né?

Trocaram a música, alguém achou um CD com músicas da *Gaviões da Fiel*, escola de

tendo em vista a marcação de classe: os *punks*, descritos pela autora como originários das classes trabalhadoras e da periferia da cidade e os *darks*, de classe média e residentes na região central. Caiafa (1985) registra o desenvolvimento do movimento *punk* no Rio de Janeiro.

¹⁶ Vila Olímpia é um bairro na Zona Sul da cidade, localizado em uma região predominantemente comercial. Na passagem para o século XXI começou a se formar na região uma mancha de lazer noturno voltada para um público de altíssimo poder aquisitivo. Para mais sobre esta mancha, ver: Borges e Azevedo (2007).

samba ligada ao clube de futebol Corinthians. Aos poucos, passaram da bancada para a sala ou, saindo do bar, chegaram a um sambódromo: a turma de cinco pessoas se transformou em uma escola de samba, com comissão de frente, mestre-sala, porta-bandeira e tudo o mais, e seguindo a temática que exploravam nos últimos momentos do bar deram-lhe o nome de “Unidos do Meu Cu”. Uma das músicas do CD foi escolhida como samba-enredo, no original era um hino de torcida que pelo que lembram dizia apenas “Corinthians pó pó pó pó pó”, a qual eles parodiaram mudando o nome do time pelo da escola “Meu cu pó pó...”. O desfile terminou com todos os integrantes fazendo “tobogam”: jogaram água e detergente no chão e deslizavam de barriga no corredor delimitado da sala em direção à cozinha. Thomas ficou com medo nesse momento, Sérgio se lembra, recomendou que dessem um tempo e interrompeu o CD. Laura ficou irritada, foi imediatamente em direção ao som, buscou o porta-CDs, e colocou um álbum do Cazuza. Sabrina preparou mais um copo de caipirinha, que tomou sozinha. “Hoje eu tô com o diabo!”, exclamou. “Então vem comigo, meu amor!”, Laura responde. Thomas não teria firmeza suficiente para acalmar seus amigos que, a despeito de suas palavras, continuavam escrevendo e arremessando objetos nas paredes.

Tocar *Ideologia*. Laura grita de novo – “adoro essa música!”, ela diz e chama Sabrina que nesse momento já estava deitada em um canto da sala, ela levanta a cabeça, mas o pescoço perde a força e tomba para o lado. Laura chacoalha a prima, que ri, fala algumas besteiras, mas já está sem reação por conta do tanto de cachaça que havia bebido. Dan, que descansava no quarto por um instante, volta para a sala, animado com a música e com os gritos. Na sala, Dan e Laura ouvem a música repetidamente. Sérgio e Thomas, no quarto, além da música em alto volume, ouvem também os gritos de Laura, portas batendo e objetos sendo arremessados. Thomas pede para que Sérgio fosse ver o que acontecia.

Sérgio lembra da imagem que viu:

S – O Thomas estava pilhado (risos), sem saber o que fazer, morrendo de medo que eles destruíssem a casa inteira. “O menino está quebrando tudo – vai fazer alguma coisa!”. E eu: “Não tem o que fazer, bicho. Você deu trela, agora entrega.”

E – O que estava acontecendo lá?

S – Bafão, menino! A Laura estava em cima da bancada, segurando no teto, gritando, urrando, parecia um bicho, um lobisomen (risos), sei lá. O Dan estava quebrando tudo, gritando pra lá e pra cá, batendo as portas do armário, jogando as coisas na parede, total sem noção (risos), coisa de hospício mesmo, saca? A Sabrina eu já não lembro, lembro que quando ela levantou, estava com a boca cheia de papel higiênico, que a Laura tinha feito de maldade com a menina, enquanto ela estava capotada.

E – E você não fez nada? Ficou só observando?

S – Não tinha muito o que fazer. Sei lá, eu estava preocupado mais com os vizinhos. Pra te falar a verdade, eu até bati umas portas também (risos). O CD do Cazuza era meu, adoro ele, é com certeza um dos meus ideais de homem, saca? Desde criança, eu pensava, quando eu for adulto é assim que eu quero ser, e essa era assim a primeira loucura que eu tive

ouvindo ele, com essas pessoas, com a Laura era a primeira vez. Nunca a tinha visto daquele jeito, gritando, desencanada daquele jeito. Ela podia cair daquela bancada, sei lá, várias coisas... você não tá entendendo, a Laura é toda certinha, ela não faz essas coisas. O Dan eu nunca tinha visto bêbado daquele jeito. Enfim, eu não consegui fazer nada, mas também nem tentei, preferi deixar rolar e fiquei ali curtindo.

Laura lembra dessa parte da história como tendo sido a primeira *loucura* que teve com Dan. Embora Sérgio descreva o que Laura e Dan faziam como se cada um seguisse uma linha de ação independente, as informações dadas por minha interlocutora sugerem outra explicação. Ao me contar esse ponto do evento, ela pontua a relevância de sua interação com Dan para que as coisas tomassem o rumo que tomaram. Segundo ela:

L – Eu não lembro exatamente porque resolvi subir no balcão. Lembro que lá de cima eu fiquei olhando o Dan correndo de um lado pro outro, cantando a música também, parecia uma criança. Quando começou a tocar a música, eu gritei, nem era das minhas preferidas na época, não sei porque me animei tanto. Então... quando gritei, o Dan gritou também, a gente cantava o refrão junto (risos), sabe, gritando um na cara do outro? Quer dizer, eu lembro que ele olhava pra mim de lá de baixo, sabe, quando rola essa comunicação assim? Foi foda! Sabe, quando a gente canta e vem da garganta mesmo? Então, foi desse jeito.

E – E você lembra do rosto dele?

L – Estava escuro, não sei te dizer direito. Mas tinha essa cumplicidade, sabe? Quero dizer, pra mim fazer aquilo tudo... era tudo muito novo, foi libertador cantar desse jeito (risos). Gente, que surreal, né? Até hoje eu fico passada com essa história. Não sei o que me deu... fiquei lá um tempão, a música tocou umas duas, três vezes até eu descer.

E – E o que você ficou fazendo lá em cima? Estava vendo alguma coisa?

L – Ai, eu estava voando, tinha essa coisa da liberdade e lá eu me sentia voando. Tinha um negócio assim que eu ficava segurando e ficava com o corpo todo pra frente assim (mostra como foi). Aí tava tocando a música, eu cantando, gritando.. e o Dan quebrando tudo... era tipo uma cena de guerra... Ah, tá, eu desci porque queria fumar, chamei o Dan pra procurar cigarro comigo, só o Sérgio tinha naquela época – cigarrinho de menta, luxo! (risos).

Sérgio diz ter ficado em choque com a prancha atirada na parede: não adiantava reprimir, já que ainda estavam muito excitados, mas ele também ficou com medo do que pudesse acontecer se ficassem ali. Pensou, então, em dar um passeio na praia, para preservar a casa. Objetivo que não foi fácil alcançar, já que era difícil manter a atenção dos amigos. Dan e Laura, mesmo depois da interrupção da música, continuaram “causando” pela casa atrás. Sabrina ficou “jogada” no chão. Nesse momento, Laura se deparou com a prima e perguntou-lhe dos cigarros de Sérgio. Sabrina apenas resmungou e Laura, irritada, encheu-lhe a boca de papel higiênico, construindo assim outra figura marcante dessa noite: Sabrina, retomando a consciência, tenta se levantar, tropeça e, se dirigindo à prima, tenta pedir ajuda, mas não consegue falar, apenas cospe pedaços de papel higiênico, desconcertada com a situação, já que não sabia o que era aquilo que saía de sua boca.

Finalmente encontraram os cigarros do amigo e saíram em direção à praia, ainda muito empolgados e, aos poucos, tomando consciência do que haviam feito. Ao se ver fumando,

Laura apenas comentou com seus amigos: “Porra, eu não posso viciar em cigarro. Que merda!”. “Tá querendo fazer a santa agora, menina? Não vem com essa pra cima de mim, sua drogada!”, recebeu de resposta de um deles. Todos então saem rindo da casa em direção à praia.

Como apontou Becker, o aprendizado das técnicas e do modo de expressar os efeitos da maconha, por exemplo, dependem de um processo em que os mais experientes ensinam os novatos. Estes últimos, então, imitam os primeiros, bem como imitam outros que fizeram anteriormente, como Ângela Ro Ro ou Iggy Pop. Imitam-nos no que diz respeito às técnicas e vocabulários para utilizar as drogas, mas também imitam suas disposições morais e seus princípios estéticos, os quais, tendo em vista a leitura de Foucault (2003), são complementares e inseparáveis. Michel Taussig, com base nos escritos de Walter Benjamin, define assim esta faculdade:

Eu a chamo de faculdade mimética, a natureza que a cultura usa para criar uma segunda natureza, a faculdade de copiar, imitar, fazer modelos, explorar diferenças, produzir-se tal qual (*yield into*) e tornar-se Outro [...]. Em uma linguagem mais velha, isto é 'magia simpática', e eu acredito que ela é tão necessária para o processo de conhecer, como o é para [o processo de] construção e subsequente naturalização de identidades. Mas se ela é uma faculdade, ela é também uma história, e tal qual histórias entram no funcionamento da faculdade mimética, esta também entra naquelas histórias (Taussig, 1993b, p.xviii-xiv – tradução minha).

A ideia de faculdade mimética é mobilizada aqui no intuito de precisar a ideia de estilo. Vale ressaltar, com base em Hebdige (1979), o sentido de resistência dessas ações, isto é, que por meio delas essas pessoas refletem, negociam e subvertem as incoerências e paradoxos de suas posições sociais. Não é casual que, nesta noite na praia, quando decidiram escrever nas paredes (“meu cu para...”), eles desclassificaram o vestibular, a arrogância de certas pessoas com quem conviviam e os estilos diferentes da *bagaceira*. Do mesmo modo, pensemos no caso de Heloísa, descrito no item anterior. Seguindo Hebdige, vemos que, ao reclamar das pessoas “caretas” e “preconceituosas” com as quais é obrigada a trabalhar, Heloísa constrói sua imagem corporal, com o auxílio da cocaína e do álcool, contra essas pessoas e como tentativa de articular a necessidade de conviver com elas (os dentes que batem, os olhos estalados, a gargalhada profunda). É esse movimento de mobilizar signos e subverter seus significados que faz com que a elaboração de estilos seja vista como anti-natural aos olhos daqueles que não partilham dos sistemas simbólicos e das disposições morais que fundamentam tal estilo, como é argumentado por Hebdige¹⁷. Com o recurso que

¹⁷ Hebdige tem em mente a ideia de pânico moral, trabalhada por exemplo por Young (1972), quando pensa no medo que as imagens dos estilos causam em determinados setores da sociedade, particularmente nas gerações

busco em Taussig, no conceito de mimese, quero explicitar que a produção de estilos implica em uma reconfiguração não só da aparência, mas também da materialidade dos corpos, o que tem impactos, então, não só na apresentação da imagem do corpo, mas também na articulação de modalidades de emoções e de sensações. Tais considerações são importantes para que possamos precisar a atuação dos psicoativos (produção de *loucura*) na elaboração do estilo *bagaceira*. O emprego dessas substâncias depende da imitação de formas estéticas e procedimentos técnicos, o que coloca a pessoa em contato sensível com outras pessoas. Ao mesmo tempo, as drogas, elas mesmas, estão em contato com o corpo da pessoa, reconfigurando suas potencialidades. Como Taussig argumenta, está implícito ao conceito de mimese uma relação de equivalência entre magia simpática de semelhança e de contiguidade, de modo que, entrar em contato visual com a cópia da coisa ou da pessoa, sua representação, é entrar em contato tátil com esta entidade. Segundo Taussig:

Apreender alguma coisa por meio de sua semelhança. Aqui é o que há de crucial no ressurgimento da faculdade mimética, a saber, a noção de duas camadas de mimesis que estão envolvidas – uma cópia ou imitação, e uma conexão palpável, sensual, entre o corpo do observador e da coisa observada [...] Nessa linha de raciocínio, contato e cópia se fundem para se tornar virtualmente idênticos, momentos diferentes do processo de sentir; ver alguma coisa ou ouvir alguma coisa é estar em contato com ela. (Idem, p.21 – tradução minha).

Por fim, este conceito, em particular, e a obra desse autor, no geral, é frutífero para este trabalho principalmente por propor uma relação entre natureza (ou segunda natureza, se pensarmos em entidades como Yggy Pop, vindas da cultura de massa) e cultura que não limita as possibilidades nem em determinações do mundo material sobre as pessoas, nem na autodeterminação dos sujeitos, os quais podem dispor dos recursos de acordo com seus desejos e objetivos, ainda que estes últimos sejam condicionados pelas posições sociais que ocupam em termos de classe, idade, gênero, etc. Como pontua Vargas (2006), ao participar do evento *onda* ou *loucura*, entra-se em um jogo em que, desde o princípio, não se tem o controle. Taussig continua:

Pensar sobre a mimese é se tornar cedo ou tarde pego em finas teias de cópia e contato, imagem e envolvimento corporal do observador com o observado, uma complexidade que nós elidimos como não misteriosa, dado nossa facilidade em utilizar termos como 'identificação', 'representação', 'expressão', etc. – termos que simultaneamente dependem e apagam tudo que há de poderoso e obscuro na rede de associações evocadas pela noção de mimético. (Idem – tradução minha).

Nesse sentido, relembro as imagens de Dan gritando, batendo as portas e quebrando a prancha – “como uma criança”, nas palavras de Laura, que enquanto isso gritava, voava sobre

a sala; de Sabrina jogada no chão, sem defesas, com a boca cheia de papel higiênico – “arrasada”; todos eles, juntos, fazendo “tobogam”. Todas essas imagens, disponíveis no repertório produzido na interação desses jovens nos limites desse estilo, são convenções que expressam imperativos morais, lógicas de classificação e projetos de vida que operam nessas redes. Como assinalado no exemplo anterior, são também modos aprendidos de consumir e expressar a ação do álcool ou, ao menos, deixar que ela se expresse. Em poucas palavras, trata-se do conhecimento que desde então se desenvolve acerca dos modos de produzir e comunicar *loucura* e, por meio dela, produzir e reiterar a *bagaceira*. Portanto, o que se sugere é que, ao mediar esses contatos, com as pessoas e com as relações que se estabelece com elas, enquanto também elas mesmas estão em contato com os corpos, as drogas nos permitem vislumbrar algumas pistas para que entendamos os significados dessas relações, bem como a moralidade que as regulam. Mais especificamente, sugere-se que esses produtos, as técnicas necessárias para utilizá-los e as imagens e sensações que por meio deles se forja, funcionam como um vocabulário ou como uma tecnologia a partir dos quais essas relações são representadas e experimentadas. Essas ideias serão desenvolvida ao longo dos próximos capítulos também.

Pontuarei, no próximo item, que as imitações que vimos na casa de Bertioga, além de colocá-los em contato com celebridades e com os *loucos* de Edimburgo, os coloca em contato também com a mancha de lazer noturno formada pela região da Rua Augusta e demais “circuitos” interligados a ela¹⁸, onde muitos deles começaram a elaborar esse repertório. A esse respeito, cumpre assinalar a utilização, por parte de meus colaboradores, de categorias que a princípio soam pejorativas para ressaltar qualidades pessoais que são valorizadas – *louca*, *escrota*, *bicha louca*, *bagaceira* – embora essas palavras também possam aparecer para expressar críticas à conduta de alguém, como no exemplo com que iniciei esse capítulo, nos contextos observados, elas normalmente são mobilizadas para elogiar uma performance.

Espaços, Sociabilidades e Convenções

Nesse período (2003), depois do namoro em que era *mulherzinha*, Laura retomou contato com a prima e, por meio dela, passou a ampliar sua rede de amigos, de modo que essa

18 Os termos “mancha” e “circuito” foram cunhados por Magnani (2002) para se referir aos recortes que os agentes conferem aos espaços urbanos de acordo com as práticas que neles desenvolvem, revelando unidades no tecido, a primeira vista, fragmentário das metrópoles. O primeiro se refere a aparelhos públicos dispostos em contiguidade física, o segundo, a aparelhos que ganham unidade a partir de sua utilização nos trajetos dos atores sociais.

viagem parece marcar a consolidação dessas novas amizades, o que, por sua vez, marca também o que percebemos como o início de suas preocupações no que se refere à composição de um novo estilo. Foi com essas pessoas que Laura e Sabrina passaram a frequentar os bares e casas noturnas (baladas) do centro da cidade de São Paulo, onde, pelo menos em parte, foram aprendidas as disposições que foram postas em prática nesta noite em Bertioxa. Três casas foram citadas por eles como relevantes para suas vidas sociais nesse período, são elas: *Trash 80's*, que ainda funciona na Avenida Nove de Julho, o *Madame Satã*, que reabriu as portas no começo de 2012, no mesmo casarão situado na Rua Rui Barbosa, na Bela Vista (ou Bexiga) e *Aloca* que funciona há dezoito anos no mesmo local, na Rua Frei Caneca.

Cada uma dessas casas tem suas especificidades, e recebiam na época em que eles eram frequentadores assíduos diferentes públicos, de acordo com a festa de cada noite, o que ainda acontece atualmente, embora a percepção de meus interlocutores é que já faz alguns anos que o público desses ambientes mudou. No caso da *Trash 80's*, sua decadência, do ponto de vista de meus entrevistados, começou logo depois que eles passaram a frequentá-la. Grosso modo, o que me disseram é que o lugar ficou famoso, depois que começou a ser divulgado na mídia, chegando mesmo a ter sido citado em novelas da Rede Globo e ter recebido artistas dessa emissora, o que acarretou na invasão do lugar por *mauricinhos* e *patricinhas*. Laura, Sabrina e Thomas costumavam ir até essa região para “zoar” com seus frequentadores. Sabrina era a mais abusada nesse sentido, já que ficava por sua conta acionar os personagens, que eram comuns no circuito frequentado por ela, para chocar os *playboys* daquele bairro da Zona Sul da cidade. Foi nessa dinâmica que a travesti encenada por ela na praia começou a ser desenvolvida.

Nesse sentido, passei a prestar atenção na categoria *bagaceira*, que é utilizada para se referir a um aspecto do estilo geral dos bares e baladas dessa região e, por consequência, ao estilo das pessoas que a frequentam. De modo geral, considera-se *bagaceira* a mobilização de símbolos da cultura de massa (ou cultura pop), normalmente desvalorizados em termos da alta cultura, de modo a apresentá-los de forma positiva, indicando não o mau gosto estético, mas o despreendimento em relação aos ditames do “bom gosto” e, desse forma, a inteligência da pessoa que se apresenta por meio desse estilo. No caso do evento narrado acima, podemos perceber esse movimento quando meus interlocutores encontram o CD da *Gaviões da Fiel* e organizam um desfile de carnaval. Além disso, tanto na ida como na volta da viagem, eles foram ouvindo uma coletânea, feita por Laura e Sérgio, de músicas que ficaram famosas nos

anos 80, quando eles ainda era crianças e que eles voltaram a ouvir e dançar quando começaram a frequentar esses espaços no centro histórico da cidade. Havia *Balão Mágico*, Rosana cantando *Como uma Deusa*, Gretchen, etc. No evento que narro a seguir, que pude acompanhar presencialmente, esse aspecto fica evidente quando, depois de algumas horas se divertindo com a *loucura* do LSD, as pessoas decidiram mudar o estilo das músicas e passaram de clássicos como Beatles e David Bowie, para a cantora colombiana Shakira, um exemplo de *bagaceira* dos anos 90 e 2000.

Esse ponto fica evidente na fala de dois de meus interlocutores. Em meu primeiro encontro com Gil, levei o livro *Babado Forte* (2000), da jornalista Erika Palomino, que conta a história da constituição da “noite *underground*” paulistana, de meados dos anos 80 até o final dos 90. Minha intenção era mostrar-lhe as fotografias que compõem o livro como estratégia para apreender sua atitude em relação a esse estilo. Quando ele viu a fotografia de uma antiga *Hostess d'Aloca*, colocou a mão na boca, o que logo se desfez numa gargalhada, demonstrando um misto de surpresa e de reverência ao modo como a mulher estava vestida, ou seria melhor dizer, fantasiada. Então me disse:

Você entende o que estou tentando dizer? Para se vestir assim, sair assim de casa, precisa ser inteligente... ela não está preocupada em estar bonita, ela quer se divertir, quer aparecer porque tem coisa pra falar. Tem um discurso em sair assim para balada, uma crítica, entende? Por isso que você vai hoje, sei lá, na D-edge e é um saco. A música pode até ser boa, mas você não vai divertir, porque só vai ter gente querendo ser gostosinha. Eu tenho vontade de vomitar nessas meninas de salto alto e cabelo alisado e mais ainda nos namorados, atrás delas, segurando na cintura das vadias, fala pra mim, quem é que dança desse jeito? Nessa época aqui, dos malucos de verdade, você saía de casa para se embagaçar mesmo e todo mundo era assim.

A fala de Pedro, a quem pedi ajuda para definir se *bagaceira* seria, afinal de contas, um bom nome para precisar o estilo desses lugares, segue no mesmo caminho e acrescenta a falta de preconceito como relevante na definição do termo, o que não está tão claro na fala acima. Vejamos:

E – Eu estava pensando em bagaceira, mas “pop bagaceira” acho que diz mais, né? o que você acha?

P – Seja mais específico.

E – por exemplo, o que você acha que tem nesses lugares, tipo Aloca, que justifica falar que é “pop bagaceira”?

P – Pessoas de todos os tipos e níveis, tanto intelectual quanto social.

E – Como que você acha que isso contribui pra ser “bagaceira”?

P – A abertura pra esse povo, tipo as pessoas mesmo serem abertas e não preconceituosas com outras “tribos” que não sejam a sua

E – E ser aberto é ser bagaceiro? é isso?

P – Não, não distorça. Ser aberto é aceitar tudo sem julgar, e por se aceitar tudo, daí vem de todo tipo, inclusive a bagaça.

Soma-se a isso a valorização de lugares marginais da cidade, onde há concentração de moradores de rua, comércio de substâncias ilícitas (sobretudo maconha e cocaína) e a prática de prostituição, seja com indivíduos oferecendo seus serviços na rua, seja em estabelecimentos privados – nesse segundo caso, refiro-me aos “puteiros” da Rua Augusta (onde somente mulheres trabalham) – todos os meus interlocutores afirmaram já ter entrado em algum deles pelo menos uma vez nas várias noites de *loucura* que já passaram na Augusta. Havia ainda as travestis e *drag queens* que eram bastante comuns, principalmente n’*Aloca*, onde ainda ocorre performances com *drags*, mas raramente as encontramos hoje em dia como frequentadoras do lugar. Ter boas relações com esses “sujeitos marginais” é valorizado por todos eles, de modo que conversar com uma prostituta ou um morador de rua, tirar uma foto com uma travesti, comprar cocaína em alguma esquina menos movimentada, são acontecimentos celebrados, tanto que quando alguém do grupo passa por eles, rapidamente comunica para os demais e em torno deles se faz muitas piadas.

A relação desses lugares com os eventos que eles chamam de *loucura* pode, então, ser assinalada em dois pontos. Na exposição dos acontecimentos na casa de Bertioiga, vemos que por meio do consumo de álcool, da música e também de um filme, eles acessaram um conjunto de disposições corporais que remetem ao modo como aprendiam a se portar nesses lugares. Uma associação mais direta diz respeito ao fato que, para aqueles que moravam com os pais, a região da Augusta era onde podiam consumir substâncias ilícitas de maneira mais ou menos livre. Era para lá que Laura ia com seus amigos para fumar maconha. Naquele período, ela lembra que fumava com seus em alguma travessa menos movimentada da Rua Augusta e saíam dançando, brincando, rindo muito. Lá era possível agir da mesma maneira “sem noção” com que fizeram em Bertioiga – um espaço onde se podia ou mesmo onde se devia se portar como *louco*. Mas é com a cocaína que todos eles dizem que, em suas trajetórias, essa região esteve mais fortemente associada. Tanto Laura quanto Vitor cheiraram pela primeira vez nos banheiros d’*Aloca*:

L – Você não sabia que eu cheirava, amor?

E – Sabia que você já tinha cheirado, mas não que foi desse jeito...

L – Ah, eu cheirei pra caralho... o Felipe era o maior bicudo, né? E sempre tinha muito pó, uns pós bons. Era foda, a gente acordava, era eu colocando pasta na escova e ele preparando as carreirinhas, uma pra mim outra pra ele. É até romântico, né?

E – E foi com ele que você cheirou a primeira vez?

L – Ele estava junto, mas não foi com ele não. Ele nem me oferecia mais, eu dizia, pra ele: “isso daí, não... no meu nariz eu não quero nada, não” – eu tinha agonia, só de imaginar eu já arrepiava toda.

E – Como foi, então?

L – Foi n’*Aloca*, foi uma mina que me deu, amiga do Felipe. A gente já chegou na balada

tudo “locação”, a gente [ela e o namorado] passou na casa da mina, bebemos umas coisas, e ela já veio com o canudo pra cima de mim: “tô [oferecendo a droga] – cheira aí!”, e eu disse que não, que não curtia. Passou mais um pouco, de novo no carro, mais uma vez. Quando chegamos na balada, ela ofereceu de novo, e eu disse, tipo, brava já: “não curto, meu, não quero isso daí no meu nariz, não”; aí ela veio com uns papos, me chamando de fresca, tirando uma, saca? Aí eu disse: “ah é? Dá isso pra cá... vai ver quem é a fresca”. Aí a gente entrou junta no banheiro e mandou. Daí, meu amor, não parei mais, só nessa noite mandei uma capsula inteira – pá, pá, pá [solta esse sons em sincronia com movimentos que faz com ama das mãos: esticada numa forma que lembra uma espada, em cada “pá” ela é chicoteada para baixo].

A associação entre psicoativos e *Aloca* aparece também na fala de Vitor – e também a cocaína em particular. Ele começou a frequentar a região quando ainda estava no ensino médio, tinha por volta de quinze anos, nesse período ainda morava com a mãe na cidade de Osasco na Grande São Paulo, e a descoberta dessa boate, da cocaína e dos amigos que fez nesse contexto também aparece em sua narrativa veiculando a noção de liberdade, tal como na história de Laura. Em seu caso, no entanto, a casa tinha ainda o benefício de permitir-lhe estabelecer contato afetivo-sexual com outros homens. Ele me disse que desde muito jovem já sabia que se sentia atraído sexualmente apenas por homens, quando tinha por volta de quinze anos, já se sentia ansioso para iniciar sua vida sexual/amorosa. Buscou por um tempo parceiros pela internet em uma comunidade de gays e lésbicas, onde conheceu alguns amigos, mas não obteve sucesso em começar um relacionamento. Com essas expectativas ele conseguiu que sua mãe pagasse um curso de artes plásticas ministrado em uma escola do centro de São Paulo e foi então que ele chegou à *Aloca* e à cocaína.

V – A primeira vez que vim pr'*Aloca*, meu, fiquei desnortado. Eu achava tudo lindo, um monte de homem, e quando a gente é novinho, a gente faz o maior sucesso, né? Incrível! (risos)

E – E foi aí que você começou a usar drogas?

V – Droga mesmo, ilegal, foi sim. Quer dizer, maconha... foi aí que vi alguém fumando pela primeira vez, já achei isso, foda, sabe? A maior transgressão (risos) – bobo, né? na época, fiquei até preocupado, sei lá, se viesse polícia, se as pessoas ficassem violentas, quis ir embora até, mas a minha amiga não deixou, falou que era assim mesmo, que tinha que me jogar.

E – E foi lá que você fumou pela primeira vez?

V – Não, não foi. Foi com essa amiga mesmo, a Carol, mas foi em outro lugar. Mas eu não gostei muito de maconha. Hoje eu fumo todo dia, mas nessa fase eu não curtia... até fumava, quando aparecia, mas não era nada demais, eu gostava era de beber mesmo e padê, padê eu me joguei forte. Eu esperava a semana toda pra ir pr'*Aloca* cheirar [...] depois de um tempo, eu contava os dias, louca da buceta, pra chegar quinta e eu vir pra cá cheirar. Eu já saía do colégio, com uniforme e algumas roupas, pra Panamericana, e voltava só no domingo [...]. Eu tinha o que? Uns 16 anos, por aí.

E – E como você fazia pra tomar banho, dormir?

V – Ah, tomava banho na escola, na Panamericana. Quando conseguia a casa de alguém pra ficar, um dois dias, pra dormir e tal, mas várias vezes fiquei por aí mesmo, numa praça, num SESC, a noite eu passava cheirando n'*Aloca*.

[...]

E – E você já comprava? Já sabia onde comprar?

V – Ah, sempre foi que é hoje, dava pra comprar fácil por aqui, mas eu não comprava, sempre conseguia com alguém, algum amigo da balada, quando eu não conhecia ninguém, ficava no banheiro, observando, aí eu colava na pessoa, O pessoal não negava, não. Era fácil conseguir.

Tanto é assim que em muitas falas o “mundo das drogas” aparece como sinônimo do “mundo das *bichas*”, o que evidencia o modo como essas duas dimensões da experiência, a *loucura* e a prática e exposição da sexualidade, aparecem intrincadas nas trajetórias desses jovens adultos. Vejamos o testemunho de Ângelo, que também se diz homossexual:

Eu entrei no mundo das bichas.. deixa eu ver... eu tinha acho que 16 ou 17 anos, eu ia pra Campinas, que era perto da cidade que minha mãe mora, que eu morava. Lá eu era amigo de todo mundo, conhecia os donos da casa, até peguei um deles uma vez [risos]. E foi aí que comecei a me drogar, com as bichas, todo mundo usava. Era só abrir a boca [abre a boca e sacode o tronco, como se tivesse dançando], que as bichas enchiam de droga, eu conhecia todo mundo, era só fazer assim que vinha *doce*, vinha *bala*... aqui em São Paulo as bichas são mais do padê, né? Lá não, lá era mais *doce* e *bala* mesmo, quase ninguém faz *padê*.

A exemplo do que França (2010) encontrou na casa noturna *The Week*, nas redes de amigos que analisei e nos ambientes frequentados por eles, a imagem da *bicha* (os termos *viado* e *gay* também aparecem em ambos os contextos) é uma forma valorizada. No caso da minha pesquisa, acrescento que a performance da *bicha* também comunica a *bagaceira*, tal qual a mobilização de produtos desvalorizados da cultura de massa. Portanto, como no caso da *The Week*, no meu campo “o lugar da *bicha*, também pode ser um lugar de articulação e manejo da *diferença* transformada em positividade, de modo a reverter, mesmo que parcialmente, a violência, o preconceito e o estigma” (p.223-4 – grifos da autora)¹⁹. Como já mencionado, a performance da *bicha* é mobilizada não somente por homens homossexuais, mas por todas as pessoas que compõem essas redes, embora homens heterossexuais o façam mais raramente e de maneira mais tímida do que as mulheres, sejam elas homo, hétero ou bissexuais. Na cena que narro a seguir, por exemplo, ocorrida em um sítio na grande São Paulo, Jorge e Vitor se chamaram várias vezes por nomes como *cachorra*, *vadia*, *piranha* – o primeiro é heterossexual e estava na ocasião acompanhado de sua namorada, o segundo é homossexual e estava solteiro no dia. Na história narrada acima Thomas, que na época namorava Laura, também tinha uma personagem feminina, Tereza, segundo me contaram. No caso das mulheres, independente da orientação sexual, é comum elas se tratarem, entre si,

19 Podemos lembrar da descrição de Peter Fry (1982) a respeito da figura do homossexual moderno, na qual prevalece o caráter viril da masculinidade e uma valorização de maior transitoriedade entre as posições *ativo/passivo*, no que o modelo moderno se contrapõe ao padrão tradicional *bicha/bofe*, em que posições sexuais são bem marcadas, inclusive mediante articulação com performances de gênero. Esse padrão tradicional é encontrado por França (2010) no *Boteco do Caê*, onde também realizou pesquisa de campo.

pelos nomes *bicha*, *bee*, *bil*, no que normalmente elas utilizam uma entonação vocal que imita o tom e as nuances de uma voz masculina feminilizada, própria das *bichas* ou das *travestis*. A esse respeito, chega-se mesmo a falar em *mulher-bicha*, termo que é usado para se referir a elas e também por elas próprias para se identificarem, ainda que de maneira jocosa. Entre homens homossexuais é comum também que se chamem por nomes femininos, o que imita práticas de pessoas que de fato assumem outra identidade de gênero.

Interessa-me aqui, em poucas palavras, apontar que essa imagem, a da *bicha*, media as relações entre as pessoas que compõem as redes que analiso, constituindo-se então como veículo que comunica a frequência a esses ambientes e o despojamento característico do estilo *bagaceira*²⁰. Vale lembrar que tal imagem se constitui a partir de uma composição de convenções acerca de masculinidades e feminilidades, aos moldes do que Butler (2003)²¹ chama de paródia, de modo que a *bicha* não é uma *mulher*, mas uma imagem que articula e, dessa forma, desnaturaliza, convenções de ambos os gêneros, propiciando em sua performance “oportunidades críticas de expor os limites e os objetivos reguladores desse campo de inteligibilidade cultural [que é o gênero]” (Butler, 2003, p.39). No caso das *bichas* encenadas por homens homossexuais, trata-se em geral da imagem de um homem, muitas vezes com barba e cabelos curtos, quase sempre trajando calça jeans, camiseta e tênis e, algumas vezes, bonés (trajes que se, neles mesmos, não marcam masculinidade, certamente não são contraditórios a ela), que compõem suas performances, em interações dadas, com gestos, movimentos e insinuações convencionalmente associadas ao gênero feminino. No caso das encenações levadas a cabo por mulheres, em especial pelas que se afirmam heterossexuais, as *mulheres-bichas*, existe a mesma composição de convenções associadas a ambos os gêneros. Embora trata-se de gestos e movimentos femininos em corpos femininos, o aspecto masculino desses corpos aparece sobretudo quando, em suas apresentações, essas mulheres se diferenciam das *mulherzinhas* ou *patys*, como mostrado acima. Relembro da

20 O fato de que esta imagem comunica e dessa forma aproxima pessoas que se apresentam a partir de diferentes identidades sexuais, não quer dizer que estas relações se desenvolvam sem tensões; não me aprofundarei na análise dessas tensões, pois, não me parece que seja por meio do consumo de psicoativos que elas são instauradas e geridas. De outro modo, parece-me que as tensões e desconfianças que algumas vezes observei se apoiam em um conjunto mais heterogêneo de convenções acerca das identidades sexuais e de gênero.

21 Vale ressaltar que para Butler (2003) é exatamente no nível da performance que a unidade entre sexo anatômico, identidade de gênero, práticas sexuais e desejos pode ser forjada, já que não existe uma materialidade do corpo anterior aos discursos e práticas que a enredam. Segunda ela: “O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero” (Idem, p.200).

imagem de Mariana, quando ofereceu o seio na mesa do bar, imitando sua ação perante seu traficante de cocaína. Ainda que não seja o único marcador, o modo como essas mulheres experimentam sua vida afetivo-sexual (ou pelo menos dizem fazê-lo) coloca em cena convenções acerca da sexualidade masculina, tida usualmente como inerentemente desregrada e perturbadora, como apontam Carrara & Simões (2007). Mesmo que ter desejos e realizá-los não seja incongruente com o gênero feminino, o fato de que elas o façam sem o medo da alcunha *vadia* ou mesmo que o façam intencionalmente como *vadias*, as aproxima dessas convenções da sexualidade masculina²².

Em sua versão *bicha louca* ou *colocada*, essa performance comunica também o efeito das substâncias psicoativas que foram consumidas, os quais são externados em gritos mais estridentes, “batidas de cabelo” e gestos e movimentos mais espalhafatosos, como aqueles que imagino terem sido feitos por Sabrina na casa da praia, quando ela imitava uma *travesti*, e os quais, certa vez, vi Vitor fazer: ao sair do banheiro da *Loca*, após ter dado um *teco* (cheirado uma carreira de cocaína), ele saiu de supetão em direção à pista, para dançar uma música do *Smiths* que ele gosta muito; ele torcia o tronco, movendo-o de um lado para o outro, o que complementava com movimentos com os braços que ia em direção à cabeça e deslizavam sobre ela, da testa em direção à nuca, como se ele jogasse cabelos compridos para trás, os quais ele não tem. A casa estava vazia, poucas pessoas dançavam espalhadas pela pista, com o *teco* e a música que ele gosta, ele não se importou e me disse, antes de sair do banheiro: “Vem, *bil!* Agora eu vou arrasar!”. Tais performances, da *bicha louca* ou *colocada*, nos permitem pontuar outro aspecto que compõe a *bagaceira*, a saber, a classe. Tratarei desse aspecto, por enquanto, em sua dimensão espetacular, mais do que no sentido de condicionamento de posições sociais, o que tentarei abordar a partir do próximo capítulo.

O caráter indiscreto e as vezes vulgar da imagem da *bicha colocada* e a semelhança dessas imagens com aquelas das *travestis*²³ acentuam o sentido de classe trabalhadora contido

22 Percebi tal analogia em uma noite em que estávamos Vitor, Paula e eu em um bar na Praça Roosevelt. Paula contava que vinha mantendo casos afetivo-sexuais, que não eram namoros, com dois homens, tendo encontrado ambos naquela semana. Ao final de sua fala, seu amigo, olhando para mim, fez a seguinte piada: “Eu nunca vi, mas eu tenho certeza que ela tem um pinto, é ela que come os namorados dela, eu tenho certeza. Coitado deles”.

23 O trabalho de Bruno Barbosa (2013), realizado em um movimento social de luta por direitos de transexuais e transgênero, mostra que, do ponto de vista nativo, a diferença entre *travestis* e *transsexuais*, mais do que basear-se na existência ou não do pênis (que permaneceria nas primeiras e é amputado no caso das segundas), baseia-se também em critérios de classe, os quais se articulam a considerações a cerca da região de procedência da pessoa. Em poucas palavras, as *travestis*, imitadas por meus interlocutores, são consideradas, no contexto investigado por Barbosa, como mal-educadas e rústicas, o que coloca em cena representações acerca das classes trabalhadoras e da população do Norte e Nordeste do país. De modo distinto, *transsexuais* são descritas como mais refinadas, como tendo maior tendência em cultivar um estilo que as aproxima das representações sobre as classes médias.

nesse estilo. Soma-se a isso, como já mencionado, a mobilização de produtos da cultura de massa que são desvalorizados justamente por sua inserção nas diversas camadas das classes trabalhadoras e a ocupação do centro histórico, com suas personagens marginais.

A esse respeito cumpre ressaltar, como dito na introdução, que minha amostra é composta predominantemente por pessoas de classe média ou média baixa, provenientes de famílias que em geral conseguiram se estabilizar nessa posição de classe média na geração dos pais, de modo que meus colaboradores tiveram e têm grande contato com referenciais e representações provenientes do que usualmente se denomina de classes trabalhadoras. Nesse sentido, além de gestos, movimentos e falas mais extravagantes e, por vezes, vulgares (falta de educação), a própria limitação ou falta do dinheiro, oferece oportunidades para que determinadas condutas sejam estilizadas e comunicadas como *bagaceira*. As noites que Vitor dormiu no chão sujo da *Loca* ou em bancos de praças, igualmente sujas, no centro da cidade, evidenciam essa estilização da condição de classe, de modo a fazer com que ela comunique os padrões de consumo de lugares, objetos e drogas, com que essas pessoas marcam uma noção de diferença. No caso das pessoas que são provenientes de famílias tradicionais de classe média ou mesmo média alta, como é o caso de Cláudio e Guilherme, por exemplo, a participação nesses circuitos foi muitas vezes impulsionada pelos descontentamentos que nutriam por pessoas de sua mesma classe, que são acusadas de fúteis. Vale lembrar da crítica feita por Gil, de que a mancha da Rua Augusta e os circuitos interligados a ela passaram a degenerar, justamente, quando passaram a ser frequentados por *mauricinhos* e *patricinhas*. Segundo ele: “Maluco mesmo era tudo duro, por isso que a Augusta bombava: porque lá você encontrava cerveja barata, três reais, mais barato até, se fosse um botecão... pra entrar na *Loca*, era isso também, era uns cinco, dez no máximo”. Ainda que externamente as performances imitem pessoas do *povão*, possibilitando a expressão e estilização de condições específicas de privação, não se deve perder de vista que, em relação às famílias e aos locais de origem, tais performances marcam sobretudo a distinção daquele que assim se apresenta. Nesse sentido, muitas vezes, a *bicha colocada*, com sua conduta espalhafatosa, que evidencia a marca de classe trabalhadora, pode *fazer a rica*, comprando *drinks* caros ou muito *padê*, por exemplo²⁴.

24 Como se vê pelo comentário de Gil, que remetem opiniões e posicionamentos de outros colaboradores, os contatos entre classes acontecem, mas não se dão livres de tensões. Como descrito por Abramo (1994), também em meu campo, por razões diversas, os contatos entre jovens da *periferia*, ainda que estes sejam de classe média, com jovens do *centro* acarretam em acusações de futilidades ou culminam em desligamentos das relações, na medida em que os primeiros não conseguem arcar com o padrão de consumo dos segundos. Falarei mais a esse respeito no próximo capítulo.

Por fim, vale apontar os marcadores de idade articulados por essas performances. Não se deve imaginar que estes ambientes sejam frequentados somente por jovens, por pessoas abaixo dos vinte e poucos anos. Muito pelo contrário, considerando que o ápice desses circuitos foi na primeira metade dos anos 2000, a maior parte das pessoas que viveu a *bagaceira* em seu esplendor está, hoje em dia, na faixa dos trinta anos. É importante frisar que estes padrões de consumo, tendo em vista o tipo de atuação que propiciam, como pontuam Hebdige (1979) e Abramo (1994), são elementos que constituem uma juventude inteligível. Estas práticas, ao invés de emanarem de uma desordem que é própria da juventude, são, na verdade, convenções por meio das quais uma condição juvenil pode ser vivida e comunicada. Vê-se que é com ansiedade que estas pessoas se lançam nessas experiências, não só pelo medo que o desconhecido suscita, mas principalmente pelo medo que sentem de não aproveitar a energia e a beleza que são maiores na juventude. A esse respeito, as etnografias de Rui (2007), com alunos de classe média da UNICAMP, e de Eugênio (2006), entre jovens adultos da cena eletrônica carioca, apresentam resultados semelhantes. A primeira reconhece em seus interlocutores uma conduta com relação aos psicoativos que ela resume nos dizeres “só se vive uma vez”; enquanto que a segunda fala na mobilização de psicoativos na composição de uma “juventude como uma fase de transgressão legítima”. Nota-se, contudo, que essa condição juvenil explora, por um lado, marcadores da vida adulta – a liberdade e independência para decidir sobre os gastos pessoais e os locais que se frequenta – e, por outro, explora também marcadores de infância – as brincadeiras que expressam os efeitos da droga, a mobilização de produtos da cultura de massa que consumiam quando eram crianças e os próprios nomes dados aos psicoativos, doce, bala, etc.

Pois bem, em poucas palavras, o que tentei mostrar neste item é que o tipo de evento que se tem com psicoativos, conquanto trate-se de substâncias químicas, só pode ser totalmente compreendido no interior das redes de amigos com que trabalhei, fazendo-se referência aos demais produtos e serviços com os quais compõem o estilo *bagaceira*, tendo em vista a mobilização e articulação de marcadores de gênero, sexualidade, classe e idade que caracteriza tal estilo. Dessa forma, como já foi adiantado, meus achados estão de acordo com as análises feitas por Becker, Young e Velho. No entanto, meu esforço aqui é também na direção de conferir uma agência que seja específica desses produtos na constituição e comunicação desse estilo. É com esse objetivo que nos dirigimos para o último item deste capítulo.

No sítio ou A beleza de um/a louco

A seguir, apresento a etnografia de uma reunião ocorrida em uma chácara em Mogi das Cruzes no começo de 2012. Na ocasião, um de meus interlocutores, Vitor, conseguira dois *doces* (LSD) que tomaria com três amigos: Paula, Jorge e Isabel – eu já havia sido apresentado apenas à primeira, Jorge e Isabel namoram há mais ou menos um ano. Desde que conheci Vitor, seis meses antes desse dia, era a primeira vez que ele tomava uma “droga de verdade”, como ele costuma se referir a LSD, *ecstasy* e, por outros motivos, à cocaína.

Nos encontramos por volta das 15h e seguimos para o sítio. Assim que saímos da cidade, Vitor pediu a Jorge, sentado no banco do carona, que pegasse um dos cigarros de maconha que ele trouxera já enrolados e estavam no porta-luvas. Dentre os presentes, os dois são os únicos que consomem maconha diariamente. Ao longo de toda a viagem fomos ouvindo músicas do Caetano Veloso – Vitor mencionou ter completado recentemente uma coletânea desse cantor, consegui identificar canções de álbuns como *Transa*, *Tropicália* e *Cinema Transcendental*. O cigarro de maconha terminou nas mãos de Isabel, ainda sobrava uma *ponta*, mas Isabel não sabia acender; os meninos, mais experientes, também não quiseram acender. As meninas, sentadas no banco de trás, ao meu lado, menos acostumadas com a maconha, eram as que mais aparentavam alterações: Isabel, uma mulher de 27 anos, bastante branca e magra, de traços e gestos delicados e com voz suave, agora falava mais alto, fazia comentários engraçados e, quando tocou a música *Cajuína*, se empolgou e começou a cantar alto, incomodando Vitor, que preferia ouvir a voz do Caetano.

Paula ainda rindo da bronca que Vitor dera em Isabel, começa a contar uma das peripécias de que se ocupara naquela semana. Ocorria que já há algum tempo, ela trocava olhares com um rapaz que trabalha no mesmo edifício que ela. Alguns dias a trás, ele havia puxado assunto com ela em uma de suas saídas para fumar. Isso a havia enchido de esperanças e ela resolveu buscar o perfil desse homem no *Facebook*, o que resistira a fazer até então – para não “encanar”. O que a intrigava, e por isso ela se abria com os amigos, era que ela não conseguia achar o perfil dele. Ela descreveu a estratégia que utilizou para encontrá-lo e disse ter encontrado dois perfis que podiam ser o do rapaz, mas não tinha certeza pois nenhum dos perfis trazia fotos. “Ai, que ódio! Por que a pessoa faz um perfil e não coloca foto? Não é irritante?”, Paula conclui e Vitor responde, de maneira um pouco ríspida: “Irritante é você fritando com esse cara, Paula!”.

Ela trazia o assunto para que os amigos opinassem quanto ao que pudesse estar

passando pela cabeça desse rapaz, estaria ele interessado nela ou só queria puxar um papo mesmo – tentar uma amizade? Isso ela respondeu afirmando que com homens não existe isso, se ele estava se aproximando era porque queria alguma coisa, a não ser que fosse *gay* – “será?”, ela se pergunta e faz todos rirem. Além do mais, se ele não tem *Facebook*, será que só a aparência é boa, será que ele é na verdade um “caipira”? Um “hipponga” que não usa internet? Um “*cultzinho*” insuportável? Esse problema de Paula não me chamou especial atenção naquele momento, ainda assim, logo que chegamos ao sítio ele foi anotado em meu caderno de campo, e mais tarde, depois de lê-lo e as anotações que o sucederam, tendo em vista os acontecimentos no sítio, me pareceu importante começar essa narrativa por este ponto. Ao final do relato dos eventos no sítio eu voltarei a ele.

Chegamos por volta das 16h, guardamos as comidas e bebidas e, cerca de uma hora depois, Vitor, Paula e Jorge colocaram cada um a metade de um papel de *doce* que lhes cabia na língua e esperaram ele derreter, situação que gerou risadas quando tentaram manter um diálogo sem engolir o papel. Estávamos na soleira da casa, Vitor e Paula estavam em uma rede, os outros dois amigos e eu sentávamos em bancos de frente para eles. Logo que todos os papéis foram engolidos, Vitor já acendeu outro *beque*, dizendo que a maconha ajuda o *doce* a *bater*.

As conversas versaram sobre diferentes temáticas – sexo, empregos, etc. Isabel contou sobre um homem que havia se suicidado em seu prédio. Jorge faz uma observação acerca da crescente taxa de pessoas que tomam medicamentos psiquiátricos. Paula, por sua vez, fala de sua supervisora no emprego, que iniciara um tratamento com remédios após o término de um relacionamento: “Tem cabimento? A mina sempre teve tudo na vida, o pai deve ter dado tudo, a primeira vez que recebeu um 'não', a menina surtou!”. Ela encerra afirmando, com o rosto levemente ruborizado: “é por isso que eu sou louca, tô aqui, gorda, sem namorado, e tô ó-ti-ma! Essa menina... adianta o que? Loira, linda, mas não aguenta nada, nem peidar direito ela deve conseguir”, dá muitas risadas, no que é acompanhada pelos demais; quando as risadas cessam, ela exclama: “Meu, o negócio tá batendo!”. “O que você está sentindo?”, pergunta Jorge, que continua: “eu ainda não sinto nada”. “Não sei, mas eu já estou tão... Ai meu deus!” (ela percebe algo atrás de si e vira bruscamente o pescoço) “O que foi isso!?”, se questiona e logo volta a rir. Perguntam o que aconteceu, o que ela está sentindo; ela tenta interromper o riso, para se explicar, mas ao tentar pronunciar algo, a gargalhada fica mais forte. Finalmente, consegue se conter e retoma o fôlego. Ela está com os olhos arregalados, as lágrimas que

vieram com a gargalhada refletiam a luz, fazendo com que eles brilhassem mais, ela estava bastante vermelha e com um sorriso largo que permaneceria por horas em seu rosto. Ela apenas exclama: “o doce está batendo!”.

Logo Jorge também relata estar sentindo alguma alteração, olha para a sua mão e diz sentir um formigamento, olha fixamente para ela e a movimenta de um lado para outro, parecendo querer enxergar alguma coisa, de repente solta uma gargalhada, seus amigos se olham interrogativamente, percebem que ele também já estava *louco de doce*. Perguntam o que ele sentia, o que ele via, Jorge tenta responder, levanta a cabeça e movimenta os lábios, mas logo a gargalhada tomou conta e ele não conseguiu articular qualquer mensagem. Paula e Jorge decidem ir para o gramado e chamam Vitor para acompanhá-los, este responde: “eu não estou sentindo nada, vou bolar outro pra ver se a loucura vem”, “tá sim, você que tá segurando a brisa, vem com a gente”, Paula responde. “Que segurando nada, isso não existe, com doce, ou bate ou não bate!”, Vitor responde. Paula avança na direção dele e pega em sua cabeça com as duas mãos, virando a face em direção à luz para que pudesse olhar se suas pupilas estavam dilatadas; quando consegue um ângulo favorável e consegue vê-las, Paula solta outra gargalhada, “olha aqui Jorge, você acha que essa bicha não está louca?”, todos dão risadas, “empina essa buceta, mulher!”, ela continua e finaliza dando um tapa na nuca de seu amigo, o que provoca mais risadas e faz Vitor se levantar num rompante e correr atrás dos dois amigos. “O Vitor sempre entra nessas de que não bate”, Isabel comenta e assume os preparativos para o próximo cigarro de maconha.

Enquanto Isabel trabalhava, eu observava os três brincando na grama: eles se abraçavam, davam cambalhotas, corriam pelo gramado e riam, riam muito. Quando ficou pronto o *baseado*, fomos em direção a eles. Vitor comemorou o *beque*, Paula, por sua vez, nos recebeu com uma pergunta: “Como vocês conseguem ficar aí, nessa cretinice? É tudo muito cretino, gente, o mundo, as pessoas... tudo tão falso, vocês não conseguem ver, né?”, fala isso e suga a saliva que enche sua boca. Jorge vai dentro de casa buscar o seu *Ipod* e as caixas de som. Isabel avisa que vai acender o *beque*, Jorge coloca *I’m the Walrus*, o que causa certa comoção, era uma música ótima para intensificar a *loucura* do doce, me disseram. “Essa é pra chapar”, anuncia Jorge, e volta para perto de nós.

O *baseado* começa a circular pela roda e os três “loucos de doce” têm dificuldade de manter a concentração – para passar o cigarro para um deles era preciso antes chamar-lhes a atenção. Depois de *I’m the Walrus*, toca *Strawberry Fields...* e, na sequência, *Hey Jude*. Paula

se opõe a essa música: “Não, essa pula, muito fim de carreira, daqui a pouco eu to na bad”. Jorge concorda e se movimenta em direção ao *Ipod*, dá uma última tragada no cigarro de maconha e, com o *Ipod* e o *beque* na mão, chama Paula para passar o segundo a ela. Por alguma confusão que não consegui discernir, ela deixa cair o *beque*, o qual já chegava ao fim; ao bater no chão, como estava mal enrolado (“um pastel”), ele se desfez e a maconha espalhou-se, sumindo na grama. Paula dá um grito, o que chama atenção de todos, e se coloca de quatro em nossa frente: buscava a maconha espalhada na grama e tentava botá-la de volta no papel: “que merda, eu quero fumar! Bem na minha vez!?”. Olha em nossa direção e, mostrando o que conseguira apanhar da maconha, misturada com terra e grama, nos fala repetidamente: “Abriu. Abriu! Olha!”. “Que é isso, Paula? Tem mais maconha lá dentro, daqui a pouco a gente bola outro”, Isabel ameniza. Paula apenas se repete, parecendo não ter compreendido o que a amiga dissera: “Abriu. Olha! Abriu!”. Vitor, que ria muito da cena protagonizada por Paula, se vira para mim e confessa: “Tá vendo, é assim que eu gosto de ver a Paula, e isso é só com doce, bala – droga de verdade, entende!? Olha isso, parece uma débil mental. Olha!”. Jorge se agacha e levanta a amiga, os dois decidem voltar para a varanda. Logo Isabel, Vitor e eu vamos para junto deles.

É com a imagem do rosto de Paula, *louca* e indefesa buscando o resto de maconha que se espalhou no chão, com a declaração de Vitor de que é assim que ele gosta de vê-la e com o modo como ele classifica o LSD como “droga de verdade” que encerro esse relato. Lembro ainda da imagem dos três amigos, brincando na grama, rindo, olhos brilhantes e arregalados, se esforçando para que a saliva não lhes escorresse pela face, dada tanta euforia. Pontuo também a preocupação de Vitor com a eficiência da droga que acabara de tomar e a rápida conversão de sua postura assim que soube por sua amiga que, também nele, o LSD estava *batendo*. Em primeiro lugar, cumpre observar que essa imagem é considerada bela e, nesse sentido, tendo em vista a ideia de “estética da existência”, com que Foucault (2003) trabalha, são imagens moralmente densas.

Diferente do que fizera em *Vigiar e Punir* e no primeiro volume da *História da Sexualidade*, no segundo volume desta obra Foucault tenta formular a operação de convergência entre as formas do mundo e os enunciados provenientes dos campos de saber não por meio da intromissão de um poder que atua sobre os indivíduos *de fora*, mas sim pela atuação do próprio indivíduo que, ao cuidar de si, mediante a prescrição de uma moralidade, *produz* as formas corporais e gerencia as relações sociais segundo as quais seu valor interno é

exposto. No caso da moralidade da Grécia clássica, tais formas tanto metaforizam quanto se espelham nos modelos fornecidos pela vida doméstica (relação com a esposa) e pela vida civil (relação com os homens livres).

É sobretudo no caráter estético da apresentação de valores, das condutas valorizadas em uma dada cultura, que gostaria de me ater. Mais especificamente, me atendo à operação intelectual, característica do regime de conhecimento antigo, tal qual descrito por Foucault, que percebe nas formas corporais tidas como belas a evidência de que um determinado trabalho interior, moralmente valorizado, fora realizado. Nas palavras do autor:

“Deve-se entender com isso uma *maneira de viver* cujo valor moral não está em sua conformidade a um código de comportamento nem em um trabalho de purificação, mas depende de *certas formas*, ou melhor, certos *princípios formais gerais* no uso dos prazeres, na distribuição que deles se faz, nos limites que se observa, na hierarquia que se respeita. Pelo *logos*, pela razão e pela relação com o verdadeiro que a governa, tal vida inscreve-se na *manutenção ou reprodução de uma ordem ontológica*; e, por outro lado, recebe o brilho de uma *beleza manifesta aos olhos daqueles que podem contemplá-la ou guardá-la na memória*. Essa existência temperante, cuja medida fundamentada na verdade, é ao mesmo tempo *respeito de uma ordem ontológica e perfil de uma beleza visível...*” (p.110 – grifos meus).

Certamente, as cenas narradas aqui nada têm em comum com a temperança, imagem que condensa a realização da moralidade grega. Como dito, quero me ater ao princípio mais geral, subjacente aos conceitos “estética da existência” e “técnicas de si”, de que as formas dadas aos corpos e às relações em que eles estão envolvidos comunicam esforços moralmente valorizados. No meu caso, cumpre indagar a que valores a imagem do *louco* dá forma, bem como a quais relações elas remetem. Como foi mostrado ao longo deste capítulo, tais imagens condensam o interesse e o esforço que essas pessoas tiveram de entrar em contato com nomes como os de Ângela Ro Ro, Iggy Pop, Amy Winehouse, Elis Regina, os *Beatles*, *Smiths*, etc. – e, de maneira geral, com toda a história da música pop de que eles fazem parte. Do mesmo modo, essas imagens remetem ao contato dessas pessoas com a mancha da Rua Augusta e às relações que em seus limites elas se esforçaram para construir – onde aprenderam a mobilizar e explorar todo um arsenal de convenções de gênero, de classe e de idade. São truques desse tipo que essas “substâncias transgressoras”, como Taussig (2004) as chama, aplicam em nossa imaginação, fazendo com que ao mirarmos a pessoa sob seus efeitos possamos ver sua ascendência aristocrática – a qual sabe-se que ela se esforçou para construir. Cabe questionar agora, qual a especificidade da atuação das drogas nesse empreendimento. Tenhamos em mente, a esse respeito, a simultaneidade, pontuada com a ideia de mímese, com que ocorrem o contato do corpo com tais celebridades, impulsionados pelas drogas, e o contato do corpo

com as drogas elas mesmas.

Para sugerir, de maneira especulativa, uma resposta sobre a especificidade das formas estéticas engendradas pelo consumo de psicoativos, volto para a polêmica surgida no carro em relação à paixão platônica de Paula e para o argumento final dos amigos, para os quais, no limite, embora a aparência desse homem seja interessante, Paula não tinha como saber o que ele é de verdade. Em outras palavras, ele pode ser o que usualmente se chama de *fake* na mancha de lazer noturno frequentada por meus interlocutores. Essa categoria é mobilizada para caracterizar pessoas que pela aparência, pelo modo de se vestir, de cortar o cabelo, pelos hábitos que diz ter (cinema, teatro, livros), podem levar alguém a crer que ela é uma *pessoa interessante*, mas que, quando nos aproximamos, percebemos que não é nada daquilo – as vezes a percepção de que a pessoa é *fake* pode demorar meses, pode-se até namorar uma pessoa *fake*, e descobri-lo só depois de muito tempo.

Em suma, o que sugiro é que o modo como é conceitualizada a agência dessas substâncias (como ação química) bloqueia o risco da pessoa *fake*. Se formularmos positivamente, temos que a pessoa que se apresenta sob o efeito de substâncias psicoativas e consegue, nesse estado, ser bem avaliada pelos pares, tem sua performance no grupo de estilo referendada, isto é, a encenação que faz de seu estilo ganha um efeito extra de verdade, sobretudo quando está sob o efeito de “drogas de verdade”, cuja ação é considerada mais intensa, como é o caso, para o grupo investigado, do *ecstasy* e do LSD. Afinal, “se é doce, bate!”, como disse Vitor. Pupilas dilatadas, movimentos involuntários de braços, lábios e olhos, etc., ao comporem um estilo, fazem também com que sua aderência ao corpo apareça mais verdadeira aos olhos daqueles que observam tais híbridos. É esse sentido de certeza, que a ideia de química confere à ação das drogas, sobretudo àquelas consideradas mais fortes, que quero transpor para pensar a autoridade que essas substâncias conferem a tais performances. Pensando na mobilização dessas substâncias como processos técnicos, componentes de uma “técnica de si”, nos reportamos ao argumento de Gell (1992) sobre o impacto que tais processos tem sobre nós, tal qual podemos apreendê-los nas formas tomadas pelos objetos que deles resultam, no caso, o corpo *louco*, dada a atuação de drogas.

Como uma atividade técnica, a arte orienta-se para a produção das consequências que emanam (*ensue*) da produção desses objetos. O poder dos objetos de arte deriva dos processos técnicos aos quais eles dão corpo (*embody*) objetivamente: a tecnologia do encantamento se fundamenta no encantamento da tecnologia. O encantamento da tecnologia é o poder que os processos técnicos tem de lançar um feitiço sobre nós, de modo que nós passamos a ver o mundo real em uma forma encantada. Arte, como um tipo separado de atividade técnica, apenas leva mais longe, através de um tipo de involução, o encantamento que é imanente a todo tipo

de atividade técnica” (p.43-4 – tradução minha).

Como pontuado na introdução, por mais que informações sobre essas substâncias circulem pelas redes que investigo, muito sobre o seu funcionamento permanece desconhecido, o que, na visão de Gell, explica em grande medida a surpresa e o encanto que a apresentação de seus efeitos causa nas pessoas que observa um *louco*. Continuemos com este autor:

A resistência que eles [objetos de arte] oferecem, e que cria e sustenta esse desejo [de possuí-los], é a de serem possuídos num sentido intelectual mais do que em sentido material; a dificuldade que eu tenho de, mentalmente, abranger (*emcompassing*) o vir-a-ser deles como objetos, no mundo acessível a mim, por um processo técnico que, ao transcender meu entendimento, sou forçado a construir como mágico (p.49 – tradução minha).

Para ele, entretanto, a magia não deve ser entendida como uma maneira de lidar com as incertezas do empreendimento técnico. Pelo contrário, para este autor, a noção de magia é construída a partir do mesmo padrão que avalia a eficácia das técnicas e computa o valor do produto. A especificidade da magia, para este autor, é que por meio dela se concebe a possibilidade de se atingir o mesmo resultado sem a necessidade do mesmo desgaste produtivo. Nesse sentido, “[a] magia é a medida contra a qual o conceito de trabalho como custo toma forma” (p.58) e Gell conclui dizendo que “a tecnologia mágica é o lado reverso da tecnologia produtiva, e que essa tecnologia consiste na representação do domínio técnico de forma encantada” (p.59). No meu caso, friso que, ao apresentar a verdade da pessoa dessa forma mágica, o auxílio buscado às drogas mostra os esforços para conseguir estabelecer as relações mencionadas acima, com nomes da cultura de massa e contatos dos estabelecimentos de lazer que se passou a frequentar. Eclipsa, no entanto, ainda que momentaneamente, outros tipos de esforços produtivos, como aqueles que fazem em seus trabalhos, para conseguir o dinheiro necessário para consumir esses produtos e serviços; ou como aqueles esforços de outras pessoas, como os dos seus pais que, mesmo que não lhes deem dinheiro para comprar drogas, o deram para que eles pudessem seguir seus estudos e, dessa forma, garantiram a eles os meios para experimentar uma condição juvenil.

Tratarei destes esforços produtivos e do modo como a experiência com drogas também permite lançar um olhar sobre eles no próximo capítulo. Por hora, em primeiro lugar, quero frisar que esse princípio de “mais verdade”, decorrente do que se supõe e do que não se sabe a respeito da agência das drogas sobre os corpos, além de atestar o que já se sabe da pessoa que se apresentada, oferece um campo privilegiado para que essas pessoas que se

drogam juntas tenham acesso aos corpos uns dos outros – mais detalhes sobre estas pessoas. Nos limites desse capítulo que ora concluímos, esse acesso foi pontuado sobretudo na discussão entre os participantes dessa última cena, quando se esforçavam para buscar em Vitor as evidências de que, nele também, o LSD já fazia efeito. Na mesma ocasião, observei uma outra cena que exemplifica este acesso. Depois de um longo intervalo dançando, percebi alguma movimentação entre Isabel e Jorge do outro lado da pista improvisada, a uma distância de cinco metros de mim, cheguei a pensar que estivessem discutindo. Rapidamente, depois de falar alguma coisa, Isabel se posicionou na frente de Jorge, que colocou uma de suas mãos no ombro da namorada e com a outra tapou os olhos. De cabeça baixa os dois passaram em minha frente, Isabel sorridente, fita-me nos olhos e explica a situação: “tá muito louco, achando que tá na *bad*”. Saiu da pista e foi dar-lhe um banho.

Detive-me aqui em mostrar que os sujeitos atentam para os corpos uns dos outros para atestar que a *loucura* foi acessada e que, portanto, todos podem agir feito *loucos* e, dessa forma, mobilizar as convenções que comunicam a *bagaceira*. Também acessam e conhecem os corpos uns dos outros, o que permite, como visto neste último exemplo, inclusive, que um salve o outro de uma *bad*. A observação de Isabel, de que Vitor sempre acha que o psicoativo não vai agir, aponta também para outro aspecto dessa atenção aos corpos, a saber, de que por meio dela as pessoas também se diferenciam umas das outras no interior de suas redes de amizade, tendo em vista o modo como cada um reage frente as alterações instauradas pelos psicoativos.

Vistas dessa forma, enquanto tecnologia que acrescenta verdade a uma determinada performance e, de modo geral, à pessoa que a executa, as experiências com drogas se assemelham à experiência de apresentar os amigos à família, particularmente aos pais. Muitas vezes, em campo, ouvi meus colaboradores conversando sobre suas famílias e fazendo questão de expressar, a mim e aos demais presentes que porventura não soubessem, que uns haviam sido apresentados aos pais dos outros e que, muitas vezes, mantém relações com eles. Eu mesmo fui apresentado à mãe de Vitor, do mesmo jeito que ele fez questão de apresentar Paula a ela e esta, por sua vez, o apresentou a sua mãe, com quem Vitor entretém boas relações. Em poucas palavras, ver a pessoa como *louca* ou vê-la no contexto de sua relação com seus pais são formas equivalentes no que diz respeito ao acesso que dão a um conhecimento a mais sobre essa pessoa. O interesse de olhá-las de ambas as perspectivas, bem como a ideia de que assim pode se conseguir mais verdade sobre elas, é também uma

consequência de nossas práticas de conhecimento.

Para falar sobre o parentesco inglês no final do século XX, Marilyn Strathern (1992) cunha o termo “relações merográficas” para designar a forma de relacionar próprias das práticas de conhecimento euro-americanas. De acordo com tais práticas, as entidades são vistas como *sui generis* tendo em vista o domínio a que se faz referência para se dizer alguma coisa sobre ela (natureza ou cultura, indivíduo ou sociedade, família ou a rede de amigos, etc.). Ocorre que, como os domínios são incomensuráveis, olhar a partir de um deles é tomar uma perspectiva, a partir da qual só se evidencia uma parte da coisa que se tenta explicar. O efeito de complexidade que se obtém decorre do fato de que está sempre implícito que há mais a ser visto, desde que se mude a perspectiva.

Com essa consideração, voltamos à sutil desaprovação que Gil fizera da conduta de Mariana, com que iniciei esse capítulo. Em primeiro lugar, cumpre ressaltar que ele não se sentia confortável em concretizar suas observações como uma reprovação: em seus comentários ele preferiu apenas enfatizar que não queria mais confusão naquele momento, como pressentia que aconteceria caso acompanhássemos sua amiga à *D-Edge*. Em segundo lugar, essa evasiva também está ligada ao fato de que a conduta de Mariana não estava necessariamente equivocada no que diz respeito às formas de se relacionar que eles experimentavam nos bares e baladas da Augusta, mas podem ser reprovadas tendo-se em vista a idade de sua amiga, o que demandaria dela uma outra postura em relação a essas substâncias. Por fim, sua preocupação com relação a esse segundo eixo de avaliação da relação que se tem com os psicoativos ganha em dramaticidade quando o pensamos pelo viés do “efeito de verdade” que aqui tentei assinalar. Quando questiono se ele considera que a agressividade de Mariana é em decorrência do pó, ele titubeia: “Ela é assim mesmo... se bem que já nem sei mais...”. Assim, a mesma confusão que, tendo em vista o estilo, é celebrada por meus interlocutores, também torna especialmente problemático quando pensamos que esse efeito pode fazer com que seja impossível que vejamos só a pessoa, ou seja, a pessoa passa a ser vista sempre, em todas as situações, como híbrido, o que, a depender da substância escolhida para se ter uma relação desse tipo, pode ter consequências desastrosas. Acredito que nesse eixo da discussão, o acesso que por meio dessas práticas os amigos têm aos corpos uns dos outros dá vazão a reflexões de cunho mais normativos. Pretendo desenvolver essas ideias a partir do próximo capítulo.

Capítulo 2: Estragando o corpo, corrigindo relações

Dever-se-iam costurar todas as mulheres, um mundo sem
mães. Nós poderíamos nos chacinar em paz, e com alguma
confiança, quando a vida se torna longa demais para nós ou
a garganta estreita demais para os nossos gritos.
Trecho da Peça *Hamlet-Máquina*, de Heiner Muller.

Neste capítulo introduzo a noção *estragar-se*, que também é utilizada para remeter às experiências que se tem com drogas. A noção pode ser empregada para se remeter a um evento pontual, uma noite ou uma viagem por exemplo, e nesse sentido não é muito diferente de *enlouquecer*: ela transmite a ideia de que se viveu uma experiência corporal intensa, apenas enfatiza os efeitos desagradáveis das substâncias utilizadas na promoção dessa experiência. Pode-se pensar que as evidências de que se passou por uma *loucura* perduram nos sinais que no dia seguinte são descritos em termos de *estragação*.

Essa lógica pode ser utilizada para formular os impactos a longo prazo de uma vida *louca*. No entanto, quando o termo *estragar-se* aparece nas histórias que consideram uma longa duração (anos de uma carreira) ele pontua, sobretudo, o desconforto e o descontrole que a experiência com drogas acarreta. Em geral, esses relatos são aquelas em que a relação com determinada substância está associada a momentos de infortúnio, dos quais, muitas vezes, ela figura como principal causadora. Nesse sentido, há uma tensão entre *loucura* e *estragação*. Em grande medida, a tensão reflete aquela existente entre os pares bem-estar e prazer e sofrimento e dor. Cláudio foi bem claro a esse respeito em nosso primeiro contato, ainda por meio de redes sociais:

Eduardo, ando meio DROGADO e não é mais por prazer, difícil me ver sem saber disso hoje em dia, tenho medo de te desiludir... ou SIMPLEMENTE TENHO VERGONHA DE TER DEIXADO AQUELE CLÁUDIO QUE VOCÊ CONHECEU MORRER... Enfim, é isso! Só pra constar! estarei sempre aberto pra conversar ou tomar aquela breja... mas já deixo claro isso tudo aqui pra você já ir se preparando!

Como foi visto no registro da *loucura*, o conhecimento que se tem sobre as especificidades do comportamento de cada indivíduo em relação às drogas é evidência do conhecimento que se tem sobre ele, de modo que ver sua pessoa *louca*, é ver e conhecer mais sobre ele – pontuei que o mesmo acontece quando se conhece a família desta pessoa. As

diferenças que são constatadas no que diz respeito à *estragação*, por sua vez, como mostra a fala acima, podem acarretar cisões entre os membros das redes investigadas.

Nesse sentido, penso que discursos relacionados às drogas são responsáveis pela cristalização de certas práticas e subjetividades em identidade definidas, pelo menos em termos de sua *performance*: o *louco* ou a *louca*, a *bicha louca*, o/a *bagaceira*. No entanto, como todo campo discursivo é um campo de contestação, práticas que contestam valores estabelecidos ocorrem no mesmo campo aberto pelas práticas contestadas e carregam em si a possibilidade de gerar outras normatizações (Brah, 2006)²⁵. No caso desta pesquisa, como mostrarei, os diferentes usos de psicoativos, bem como as discussões acerca de tais diferenças, divide os membros dessas redes de amigos entre *loucos* que *tem cabeça* daqueles que não *a tem*. Do mesmo modo que delimita dois períodos das trajetórias dessas pessoas: um primeiro em que não a tinham e o atual em que elas dizem que a têm. Consequentemente, tanto o sucesso quanto o fracasso nesse processo possibilitam a articulação de marcadores a partir dos quais certas posições de sujeito são assumidas no curso das interações cotidianas, o alerta que Cláudio me deu sobre sua condição de drogado é exemplar a esse respeito.

Essas questões estão afinadas com o debate na literatura sobre consumo de drogas referente ao que se chama de “uso controlado”, o que é atingido mediante “rituais de consumo” e “sanções sociais”, que Norman Zimberg (1984) descreve como sendo, respectivamente, formas estilizadas de se consumir alguma substância e o impacto de pessoas relevantes sobre o indivíduo para fazer-lhe controlar seus hábitos de consumo. Partindo deste modelo, o psicólogo também holandês Jean Paul Grund (1993) acrescenta que para que tais fatores socioculturais possam ser desenvolvidos, uma terceira variável deve ser considerada, a saber, a disponibilidade da substância. Além disso, ao invés de sanções sociais ele utiliza o termo “estrutura de vida” para se referir aos laços sociais e também projetos de vida dos usuários.

Por um lado, meus dados confirmam essas hipóteses, já que meus interlocutores de fato seguem rotinas com relação ao consumo de psicoativos; e, aqueles que decidiram interromper ou diminuir o uso de algum psicoativo, em geral, o fizeram em virtude da importância de pessoas amadas ou de projetos de vida. Por outro lado, é preciso ter cuidado

25 Avtar Brah (2006), refletindo sobre os riscos das lutas políticas baseadas em noções puristas de identidade, defende, em contrapartida, uma abordagem analítica para lidar com a diferença que considere seu caráter contingente e situacional, tendo em vista a articulação de diferentes marcadores neste processo. Com seu referencial analítico, ela pontua quatro dimensões segundo as quais perseguir os processos de diferenciação em contextos socioculturais específicos, são eles: 1. diferença como experiência; 2. como relação social; 3. como subjetividade e 4. como identidade.

com a utilização destes termos, dado sua origem em apropriações de conceitos antropológicos em debates do campo da saúde.

Nesse sentido, o inconveniente com a relação intrínseca entre ritual e controle implícita na apropriação desses autores é que ela não problematiza o pressuposto de que o que se produz mediante o consumo de drogas, em termos culturais, tem a ver necessariamente com o prazer que elas *oferecem* e não com o sofrimento que elas *acarretam*²⁶. Dito de outra maneira, parece que os psicoativos só compõem fenômenos culturais na medida que sua mobilização ocorra de acordo com intenções humanas claras. Como tentarei mostrar com os exemplos desse capítulo, eventos que são narrados no registro do sofrimento (*bads*, *estragação*, “vício”, crises) e do descontrole também seguem roteiros, ações mais ou menos estilizadas, do mesmo modo que são narrados de acordo com certos parâmetros que, em parte, também decorrem do contato com histórias que se ouve ou se observa de perto, a exemplo da cadeia mimética que, segundo Becker (1973), marca o aprendizado do consumidor de psicoativos. A esse respeito, a hipótese com que trabalho é de que esses eventos ou períodos de aparente “descontrole” oferecem ao consumidor outras perspectivas para se olhar para certas relações e para o modo como se é moldado por elas.

Na próxima sessão, apresento duas conversas que pude acompanhar e mostro que a idade aparece como principal justificativa para as mudanças de hábitos, mais especificamente, mostra-se que nessas conversas discute-se a transição para a vida adulta e o modo como ela demanda outras formas de se relacionar com o corpo, com as pessoas e com as coisas (sobretudo, drogas). Na análise, argumenta-se que essas problematizações são marcadas também pela posição de classe dessas pessoas, bem como pelo tipo de relação que entretém com pais e mães. Na sequência, apresento as trajetórias de Ângelo e de Mariana com as quais pretendo aprofundar a discussão acerca do papel do corpo na elaboração dessas problematizações.

26 Becker (1973) justifica a seleção da maconha para realizar o seu estudo sobre drogas pois, segundo ele, somente ela pode ser consumida por prazer, dado que é uma substância que não provoca dependência. Gomart (2002) critica essa posição, pois, pressupõe que as propriedades de um dado objeto natural são sempre constantes sem maiores problematizações, independente dos sentidos e agências que ele recebe em uma rede de atores humanos e não-humanos.

Ter cabeça

Começo com uma reunião para qual fui chamado por Gil, logo após nossa primeira entrevista. Na ocasião ele tomaria um LSD com duas amigas, Ilana e Rafaela, e um amigo, Pedro, em seu apartamento no centro da cidade. Pedro estava fora de São Paulo há pouco mais de dois meses, veio passar o final de semana na casa do amigo e trouxe dois *doces* que ele havia conseguido em Campinas com outros amigos – disse-nos que o produto vinha de Ibiza.

Depois de algum tempo, o doce já havia sido ingerido e alguns já se diziam “loucos”, embora não houvesse nada do comportamento inicial dos integrantes do evento que presenciei no sítio. Ilana sugeriu que fôssemos para uma balada, o que foi recebido com surpresa pelos demais. Ilana, então, começou a rir e explicitou o tom jocoso de sua proposta: “eu sei gente, a fase de se estragar já passou”. Mais risos. Rafaela completou: “nossa, e olha que a gente se estragava, hein?” Perguntei o que elas queriam dizer com aquilo, por que *se estragavam*. Rafaela respondeu: “ah, dois, três dias viradas, tomando bala, cheirando... tomando o que tivesse, né?”. Pedro complementa: “encontra um amigo aqui, vai prum boteco, depois uma buatchy, o lugar fica sem graça, você vai pra outro, vai pra casa de alguém, cheira mais, bebe mais... quando vê já tá acabando o domingo e você tem que acordar pra tramar”. Gil acrescenta: “isso quando a gente não fazia essas loucuras no meio da semana mesmo e trabalhava virado”. Ilana pondera: “se bem que a gente ainda faz umas loucuras dessas...”. “ah, mas hoje quando acontece é diferente, hoje a gente tem cabeça”, Pedro conclui.

Após a colocação de Ilana, Gil trouxe para a discussão o caso de Mariana. Narrou o que acontecera com ela na *D-Edge* na noite anterior. Ela havia chegado na boate já bem tarde, mais de duas horas da manhã, depois de ter bebido e cheirado no *Ecléticos*. Na *D-Edge*, continuou cheirando e, como já estava “bem louca”, agiu como se fosse “rica”: bebeu sem prestar atenção na comanda. A confusão começou antes mesmo de chegar no caixa, pois ela se incomodou com a lentidão da fila, o que a fez trocar grosserias com um dos seguranças do lugar. Quando ouviu o valor que teria que pagar, ficou realmente irritada, discutiu e, no calor da briga, chegou a quebrar alguns objetos do estabelecimento. “Ela não tinha dinheiro para pagar?”, alguém pergunta. “Nada... é louca mesmo, a gente tem uma amiga que trabalha no bar – amiga dela, inclusive – era só pedir que ela liberava cerveja, até *drinks*. Falta de noção dela”. Pedro comenta que ela fica louca demais quando está cheirada e Gil continua: “Não sei se é por causa disso – ela é assim mesmo, mas isso [a cocaína] intensifica, né?”. “Olha todo

mundo que entra no pó nunca dá boa coisa, já vi muita gente se foder feio, eu mesmo, só não me fodi porque fiquei esperto logo”, Pedro completa.

Ele revela que foi exatamente esse o motivo que o fizera se afastar de Mariana e, poucos meses depois, o fez desistir de permanecer em São Paulo, já que não conseguia resistir aos atrativos da noite e, o que está implícito nessas práticas, o consumo que ele considera exagerado de cocaína e álcool. Em entrevista que ocorreu quando ele ainda morava na capital, Pedro já havia me contado de seus planos de voltar para a casa dos pais:

P– Ah, meu... Tá foda! Eu fui mandado embora, né? Dae o seguro-desemprego tá chegando no fim... ou arrumo um emprego logo ou a coisa vai ficar preta... to procurando, mas não to com muito empenho também, to cansado de ficar me fodendo por aqui, putz, odeio trabalhar! E eu to pensando também: adianta o que arrumar um emprego aqui? Beleza, eu to me virando, mas o que eu tenho mesmo? Digo: o que eu consegui comprar? A minha ideia era vir pra São Paulo pra tramar... Porque aqui tem mais oportunidade, dá pra ganhar mais. Mas o principal, quando cheguei aqui, logo que arrumei trampo, eu só queria saber de noite, de diversão... E não adianta, eu não me seguro... Tinha noite que eu falava: “hoje eu não vou sair”, porque eu não quero cheirar e gastar dinheiro... baixo um filme, arrumo um fino e sento ali, [que nem uma] princesa, branca de neve – aloca! [risos] É só alguém ligar: “oh to com vip não-sei-aonde”... “to com um padê da hora”. Pronto! Eu largo tudo e vou atrás... Enfim, eu já to com quase trinta, né? E eu não tenho um carro, uma casa... não dá pra ficar aqui se acabando em balada... o tempo tá passando...

E – E lá em Ribeirão você acha que se controla melhor?

P – Ah, lá tem meus pais, isso já ajuda. E lá não tem pó que nem tem aqui, quer dizer, se ir atrás acha, mas não é que nem na Augusta, que é só dobrar a esquina tem alguém vendendo, saca? Até no *Bar X* eu já comprei [risos], passei no cartão ainda, achei tudo – aloka!

Já na casa de Ilana, Pedro diz ter diminuído bastante o consumo de *pó* desde que chegou em Ribeirão. Logo que chegou na cidade ainda cheirou algumas vezes, mas depois de conhecer Valter, um rapaz um pouco mais jovem, com quem iniciava um relacionamento, ele não cheirou mais. Pedro disse para todos naquela noite: “Eu bebo pra caralho ainda, e não vivo sem a *Irene* [maconha], você sabe como é, né? Com a *Irene* é amor mesmo... Agora, o padê... isso não é coisa pra mim – nojeira! To muito bem sem!”

Gil então fala de sua própria experiência, desenvolvendo o aspecto financeiro da questão que era trazido por Pedro. Como o amigo já havia feito, Gil também cogitava passar um tempo na casa de sua mãe, também no interior do Estado. Ele estava insatisfeito com seu emprego atual, onde ele achava que ganhava pouco. A insatisfação e o cansaço resultantes das horas trabalhadas na semana, segundo ele, o faziam se “embocetar” cada vez mais em “buatchy”. Resulta desse padrão de consumo que boa parte de sua renda acaba sendo revertida para pagar as taxas de consumação nas casas noturnas e as drogas que lá dentro consome (em seu caso, muito álcool e, eventualmente, *ecstasy*) – um gasto que pode

ultrapassar os R\$ 300, nos finais de semana mais animados. Em poucas palavras, embora ele também já tenha passado pela fase de *estragação*, nesse momento da conversa, por circunstâncias específicas, ele revela, com um sorriso no canto da boca, que está mais uma vez sendo irresponsável: por duas ou três semanas seguidas ele foi em uma festa que acontece na madrugada de quarta para quinta-feira, em clube caro do centro da cidade. Após a terceira falta consecutiva, ele foi demitido.

Anteriormente, Gil havia me dito que sua fase mais *louca* ocorrera entre 17 e 25 anos. Tendo sido por volta dessa idade que passou a “ter cabeça”. Esse é o trecho da conversa:

Não é que me arrependa, foi um tempo muito bom, aprendi muita coisa... morando sozinho, conheci muita gente. Hoje eu quero uma vida mais organizada, não aguento mais... acordar com a boca suja, seca...o rosto grudando de sujeira... sabe, aquela camada grossa de fumaça, suor e eu tenho a pele oleosa ainda, menino... não sei como eu não virei um pepino... tudo doendo, a cabeça zonzá. E trabalhar sequelado? tinha vez que nem dava pra dormir, ficava fritando a noite toda, ia trabalhar meio louco ainda, estômago zoadó. Eu ainda saio, mas não rola mais ficar rodando louco pela noite, dando bafão (risos), pelo menos não do jeito que era (...). A minha sorte é que eu nunca me envolvi com pó... todo mundo que eu conheço que mexeu com pó se estragou mesmo.

Pedro, por sua vez, diz se arrepender de algumas condutas com relação à cocaína, que ele também comentou nesta noite. O assunto decorria de um caso que alguém contara, de uma mulher que havia conhecido um modelo em um projeto em que trabalhava e os levou para uma festa em sua casa. Na ocasião, e esse era o caso, depois de muitas bebidas, conversas, danças e outras drogas, quase todo mundo que permaneceu no apartamento pegou no sono e o tal modelo aproveitou para roubar dinheiro e objetos da dona do apartamento e também de seus convidados. Pedro, então, se manifesta: “Com pó já fiz isso várias vezes, de encontrar gente n'*Aloca* e levar pra casa, gente que eu nunca tinha visto, e levar pra dentro do meu quarto pra cheirar... com tudo meu lá, cara! Computador, roupa, dinheiro... Nojeira!”

Simultaneamente, enquanto comentavam sobre como *se estragavam*, se preocupavam também com o fato de que o *doce* parecia não bater em Gil. Pedro também dizia que sentia poucas alterações, só um calor no tórax. As meninas, por outro lado, pareciam mais *loucas*, andavam mais, diziam várias vezes que se sentiam muito bem. Como estão as pupilas de Gil? As mãos dele suam? Ele sente algum calor? Calafrios? Aproveitam e falam também do que se passa nos outros corpos, por meio do que os donos destes atestam que a droga está *batendo*. eles concluem que é um problema com o Gil: ele segura a brisa? Ou ele é apenas desatento? É possível também que haja um problema com Mariana, aquela que, diferente deles, não consegue ou não quer se afastar de drogas e demais hábitos que, obviamente, estão

estragando a vida dela. Como lembrou Pedro, talvez o problema com ela não seja exatamente a cocaína ou o álcool, mas o fato de que ela não consegue gostar de maconha, como ele, Gil e Ilana, que concentram as experiências de *loucura* no consumo da erva. “Essa que é a boa! Só me ajuda: o meu dia é um porre no trabalho, aí chego em casa e tenho que decorar todas essa chatice para o concurso... Então eu chego, acendo uma vela e, pronto, leio tudo que preciso”, comenta Ilana. Gil, por fim, cogita que o problema dele é não gostar de trabalhar, “isso sim me preocupa... será que eu nunca vou trabalhar de boa... não consigo ficar um ano inteiro no mesmo lugar, nunca vou tirar férias!”.

Essa preocupação com o abuso nas experiências com drogas e, consequentemente, as estratégias para ser mais comedido no consumo delas, como mencionado, aparece em muitas etnografias, que também apontam para o modo como o avanço na idade implica em mudanças de padrões de consumo. Em relação ao uso de maconha, Júlio Simões & Edward Macrae (2000), por exemplo, mostraram a importâncias dos “grupos de iniciação” para a elaboração de rituais de consumo por meio dos quais se consegue, coletivamente, minorar as consequências desagradáveis do consumo e os riscos que se corre dada a proibição de tais práticas. Na sequência, mostram que, com o passar do tempo, os usuários passam cada vez mais a atestar o caráter inofensivo da erva tendo em vista suas experiências pessoais; também dizem ser mais individualizadas as opções quanto aos momentos adequados de se consumir, bem como das melhores técnicas para efetivar o consumo.

Velho também assinalou uma mudança de conduta semelhante entre os “nobres”, os quais tinham pouco mais de trinta anos. Em um primeiro momento, os psicoativos são vistos como um dos meios de se atingir a “mudança”, a qual levaria o indivíduo para um outro patamar de existência, destacando-o das relações de parentesco e dos valores retrógrados que as caracterizam, bem como dos interesses mesquinhos e autoritários que, segundo viam, animavam tanto os militares quanto seus opositores do “partidão”. Na sequência, como consequência mesmo da “mudança” que se desejava obter, os “nobres” passaram a entreter melhores relações com seus pais e a privilegiar a ascendência aristocrática como marcador de diferença, de modo que as substâncias passam a ser mobilizadas sobretudo como signos de distinção, tal qual o gosto por restaurantes caros e viagens ao exterior. Ao mesmo tempo, Velho registra que posturas cuidadosas com relação a esses produtos são justificadas mediante menção ao “medo do *emburacamento*”, o qual se refere, para Velho, ao medo que os nobres sentiam de perder os meios para manter seu padrão de consumo elitizado, em que se incluía

também o medo do Estado repressivo da época.

Tal qual acontece no exemplo dos “nobres”, nos casos que são analisados nessa pesquisa, embora o elemento que dispara a necessidade de mudança de conduta seja a idade, fica evidente também que há uma forte interferência da classe. Os “nobres” eram procedentes de famílias tradicionais cujos pais ou pertenciam à elite econômica do país ou, pelo menos, trabalhavam para ela com cargos e salários que os permitiam circular em seu meio, os “bagaceiras” que apresento pertencem a um estrato de classe média bem menos influente e com menos dinheiro – embora eventualmente também circulem entre pessoas *ricas*. A maioria estudou em escolas privadas ao longo de quase toda a vida, além de terem frequentado cursos de inglês, música, teatro, esporte, etc.; muitos também tiveram o curso superior pagos pelos pais. Embora a maioria não tenha passado por dificuldades financeiras, quase nenhum deles pôde contar com auxílio sistemático dos pais para bancar também as drogas e as baladas, além de viagens, outros cursos de formação complementar, academia, etc. – como sabem que acontece com pessoas *ricas*²⁷. Grosso modo, uma pessoa *rica* nesse contexto pode ser descrita como aquela que, além de serviços de educação, recebe dos pais também dinheiro para a balada e para as drogas.

Mesmo que, em geral, as drogas com que vêm se estragando foram e são compradas com o dinheiro ganho com o próprio trabalho, o investimento nas drogas e demais produtos e serviços a elas associados, implica não poder investir em carro ou em casa, como mencionou Pedro – um problema que as *ricas* não têm e os “nobres” descritos por Velho não tinham. Certamente, tais bens proporcionariam maior conforto a Pedro, mas poderiam funcionar também como índices dos investimento que seus pais fizeram em seus estudos de uma maneira que receber estranhos em casa para cheirar cocaína não pode, ainda que, do ponto de vista de Pedro, ambos possam ser indícios de distinção. Isso deve ficar mais claro com a próxima conversa que apresento.

Por hora, vale uma observação sobre algumas das categorias que apareceram nessa conversa, a saber, *aguentar* e *estragar-se*. Como se vê, ambas fazem uso de uma representação fisiológica do impacto das drogas sobre o corpo, não só pelos efeitos farmacológicos que desencadeiam no organismo, mas também devido aos comportamentos

27 O termo *rica(o)*, normalmente no feminino, é bastante utilizado por meus interlocutores e nos limites da “mancha” e dos “circuitos” que frequentam. Em uma acepção mais restrita, se refere às *bichas ricas*, usualmente frequentadoras dos Jardins e, muitas vezes, residentes neste bairro. De modo mais geral, pode se aplicar a qualquer pessoa que demonstra ter uma renda elevada, chama-se atenção, no entanto, que tal marcação é feita mais normalmente tendo em vista os hábitos de consumo que as pessoas mantêm e ostentam perante os amigos.

que elas incitam: passar noites sem dormir, alimentar-se inadequadamente, não atender aos cuidados de higiene, etc. Diferente de *estragar-se*, de que falei no início do capítulo, que pontua a ação do sujeito sobre o seu corpo (que o *estraga*), *aguentar* frisa as limitações impostas pelo corpo às experimentações com psicoativos empreendidas pelo sujeito. Em ambos os casos, contudo, como argumentarei ao longo do capítulo, penso nelas como categorias morais que, mais do que (ou além de) constatarem um envelhecimento natural dos corpos ou os efeitos degradantes de certas substâncias sobre eles, utilizam-se desses elementos fisiológicos como metáforas. Dessa forma, acredito que por meio dessas categorias e das metáforas que elas mobilizam, meus colaboradores exploram, avaliam e problematizam suas posições em relação às normas que regulam seus corpos, particularmente, com referência a suas idades.

Acrescenta-se a esse respeito, o tom jocoso com que, muitas vezes, são proferidas as constatações de que o corpo não aguenta mais. No caso da cena acima, Ilana fazia tais observações enquanto se movia freneticamente pelo apartamento, recebendo os convidados, servindo cerveja e maconha e contando suas aventuras sexuais daquelas últimas semanas, muitas das quais foram estimuladas também pelo emprego de psicoativos. As afirmações de que “não se aguenta mais”, de que “a idade está chegando” ou de que “estamos virando tios e tias”, soa muito mais como um lembrete constante que fazem uns aos outros e a si mesmos do que uma impossibilidade concreta do organismo. O tom jocoso, por sua vez, parece-me, explora mesmo esse contraste entre o corpo que envelhece, porém permanece juvenil, seja pela estética com que se apresenta, seja pelos hábitos que desenvolve. De outra maneira, para aqueles que tiveram períodos de suas carreiras em que algum psicoativo é visto claramente criando ou incrementando sofrimento, eu sugiro, *não aguentar mais* denota também, além de uma constatação ou uma brincadeira, uma esperança ou um alívio. Sigamos para a próxima cena.

Este encontro ocorreu no apartamento de Sabrina, na zona sul da capital. Eu havia dormido ali, atendendo a um convite de Laura que conseguira reunir Sabrina e Sérgio. Ela estava acompanhada também por seu namorado, Luiz – o relacionamento entre os dois era ainda recente e ele começava a ser conhecido pelos demais. Compraram cervejas e havia uma grande quantidade de maconha, já que, com exceção de Luiz, os outros três tinham cada um uma paranga (de mais ou menos 20g cada). O caso que me interessa neste momento foi

trazido por Flávia, amiga das duas mulheres, que apareceu no dia seguinte para uma visita.

Ela havia visto que Laura estava ali por um aplicativo do *Iphone*, tinham acabado de voltar de uma viagem; naquele dia, almoçaram com a mãe de uma delas e, ao ver que Laura estava próxima de sua casa, tiveram a ideia de dar uma esticada e aproveitar o resto do sábado. Elas trouxeram uma garrafa de vinho, que foi aberta logo após os cumprimentos. Rapidamente também Flávia perguntou aos presentes se alguém tinha um *fino*. Laura se prontificou, apanhou sua paranga e iniciou os trabalhos.

O cigarro de maconha fica pronto. Laura fuma e passa para Flávia que, depois de duas tragadas, tosse bastante e diz já estar louca: “Caramba! É forte! Ou será que a gente que ficou mole, hein, Preta?”, ponderou, se dirigindo à Amanda, que consentiu com um sorriso. Laura também comentou que fumava menos, que havia parado depois que voltara da Europa, por conta da crise de ansiedade que teve por lá, história que todos os presentes conheciam: “Muito estranho, né? Você estava tão bem quando embarcou”; “Tinha se formado.”; “Estava começando uma viagem incrível!”, comentam. “É, muito estranho, eu também não sei porque aconteceu”, Laura finaliza.

Laura já havia me falado dessa crise, a qual a fez parar de usar qualquer tipo de droga, inclusive maconha. Ela sempre foi muito preocupada com os malefícios desses produtos. Antes do ocorrido na Europa, ela já tinha experimentado outras *bads*, nas quais as temáticas da doença e da morte, das responsabilidades com a família e das dificuldades que ainda teria para ser independente financeiramente já tinham aparecido. A especificidade da *bad* ocorrida na Europa foi que ela durou por dias e não foi provocada por nenhuma droga específica, embora ela acredite que, nos dias que a ansiedade começou, o consumo de maconha piorou a situação e foi causador dos primeiros ataques de pânico, o que a fez procurar um especialista e iniciar um tratamento com remédios controlados.

L – Ansiolítico é vida! Eu acordava no meio da noite, coração acelerado, sem conseguir respirar [imita a situação, como se fosse asmática]. Acordava, pegava o comprimido e pronto [imita a situação de alívio], voltava a dormir como um anjinho.

E – Mas ansiedade de que? Por que te deu essa ansiedade, você sabe dizer?

L – Putz, não sei, não sabia, era ansiedade de tudo, tudo, uma coisa muito louca, meu coração disparava, eu não conseguia respirar – uma angústia sem tamanho... É uma sensação horrível!

E – Ainda bem que você não viciou... digo, no remédio... tem gente que não consegue largar...

L – Ah, sim! Quando voltei pro Brasil até marquei uma consulta [com um psiquiatra], mas nem fui, achei que não precisava, não tomei nem a cartela inteira, logo que melhorei eu já larguei. Eu acho que a gente tem que ter força pra superar essas coisas sozinho, sabe? Não dá pra depender de remédio pra enfrentar, a força tem que ser sua.

A viagem havia sido um presente de seus pais por sua formatura: ela recebeu deles as passagens para visitar sua prima em Londres, mais algum dinheiro para se manter na cidade e viajar pelo continente, o suficiente para passar com conforto três meses por lá, tendo em vista que ela não gastaria com hospedagem. Quando voltou da Europa, ela havia decidido não consumir mais nenhuma substância psicoativa, em suas palavras: “Não quero mais transcender, não posso”. Depois que passou o susto, aos poucos ela voltou a fumar maconha com os amigos e hoje em dia, eventualmente ela fuma sozinha em seu quarto.

“Eu estava bem, saí daqui superfeliz – estava fazendo a viagem que eu sonhava há anos! Não sei o que aconteceu...”, Laura disse naquele dia no quarto da prima. A viagem começou conturbada. Por conta de um problema com os documentação necessária para entrar no país, Laura ficou quase 20 horas no aeroporto, em uma sala fria e desconfortável. Depois disso, nas primeiras duas semanas de viagem, Laura passava a maior parte do tempo sozinha no apartamento alugado pela prima. Primeiro, Sabrina não tinha saído de férias ainda; segundo, era inverno e Laura não tinha outros amigos na cidade, por isso não tinha estímulo para passear. Consequentemente, como ficava muito em casa, Laura fumava muito haxixe, com o que ela não estava muito acostumada, diferente de Sabrina que sempre o tinha consigo no período em que esteve na Europa²⁸. Tudo isso foi citado por minha interlocutora como motivos pelos quais ela entrou em uma crise de ansiedade que começou a dar sinais já na segunda semana que estava longe de casa.

Ela se lembrou de uma dessas crises de pânico. Ela se animou para dar uma volta em um museu à tarde, mas se perdeu no Metrô da cidade e não entendia as informações que lhe davam, por conta da língua que não dominava. Em suas palavras:

O metro de Londres é muito complicado, um dia você vai conhecer, aí você vai ver. Essa tarde que eu resolvi ir ao museu, tinha que ir pro outro lado da cidade, e tinha várias opções, cada uma com baldeação em uma estação específica... Bem, eu não sei onde, mas peguei uma linha errada e caí no outro lado da cidade, nem sabia onde estava. Aí fui tentando me orientar pelas placas, mas não entendia direito, os mapas eram cabulosos... tentei falar com as pessoas, pedir informação, mas não entendia o inglês deles, tinha muita dificuldade... Fui ficando confusa, me deu uma tontura, não sei se a pressão caiu... aí começou a me dar um medo, uma sensação horrível de insegurança, ficava na minha cabeça: “vai acontecer alguma coisa”, “alguém vai te fazer alguma coisa”. Ficava pensando que alguém me pegaria... mas eu via mesmo, não era só pensamento, quer dizer, era a *nóia*, mas pra mim eu via mesmo. Eu via as pessoas conversando e era sobre mim, estavam tramando pra fazer alguma coisa comigo, eu via – isso é muito louco, foi muito louco, cara! Então, fiquei noindo, muita ansiedade, até perdia o ar. Até que eu vi um telefone público e pensei em ligar

28 Sabrina e outros conhecidos que já viveram na Europa comentam que na maior parte dos países, a oferta de maconha é praticamente inexistente – raramente consegue-se um ou dois *baseados* com alguém que trouxe consigo da Holanda, Sabrina me disse. O que é possível comprar do tráfico local é o haxixe, que normalmente é fumado com tabaco.

pra Sabrina, mas foi um sufoco, demorei horrores até lembrar o número, pra me concentrar mesmo pra ligar, mas consegui, falei com ela onde estava e que ficaria ali, perto do telefone, na estação X. E eu fiquei ali até ela chegar, fechei o olho e ficava pensando, falando comigo mesmo, que iria passar, que tinha que me acalmar... Quando a Sabrina chegou eu já estava mais de boa, mas não queria voltar pro metrô, a Sabrina teve que me convencer

Na mesma conversa Laura citou algumas questões que a atormentavam nesse período.

A fala a seguir sintetiza essas preocupações, que já haviam aparecido em *bads* anteriores:

Primeiro, eu comecei a me sentir muito mal, podre mesmo, sem caráter, isso eu fritando no apê, né? Tipo, quatro da tarde, já tá de noite, eu acordava onze, meio dia... quer dizer, vivia na noite, deprê total... Enfim, eu ficava fritando o dia todo, pensando só merda, só desgraça. Tipo: eu estava desempregada, tinha me formado em uma profissão que é super mal paga, as fisioterapeutas vão de ônibus pro trabalho, não tem dinheiro nem pra pagar aluguel, quanto mais pra ter uma casa própria e eu estava lá, na Europa, tipo: “meu, o que você tá fazendo aqui? Por que você não está trabalhando?”. Aí fritava, fritava, fritava, mexia na internet; procurava emprego, concurso, aí você vê o salário e pensa: “Porra! Como que eu vou passar a vida ganhando isso?”. Meu, eu fiquei muito louca! Você não tem noção. Eu tinha uma neura com morte também, isso eu já tinha tido outras vezes, era uma coisa muito constante, essa coisa com morte. Eu via muito que eu ia morrer, que eu ia ficar doente, que ia definhando, me cagar toda, que iam ter que cuidar de mim, mas não é só ver... é uma coisa de sentir também. Eu sentia que estava doente, que tinha alguma coisa com a minha pele, com o meu sangue, meu coração... não sei dizer, eu sentia, várias vezes tive *bad* desse tipo. As vezes eu via meu pai adoecendo, pensava nisso, via que eu ia ter que cuidar deles... enfim, umas coisas horríveis que eu pensava, várias vezes... eu ficava paralisada, pensando nessas coisas, eu sentia como se fosse verdade mesmo. Isso me tira o ar, sempre! Por que o meu irmão, não sei se posso contar com ele pra algo desse tipo, muito pelo contrário, acho que é bem capaz que eu tenha que cuidar dele também, se ele não casar. Quer dizer, esse tipo de coisa sempre me pegou em *bad*. E nessa crise que eu tive em Londres, nossa, isso veio com tudo, de um jeito que só o ansiolítico resolveu.

Ela cogitou iniciar um segundo curso superior, mudar de área, para que pudesse fazer algo em que ganhasse melhor ou em que pudesse utilizar mais a sua criatividade. Mais controlada, por conta do remédio, ela passou algumas tardes em Londres pesquisando carreiras e cursos em sites de faculdades de São Paulo, prestava atenção nos preços e planejava o que faria para conseguir pagar esse segundo curso, já que dessa vez não poderia contar com a ajuda dos pais. Seu humor começou a mudar quando seu irmão chegou em Londres e a partir daí ficou mais tranquila e passou a aproveitar a viagem. Quando voltou ao Brasil, ela rapidamente conseguiu um emprego em sua área e essas ideias logo saíram de sua cabeça. Como ela me disse: “Não vale a pena fazer outro curso, quer dizer, não tem pra que: se você quiser mudar, dá um outro direcionamento na pós, em uma especialização”.

A menção ao evento pelo qual Laura passara fez com que Flávia se lembrasse do caso de um amigo, Tiago, conhecido também de Laura e Sabrina. De acordo com Flávia, ele passava por um tratamento psiquiátrico para deixar de consumir cocaína e outros hábitos que

vinha desenvolvendo.

Os gastos não se restringiam aos psicoativos e às entradas de baladas – os quais muitas vezes Tiago bancava também para os amigos que o acompanhavam – ele também estava comprando roupas, joias, aparelhos eletrônicos, perfumes, viagens, etc. A intervenção da família foi disparada quando descobriram que Tiago devia mais de cem mil reais a instituições financeiras: com o dinheiro ele comprara dois carros, um dos quais havia sido dado como presente. “Deu pra algum algum bofe?”, Laura pergunta; Flávia responde que não sabia, mas que era possível: “Não faz o estilo dele bancar bofe, né? Mas se a pessoa tá surtada... pode tá até pegando garoto de programa” – dá risada, mas reitera que a mãe do amigo não havia entrado em detalhes, que não sabia para quem iam os presentes. Continua acrescentando a informação de que o amigo estava cheirando demais, o que ajudava a explicar o seu comportamento descontrolado. Flávia diz algo assim:

Ele estava cheirando muito! Isso já fazia tempo, a mãe dele pegou o saquinho na roupa dele agora, mas já fazia pelo menos um ano que ele tava cheirando pra caralho. Teve uma vez que encontrei com ele num barzinho na Vila [Madalena] e ele ia de quinze em quinze minutos pro banheiro. Uma hora eu virei pra ele e disse: 'Vai devagar, Tiago. Bebe outra breja primeiro, dá mais um tempo, você já está se mordendo todo, tá dando pala.

“O Tiago é tudo muito... muita vodka, muita maconha, desde aquela época que saíamos juntos, ele já cheirava pra caralho!”, Laura intervém. “Ah, mas naquela época ele não trabalhava ainda. Agora o dinheiro é dele, isso muda tudo, por mais que ele nunca teve problema com dinheiro, agora ninguém pode falar nada”, Flávia responde e continua dizendo que Tiago tem um salário elevado e facilidade para contrair empréstimos, pois é funcionário público em um órgão importante (e rico). Flávia então finaliza a história dizendo que agora, como consequência do diagnóstico do psiquiatra, ele se afastou do trabalho e seus pais controlam a quantia de dinheiro com que ele sai de casa – ele não tem mais acesso a cartões e, no começo do tratamento podia sair com apenas R\$10, Flávia nos explica.

Nem o problema de Laura, nem o de Tiago estão ligadas a falta de dinheiro, causada ou não pelo excesso de drogas, como é o caso, por exemplo, de Pedro e de Gil, que viam suas vidas estagnadas (e também de Ângelo, de quem falarei a seguir). Principalmente no caso de Tiago, o que irrompeu o momento de infortúnio foi exatamente o excesso de dinheiro e o aceso (quase) ilimitado a bens e serviços. Embora Laura não dispusesse da estabilidade financeira do amigo, estava também em uma situação confortável, em que era recompensada por seu mérito acadêmico – nesse caso, deve-se acrescentar o valor que viagens ao exterior

acrescentam à pessoa nos espaços e redes de amizade pelos quais ela circula.

Nessas duas conversas, os usos de diferentes substâncias ou usos diferenciados de uma mesma substância, são mobilizados discursivamente para pontuar diferenças entre pessoas que compõem as redes sociais de que se faz parte. A esse respeito, é importante notar que, ainda que em algumas histórias essa diferença possa aparecer como principal eixo de diferenciação a partir do qual, em contextos específicos, relações são demarcadas e posições de sujeitos são impostas e assumidas, nessas duas conversas vê-se que a diferença com relação às drogas se converte também num espaço de considerações e especulações acerca das diferenças em termos de classe.

Nesse sentido, cumpre ressaltar, em primeiro lugar, que a quantidade e a qualidade da cocaína e da maconha a que Tiago tem acesso com o seu salário de funcionário público indicam o seu sucesso de maneira mais convincente do que os saquinhos de cocaína que Pedro conseguia n'*Aloca* ou na Rua Paim. Mais convincente ainda se pensarmos que o primeiro, em nenhum momento, precisou deixar de se alimentar para comprar álcool, maconha e/ou cocaína, de modo que sua mãe só percebeu que algo estava errado quando achou o embrulho de pó em seu bolso. Esse ponto foi esclarecido por Guilherme, em um comentário sobre um amigo que ele frequentava no período em que era usuário cotidiano de cocaína:

O Conrado vive de juro e dos alugueis dos imóveis que a mãe deixou, ele não precisa trabalhar. Daí, pra ele é de boa ficar cheirando até as quatro da manhã: ele pode dormir até o meio dia, aí ele acorda e vai comer um bife grosso assim no *Spot*... Assim não tem problema cheirar, né?

Em segundo lugar, decorrente dessa colocação de Guilherme, vê-se que o problema com Mariana, por exemplo, não é tanto o fato de que ela cheira e bebe descontroladamente, mas de que ela o faça sem ter os meios adequados para tanto. Em poucas palavras: ela *faz a rica*, não o sendo realmente. Pedro e Gil também padeceram do mesmo engano, mas tiveram mais destreza para superá-lo do que a que Mariana vem mostrando.

Por fim, em terceiro lugar, a questão levantada por Laura (“será que deu o carro para o bofe?”) remete à história do roubo que Pedro contou naquela noite na casa de Ilana, em seguida da qual ele declarou ter nojo de já ter tido comportamentos similares. Tanto a pergunta irônica de Laura, quanto o nojo de Pedro, reconhecem os riscos que se corre (ou, inversamente, das oportunidades que podem ser aproveitadas) quando se utiliza de pessoas e drogas como signos de sucesso: em geral, as pessoas que figuram nesta posição – aquelas que Pedro levou para sua casa, ou aquelas a quem Tiago deu presentes e pagou drogas e baladas –

são também beneficiárias desse sucesso. Em suma, as duas colocações atestam um conhecimento sobre as relações sociais e as motivações que as sustentam cuja força decorre justamente do fato de que ele não precisa ser explicitado.

Em *Xamanismo, Colonialismo...*, Taussig nomeia essa modalidade de saber como “conhecimento social implícito”, que ele define como “um modelo de conhecimento que é sensível, embora de modo desordenado, às impressões sensoriais das relações sociais, em toda a sua caprichosa ambiguidade que envolve a confiança e a dúvida” (Taussig, 1993a, p.433). Ele continua, esclarecendo que, tal qual entende, a ênfase na dimensão sensorial não implica em ausência de um engajamento ativo do sujeito. Em suas palavras:

O conhecimento social implícito não é simplesmente uma faculdade passiva, de reflexão e absorção do ser social; deve ser pensado igualmente como uma atividade experimental, ensaiando esta ou aquela possibilidade, imaginando esta ou aquela motivação, postulando outra dimensão para uma personalidade, em resumo, experimentando, por meio da imagem verbal e não-verbal, a gama de possibilidades e quase-impossibilidades da relação social, consigo e com o outro (Idem, p.369).

Nosso interesse aqui é o de explorar a ideia de que a *estragação*, como componente ou oponente da *loucura*, oferece uma intuição sobre as relações sociais. Nesse sentido, tal qual o par inveja e feitiçaria e seu impacto como doença nos corpos dos colonos colombianos descrito pelo autor, penso aqui que a mobilização do corpo nas experiências com drogas e nas narrativas sobre elas se constitui em uma tentativa experimental de historiografia, a qual inscreve no corpo a realidade das relações sociais em que ele está enredado – nos casos descritos nesse capítulo, como consequências do abuso de drogas e/ou do gasto excessivo de dinheiro. Portanto, trata-se de uma propriedade das drogas, e de algumas mais do que de outras, permitir que esses domínios – a balada, a família, a profissão, o corpo – interajam dessa forma, um podendo figurar como metáfora do outro. Aliás, como foi mostrado por Fiore (2007) esta é uma característica do debate público sobre droga e da contribuição do discurso médico sobre o tema.

Acrescenta-se a isso que, como escreve Fernanda Eugênio (2006), que escreve sobre jovens adultos cariocas, a capacidade de viver as diferentes esferas de atuação social não como domínios distintos, mas sim com o intuito de que haja maior continuidade entre elas é formulado como ideal e como sinal de competência. Uma evidência dessa postura é apontada por ela na relação com os pais: diferente do que ocorrerá no registro de Velho, a relação com os pais é vista mais sobre o viés da continuidade do que sobre o de ruptura. O interesse, mencionado no capítulo anterior, de que os amigos sejam apresentados e, na medida do

possível, mantenham uma relação com pais e mães, é um exemplo desta continuidade almejada.

Neste ponto, acrescento que, do ponto de vista de uma mente *louca*, essa continuidade pode se confundir com um contágio, de modo que, ao olhar para o que se fez/faz com o corpo, pode-se vislumbrar também o que se fez/faz com o pai e a mãe, como aconteceu com Laura em Londres. É esse movimento que corresponde à exploração da “gama de possibilidades e quase-impossibilidades da relação social”, de que fala Taussig. A esse respeito, podemos ir um pouco adiante e sugerir que a pessoa de Laura, tal qual marcada pela relação com seus pais, isto é, enquanto, simultaneamente, beneficiária dos esforços de seu pai e de sua mãe e potencial índice do sucesso deles, é semelhante àquela do *bofe* hipotético que teria recebido o carro comprado por Tiago ou dos ladrões reais que assaltaram a amiga de Pedro. Certamente, este não é um princípio estrutural, em todo caso, foi uma hipótese aventada por Laura naquelas tardes em que *fritou* no apartamento de Sabrina.

Não afirmo com isso que a especificidade da agência destes produtos é degenerar tais relações – embora isso possa acontecer. Pelo contrário, a possibilidade de que a relação com os pais possa ser vista pelas imagens do roubo e da doença/morte já está contida na simbologia do amor descrita por David Schneider (1968). Segundo este autor, do ponto de vista “nativo”, o que define a pessoa como um parente é o amor, que o antropólogo descreve como sendo um “sentimento difuso e duradouro”. A ideia de amor engloba as duas ordens segundo as quais o parentesco é conceituado, a do sangue e a da lei, sendo, dessa forma, o símbolo da união que caracteriza o parentesco cognático. Essa unidade, porém, não pode ganhar formas no próprio amor, o qual, por sua vez, é representado pelo ato sexual e pelo resultado dele, a união de carne e de sangue que é a criança²⁹.

Em suma, o que descrevo é antes o acesso, experiencial e narrativo, que as relações com esses produtos oferece sobre os impactos que as relações com pais e mães têm na elaboração das identidades sociais dessas pessoas, isto é, o acesso oferecido pelas experiências com drogas às relações de poder em que se está enredado e às posições de sujeito que nelas se assume. Ao mesmo tempo, a partir dessas experiências e de suas narrativas, é possível delinear campos de possibilidade e de ação a partir dos quais estas pessoas coordenam suas condutas. Embora não contemple essas questões, o modelo de Schneider é

29 Existe uma extensa bibliografia sobre a emergência da criança e da nuclearização da família no limiar da modernidade, sobre o que o livro de Phillipe Ariès (1981) é uma das principais referências. Para este autor, a criança é o centro de referência que permite que a família seja separada do mundo externo, o que remete à privatização dos sentimentos assinalada por Elias como fundante da concepção moderna de pessoa.

inspirador para nossa argumentação por apresentar o ato sexual, o sangue e a própria criança, não como processos e entidades naturais, mas sim como símbolos. Além disso, seu modelo também pontuar a dimensão em que o amor, no âmbito da família, é uma construção ideológica e não uma propriedade intrínseca dos laços de parentesco.

Na sessão seguinte, apresento uma *bad* que Ângelo experimentou com a intenção de mostrar de maneira mais detalhada o papel do corpo na elaboração dessas problematizações que articulam idade, classe, carreira profissional e relações com pais e mães, bem como para as posições de sujeito elaboradas a partir de tais problematizações.

Interrupção do fluxo – o enfarto de Ângelo

Das histórias que foram narradas até aqui, nota-se que a cocaína é vista como a droga que apresenta maiores riscos, embora duas pessoas, Guilherme e Mariana, tendo em vista suas trajetórias, apontaram também o álcool, sobretudo os destilados, como causadores de infortúnio. A maconha aparece, por outro lado, como substância mais segura, ainda que seja também motivo de inquietações por parte das pessoas que a consomem diariamente. *Ecstasy* e LSD não aparecem como fontes de problemas isoladamente, mas ajudam a compor os gastos dos quais muitas vezes as pessoas se arrependem posteriormente. Outro inconveniente com essas substâncias é que elas podem provocar *bads* intensas, tanto por conta de alucinações, no caso do LSD principalmente, quanto pela incompreensão de alguma alteração corporal causada por elas, como o batimento cardíaco, o tônus muscular, a respiração, a temperatura, etc. Em todo caso, o sofrimento vinculado a essas substâncias são eventos pontuais nas trajetórias, isto é, as ansiedades e aflições que essas substâncias causam se dão, normalmente, no momento do uso, ao que se diz que a *bala* ou *doce bateram errado*. Ainda que em alguns casos, como no de Laura, possam acabar revelando aflições mais profundas, não se desenvolve com elas, como acontece com a maconha, a cocaína, o álcool e o tabaco, uma relação de consumo diário.

Nessa sessão quero discutir um exemplo em que problemas financeiros e corporais aparecem relacionados. Trata-se do evento que deu início ao longo processo de interrupção do uso de cocaína, bem como de mudança de estilo de vida, pelo qual Ângelo se viu obrigado a passar – para o qual o auxílio que recebeu da mãe, em diferentes estágios da empreitada, foi de extrema importância. No diálogo a seguir, ele fala sobre o ritmo com que consumia cocaína nesse período:

A – Eu chegava em casa, já passava na boca antes de subir, todo dia, pelo menos vinte conto [duas cápsulas].

E – E o que você fazia... o que fazia em casa?

A – Fazia as coisas normais, ouvia música, via filme, lia alguma coisa.... ficava cheirando mesmo... fritando na internet até capotar.

E – E tinha que acordar cedo no outro dia?

A – Sim, claro. As vezes nem dormia... passava uma semana inteira quase que sem dormir, tirava uns cochilos no trampo, capotava uma, duas horas quando chegava em casa... mas dormir mesmo, oito horas... nada!

E – E comer, você se alimentava bem?

A – Affê, nada! Eu cheguei a pesar cinquenta e quatro quilos, cara! Quando fui morar com a Norma, tava com esse peso e eu, meu peso normal, é sessenta e cinco, até um pouco mais. Eu estava com cinquenta e quatro.

E – Gastava tudo em pó?

A – Pó e maconha, na balada eu sempre entrei VIP. Se eu tinha vinte conto, era dez pra taba e dez pro padê! Comer eu comia um pão com mortadela, teve dia de eu passar a base de pipoca – era a única coisa que tinha em casa e eu não tinha um puto. Agora, padê e maconha, isso eu não deixava faltar... Sempre tinha, chegava em casa, colocava uma carreira, mandava e bolava um beque, aí mandava outra e acendia um beque. Quem chegasse em casa essa hora e ver, qualquer dia, um baseado bolado e a capsula do lado. Era o meu altar.

Ângelo conheceu a cocaína ainda morando em Campinas, mas somente quando se mudou para São Paulo passou a ter fácil acesso a ela. Inicialmente ele usava apenas quando saía na *noite*. Começou a usar em sua casa quando foi morar com Brenda, que era alguns anos mais velha que ele e, no período, fazia uma pós-graduação na PUC-SP, na área de comunicação. Ângelo a considerava uma pessoa inteligente e um dia, após sair do trabalho, teve ideia de levar um *pino*³⁰ para casa para animar as conversas interessantes que tinha com Brenda. Cláudio já havia me alertado sobre essa característica do pó, o consumo doméstico, as parcerias e a solidão, segundo ele: “Quem gosta de cheirar, quem é cocainômano, gosta de fazer com um parceiro, de dupla, numa mesa com breja trocando ideia; cheirar de balada, isso é outra coisa”. Brenda normalmente aceitava as carreiras que o amigo oferecia, quando não o fazia, Ângelo consumia sozinho mesmo. Algumas vezes, não oferecia, pois queria cheirar sozinho em seu quarto e tinha receio que Brenda o reprimisse de alguma forma. Quando Brenda partiu para outro Estado para continuar seus estudos, Ângelo já estava na situação que descreveu acima. O evento que ele narrou como tendo marcado sua escolha de interromper o uso de cocaína ocorreu quando já morava sozinho e já consumia duas ou três *capsulas* por noite.

Já passava das duas da manhã quando o batimento do seu coração lhe chamou a

30 *Pino* ou *capsula* é o modo como é chamado o recipiente que comporta a cocaína que se compra, em geral, em *bocas*. Nessa modalidade de comércio, em geral, o produto é de pior qualidade. As pessoas que compram cocaína de melhor qualidade, em geral são atendidas por traficantes *deliveries* e recebem o produto em consistência de uma pedra, a qual é raspada para gerar o pó que será aspirado. Nesses casos, o recipiente é um plástico ou um *zip lock*.

atenção. Ele ficou preocupado, sentia que estava cada vez mais acelerado, foi ao banheiro, jogou água no rosto, mas a taquicardia só aumentava. Resolveu procurar na internet o que podia estar lhe acontecendo. Entrou em alguns sites, começou a ler sobre enfarto – pronto! Esse era o seu problema. Sentia também as mãos formigando, as veias entupidas, provavelmente a cocaína estava lhe fazendo isso. Pensou em ligar para a sua mãe, mas apenas serviria para assustá-la, pensou em algum amigo, alguém que estivesse próximo, não chegou a nenhum nome. De todo modo, de nada adiantaria, pois ninguém saberia como agir em uma situação dessas. Em algum momento, pensou que a polícia seria a melhor opção.

Olha a loucura da pessoa, né? Como se o enfarto fosse esperar todo esse trampo... Pegar o Mac, procurar, ler, entender... mas eu estava crente que estava acontecendo comigo, quando vi o negócio do enfarto, falei: 'é isso aqui, é o que eu tá acontecendo comigo'. Aí, eu muito burro liguei pra polícia, cara – 190. Um cara atendeu, perguntou algumas coisas, e eu expliquei: 'olha, eu sou usuário de cocaína, eu estou cheirando desde às dez da noite e agora eu estou tendo um enfarto, o coração está disparado, estou com todos os sintomas, preciso da ajuda de alguém!'. Quando eu desliguei que me dei conta da merda... E se o cara decidisse subir, né? Se ele quisesse me levar com ele? Podia querer que eu o levasse até a boca. Aí me deu outro pânico, corri e joguei tudo o que eu tinha na privada, o resto do pó e uma paranga [de maconha] que estava na metade... tinha um bocado ainda... Aí eu peguei e botei uma roupa, menino... Um shortinho aqui [mostra com a mão] e uma camiseta regata colada de um jeito... vagabunda mesmo, tá ligado? Pensei: 'Se ele tá pensando em me levar, eu vou botar uma roupa que ele vai olhar e desistir na hora, até ele vai ficar com vergonha'.

Ângelo lembra que esperou bastante. Chegou a pensar que os policiais não viriam, mas eles chegaram, interfonaram e pediram que ele descesse. Na portaria, os policiais confirmaram a história que lhes havia sido passada, de que ele passava mal. Ângelo logo se antecipou dizendo que havia sido um engano, que ele não conhecia direito a cocaína, que se assustou com os efeitos. Os policiais perguntaram onde ele havia comprado e ele respondeu que não conhecia a pessoa, havia conseguido na rua, sequer havia visto o rosto do traficante. O policial pede alguns dados de Ângelo para finalizar a ocorrência e se despede aconselhando que ele parasse de comprar essas porcarias na rua: “é só merda que tem nessas cápsulas, tudo que é branco eles colocam aí dentro pros trouxas cheirarem”. Ângelo assentiu e voltou para o apartamento.

Não conseguiu dormir naquele madrugada, era mais uma que ele *virava*. Ficou pensando no risco que acabara de correr com a polícia. Pensava também no que poderia estar acontecendo com seu coração, seu fígado, sua cérebro. Os pensamentos não eram novos, ele já estava descontente há algum tempo, desde que mentia para Brenda para não ser reprimido. Todos os dias, quando voltava da *boca* ele dizia que não faria igual no dia seguinte – na

maioria das vezes voltava ali na mesma noite mais uma ou duas vezes. Nos dias que seguiram esse evento, essas problematizações não saíram de sua cabeça. Seja porque sua aparência física já estava um tanto quanto degradada – com marcas de expressão e protuberâncias devido a desnutrição – seja pela imagem de seu coração parando, por conta do tanto de cocaína que ele dispensava diariamente em seu sistema sanguíneo, Ângelo concluiu que era necessário afastar-se desse estilo de vida. Acreditava, contudo, que não conseguiria se manter longe da *boca* por conta própria e, por isso, ligou para sua mãe e pediu para que ela viesse passar alguns dias com ele na capital.

Ela ficou quase um mês, cozinhou, andou com o filho pelo centro da cidade em busca de um apartamento mais barato, do qual, depois de encontrado, ela pagou os três primeiros meses do aluguel, bem como o carro que levou os móveis deixados por Brenda, o que Ângelo tomou como um empréstimo e devolveu a mãe assim que se restabeleceu – fez questão de enfatizar. No período em que ela ficou aqui ele cheirou menos, mas não parou, já que encontrava amigos que lhe ofereciam. Perguntei se eles haviam conversado sobre o problema com a cocaína e ele me respondeu:

A – Não cheguei a conversar diretamente, não tinha coragem, não tenho. A minha mãe é uma fofa, minha relação com ela sempre foi ótima, mas ela nunca entenderia, isso não faz parte do mundo dela. Mas ela viu como eu estava e ficou assustada – eu percebi.

E – Você acha que ela percebeu que tinha a ver com cocaína?

A – Talvez... não sei se ela imagina isso, acho que não. Ela viu que eu estava acabado, que devia estar gastando demais com besteira, com noite, ela me falou essas coisas, que eu fumava demais, que eu tinha que me cuidar. O tempo que ela ficou eu me controlei, mas cheirei sim, não parei total, só não cheirava em casa, quando estava com ela.

Quando sua mãe partiu, Ângelo procurou um grupo de narcóticos anônimos, decidido que estava de voltar a se cuidar, de manter uma vida saudável. Não conseguiu frequentar por muito tempo, pois não queria parar de fumar maconha.

Eu gostei deles, acho que é isso mesmo, que uma droga pode mesmo te levar pro fundo do poço, eu cheguei no fundo do poço. Não dessa vez e talvez foi por isso que eu não consegui acompanhar por muito tempo, porque tinha que ir mais fundo ainda. Foi muito bom naquele período, porque eu não tinha muito a quem recorrer e ouvir as histórias dá um conforto. Mas rola uma pressão pra falar sua história também, aí eu tinha que mentir, né... porque pra eles não pode nada, só tabaco. Então eu falava que queria parar com tudo, que não fumava mais maconha, mas aí achei que não era certo, que se era para começar, você precisa estar disposto a cumprir essas metas.³¹

31 Outras duas pessoas mencionaram ter frequentado os Alcoólicos ou os Narcóticos Anônimos em algum momento e, como Ângelo, também não seguiram na terapia por considerarem desnecessário interromper o uso de todas as drogas, bem como o peso que se confere à passividade das pessoas perante as substâncias químicas.

Atualmente, enquanto coloca em prática pela segunda vez uma estratégia para parar de consumir cocaína, Ângelo reconsidera sua divergência com os NA, afirmando que futuramente pretende parar de consumir tabaco e maconha, esta última pelo menos deixar de consumi-la diariamente como ainda o faz.

Agora eu já acho que tem mesmo que parar com tudo, porque tudo faz mal. O Sérgio fala que maconha é diferente, mais estilo de vida, mas eu acho que não, faz mal e cedo ou tarde você vai sentir. O que eu percebo é que algumas pessoas se cuidam mais, têm uma vida mais saudável e essas pessoas vivem mais e melhor, e é isso que eu quero pra mim [...]. Os pais do Bruno são ótimos, super atenciosos e educados, mas não dá pra conversar muito com eles... eles fumaram maconha a vida inteira, fumam vários por dia ainda, principalmente o pai dele... isso é errado, tá destruindo o pulmão, matando os neurônios... O pai do Bruno é muito isso, ele fala coisas brilhantes, mas é assim: ele te dá um informação foda, depois muda de assunto, fala de um monte de coisa e no final complementa aquela informação, com um comentário ainda mais foda... mas olha toda a volta! Eu não quero ficar assim!

Essa história ocorreu entre 2008 e 2009, Bruno que aparece na última fala é o nome do rapaz que ele começou a namorar logo que sua mãe partiu. Juntamente com a *bad* do enfarto e da visita da mãe, o namoro com este homem ajudou meu colaborador a se afastar da cocaína, mas não definitivamente. Esta trajetória será retomada no próximo capítulo, por enquanto, farei alguns comentários sobre as preocupações com o corpo e o modo como elas se relacionam à idade e à classe.

A percepção de Ângelo de que seu coração parava de bater, por causa do tanto de pó e demais drogas, bem como pela falta de nutrientes adequados, é uma imagem poderosa aqui. Seguindo a análise com que tento apreender tais preocupações, o infarto do coração, com a obstrução de veias e o aparecimento de necroses que o caracterizam, é bastante semelhante à interrupção brusca de um projeto, tendo em vista uma série de consequências que lhe bloquearam algumas linhas de desenvolvimento. Similar ao encontrado por Lins de Barros, nesta pesquisa também notou-se que a transição para a vida adulta, associada às preocupações de manter ou superar as condições de classe, demanda, por parte dos sujeitos, “um constante questionamento de si mesmo, uma avaliação sempre renovada sobre a viabilidade do projeto e o desejo ou não de mantê-lo” (2010, p. 73-4).

O que, envolve, muitas vezes, manter-se aberto às possibilidades, sem estratégias de longo prazo, bem como agir de acordo com necessidades. Pedro retornou para o interior, por exemplo, porque percebeu que não tinha muitas alternativas em São Paulo, posto que se ficasse, continuaria gastando todo seu dinheiro na *noite*. O retorno foi necessário para que ele não colocasse o plano de ter uma carreira profissional em risco. Contudo, era para ser uma manobra temporária – somente quando conheceu seu atual namorado que os planos de Pedro

passaram a considerar a possibilidade de permanecer no interior.

De modo mais restrito, essas imagens do sistema cardíaco se assemelham também ao próprio aspecto de Ângelo, particularmente às pequenas feridas que surgiram em sua face em decorrência de falta de nutrientes, tal qual lhe disse uma amiga enfermeira. Rafaela, por sua vez, de quem falarei no próximo capítulo, falou de “feridas cabulosas” em seu nariz – consequência do atrito entre a narina e o pó – que a impressionaram da mesma forma. Ângelo ficou impressionado com as protuberâncias de sua face. As preocupações com a saúde e a beleza do corpo, que venho mostrando aqui, dão forma a ideia de um “descontrole controlado das emoções”, com que Featherstone (1995) descreve a mobilização dos sentidos e das emoções em determinados contextos da cultura do consumo contemporânea, os quais propiciam experiências extáticas, mas demandam atenção e cálculos constantes. Tal qual tratada aqui, tais preocupações também apontam para alguns limites da ideia de que decisões referentes ao consumo são apenas meios de expressar subjetividades. Interessado em explorar outras chaves de interpretação, para além do hedonismo individualista, Daniel Miller (1998) mostra que mediante as escolhas que pautam o ato de comprar, as pessoas também expressam suas preocupações com entes queridos e o impacto que as relações com essas pessoas tem sobre si. No caso dos jovens adultos que descrevo, tento mostrar que as decisões referentes ao consumo de drogas é impactado pelas relações que cada um deles entretém com pais e mães.

A esse respeito, é interessante que na *bad* de Laura a doença não aparecia em seu próprio corpo, mas era antecipada nos corpos de seu pai, sua mãe e seu irmão. No caso deste último, tais conjecturas levam em consideração que ele também consome muitas drogas, entretanto, o mesmo não ocorre com seu pai e sua mãe. Ainda que o fato de que eles são mais velhos também importe, sugiro que a doença dessas pessoas, tal qual aparece na mente *louca* de Laura, se deve também ao fato de que elas são contagiadas pela doença que Laura terá caso não mude seus hábitos – tal qual ela pensa.

Carsten (2004) mostra, em sua análise da jornada que filhos adotados enfrentam em busca de suas mães biológicas, que em muitos aspectos o parentesco nas sociedades ocidentais avançadas é considerado e experimentado como intrínseco à pessoa. Strathern (1992), por sua vez, partindo da representação do sangue, mostra que na representação genética dos laços de parentesco a identidade flui dos pais em direção aos filhos de maneira aleatória. Partindo da conceituação de Schneider (1968), os integrantes da família se diferenciam uns dos outros, isto é, são marcados enquanto pessoas, não exatamente por seu

lugar nas relações de parentesco, uma vez que, enquanto parente, a pessoa é marcada pelo *amor* que se tem por ela. Pelo contrário, o parente é marcado enquanto pessoa e, a partir daí, têm uma posição na família, por referências a outros sistemas de classificação, dos quais ele chama atenção para dois: o sistema de sexo/gênero e o sistema de idade. Para Strathern, o fluxo de substância é uma imagem da relação entre pais e filhos, no entanto, a quantidade ou a qualidade de substância que é transmitida não especifica essas relações, isto é, não é possível ver a relação (pai/mãe-filho), apenas a individualidade que se forma a partir de uma combinação aleatória de genes. Em suas palavras: “[r]andomness within the individual is the outcome of specific (parental) relations, yet indicates only his or her conglomerate nature – not a person whose multiple origins are potentially partible, but a location, so to speak, where different elements overlap”. Portanto, a hipótese da autora é de que a representação genética literaliza a conceituação da pessoa individual, uma entidade que, embora produzida por uma relação, é irreduzível a ela, já que pertence a outros domínios da existência.

O que é importante reter dessas ideias é que, para estas autoras, passou a predominar um idioma biológico no trato das questões próprias do parentesco nas sociedades ocidentais modernas, em particular nos países desenvolvidos, do Norte do globo. Carsten (2004), graças ao material com que trabalha, proveniente de histórias de vida e de outras etnografias em redes de parentesco, é feliz em pontuar os diversos deslocamentos que tais ideias podem sofrer ao serem mobilizadas no curso de interações sociais concretas. Nos exemplos que exploro aqui, por exemplo, acredito que tais representações biológicas, no caso, de adoecimento e morte dos próprios corpos e dos corpos dos pais, comunicam não só a ligação de substância que há entre essas pessoas, mas também os códigos de condutas dessas pessoas nesses relacionamentos e em virtude deles.

O fato perturbador aqui não é só o sangue ou o dinheiro recebidos e que muitos deles esperam poder retribuir, de alguma forma, mas também os cuidados e preceitos de higiene que foram interiorizados. Foi exatamente isso que a mãe de Ângelo lhe pediu antes de partir: “se cuida”. Antes disso, nos dias em que ficou aqui, ela mesma cuidou dele, certificando-se de que ele se alimentasse bem e não passasse noites em claro. Nesse sentido, pontuamos que as protuberâncias que surgiram em seu rosto e sua magreza excessiva, além de deixarem-no menos belo, também fazem com que os esforços de sua mãe apareçam como malsucedidos. Nessa linha de raciocínio, mostrar um carro ou uma casa aos pais não é apenas indicativo do mérito individual, mas é também uma maneira de validar a linha de ação adotada por eles. Em

suma, não é só o seu próprio sucesso que Pedro tem interesse em mostrar quando mantém o objetivo de não cheirar mais, é também a eficácia das condutas de seu pai e de sua mãe que pretende explicitar. Para concluir essa reflexão, na última sessão deste capítulo apresento alguns pontos da trajetória de Mariana. Com ela quero pontuar, com o auxílio de Veena Das (2007, 2011), o caráter experimental da relação entre sujeitos, normas e escolhas.

Pés descalços

Quando entrei em contato diretamente com Mariana pela primeira vez, via *Facebook*, em sua resposta, aceitando me conceder uma entrevista, ela fez a seguinte ressalva: “alcoholismo faz parte da sua pesquisa? minha historia com drogas tem toda a base no álcool... Aloka!”. Respondi que sim, que não diferenciava substâncias lícitas e ilícitas, e ela continuou: “Faz bem! Álcool é uma droga invisível, ninguém percebe, mas é a que mais te estraga”. Em dois períodos de sua vida o consumo de bebidas alcoólicas esteve associado à experiência de tristeza, mais especificamente, como ferramenta que auxilia tanto na remedição, quanto no incremento dessa emoção. O primeiro se deu logo após o término do ensino médio, quando ela passou a morar sozinha, ainda no interior de São Paulo; o segundo, entre 27 e 28 anos, no qual ela combinava o álcool com a cocaína e que, semelhante ao que ocorreu com Ângelo, envolveu o abandono da faculdade, demissão e rompimento de um longo relacionamento amoroso. As considerações que Gil faz sobre a conduta dela, que apresentei no início do capítulo, aconteceram no final do segundo período: três meses depois daquela conversa, ela voltou para a casa da mãe, no interior do Estado. Pude entrevistá-la quando retornou à capital, mais de um ano depois, em outubro de 2012.

Entre esses dois momentos de depressão, ela teve um longo relacionamento, iniciou uma carreira na área de comunicação social, fez grandes amigos e passou a consumir drogas em maior quantidade e de melhor qualidade. Ela diz que, atualmente, consegue se controlar, “não ficar tão louca”, mas ela ainda passa por situações difíceis: ainda discute e briga com as pessoas, passa mal, sente-se envergonhada. A última briga de que tive notícias, no início de 2013, acarretou no rompimento de seu namoro atual. Quando a interpelei via *Skype* pedindo que ela me desse mais informações sobre o seu relacionamento anterior, sobre o qual havíamos conversado no bar, ela me respondeu: “Poxa cara, agora não estou com cabeça. Vários “bafons” com meu bofe. Ele é alcoólatra também. Ontem a gente saiu decidido a não beber, só que aí ficamos sem saber o que fazer, aí bebemos, né? E foi babado! Estou zonzinha até

agora!”, e concluiu: “mais um pra lista, menino”, soltando uma longa gargalhada. Eu fiquei constrangido e disse que a procuraria em outro momento. Acabaram reatando e, depois desse evento, fizeram mais um pacto contra o consumo de álcool, o qual ambos cumprem já há 3 meses. Embora ela reconheça dois períodos em que o consumo de psicoativos, em geral, e do álcool, em particular, causou depressão, em sua narrativa, cheia de lamentações, a tristeza desses momentos se espalha por toda a sua trajetória, fazendo-se visível na coleção de relacionamentos e de projetos interrompidos bruscamente que ela me apresentou. “A culpa era minha, tinha que ser...”.

Ao final do ensino médio, entre seus 19 e 21 anos, o consumo de álcool é descrito por ela como tentativa deliberada de lidar com sua tristeza e sua solidão. Sua mãe havia aceitado uma proposta de trabalho em Salvador, ela visitou a cidade, mas preferiu permanecer em Ribeirão Preto. Na época, ela namorava e ele era a única pessoa que “segurava a barra dela”, “e ele nem bebia, nem usava nada!”. O namorado era um *fofo*, mas ela estava insatisfeita com o relacionamento tanto quanto estava com a cidade: “a relação tinha virado amizade e eu queria sair por aí”, “eu estava *deprê*... muita gente tinha saído da cidade, eu tinha sobrado”; “já tinha pegado todo mundo, quem devia e quem não devia”. Ela também não conseguia se decidir qual carreira seguir no ensino superior, sabia que queria sair dali, estudar na capital, talvez no Rio de Janeiro; ela sempre pensou que sairia dali quando terminasse o Ensino Médio, mas quando chegou a hora, não tinha um plano. Como não precisava trabalhar, pois se contentava com o dinheiro que sua mãe lhe enviava, passava muitas tardes bebendo – às vezes em casa mesmo, às vezes em algum boteco. Muitas vezes o namorado *fofo* a buscou no boteco, deu-lhe banho e lhe preparou alguma comida. Em muitos desses eventos, ela o tratou de forma grosseira e o fez chorar. Ele a amava e cuidou dela até o fim do relacionamento, que aconteceu em 2003, logo depois que ela completou 20 anos: uma amiga a chamou para a capital, propondo que dividissem o apartamento que já alugava na Vila Madalena. Minha colaboradora aceitou o convite e, por conta disso, terminou o relacionamento.

Esta foi uma decisão impulsiva, ela reconhece, de todo modo, foi uma maneira de reverter o quadro de insatisfação em que ela se encontrava. Ao chegar em São Paulo, entretanto, o sentimento de solidão permaneceu e ela continuou bebendo bastante: “Sempre fui muito tímida também, coisa que hoje desapareceu, mas quando cheguei em Sampa, com 20, 21, me sentia muito insegura... as pessoas, o frenesi daqui... tudo me assustava, então

bebia muito também”. Ela não teve dificuldades para conseguir emprego e logo começou a trabalhar em um shopping como vendedora de roupas. Foi ágil também para iniciar um novo relacionamento amoroso: três meses após chegar na cidade ela conheceu Valter em um bar na Rua Augusta.

A princípio, o relacionamento também não solucionou o problema da timidez. Pelo contrário, era sobretudo nas festas e nos eventos em que ela o acompanhava que se sentia envergonhada. Valter estava com 35 anos na época, era de família rica, tinha um apartamento no Jardins e estava bem empregado no ramo da comunicação – a propósito, este era o perfil da maior parte dos amigos dele, os quais Mariana começava a conhecer e que passavam a ser, pelo menos nos meses iniciais do relacionamento, a principal rede de amigos dela na capital. Ela, por sua vez, “ainda não tinha decidido que curso faria na universidade, trabalhava em shopping e era caipira”, como me disse.

Ela bebia e, então, se preocupava menos com essas diferenças. Ela se soltava, fazia piadas, conversava, elaborava e falava sobre seus planos: ela se interessava por moda, conhecia muito de música e de cinema, seguiria por um desses caminhos. Além da bebida, era muito comum que houvesse cocaína nessas festas. Valter comprava para os finais de semana, para os eventos mais badalados. Mariana já havia experimentado no interior, depois de iniciar o namoro, passou a cheirar mais, pois, aos poucos, ela percebeu que, além de intensificar os efeitos da bebida no que diz respeito à extroversão, o *pó* também mascarava os efeitos desagradáveis do álcool, como “falar mole” e “tropicalizar”.

Contrariando minha expectativa quando me interessei em contactá-la para uma entrevista, depois de tê-la conhecido naquele bar da Vila Madalena, Mariana conferia, em sua trajetória, maior importância à ação do álcool do que à da cocaína. Houve um momento, mais recente, em que ela cogitou estar viciada em cocaína também, mas a dinâmica apresentada acima, (a cocaína aparecendo em função do álcool), é a que ela utiliza oficialmente: “eu cheguei a achar que estava viciada... mas aí, quando estava com minha mãe, percebi que eu só usava por causa da bebida mesmo, pra aguentar mais... eu não precisava dela [cocaína]”. Falar mole e tropicalizar foram comportamentos que muitas vezes irritaram Valter, fazendo-o apontar a falta de educação e a imaturidade da namorada. “A culpa era sempre minha... tinha que ser”, ela me explica, quando me fala desses conflitos que, em sua visão, decorriam de seus exageros com o álcool. Este é o trecho de nossa conversa:

E – Você lembra de algum desses bafos? Algo que você pudesse contar...

M – Ah, de andar tropicalizando, falar mole, de parecer bêbada mesmo... ele ficava com

vergonha... Ah, ou de chamar as amigas pra um *menáge* (risos)...

E – Como assim, as amigas dele?

M - Ah sempre rolava putaria... eu ficava louca e daí queria ficar com as amigas dele, mas só com as amigas (risos). Ele ficava puto, ficava com vergonha e daí brigava comigo. Eu sempre falei de sexo sem [ficar com] vergonha também... mas isso ainda constrange algumas pessoas... ele se constrangia e por isso brigava comigo. Quer dizer, aconteceu algumas vezes de eu falar e foi motivo de briga mas estava bêbada... eu também dava muito bafo de ciúmes...

E - Pó e bebida te deixa mais agressiva também? Ou deixava?

M - Putz! Bebida me deixa muito – sou outra pessoa! Acho até que baixa um Exu aí (risos).

E - Você ainda fica assim, ainda arruma confusão quando esta bêbada?

M – Ai, muito! Principalmente com quem eu gosto – namorado, amigos. Minha mãe... coitada! Ela é uma fofa, mas ela não sabia o que fazer... muitas vezes ela chorou, de me ver bêbada... Parei de tomar cachaça, destilados no geral, e melhorou muito – to conseguindo me controlar!

E - Toma só breja agora?

M - Agora sim... é difícil controlar, mas to tentando.

E - Como você fica depois desses bafos? Como se sente?

M – Ah... Mal, deprimida, com vergonha... mas não consigo parar! Beber é um tiro no escuro – ou paro de beber de vez ou... não consigo beber de boa, quase sempre dá alguma confusão, não dá pra prever...

Depois de quase um ano de namoro, ela iniciou o curso de Radio e TV e, aproveitando-se dos contatos de Valter, conseguiu estágio em uma produtora onde, além da bolsa, ela conseguia complementar seus rendimentos com vários *freelas*³², de modo que atingia uma “boa grana” a cada mês. O fluxo de dinheiro que passou a escoar em sua direção, permitiu que ela deixasse de depender do dinheiro ou dos contatos de Valter para comprar cocaína e outras substâncias ilícitas. Por sua vez, o fluxo de amigos, vindos do trabalho e da faculdade, arejaram sua vida social, que deixou de se resumir aos eventos em que ela acompanhava Valter.

Os quase dois anos em que ela trabalhou nesta agência foram anos de sucesso, e, como já vimos acontecer com outros de meus colaboradores, boa parte do dinheiro conseguido em seu “emprego bom” foi convertido em *loucura* – no caso de Mariana, principalmente em *pó* e álcool, eventualmente em um *ecstasy* e/ou um LSD. Ela também passou a pagar a mensalidade da universidade e o aluguel sem precisar do auxílio de sua mãe. O que também a deixava menos receosa de investir seu dinheiro em práticas com as quais ela sabia que sua mãe não concordava. Como já antecipado, apesar desses benefícios, ela não conseguiu se firmar nem nessa empresa e nem na área de comunicação como um todo. Primeiro, ela

32 O termo é uma abreviação de *free lancer*, nome que se dá a trabalhos temporários em que a pessoa é contratada para entregar um produto específico. Muitos de meus colaboradores, mesmo os que tem trabalhos formais, com carteira assinada, aceitam trabalhos desse tipo para complementar a renda.

precisou trancar sua matrícula na faculdade devido ao excesso de faltas e reprovações, bem como pela quantidade de boletos atrasados, os quais ela não sabia como pagaria. Segundo, ela perdeu o emprego. A princípio, ela continuou fazendo *freelas* mesmo não sendo mais universitária, mas suas “mancadas” tornaram-se cada vez mais frequentes, até que foi demitida. Além disso, já no quinto período do curso, ela achava a comunicação uma “área podre” e estava, mais uma vez insatisfeita: “como que uma pessoa estuda, se forma, pra ficar correndo atrás da Daniela Saraíba? Aquilo me deixava com ódio. Aí, eu ia pro boteco... perdi um semestre todo no boteco, aí não teve jeito.”

Ao longo desse período, Valter e ela terminaram o relacionamentos diversas vezes, muitas delas depois de discussões e brigas acaloradas. Ficavam no máximo um mês separados: ela pedia desculpas, ele a convidava para passar em sua casa, ela tinha saudade, seu corpo sentia falta e os dois não resistiam. Apesar disso, ela me garantiu: “mas foi um babado forte, sério mesmo, nunca rolou traição”. Eles terminaram definitivamente no final de 2009, após um desses confrontos, o qual descreverei a seguir. Mariana tinha então 26 anos e há mais ou menos seis meses trabalhava como vendedora de roupas novamente. Quando a conheci em 2011, no evento que narrei no início do primeiro capítulo, já havia se passado quase dois anos do término com Valter, ela tinha outro emprego, também no comércio, bebia muito e começava a acreditar que estava viciada em cocaína. Poucos meses depois daquele encontro, ela voltou para a casa da mãe. Após o término definitivo com Valter, configurou-se o segundo período que, em sua carreira, Mariana pontua como tendo sido marcado por tristeza e depressão. Desta vez, mais do que da primeira, o álcool e demais drogas figuram, aos olhos de Mariana, como principais causadores desses sentimentos, tendo em vista a sequência de eventos dramáticos que, mediante o recurso a eles, ela protagonizou.

Depois da destruição na *D-Edge*, Gil e Pedro a repreenderam de novo; Ilana, por sua vez, ficou impressionada quando descobriu que a amiga bebia todos os dias e tinha, em seu apartamento, garrafas de vodca e de uísque escondidas em vários cantos: “Ninguém aguenta isso, todo dia, na vodca mesmo, e não era uma dose ou outra, pra ela secar uma garrafa não era difícil. Cheguei nela e disse: ‘meu, se liga! Você não vai aguentar’”, ela comentou naquele dia em sua casa. Ela sempre teve vergonha quando se descontrolava, pedia desculpas. Contudo, percebe-se na fala reproduzida acima, que sua narrativa é composta tanto por lamentações e confissões de culpa como por ironia e deboche. No trecho, estes últimos aparecem destacadamente na descrição de sua conduta com as amigas do ex-namorado:

“ficava louca e queria pegar as amigas dele, mas só as amigas”, o que ela me conta sorrindo. Ela continua: “eu sempre falei de sexo sem vergonha, mas isso ainda constrange algumas pessoas”, o que, por sua vez, denota o caráter experimental e, mesmo, provocativo dessa conduta. Nos faz lembrar também que essa conduta é compatível, aliás, com o tipo de interação que desenvolvia com os seus amigos e com os amigos de Valter nas boates e bares do centro da cidade. O deboche com ela mesma, com sua trajetória, e o caráter provocativo desse comportamento recorrente aparecem também em sua conclusão a respeito do fim do namoro mais recente: “mais um para a lista”. Na sequência, as lamentações: “muitas vezes minha mãe chorou de me ver bêbada”. “Meu, se liga. Você não vai aguentar”, Ilana disse a ela. Parece-me que é exatamente essa a questão. Certamente, isso se refere ao corpo, ao volume de álcool que ele pode suportar, ao tanto que Mariana pode beber sem agir de maneira inconveniente, o que ela só pôde descobrir no processo mesmo de consumir o álcool e demais drogas. A questão pode ser projetada também nas relações de Mariana: quanto ela pode beber até que sua mãe chore? O que pode vir depois do choro, que outra reação ela poderia ter? O que ela poderia fazer para transpor a estágio do choro? Se sua mãe passasse desse estágio, o que aconteceria com sua relação com o álcool? Se sua mãe desse um passo adiante, ela avançaria ou retrocederia? O que aconteceria com a relação entre elas?

Essas questões não chegaram a ser formuladas por Mariana, seu silêncio a esse respeito, contudo, é eloquente, tendo em vista o modo como elas parecem subjacentes ao comportamento que ela desenvolveu por tantos anos. Veena Das (2007) mostra que as mulheres indianas, remanescentes da Partição, expressam o tipo de violações que sofreram no evento de 1947 de maneira distinta da que utilizam para expressar a violência que muitas delas sofreram nos limites das relações de parentesco. No primeiro caso, há uma recusa moral, por parte dessas mulheres, em retomar os detalhes dos acontecimentos, aos quais elas se referem apenas de maneiras evasivas, com “palavras anestesiadas”. No segundo caso, por sua vez, a violência de um marido contra sua esposa, de um sogro contra sua nora, por exemplo, é comentada sem maiores pudores por essas mulheres, ainda que elas atentem para que a honra da família não seja manchada na comunidade. A hipótese de Das é de que esse segundo tipo de violação pode ser elaborado narrativamente porque pode ser corrigido pelo trabalho do tempo de revisar, reescrever e transformar trajetórias: o marido violento pode adoecer, por exemplo; Mariana, atualmente, já não *aguenta* tanto álcool. Nessa diferenciação, Das observa o trabalho cotidiano de criar fronteiras entre o que pode e o que não pode contar como

experiência humana, como parte da vida. Ela conclui que o que é indizível em eventos que desafiam a humanidade é o que não ganha expressão nas formas da vida cotidiana. Mas nos lembra que só é possível reconhecer certas violações como contrárias à própria vida, exatamente porque a cultura, ao impor normas e hierarquias, mais do que definir e impor posições de sujeito definitivas, acarreta, pelo contrário, uma constante experimentação dos limites da experiência humana. Nas palavras da autora: “é por causa da escala e do alcance do humano que é definido, testado e expandido nas disputas próprias da vida cotidiana que se passa da violência inimaginável da Partição para formas de vida que são vistas como não pertencendo à própria vida” (Das, 2007, p. 90 – tradução minha).

No meu caso, ofereço um relato sobre esta experimentação nas problematizações acerca do avanço na idade e, particularmente, neste ponto, de sua articulação às negociações e disputas que orientam a relação entre as gerações no âmbito familiar. Abordo essa moralidade a partir de sua aparição nas narrativas sobre a experimentação com drogas. A *estragação*, como argumento, coloca em xeque a capacidade do sujeito de assumir as posições que, idealmente, são consideradas adequadas de acordo com a articulação entre a idade e os anseios com respeito à carreira profissional e à situação de classe. Ao atentar para a mobilização de imagens e marcas do corpo na representação e produção dessas impossibilidades, pontuei que esse corpo aparece também como beneficiário dos esforços (bens e cuidados) de pais e de mães, ou seja, como índice da ação dessas pessoas. Sugiro que, por fim, o impacto desses relacionamentos sobre a experimentação com drogas – em geral, ocasionando a diminuição e interrupção de práticas mais danosas – é consequência dos perigos da droga para o futuro dessas relações, pois, a visão do filho *louco/estragado*, do ponto de vista dos pais, tal qual imaginado pela mente *louca* do filho, pode trazer ao campo de visão e obrigar que se articule verbalmente “uma verdade indizível sobre a natureza criminoso do direito”, como coloca Veena Das (2011), que mobiliza a obra de Lacan neste ponto.

Em poucas palavras, o pai de Laura não sabia, ao presentear a filha com as passagens para a Europa, que a intenção dela era direcionar parte do dinheiro para a compra de LSD, maconha e *ecstasy*. Do mesmo modo que a mãe de Ângelo não sabia que seu filho, além de trabalhar e estudar, ao viver em São Paulo, queria também passar noites sozinho em seu apartamento para cheirar cocaína. Ao ter acesso a essas informações, não seriam só essas mentiras que seriam reveladas, mas o potencial para mentiras e enganos que é inerente à posição do filho: o sinal do engano poderia se projetar para todas as outras transações e, no

final das contas, o corpo (*estragado*) do filho condensaria um grande erro. Veena Das chama esse lugar, em que muitos de meus colaboradoras já se colocaram, de “zona entre duas mortes”, retomando a análise de Lacan sobre o mito de Antígona – condenada à morte por Creonte ao se recusar a enterrar o irmão sem os devidos ritos funerários. Em sua própria etnografia, Das exemplifica este espaço com a história de uma de suas personagens, cujo irmão, em sua juventude, havia lhe sugerido que ela se matasse, para que não se deixasse violar pelos inimigos muçulmanos. Para ela, um “conhecimento venenoso” se infiltra nas relações em eventos como esses, do qual a pessoa é testemunha, não somente porque os presencia, mas também porque essas pessoas são marcadas por esses eventos, isto é, elas dão testemunho deles com as inscrições de seus corpos – ainda que sejam eventos imaginados, como o enfarto de Ângelo.

Como Das, não acho que se trate de articular um conhecimento, como alguém que diz “tenho consciência disso”, mas sim de encontrar meios de agir nessa relação, de posse desse conhecimento, para repará-la, corrigi-la e impedir que tal conhecimento irrompa e provoque, no limite, a morte da relação – o que também envolve, certamente, agir sobre si em virtude dessa relação. No caso dos dados que eu apresento: pode-se mudar de carreira profissional, evitar pegar dinheiro com o pai e a mãe, especialmente para comprar psicoativos, pagar uma viagem para eles ou esforçar-se para deixar de beber, para citar algumas das estratégias apresentadas acima.

Seguindo o argumento de Das, deve-se considerar também o tom debochado com que muitas dessas histórias me foram narradas. Ângelo, Mariana e Laura, por exemplo, ainda que apontassem e frisassem a seriedade de suas inseguranças e das consequências negativas de suas condutas com os psicoativos, sempre imprimiam um tom debochado aos relatos, com comentários sarcásticos e gestos exuberantes, muitas vezes fazendo-me rir da situação pela qual passaram. Das entende esses trânsitos entre fala e gestos, associados ao trabalho de reparar relações, como estratégias por meio das quais, os sujeitos que vivenciaram eventos que tensionam ou transgridem fronteiras podem “habitar o mundo outra vez”. Para ela, essas posturas corporais codificadas (no meu caso, o deboche) constituem-se em um meio de dar forma à desordem provocada pelo evento, de modo que, por meio delas, os sujeitos podem habitar o mesmo espaço e o mesmo corpo, agora marcados pelos sinais da destruição. Ela conclui: “Inclino-me a dizer que o corpo se torna quase expressivo demais para carregar” (Das, 2011, p.24). Para encerrar este capítulo, apresento a cena que selou o fim do

relacionamento entre Valter e Mariana, com isso quero registrar também a potência desse corpo, marcado pela possibilidade de “morte das relações” (Das, 2011).

Ao longo de todo o relacionamento, eles não moraram juntos, mas ela dormia muitas noites na casa dele. Nesse dia ao sair do trabalho, ligou para uma amiga e a chamou para beber antes de voltar para casa, como em geral vinha fazendo todas as noites, nem sempre acompanhada. Como em geral fazia também, levava consigo um saquinho com *pó*, muitas vezes dava um teco antes de sair de casa, para ter ânimo de começar o dia no trabalho, mas raramente o fez ao longo do expediente. Chegou em casa por volta das 23h. Ouviu vozes na cozinha e percebeu uma bolsa e um par de sapatos femininos na sala. Foi até a cozinha e presenciou Valter e uma mulher tomando vinho, conversando e rindo. A princípio, Valter foi amigável, perguntou se ela estava com fome, ofereceu-lhe vinho, mas ela recusou. Mariana já teve ódio quando viu os pertences da mulher na sala, quando chegou na cozinha esperava encontrá-los atracados. Ainda que não parecesse ser o que imaginava, ela foi grossa com ambos, falou da intimidade de Valter, da vida sexual que já não tinham. Valter ficou envergonhado, pediu que ela fosse tomar um banho, que fosse dormir. Ela não recuou e quando a amiga, também constrangida, tentou apaziguar a situação e se movimentou para sair do apartamento, Mariana avançou em sua direção e sua provocação tornou-se agressiva. Valter interveio e escoltou a mulher até a saída, enquanto Mariana gritava. Ao sair, ele trancou a porta.

Ao voltar, ele encontrou a sala revirada e Mariana chorando. Logo que percebeu que ele havia entrado, ela avançou em sua direção, ele tentou se defender e a jogou no chão. “Você não me respeita”, ela gritava do chão, chorava, se batia e se arranhava: “No dia seguinte, quando acordei, estava toda roxa, de tanto que eu esmurrei a porta, as paredes”, ela disse. Ele tentou levantá-la, ela arranhou-lhe o braço, ele desistiu. “Eu não te aguento mais, menina!”, disse algo desse tipo, a deixou ali e se trancou no quarto

“Vai me deixar aqui? Já gastou tudo com a vagabunda? Quem é ela?”, Mariana gritava. “Fala! Fala! Eu quero saber! É por ela que você vai me trocar?”. Batia e chutava a porta, quebrou alguns objetos da casa. Ele abriu a porta, enfurecido, foi em direção à Mariana e a segurou pelos braços com força: “Você quer que eu te bata? É isso? Você quer uma surra, menina?”. Ele tentou colocá-la no sofá, ela se soltou; houve mais gritaria, mais objetos quebrados. “Ele também não sabia o que fazer, nem eu sei, né?”. Ele mencionou que não podiam continuar daquele jeito, coisas que ele sempre falava, ele tinha medo de um dia perder

realmente a cabeça... Neste dia, ela não recuou, se recusou a dialogar, mesmo depois de Valter capitular, quando já parecia refletir consigo mesmo, ela avançou mais uma vez na direção dele – talvez esta última vez tenha sido para pedir desculpas, ela não se lembra... Lembra-se que saiu correndo do apartamento, do jeito que estava, com os pés descalços, sem documento, dinheiro, cigarro ou celular.

Ela correu os primeiros quarteirões, logo perdeu o fôlego e aos poucos foi diminuindo o passo, quando chegou na Paulista já caminhava devagar. Continuou em frente, chorando e xingando até que sentiu vontade de fumar. Estava tudo fechado, quase não havia gente na rua, demorou até ela se deparar com alguém. Era um homem que fumava sentado nas escadas de um prédio – ela achou que fosse mendigo, pelas roupas que usava e por seu cheiro. Mariana foi até ele e lhe pediu um cigarro, ele disse não ter, ela insistiu, foi agressiva; o homem levantou-se e foi em sua direção, ela não recuou e ele conseguiu pressioná-la contra uma parede, ou uma banca de jornais, segurando seus ombros com força e falando agressivamente próximo de seu rosto.

E – Caramba! Aí você teve medo? (sendo engraçado, pois já tinha feito a pergunta duas vezes, tendo recebido respostas negativas)

M – (olhando para mim, esboça um sorriso) Bem, eu não sei... não sei se eu tive medo... (risos). Mas aí eu me despertei, entende? Eu fiquei sem reação, quando eu vi que o cara veio pra cima mesmo... gente (dá mais uma pausa)... eu gelei, gelei! Meu! Sem limites... sem limites (olha para o lado, como se refletisse)... Caralho! Fiquei sem reação, tentei me soltar, no reflexo... e ele segurou, prendeu meu braço, por aqui, assim, gritou comigo... mas nem sei... não ouvi mesmo... fechei os olhos...é, eu fechei os olhos e pedia pra ele me soltar, pedia desculpas (olhando fixamente para mim) Sem limite! Sem limite! Eu não pensei em nada, né? Ele podia ter feito o que ele quisesse comigo – naquele lugar! sei lá se passaria alguém – aquela hora... Enfim (acende mais um cigarro), muito louca, amigo... você vê... eu fico sem limites...

E – E ele tentou alguma coisa... te roubar... fazer alguma coisa com você?

M – Não. Mas poderia! Não tinha nada aberto, não tinha ninguém, ele podia ter feito o que quisesse. Acho que ele só quis me assustar, eu penso assim, eu fui marrenta mesmo, enfrentei o cara... “Porra, não vai me arrumar um cigarro! Vai se fuder!” O cara ficou puto. Ele só me pressionou e quando me deixou sem reação me soltou, sei lá o que ele tinha usado também, porque estar ali, aquela hora, bem provável que estava chapado também. Mas eu caguei, né? Quando ele soltou eu saí correndo... E eu ouvia os passos dele, achei que estava vindo atrás de mim. Corri muito... parei sem ar, quase morrendo...

Em *My Cocaine Museum* (2004), Taussig define como substâncias transgressoras aquelas que, como a cocaína e o ouro, por exemplo, não pertencem a nenhum domínio específico, nem à natureza, nem à cultura, mas ganham força ao se movimentarem entre ambos e, dessa forma, intrigarem nossa imaginação. Ao investirmos em seu entendimento e interagirmos com sua materialidade atravessada por mitos, ocorre o que ele nomeia de “mímese da natureza”, tendo em vista que, nessa relação, o sujeito se constitui em resposta do

impacto da coisa em seus sentidos e em sua imaginação. Ao comentar as habilidades que o mergulhador desenvolve na busca por ouro nos rios barrentos da Colômbia, ele define assim esta noção:

As I see it, there are two steps and one trick involved here, the trick that determines the fate of humanity. *The first step is to observe and then imitate nature. The second is to go beyond imitation to become one with what you are imitating*, like the diver mingling with the elements as a fish and then as a mud crab burrowing in the dark. Here imitation undergoes a radical development. It passes from being outside to being inside, in fact to becoming Other. Imitation becomes immanence. *Then there is the moment of the trick whereby in imitating and becoming Other, you stay right there, like water in water, for the sheer hell of it, for the pleasure at the loss of self and the transformations of Being* (p. 80 – grifos meus).

Ainda no rastro da mímese da natureza, mais especificamente, pensando na indiferença entre o corpo humano e a natureza que o circunda, Taussig comenta a expressão em inglês *stoned*, que em português pode ser traduzido por *chapado*, preservando-se as considerações que ele faz. *Stoned* e *Chapado* remetem à pedra, uma rocha, algo inerte, que não pode reagir. Petrificação foi o que sentiu Mariana quando foi encurralada na banca, tanto que não sabe sequer dizer se teve medo. Sem reação, totalmente imersa no ambiente. Para Das (2007), uma analogia entre um humano e uma coisa é testada em eventos que traem a gramática do cotidiano e que nos fornecem uma visão do humano que extrapola os entendimentos que temos acerca das formas de vida possíveis; essa analogia é, então, uma dúvida: é um homem? Um monstro? Uma máquina? Só que, nesse caso, pelos vários “sem limites, sem limites...” que ela proferiu em sua fala, imagino que é Mariana mesma que se coloca nessa posição de incerteza.

Se pensamos nessas imagens também como imagens que compõem o estilo da *bagaceira*, tal qual, por exemplo, a encenação da travesti por Sabrina na casa da praia, podemos lembrar da observação de Hebdige (1979) de que, afinal, esta é uma maneira de responder a uma condição a que ela está submetida e de manipular tal condição. Taussig, por sua vez, assinala que, ao entrar numa relação com o álcool ou com o pó em que não é possível diferenciar-se dessas substâncias (como *padê* em *padê*, ou como álcool no álcool), tem-se uma perda em termos de *self*, que não mais se delimita – e em termos de uma capacidade de se relacionar com os outros que pode ser para sempre ferida, Veena Das acrescentaria. Mas tem-se também que a força exercida sobre o corpo, continua Taussig, é também uma força que se manifesta nesse corpo e, nesse sentido, confere-lhe poder. Comentando um poema chamado *The illiad or the poem to the force*, de uma escritora chamada Simone Weil, ele escreve:

Exercised to the limit, force turns man into a thing in the most literal sense: it makes a corpse out of him. But then there is a more subtle force that hangs poised over the head of the creature it *can* kill. This is the force “that turns a man into a stone,” she says, that turns a human being into “a thing while still alive. He is alive; he has a soul; and yet—he is a thing. An extraordinary entity this—a thing that has a soul. And as for the soul, what an extraordinary house it finds itself in!”(p. 268).

No caso do exemplo que acabo de apresentar, é importante notar que, por um lado, a vida *louca* que Mariana vinha levando com o pó e a cocaína intensificam sua condição financeira desfavorável, em comparação a de Valter: ela passou um semestre no boteco e foi obrigada a abandonar a faculdade, voltando a trabalhar em postos não-qualificados. Por outro, deve-se atentar também para o impacto de sua pessoa *louca*, bem como dos sinais de que ela vem *estragando* sua vida, sobre Valter: de alguma forma, a conduta agressiva que Mariana passou a desenvolver com a combinação de álcool e cocaína coloca as discussões entre os dois em um patamar em que as diferenças de idade e de classe, que tanto já a deixaram ansiosa, não importem. Num primeiro momento, simplesmente na medida em que ao beber e cheirar ela deixava de se preocupar com tais diferenças entre ela e Valter. Nos momentos mais tensos, como na briga final que descrevi, essa correção de assimetrias de classe e de idade aparece de maneira mais fatalista: incitando uma disparada de comportamentos agressivos — um Exu baixa nela quando bebe, segundo me disse.

De todo modo, esse foi o limite a que este relacionamento chegou, já que depois disso Valter não teve mais disposição para continuar tentando. É importante notar, entretanto, que essa sucessão de acontecimentos, que culminou nos riscos que Mariana correu na Paulista, mais do que as preocupações com as diferenças de classe e de idade, ilustram também a intensidade do afeto que Mariana sentia por Valter. Nesse sentido, as marcas que sobraram em seus pés, a esfolação, são também marcas desse amor. No próximo capítulo, volto-me para as consequências do emprego de psicoativos nas experimentações próprias desse tipo de relacionamento.

Capítulo 3: Afetos, erotismos e outras formas de contágio

Um- Posso pôr meu coração a seus pés.

Dois- Se não sujar meu chão.

Um- Meu coração é limpo.

Dois- É o que veremos.

Trecho da *Peça Coração* de Heiner Müller.

Sweet Dreams are made of this

Who am I to disagree?

I travel the world and the seven seas

Everybody is looking for something

Some of them want to use you

Some of them want to get used by you

Some of them want to abuse you

Some of them want to be abused

Trecho da música *Sweet Dreams* da banda Eurythmics.

Amores, relações e normas

No final de 2012, fui convidado para uma festa na casa de Sérgio, a qual ele oferecia para comemorar sua aprovação para uma vaga em uma instituição renomada. Neste dia chamou minha atenção algumas posições apresentadas sobre a vida afetivo-sexual dos presentes. Uma ideia que me surgiu foi de que, em alguns aspectos, tais posições se assemelhavam àquelas que se observava também com relação ao consumo de drogas e demais comportamentos a ele associados. Exploraremos tal perspectiva na sequência, atentando para os seus limites. Antes disso, iniciamos contextualizando esta festa na trajetória de Sérgio, em particular, na trajetória de seu relacionamento com Guilherme.

Ele estava desempregado há mais de seis meses, de modo que as contas e despesas da casa estavam todas a cargo de Guilherme. Ainda que Sérgio se esforçasse para retribuir ao marido – dispensando a diarista semanal e assumindo a maior parte dos afazeres domésticos, por exemplo – a situação causava-lhe ansiedade e, eventualmente, ocorriam atritos entre o casal. Sérgio comentou comigo que Guilherme chegou a fazer algumas exigências quanto aos afazeres domésticos, apontando prioridades ou modos mais eficazes de se realizar alguma atividade, o que, certamente, contribuía para a afobação que seus gestos e sua conduta transpareciam, tal qual observei em muitas das tardes que ele me recebeu em sua casa.

Contudo, ao expressar sua insatisfação com essa divisão de trabalhos e com sua rotina, de modo geral, Sérgio apontava o fato de que, como vinha se dedicando a essas tarefas, não lhe restava tempo para se dedicar a suas obrigações profissionais, isto é, não conseguia se dedicar ao desenvolvimento de seu projeto de mestrado, que deseja realizar na área de história da arte, ou mesmo procurar emprego adequadamente.

Em segundo lugar, e de modo mais geral, ele reclamava também – e nesse ponto suas reflexões pareciam particularmente desesperadoras – da viabilidade de se manter como profissional das artes. Ao entrar para o curso de Artes Visuais, além de manter-se como artista, ele pretendia lecionar no ensino fundamental e médio, enquanto seguia sua formação acadêmica, com o objetivo de se tornar professor universitário ou, ao menos, se qualificar para cargos melhor remunerados na área das artes. Entretanto, sua experiência como professor em escola pública foi bastante desgastante e em poucos meses ele pediu exoneração do cargo. Além disso, seu projeto de mestrado foi reprovado algumas vezes no programa de pós-graduação que ele escolhera. Um dos depoimentos que coletei nesse período, pode ilustrar o teor de suas preocupações:

O que eu penso é que pra mim já deu, que não tem mais o que fazer... [Sem chegar a dizer, eu sinalizo com a expressão facial que isso não é verdade – o fato de tudo estar perdido] Eu sei que não é isso, que não dá pra dizer que é isso, mas esse é o louco da emoção... porque é só isso que eu consigo ver, o que eu sinto é isso...e que é a minha realidade, né? Para mim está tudo perdido: mestrado, emprego, academia, arte... Game over! Perdeu! E aí eu penso, o que o Guilherme, as pessoas, estão pensando, tudo bem, alguns amigos entendem... mas ele, não é a área dele, não é uma questão da área dele. Será que ele entende? Ele me vê... quer dizer, já fui reprovado duas vezes, vai ficar tentando até quando? E os meus amigos devem pensar nisso também... vai ficar assim até quando? Sem trabalho... ganhando miséria? [Mais uma vez, esboço uma resposta, ao perceber minha expressão, ele se adianta:] Eu sei que ninguém tem nada a ver com isso, que não tenho que me importar: é o meu tempo, o tempo dessa profissão... eu acredito que tem um porquê de estar passando por isso, por esse momento... mas é difícil não pensar, a gente percebe.

A retomada da vida profissional, em uma instituição que, como certificou-se posteriormente, oferece um bom ambiente de trabalho, paulatinamente, o deixou mais calmo, amenizando também sua relação com Guilherme, o qual também estava em um bom momento profissional na ocasião da festa mencionada. No início de 2012, quando Sérgio se mostrava aflito, Guilherme também enfrentava um dilema referente a sua carreira profissional. Formado em design, Guilherme havia se lançado em uma carreira autônoma como projetor de móveis e decorador de ambientes. Depois de um período de sucesso, em que conseguiu ganhar muito dinheiro, passou a comprometer o orçamento de sua empresa em decorrência seus gastos com cocaína, uísque, vinho, restaurantes sofisticados, roupas caras, etc. Após

conhecer Sérgio e parar de consumir cocaína, eventos que foram mais ou menos concomitantes, ele reorganizou suas contas, mas já não podia manter hábitos de consumo caros. Depois de mais de um ano de relacionamento, foi obrigado a procurar emprego em um escritório, pois enfrentava dificuldades financeiras mais uma vez.

Essa situação, em um primeiro momento, foi encarada por Guilherme como uma oportunidade de desenvolvimento profissional, porém, depois de uma ano e tendo pagado todas as suas dívidas pagas, passou a afligi-lo. Guilherme dizia estar envelhecendo e, por isso, sentia a necessidade de ser ágil para “conseguir criar o seu nome”(ele tem 36 anos em 2013, os termos foram utilizados por ele). Assim, continuar trabalhando de acordo com o estilo de um escritório, e não com o seu, já não o ajudava nesse sentido. Por outro lado, ele tinha medo de abrir mão deste emprego e não ter condições de disputar clientes trabalhando por conta própria, ter dificuldades financeiras novamente e não poder voltar para este escritório, onde tinha um bom ambiente de trabalho. Soma-se que a situação profissional de Sérgio exigia que ele fosse cauteloso, já que uma falta de dinheiro afetaria também a relação e a manutenção de ambos. Soube dessas dúvidas diretamente de Guilherme que, ao chegar do trabalho, as compartilhava com Sérgio e, nos dias em que eu estava ali, também comigo. Antes de comentar esse caso adequadamente, passemos para a descrição da conversa que aconteceu na noite de comemoração, pois ela nos oferece mais informações sobre a conceitualização e experiência dos relacionamentos amorosos no contexto em que realizei esta pesquisa.

Após um tempo na cozinha, conversando com Vitor, voltei à sala onde estavam os anfitriões do jantar, Sérgio e Guilherme, acompanhados por Beto, 27 anos, e Letícia, 29. Quando chegamos, Beto falava sobre dificuldades que começava a enfrentar com seu atual namorado, similares as que o levaram a romper relacionamentos anteriores. Ele dizia o seguinte:

Eu não sei o que acontece comigo, não consigo namorar. Quer dizer, primeiro, eu não consigo namorar gente da noite, gente do meio da moda, das artes, não me atrai, sempre me interesse por gente mais “careta” – advogado, engenheiro. Segundo, é que fica difícil conciliar, digo, é difícil alguém entender os meus horários loucos: tem semana que eu tenho um ou dois dias de trabalho, mas já tem semana em que eu durmo três, quatro horas por noite. É muito difícil alguém que entenda e eu também não tenho muita paciência pra explicar, pra mim trabalho, carreira, vem sempre em primeiro lugar, não negocio com isso. Eu já tenho dificuldade de sossegar, a pessoa começa a implicar com a minha vida, fica ainda mais difícil resistir. Eu quando namoro sou bastante careta, não gosto de relacionamento aberto nem de traição, mas quando fica muito problemático, eu não seguro a minha onda. Eu sou muito sexual e namoro pra mim tem que ser quente, senão eu não me seguro e esse tipo de picuinha me brocha demais.

Guilherme, Vitor e Sérgio, fazem os seguintes comentários à história de Beto:

G – Eu acho que isso é uma coisa da idade: a gente envelhece, os hormônios acalmam, têm outras preocupações, você acaba tendo menos vontade mesmo. Quer dizer, o casamento se sustenta de outras maneiras, né?

V – É, certeza! Hoje em dia eu consigo ser fiel, com o Artur eu segurei bem. Não vou dizer que não aconteceu nada, cinco anos e meio de namoro... ninguém é santo! Mas foi bem mais de boa do que com o Carlos ou o Marco.

S – Tem gente que realmente não lida bem com relacionamento, com os compromissos, mas sinceramente, não acho que dê pra afirmar isto pra uma pessoa que tem menos de trinta, trinta e cinco, antes disso pode ser só imaturidade mesmo, dificuldade de assumir responsabilidades.

Beto reitera sua posição, apesar das considerações dos amigos, e recebe o apoio de Letícia, ainda que ela seja mais flexível em sua opinião sobre a necessidade do sexo no relacionamento amoroso:

B – Eu não entendo por que tem gente que fica junta sem fazer sexo... é amigo, é? Eu acho que não faz sentido continuar namorando, morando junto, se não é para trepar. Nessa situação, é melhor virar amigo.

L – Claro que a nossa vida sexual tem altos e baixos, acho que todo casal é assim... é besteira ficar se cobrando por causa disso... as vezes ficamos semanas sem trepar, mas já tem final de semana que a gente passa na cama... Mas eu que segura a relação é o sexo, quer dizer, o dia que eu não tiver mais vontade de trepar com o Márcio, eu não vou querer mais, acho mesmo que o relacionamento não se sustenta.

B – Eu não consigo ter essa sensatez, se não tá rolando comigo, tá rolando com outro, é isso que eu penso se estou numa situação dessas... aí acho que eu tenho que fazer também.

L – Traição acontece, pode ser fácil segurar no começo, quando você está conhecendo a pessoa, tudo é novidade... mas depois de 4, 5, 6 anos, acontece. E às vezes é até bom pra relação, faz você ver que quer a pessoa mesmo – é excitante, aumenta o tesão no namorado. Eu mesmo, quando te conheci [se referindo à Laura], estava namorando... com dois [risos]. Ah! O cara, o oficial, não me dava atenção, dizia que tinha muito trabalho, precisava trabalhar. Eu me injuriei e arrumei outro.

Embora não discordem de Letícia no que se refere à inevitabilidade da traição em relacionamentos longos, Sérgio e Guilherme concordam que, mesmo quando se é mais flexível com relação à monogamia, eventos em que há traição são difíceis para o casal:

S – Eu não gosto nem de pensar, eu sou muito possessivo, não posso nem imaginar uma coisa dessas, digo, do Guilherme sair com alguém, mas eu sei que é uma coisa que pode acontecer. O que eu acho é que se for fazer, que seja bem feito. Tem que ser muito bem feito, porque se eu ficar sabendo, meu bem... eu tiro sangue!

G – Eu sou da opinião de que tem que ter respeito, não pode virar bagunça... E se começa a abrir demais, daqui a pouco ele tá pegando alguém na minha frente, ou o contrário... eu dormindo com outro na frente dele... eu já vivi isso, com o X... de sair pra uma festa e voltar cada um com um macho diferente...sei lá, hoje em dia eu acho que isso não é relacionamento, acaba dando merda. Se é pra sair pegando geral, eu prefiro terminar.

A posição de Beto, ao dizer que prefere terminar o relacionamento a ter que constantemente gerir conflitos por conta das restrições de horário impostas por sua profissão, mostra que, tendo em vista as redes de amigos pelas quais circula, seja perfeitamente possível que uma pessoa se apresente sem namorado ou mesmo que defenda uma posição em que não

se comprometa com namoros definitivamente. Guilherme reitera essa pressuposição quando se coloca a decisão hipotética de encerrar um relacionamento caso tenha vontade de buscar outros parceiros sexuais. Essa possibilidade é complementar ao ideal de namoro de acordo com o qual essa relação deve apresentar, em primeiro plano, as marcas de escolha e de liberdade individual, em detrimento do que os laços de parentesco carregam de coerções e de assimetrias.

Trabalhando com uma rede de amigos que também se apresentam como liberais e vanguardistas, M. L. Heilborn (2004) descreve e analisa o que denomina “casal igualitário”, modalidade de relação conjugal que recusa distinções estatutárias e a ordenação hierárquica, próprias da “família mediterrânea”. No marco do casal igualitário, o laço conjugal é penado em termos das noções de amor e de liberdade individual. Segundo a autora, é nos anos 60-70 que essas ideias passaram a ser articuladas na forma do casal igualitário, após os deslocamentos sofridos pela oposição dos domínios público e privado, em decorrência da crítica feminista e, posteriormente, dos movimentos gays e lésbicos.

Seguindo a linha de investigação de Velho, a autora pensa a ideologia individualista como configuradora do sistema de valores, em geral, e da moralidade acerca da conjugalidade, em particular, que identificam a fração da classe média em que realizou sua pesquisa nas décadas de 80 e 90³³. Para ela, a conjugalidade é, simultaneamente, uma forma de regulação da vida sexual – acepção que ela toma da obra de Foucault – e um marcador que diferencia e classifica as pessoas nas redes sociais em que circulam – havendo consequências para o modo como o indivíduo apreende esses contextos e neles atua quando se apresenta solteiro ou compondo um par. Conquanto carregue, aos olhos nativos, as marcas da liberdade de escolha, nesta conceituação Heilborn contempla também as coerções que essa ideologia implica. Destaco a seguir, três maneiras em que a ideologia do casal igualitário implica em coerções para aqueles que se norteiam por ela, utilizo como referência os dados com que

33 Tanto Velho quanto Heilborn frisam que esse ideal de amor e de relação amorosa, bem como a ideologia individualista como um todo, é característico das classes médias urbanas, no que persiste a oposição com relação às classes trabalhadoras, em que predominaria a dimensão do sujeito enquanto pessoa, tal qual explorado, por exemplo, por Duarte (1994), no que se refere à categoria *nervoso*, a qual, conquanto se trate de uma categoria médica, que recai sobre o indivíduo, causa uma mácula que recai sobre demais pessoas com quem ele se relaciona. Além do risco de um excesso de voluntarismo que tais preposições acarretam, tal qual pontuei na Introdução, a esse respeito vale atentar para as observações de Piscitelli (2011) acerca do mercado sexual de Fortaleza. Segundo essa autora, entre essas garotas, provenientes das classes trabalhadoras, *programas e ajuda*, assim como *amor/apaixonado* e *respeito/consideração* não são necessariamente categorias excludentes nem estáticas. Mobilizo essa leitura, apesar da distância entre os campos, pois ela destaca a complexidade com que práticas econômicas, afetivas e sexuais se articulam em trajetórias concretas, principalmente quando se considera a convivência e o embate de ideologias distintas conforme as pessoas transitam entre diferentes espaços, regiões e camadas sociais.

inicie esse capítulo.

Em primeiro lugar, a integridade individual como condição da formação do par impele a pessoa a se mostrar como indivíduo. Como lembrou Heilborn, rituais cotidianos marcam e comunicam a integridade de cada termo do par, nesse sentido, a atividade profissional que cada um exerce é um expediente importante para tanto. Entende-se, assim, a postura altiva com que Beto declara para todos que ele dá preferência aos compromissos profissionais às demandas de seus namorados e, principalmente, a concordância dos presentes perante suas palavras. Contextualizamos também o hábito de Guilherme de relatar seu dia de trabalho à Sérgio e começamos a entender a ansiedade de Sérgio, no período em que esteve desempregado e vivia em uma realidade em que, como me declarou, seu projeto havia fracassado, dada a atuação de suas emoções – entendemos, pelo menos, o impacto de sua relação com Guilherme na configuração dessas emoções e de seu infortúnio.

Em segundo lugar, ainda no que diz respeito à apresentação das individualidades que compõem o par, a comunicação e discussão entre parceiros e amigos da vida afetivo-sexual pregressa também se constituiu em um importante expediente. Nesse sentido, temos uma imagem da pessoa que se constitui paulatinamente, em termos de maturidade emocional e performance sexual, ao longo de vários relacionamentos sérios, intercalados por momentos em que se apresenta como solteira. Acredito ser esse o escopo da posição de Leticia, vista acima, que relaciona o avanço na idade com a relativização do valor dado à frequência com que o casal faz sexo e do valor que se confere à ocorrência de traições. É também o escopo do comentário de Vitor, que acredita que, atualmente, depois de já ter tido relações sexuais com muitos homens, tem maior controle sobre si e, por isso, conseguiu se manter fiel a seu último namorado. Ambas as colocações atestam os resultados positivos da encenação de um roteiro afetivo-sexual que dá espaço para que as pessoas tenham, ao longo da vida, vários parceiros.

Por fim, em terceiro lugar, a despeito da forma *solteiro* ser também valorizada, cumpre lembrar que a formação do casal pressupõe que o parceiro seja “companhia prioritária”, de modo a constituir uma “reserva de mercado de companhia”³⁴. Dessa forma, apresentar-se como solteiro pode, em muitas situações, causar preocupação e ansiedade, bem como incitar a maiores riscos, as vezes disparando uma escalada no consumo de drogas³⁵. O trecho a seguir,

34 A autora continua sua metáfora econômica descrevendo a regulação das trocas internas ao casal como constituindo uma “contabilidade” em que se avalia e se compara as ações de um e de outro em termos de obrigações domésticas, emocionais, etc.

35 No estudo de Shiner (2009) essa ideia aparece na análise da relação entre o estado conjugal e a conduta (mais ou menos danosa) com relação ao uso de drogas. Ele mostra que a relação estável/matrimônio interfere no sentido de acarretar menor uso de drogas, em geral, e daquelas tidas como mais danosas, em particular, tal qual

de um diálogo entre Vitor e Sérgio, ilustra essa questão:

V – Eu não consigo ficar sozinho! Pra mim é essencial ter alguém. Eu preciso muito de sexo, eu não consigo ficar de boa se não der pelo menos uma na semana. Mas já estou sem pique pra ficar nessa enrolação de internet, isso cansa! Eu gosto de trepar, mas gosto também da companhia, aquela conversa antes de dormir. A impressão que tenho é que, se eu não estou apaixonado, se não tenho alguém pra cuidar, eu fico buscando alguma distração, tá sempre faltando alguma coisa.

S – Será que precisa mesmo, gato? Será que você não precisa treinar um pouco isso, digo, ficar solteiro? Eu não entendo isso direito, porque eu passei anos solteiro, mas nunca me senti assim, sozinho... eu sempre morei no centro, quando me sentia assim, eu ligava pra algum amigo e saía pra encontrá-lo, fumava um , batia um papo e era suficiente pra eu voltar leve pra casa e dormir. Isso de precisar de um namorado pra vida fazer sentido... eu sempre me esforcei pra ter essa independência, de me sentir bem sozinho.

Estes três pontos serão melhor ilustrados e discutidos ao longo dos três casos que apresentarei a seguir. Quero mostrar adiante as formas tomadas pelo impacto dessas coações quando tais formas são compostas também mediante a mobilização da rede de psicoativos disponíveis. Por hora, cumpre frisar que estas tensões (aparentes, pelo menos) na conceitualização do casal igualitário faz com que ele ofereça uma imagem de ruptura, que queremos utilizar aqui para analisar as questões levantadas pelas experiências de *loucura* e de *estragação*. Como se fundamenta na realização individual, o casal igualitário, é sempre espreitado pelo risco do término, seja pelo desejo que alguns sentem de ter novos parceiros sexuais, seja pela inadequação do namoro com o emprego, seja por incompatibilidades diversas que podem aparecer entre o casal.

Em primeiro lugar, o recurso a tal imagem nos permite desfazer a linearidade e o caráter definitivo que as resoluções acerca do estilo de vida que discutimos no capítulo anterior tomam quando encaradas a partir da continuidade representada pela relação com pais e mães. Ainda que o desenvolvimento de uma carreira profissional seja muitas vezes repleta de percalços e redirecionamentos, ela apresenta objetivos e os articula a idades específicas, pelo menos idealmente, de maneira menos controversa. No contexto analisado, o modo como a conjugalidade coordena o curso da vida se dá de formas variadas, havendo um campo de possibilidades mais vasto do que parece estar disponível na perspectiva de projeto que coordena a carreira profissional e o aumento do poder de consumo. Como pode ser notado, essa é uma simbologia distinta daquela que Schneider descrevera para o contexto norte-americano do final da década de 70, no qual, como um símbolo do amor que sustenta a família, o casal simboliza a união de diferentes indivíduos e diferentes substâncias, que ganha

acontece com a vida profissional e a proximidade de pais e mães. O eventual nascimento de filhos, tendo em vista os dados que ele analisa, tem um efeito ainda mais incisivo nesse sentido.

sua expressão máxima no corpo da criança, fruto desse amor. Volto-me a esse autor, pois, dada a inexistência do filho ou mesmo da perspectiva dele³⁶, quero levantar a questão: quais marcas ou quais signos aparecem como representação desse amor? Mais particularmente, nos deteremos na descrição do modo como o conhecimento desenvolvido ao longo da carreira como consumidor de drogas auxilia na produção e significação dessas marcas.

Portanto, a aproximação entre as problematizações feitas sobre a vida afetivo-sexual e aquelas feitas sobre o consumo de drogas nos permite formular, como mostrarei, as dores e os sofrimentos envolvidos na produção de *estragação* em termos positivos. Nesse sentido, quero evidenciar que eles não são apenas efeitos colaterais indesejados, porém inevitáveis, da produção de *loucura*, mas sim que, tal qual os resultados que se denominam *loucura*, aqueles denominados *estragação* também “materializam uma intenção cultural” (Sahlins, 2007), de tal modo que existe sempre uma produção de *loucura/estragação*. Continuando na mesma linha de argumentação, tomamos essas sensações e emoções não como intrínsecos e/ou interiores aos indivíduos, mas como construções narrativas que explicitam um conhecimento social (em geral) implícito.

Ferida no Nariz

Rafaela começou a usar cocaína com Bernardo, com quem namorou por quase dois anos. Na época ela tinha 26 anos. Como Laura, Rafaela também resistiu, tinha medo da droga. Quando era adolescência, um primo fora internado depois de protagonizar uma série de eventos que angustiaram a família. Bernardo sempre tinha consigo quando se conheceram. No início do namoro, alguns anos depois do primeiro encontro entre os dois, ele estava em um período de abstinência, a qual não durou muito, é verdade – e talvez tenha sido mentira dele, ela cogita, para tornar-se mais atraente aos olhos dela. De todo modo, a história oficial diz que ele voltou a cheirar depois de iniciar o namoro com ela, que, por sua vez, dava os primeiros *tecos*. Os oito meses em que ela consumiu cocaína de modo sistemático, chegando a manter uma base diária de consumo, estão compreendidos no tempo de duração desse relacionamento. Em comparação com os outros casos de relações complicadas com cocaína apresentados aqui, a história de Rafaela é relativamente curta. Ainda assim, sua postura com esta droga é bastante radical, na consideração tanto de seus aspectos positivos quanto dos

36 Nenhuma das pessoas contatadas no decorrer dessa pesquisa tem filhos atualmente e apenas duas mulheres disseram ter planos de engravidar futuramente; algumas pessoas dizem que gostariam de tê-los, mas acreditam que não o farão por motivos financeiros e/ou emocionais, a maioria disse que sequer pensa nessa possibilidade.

negativos: “É a melhor droga! Sei disso, porque você cheira e tudo fica perfeito, você faz o que você quiser e nem se importa... mas quando eu penso, se penso em usar de novo... Afe! Nojo! Nojo! Pó eu parei não foi por *bad*, doce e bala foi *bad*, mas pó foi nojo”, ela me diz, imitando ânsia de vômito.

Sabendo que este relacionamento foi particularmente perturbador para a vida de Rafaela, pelo que já havia ouvido na noite na casa de Ilana, pergunto se esse nojo não teria a ver com os problemas com o relacionamento. Embora fizesse sentido, sua reação à sugestão indicava surpresa, como de alguém que se apercebe de algo que é óbvio: “É, pode ser. É bem provável... eu bloqueei tudo, né?”. Essa história é interessante exatamente por apresentar de forma tão clara essa possibilidade. Em primeiro lugar, porque foi apenas no decorrer do relacionamento que Rafaela consumiu cocaína, vindo a rejeitá-la completamente ao término dele. Em segundo lugar, por sua reação à droga ser tão semelhante, ao menos em sua narração, àquela que ela demonstra pelo próprio Bernardo – ambos tendo sido grandes erros em sua trajetória, os quais ela teve agilidade em contornar.

Ela o conheceu em um sítio na Serra da Cantareira. Na ocasião, Bernardo e alguns amigos organizavam uma festa para comemorar sua partida para os EUA. No evento, todos os convidados receberam um comprimido de *ecstasy*, o de Rafaela foi dado pelo próprio Bernardo, que aproveitou para galanteá-la: “ele era muito sedutor. Vadio, né? Me deixou louca, a peste!”, ela comentou. Vadio era o apelido de Bernardo, que se pavoneava por conquistar mulheres bonitas e também por ter bons contatos para conseguir drogas, “o que você queria ele arranjava, ligava pra um, pra outro, e arranjava... tudo da melhor qualidade”, isto é, além de Vadio, ele era também o “Rei das Drogas”, expressão que também é utilizada por Rafaela para se referir ao ex. Naquele período, isso atraiu minha colaboradora que pensou em Vadio ao longo dos quase três anos em que ele morou nos EUA, ainda que tenha tido outros relacionamentos nesse intervalo.

“Hoje em dia opinião de amigo é fundamental. Olha o que aconteceu com o Bernardo! Não posso dizer que ninguém me avisou...”. Naquela noite mesmo, no sítio, o amigo que a acompanhava disse quase tudo. Nas palavras de Pedro: “um *playboy* mimado que circulava no meio das bichas, daí pagava de 'moderno'... eu não dava confiança”. Pedro se referia a duas ou três vezes em que Bernardo o chamou por *bicha*, como em geral faz Rafaela e demais amigas ao se dirigirem a ele. Essa convenção, vinda de Bernardo, desagradou Pedro, que, no entanto, não chegou a se manifestar a respeito, pois, o relacionamento entre Rafaela e Bernardo foi

desfeito antes que ele tivesse tido a oportunidade.

Pro sua vez, Gil passou a ser contrário ao relacionamento depois de uma noite em que acompanhou o casal em uma festa na casa de um amigo de Bernardo. Gil e Rafaela se sentiram mais a vontade ao longo da noite, conforme beberam e fumaram maconha (ela também dava uns *tecos*, vez ou outra, no banheiro) e, assim, trocaram palavras com vários dos presentes. Bernardo os apresentou a um amigo que conheceu nos EUA, com quem os dois tiveram grande empatia, de modo que a conversa durou por horas. Bernardo saiu de perto algumas vezes, a princípio parecia que apenas circulava pela festa para conversar com outras pessoas. Já para o final da festa, quando sugeriu que fossem embora, ele não tinha uma boa expressão, Gil se lembra.

No carro, já na estrada, depois de Rafaela perguntar várias vezes se havia acontecido algo, ele começou a explicitar suas insatisfações. Aos seus olhos, Rafaela havia flertado com seu amigo, “estava se oferecendo a ele, bem na minha frente”, ele disse. Ela ficou nervosa e respondeu-lhe com rispidez. A postura agressiva que ela sustentou o deixou mais nervoso, ele acelerou o carro, fez zigue-zague e parou bruscamente e segurou firme no braço de Rafaela, que já estava sem reação: “Você tá vendo o que eu posso fazer? Você acha que eu vou pagar de corno pra todo mundo?”, também a xingou de nomes como vadia e piranha. Gil interveio, insistiu que Bernardo se equivocava em sua leitura. Ele gritou com Gil e disse para que ele não se intrometesse. Meu colaborador disse que iria descer, que pediria carona. Rafaela estava muda, tinha vergonha de olhar para qualquer um dos dois. Bernardo retomou a consciência, tentou apaziguar, disse a Gil que ficasse tranquilo, pediu desculpas, admitiu que havia se confundido e partiu com o carro. Ninguém falou até que estacionaram em frente à casa de Gil. A princípio, Rafaela seguiria com o namorado, mas ela aproveitou a parada e desceu rapidamente, entrando no prédio do amigo. Ele buzinou, gritou alguma coisa. Ao virar de costas, Rafaela começou a chorar e quando chegaram no saguão do prédio, já fora das vistas de Bernardo, ela desabou no colo do amigo. Quando atendeu o celular, depois de dezenas de ligações e mensagens, Rafaela comunicou que queria romper o relacionamento e pediu para que ele ficasse longe.

Era a segunda vez que terminavam. A primeira aconteceu porque ela descobriu que ele havia *ficado* com outra menina. Tal qual da primeira vez, desta ele também não aceitou o rompimento: mandou mensagens, telefonou, apareceu na faculdade e em sua casa. Ela resistiu, não por muito tempo. Um dia ele apareceu na faculdade, queria dar um passeio,

precisava conversar, estava com problemas... pediu uma conversa entre amigos. Ela concordou em entrar no carro e ele a levou até uma praça, onde fumaram um cigarro de maconha. Ele falou de seus pais, coisas desse tipo, não a convenceu muito, até que entrou no assunto que queria: ele explicou sua posição, admitiu que sua reação fora desproporcional – a esse respeito, inclusive, ele já havia entrado em contato com Gil para se retratar.

Ela tentou ser dura, disse que não queria falar sobre aquilo, que estava decidida. Ele concordou, pediu desculpas, disse que não conseguiu se segurar... acendeu outro cigarro de maconha. Conversaram sobre outras coisas, deram risada e a situação foi amenizada. Aos poucos, ele se aproximou, tocou nela, fez carícias. Aos poucos, ela permitiu. Trocaram carícias, se beijaram e, quando foi proposto, Rafaela concordou em passar no apartamento dele para pegar mais um *beque*. Continuaram conversando, vez ou outra se aproximavam, namoravam. Ele tinha uma surpresa, disse: “consegui duas balas, um amigo trouxe escondido da viagem”. Ele devia ter tudo planejado quando foi buscá-la na faculdade, Rafaela acredita. Antes de tomar a bala, ele pediu licença e foi à cozinha, voltou com uma tábua de queijos, vários tipos, todos muito gostosos e caros, aqueles mesmos que ele sabia que Rafaela gostava, que já haviam comido em situações semelhantes. “Ele era muito sedutor, muito sacana... sabia o que fazer pra me atiçar”, ela lembra. Ao reatarem, Rafaela esteve em posição de exigir que ele parasse de usar cocaína, como ela, pois considerava na época que isto causava boa parte das brigas entre eles.

Que fique claro que, quando dizemos que sua relação com Bernardo e com o pó se assemelham, não pensamos que todos os sentimentos que ela veio a sentir pelo primeiro foram projetados e moldaram os perigos que ela percebe na cocaína. Apenas exploramos a coincidência de que na história de Rafaela ambos os perigos, proporcionados por Bernardo e pela droga, foram formulados simultaneamente. De todo modo, o fato de que Bernardo possa parecer tão corrosivo quanto a cocaína, tal qual olhado em retrospecto, é cercado por um repertório culturalmente denso que informa sobre as potencialidades do amor-paixão (Giddens, 1993), o qual quero explorar ao longo desse capítulo.

Quando perguntei se já havia cheirado, ela foi rápida em responder: “Putz, claro! O Bernardo tinha sempre, da boa! Já teve vez de cheirar quinze carreiras – grossas assim oh [mostra com os dedos] – em quatro horas, em casa, antes de sair pra balada.” Como visto acima, ela considera que cocaína é a melhor droga, de modo que podemos imaginar a intensidade desses momentos e o bem estar que, usualmente, se experimenta neles. Ainda

assim, ela tem nojo e é incisiva em dizer que não pode mais. Em outro momento da mesma conversa, complementando sua ideia de que o consumo de cocaína é nojento, ela declara: “Sem contar as feridas cabulosas que aparecem e não fecham nunca... ficam semanas... o buraco ali, preto de sangue pisado [inclina a cabeça e aponta para o nariz]... isso quando você não bota pra fora umas bolotas assim de sangue [mostra com os dedos o tamanho delas]... Afe!”.

Essa imagem, do nariz corroído, me impressionou. Perguntei a Cláudio a respeito e ele me respondeu: “sim já tive ferida... ferida, tipo, uma parte mais frágil das minhas fossas nasais que com o tempo sangravam... o tempo secava: sangrava, o vento batia na minha cara: sangrava, saía do mar: sangrava, acabava o pó: sangrava”. Perguntei se doía e ele continuou: “é uma forma de menstruação nasal, meu caro: tem seus dias... no primeiro tiro dói muito, é terrível, grito palavras em árabe de tanta dor...depois anestesia tudo, aí o negócio fica bom.” Por fim, pergunto se há algum modo de minimizar esse inconveniente, rapidamente ele dá a solução: “Desconjex, um anti-congestionante, é bom pra dormir também”. Pedro também me deu a dica do descongestionante, a que ele recorria quando essas fissuras apareciam em suas narinas, ele no entanto, parava de cheirar quando elas abriam:

Só uma vez que não resisti, na verdade, tinha formado casquinha já, aí achei que já estava de boa... meu amigo disse que não dava nada, mostrei pra ele e ele disse: 'tem casquinha, já tá melhor, tá cicatrizando, manda aí!' Foi pra nunca mais, meu... senti meu nariz rasgando... Nunca mais, se aparecia ferida, eu só cheirava depois que ela fechasse.

Apesar da impressão que me causou, a imagem não é tão original, como fica claro pela sua difusão entre essas pessoas e em suas redes de amigos, bem sintetizada pela provocação que Cláudio fez a mim quando o interpelei com esse assunto: “Por que você acha que o Mick Jagger tem uma prótese de platina no nariz? E a Rita Lee?”

Rafaela mesmo já havia visto uma ferida dessas, anos antes de ter a sua própria. Foi em uma festa, estavam todos muito loucos, ela só bebia na época. Seu primo a chamou de canto e lhe mostrou. Ele vinha gastando sessenta reais por noite, seis capsulas, a ferida era enorme, recobria um lado inteiro de seu septo nasal. O primo sabia que ela vinha fumando maconha. Mostrou-lhe o nariz e a fez prometer que não faria o mesmo: “quer fumar um, beleza, mas não vai mexer com *farinha*, isso te leva pro bueiro. Não entra nessa!”. Tal qual tantos haviam falado que não era uma boa ela se deixar envolver por Bernardo. Pedro havia falado, quando soube do evento no carro, em que Bernardo fora agressivo com ela e com Gil: “Você não é uma pessoa melhor com ele do seu lado, amiga! Muito pelo contrário, ele te

apaga, ele apaga a mulher que você é”.

No entanto, Rafaela capitulou à insistência de Bernardo e lhe deu mais uma chance, depois daquela noite com queijos, vinho e *ecstasy*, exigindo apenas que ele não cheirasse mais. A partir desse ponto, transcorreu um longo período de sete meses, muito conturbado, do qual Rafaela não lembra de muitos detalhes, em algum momento ela “simplesmente desligou” e ficou assistindo, como se não estivesse acontecendo com ela. Em princípio, embora ele falasse que não cheirava mais, apenas fumava maconha, ela desconfiava que ele mentia, baseando-se em seu comportamento, que permanecia sobressaltado, transpassando ansiedade. Ele dizia que não. Houve mais brigas: ele desconfiava que homens olhavam pra ela, desconfiava que eles lhe mandavam mensagens. Rafaela continuou pensando que ele cheirava e ficava paranoico, com mania de perseguição. Essas exaltações passaram a preocupar-lhe em uma noite, em seu quarto. Eles dormiam juntos. No meio da madrugada, ela acordou com um barulho, se levantou e Bernardo estava de frente para janela, procurando algo na rua. Ela o chamou. Ele se assustou, se atirando em sua direção e pedindo que ficasse calada. Havia alguém espionando, ele havia visto na janela. “Tinha alguém na janela, pelo lado de fora, no quinto andar. Como assim?”, Rafaela me conta, expressando a sua falta de reação naquele momento.

Ele não dormiu aquela noite e, diferente de outras ocasiões, Rafaela não o convenceu de que ninguém a olhava, que ela não estava dando mole pra ninguém. Na verdade, este nem era o caso desta vez e talvez nunca tenha sido: “aí eu vi que a loucura dele era outra, não era eu, não era o ciúme, não era o pó... ele era bipolar, esquizofrênico, não lembro direito, talvez era os dois”. O namoro continuou. A partir daí foram várias “situações bizarras”, iguais as da noite em que ele viu alguém pelo lado de fora do prédio. Noites inteiras ouvindo sobre as organizações que os perseguiam, sobre os *chips* e substâncias que haviam injetado nele, para espioná-los. Ele dizia isso aos amigos e principalmente aos pais dela, com quem ele já tinha maior intimidade. Ela ficava envergonhada, depois passou a se irritar. Como disse, houve um momento em que Rafaela ficou anestesiada: Bernardo a deixava sem reação, não era mais com medo ou assustada, ou não só. Afinal, ela havia se apaixonado pelo “Rei da Drogas” e o título já não se aplicava ao que ela via nas feições e no comportamento de Bernardo. Ou talvez se aplicasse, de uma maneira tão literal que ela preferiu esquecer.

Trata-se de uma peculiaridade dessa história a loucura que Bernardo desenvolveu de fato – a qual Rafaela não soube se era esquizofrenia, transtorno bipolar, etc. De todo modo,

até por sua especificidade, essa história apresenta de maneira exemplar a temática do estranhamento que aparece em várias narrativas sobre relacionamentos passados. Muitas vezes a pessoa diz que passou a estranhar o parceiro ao longo do relacionamento; em geral, nesses relatos, conforme se conhece o parceiro, descobre-se que ele não é como se imaginava. A forma é a do engano. Independente da doença do ex, esse componente esteve presente na história de Rafaela. É comum também pessoas que dizem que estranharam a si mesmas por conta de algum relacionamento, o que também aparece neste exemplo. Ainda que não tenha desenvolvido nenhuma patologia psiquiátrica, quando reflete sobre a *loucura* que foi o período em que esteve apaixonada por Bernardo, é isso que Rafaela conclui:

Sabe um monte de coisa que você diz pra você mesmo que nunca vai fazer – namorar com o homem casado, deixar que um escroto te agrida... enfim, esse monte coisa? O Bernardo pra mim foi isso... foi me sujeitar a um monte de coisa nada a ver, um monte de coisa que eu jurava que nunca ia passar. Eu estava louca, dopada, não sei... até feitiço eu achei que fosse, alguma coisa que preparam pra mim. Por que hoje eu olho... Putz! Não sei o que eu pensava, não sei. Parece que não era eu... na boa, parece que não era eu.

Nos escritos de Bataille (1987) sobre o “êxtase sexual”, este estranhamento consigo próprio aparece como característica do amor e do erotismo. Este autor entende o erotismo como transgressão radical, isto é, como uma tentativa de suspender/dissolver as identidades sociais (cotidianas) pela instauração de uma continuidade profunda entre os corpos. A suspensão da identidade, característica do êxtase, é comparada pelo autor ao descolamento entre carne e espírito que a morte simboliza. O êxtase, experiência de quase-morte, é aprovação da vida, ideia que é retomada por Bakhtin (2008) em sua descrição do aspecto carnavalesco da cultura popular medieval, que ele denomina de realismo grotesco. Para este autor, o traço marcante deste estilo é o que chama de rebaixamento, isto é, “a transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo na sua indissolúvel unidade, de tudo que é elevado, espiritual, ideal e abstrato” (p.17). Se, por um lado, essas ideias fundamentam nossa percepção, com base na ideia de “casal igualitário”, de que a relação afetivo-sexual é marcada por sinais de ruptura – nesse caso, a dissolução da identidade, representada pela imagem da morte; por outro lado, elas pontuam que o sinal de morte é, antes de tudo, “uma aprovação da vida até na morte” (Bataille 1987, p.11), de modo que a ruptura é vista como etapa de um processo que busca (e, nesse sentido, postula) uma contiguidade profunda.

Em seus experimentos com haxixe, Benjamin (1984) faz comentários semelhantes a respeito do êxtase provocado pela droga. Em uma noite, após inalar a substância ele observa uma cortina de renda que prende sua atenção. Tomado pelas alterações de sua percepção, ele

descreve como o delicado padrão dessa cortina passa a configurar todo o quarto, inclusive seu próprio corpo – visão que segundo Taussig (2004) teria despertado sua curiosidade para uma doutrina das semelhanças. A partir desse exemplo, ele especula quanto a capacidade da droga de promover a dissolução de identidades e permitir outro tipo de relação com o mundo. Essa semelhança entre Bataille e Benjamin nos convida a considerar aqui as consequências, para meus colaboradores, da exploração conjunta desses dois êxtases. A esse respeito frisamos que não nos interessa propor uma comparação entre as formas da relação com a droga e da relação com o parceiro afetivo-sexual. Ao seguirmos as narrativas coletadas, pontuamos antes que, em muitos pontos dessas trajetórias, essas relações estão de tal modo intrincadas que ao tomarmos um indício qualquer não conseguimos posicionar sua causa nem na ação que a droga exerce sobre si, nem naquela que é exercida pelo parceiro. Na história do relacionamento que acabei de relatar, essa zona de indeterminação toma, entre outras, a sugestiva forma da ferida que se formou no nariz de Rafaela, é o que me sugeriu sua anuência a minha sugestão de que seu nojo por cocaína pode ser uma espécie de projeção dos sentimentos ruins que experimentou em decorrência de sua relação com Bernardo. De todo modo, essa imagem ficou em sua memória e foi a partir dela que iniciou a narrativa do relacionamento. Resumidamente, nossa hipótese é de que, por meio da mobilização da rede de psicoativos disponíveis nas redes de amigos em que essas pessoas circulam, elas evidenciam, articulam e diferenciam afetos, relações (amorosas, conjugalidade) e erotismos, no marco da ideologia do casal igualitário. Seguindo a proposta de Heilborn, consideramos aqui que, ainda que convenções de gênero tendam a condicionar o modo como se percebe o casal, do ponto de vista formal, as prescrições e o campo de possibilidades que condicionam a formação do casal, o que inclui também a exploração da sexualidade como solteiro e solteira, concernem a todas as pessoas da rede de amigos, independente de gênero e sexualidade³⁷. Voltemos ao exemplo.

Antes de tudo, vale reiterar que falar mal de ex-namorados (ou parceiros afetivo-sexuais no geral) é uma prática corriqueira, de modo que não foi difícil para mim ter acesso a tais depoimentos, bem como aos relatos de eventos mais tensos desses relacionamentos. No caso de Rafaela, não posso deixar de associar o desprezo que hoje ela sente tanto de Bernardo, quanto de sua própria conduta perante ele, à discussão que tiveram no carro em decorrência

37 Como veremos adiante, os próprios colaboradores apontam limites, perigos e possibilidades que condicionam a vida afetivo-sexual tendo em vista gênero e sexualidade. Em concordância aos achados empíricos de Heilborn, nas redes que realizei minha investigação também se considera, por exemplo, que casais formados por dois homens tendem a ser menos duradouros e ser mais marcado por infidelidades, dado uma concepção da sexualidade masculina como essencialmente desregrada.

do ciúme do rapaz. Lembro também da consideração feita a ela por Pedro, de que Bernardo apagava a mulher que ela era.

Ele já havia se comportado de maneira similar anteriormente, entretanto nunca havia feito em frente de outras pessoas e, muito menos, colocado a vida dela em risco como fez nesse dia, derrapando o carro. Vale ressaltar que usualmente tais comportamentos ocorriam em momentos, como este, em que ambos haviam feito uso de vários psicoativos, o que sempre fora levado em consideração tanto nas desculpas pedidas por Bernardo, quanto na concordância de Rafaela em aceitá-las. Do mesmo modo, tanto o pedido quanto a aceitação do perdão justificavam-se também pelo amor, que fazia com que Bernardo tivesse ataques de ciúme e que Rafaela agisse contraditoriamente ao que considera adequado – nesse caso, permitindo que seu namorado fosse agressivo com ela e aceitando-o de volta depois disso, entre outras coisas. Se consideramos a situação em que o perdão se concretizou, percebe-se esta combinação (e mesmo concorrência) entre afeto e agência de psicoativos mais claramente – no caso de Rafaela, intensificada pelo caráter erótico de toda a situação. Neste evento no apartamento de Bernardo, com *ectasy*, vinho, maconha e queijos caros, além de todo o amor que existia entre os dois, a configuração tomada por esses elementos coloca Rafaela em uma posição particularmente desfavorável. Naquela noite, ela não conseguiu resistir às carícias dele, bem como ao comprimido de *ecstasy* e aos vários cigarros de maconha oferecidos a ela, os quais, por sua vez, tornavam as provocações dele ainda mais irresistíveis. “Ele sabia me ativar”, ela se lembra. E cogita: “Ele devia ter tudo planejado”.

Com a primeira asserção, Rafaela expressa o conhecimento que sabe que Bernardo tinha sobre ela (sobre seu corpo), o que fundamenta sua desconfiança, expressa na segunda asserção, acerca da espontaneidade daqueles acontecimentos, o qual se baseia também no conhecimento que ela tem sobre Bernardo e naquele que ambos têm sobre a atuação do *ecstasy* no sentido de propiciar e incrementar práticas sexuais³⁸. Como já mencionado, Alfred Gell (1998) nos alerta que os esquemas mentais de inferência que utilizamos para compreender a ação de uma entidade não-humana, vista como capaz de iniciar uma sequência de ações, são sempre muito semelhantes, se não idênticos, àqueles que utilizamos para discernir as intenções e disposições de pessoas humanas com as quais interagimos cotidianamente. O exercício de perscrutar e comunicar os efeitos sobre si da substância que se

38 O modo como o emprego de *ecstasy* aumenta a sensibilidade tátil e, dessa forma, estimula abraços, carícias e todo tipo de toque, é registrado pela jornalista Erika Palomino (2000). Segundo ela, o *ecstasy* se popularizou nos circuitos que ela frequentava no ano de 1994, que ela chama de “O verão do amor paulistano”, seguindo o título dado a entrada do *ecstasy* no circuito das *raves* em Londres.

consumiu ou se consome com frequência, que observei muitas vezes em campo, recorre a essas operações cognitivas, ainda que de maneira metafórica – o que, por sua vez, faz com que tais operações sejam também expedientes narrativos. Como venho mostrando ao longo do texto, as formas e imagens que indicam a *loucura* e a *estragação*, conquanto atribuídas à agência da droga ou à conduta em relação a elas, são compostas também pelo impacto de outras pessoas (pais e mães, amigos, ídolos, chefes, etc.) sobre aquela que se apresenta como *louca/estragada*. É importante reter que a agência e a determinação do agente é sempre abduzida a partir de uma zona de indeterminação em que há graus variados de atividade e passividade, uma mesma entidade podendo ocupar posições distintas, de acordo com o ponto de vista, com o ponto mais ou menos arbitrário em que posicionamos a origem da cadeia causal. Nesse caso, a figura de Bernardo como, simultaneamente, “Rei das Drogas” e “Vadio” é exemplar para nos lembrar que, “como pessoas sociais, não estamos presentes somente em nossos corpos singulares, mas em tudo [...] que testemunha (*bears witness of*) nossa existência, nossos atributos e nossa agência” (Gell, 1998, p. 101 – tradução minha). Se nos concentramos neste evento, o próprio corpo de Rafaela se torna índice da ação de Bernardo, o que se evidencia de duas maneiras: (1) enquanto manifesta os efeitos do comprimido de *ecstasy* ofertado por ele e (2) enquanto responde às carícias dele – ao as recebê-las, com torções do corpo e gemidos, eu imagino e, posteriormente, aceitando reatar o relacionamento.

Não se trata aqui de afirmar que, neste relacionamento, Rafaela ocupou uma posição submissa e que as drogas que Bernardo lhe oferecia foram os instrumentos utilizados por ele para manter essa relação hierárquica; o que seria assinalar a distribuição assimétrica de poder nesses casais, tendo em vista diferenças de gênero e de classe – o que contradiria os princípios democráticos que regem a ideologia do casal igualitário. Consequentemente, a articulação, nas trajetórias dessas pessoas, entre seus roteiros afetivo-sexuais (Gagnon, 2005) e suas carreiras como consumidores de drogas não é explorada aqui tendo em vista a utilização de drogas na reprodução de desigualdades no contexto dos relacionamentos amorosos. Ainda assim, tendo em vista a consideração de Pedro, quando comentava o evento no carro, de que “Bernardo apagava a mulher que Rafaela era” e a declaração dela de que, ao longo deste relacionamento, ela deixou de se reconhecer, sugerem que uma divisão de papéis dessa forma, entre opressor e oprimida, foi vislumbrada por minha colaboradora³⁹. O que, por sua vez,

39 Henderson (1999) pontua que a emergência da cultura *rave* na Inglaterra foi de grande importância para uma ampliação do campo de possibilidades entre a articulação entre consumo de drogas e convenções de gênero. Para esta autora, nesses circuitos foi superada as figuras de acordo com as quais as relações concebíveis entre mulheres e drogas sempre remetem à “escravidão pela droga”.

causa desconforto em Rafaela e em seus amigos, na medida em que contradiz tanto os valores e as formas de acordo com os quais, como vimos no primeiro capítulo, as mulheres que circulam pelas redes que investiguei se diferenciam de *mulherzinhas*, como também os valores e as formas que orientam a constituição do par.

Embora seja possível apontar o receio de Rafaela, este contexto é bastante diferente daquele estudado por Gregori (1989), no qual a violência na relação conjugal se reproduz de forma sistemática e é praticada sempre pelo marido e sofrida pela esposa. Tendo realizado sua pesquisa com mulheres, em geral, dependentes financeiramente dos maridos e/ou com filhos, a autora é feliz em reconhecer que as queixas dessas mulheres, as quais reconstroem as cenas de violência sofrida por elas, não evidenciam uma passividade, mas sim a encenação de um roteiro (*script*) a partir do qual, juntamente com seus agressores, elas articulam a posição de vítimas. Portanto, cenas e queixas se convertem em um espaço de agência e de produção de subjetividade para essas mulheres, no qual elas se constroem como “mulheres virtuosas”. Como Gregori, em meu trabalho também considero que experiências que envolvem amor e comportamentos agressivos, como no caso da sucessão de eventos que acarretou no rompimento de Bernardo e Rafaela, compõem um roteiro que orienta esses atores em suas condutas afetivo-sexuais e por meio do qual, inclusive, posições de sujeito podem ser elaboradas e assumidas. Mais especificamente, refiro-me aqui, como componentes de tal roteiro, aos rompantes de nervosismo que, não raro, culminam em agressões verbais e físicas, à dificuldade enfrentada para concretizar o rompimento e, como avançado na sessão anterior, à valorização de trajetórias amorosas compostas por vários relacionamentos e por períodos em que a pessoa se apresenta solteira. Minha hipótese é que tais elementos oferecem parâmetros a partir dos quais se avalia o maior e menor sucesso de uma trajetória amorosa.

A esse respeito, como indicativo de que nesses roteiros a posição feminina não é marcada como submissa, tal qual vividos por casais heterossexuais, vale registrar que Rafaela, ao lembrar e me contar, com extravagância, das feridas de seu nariz, provocadas pelo pó que recebia de Bernardo e consumia com ele, inclina o pescoço e com o indicador pressiona a ponta do nariz para cima, posicionando a cabeça em um ângulo que me permitisse olhar para as feridas no interior dele, apesar de já não estarem ali. Apesar do nojo que sente delas e do consumo de cocaína, no geral, também projetável no ex-namorado, o interesse era de me mostrar, como se elas pudessem atestar algo sobre ela e sobre o relacionamento com o ex-namorado. Do mesmo modo, foi com sorrisos e suspiros que ela se lembrou e me contou do

modo que ele a tocava, das palavras que ele sabia que a “atçavam”, e de sua *pegada*. Também cabe ressaltar que, embora ela tenha capitulado às provocações de Bernardo, foi ele que correu atrás dela, que foi insistente em não deixá-la terminar o namoro. E, principalmente, por que foi nesse processo que ela aprendeu a *dar*: “porque tem que saber dar! É um aprendizado, mas quando você aprende, qualquer cara fica louco, né? Porque não é todo mundo que sabe dar, toda mina”, ela me confessou.

Na sequência, apresento duas histórias com as quais ilustro esta colocação. A partir delas avanço na delimitação dos efeitos da intromissão de psicoativos nas experiências afetivo-sexuais. Seguindo a perspectiva desenvolvida ao longo do texto, acreditamos que a agência dos psicoativos se dá no sentido (1) de dar formas ao sentimento e às relações afetivo-sexuais, isto é, na implementação e encenação dos roteiros; e (2) de dar visibilidade a alguns aspectos dessas relações que usualmente permanecem obscurecidos.

Cuidado, putaria e o nirvana

A perspectiva dos roteiros afetivo-sexuais foi elaborada por Gagnon (2006) e Gagnon e Simon (2005) e acredito que ela pode nos ajudar aqui, sobretudo, por suas afinidades com a perspectiva das “carreiras”, elaborada pelos autores de Chicago. Ao formulá-la, a partir da década de 70, estes autores estavam interessados em rechaçar explicações que explicassem as motivações e condutas sexuais ancorando-se em noções essencialistas de necessidades biológicas. Em contrapartida, eles enfatizam que experiências sexuais são aprendidas, codificadas e inscritas na consciência, conforme o indivíduo é impregnado por múltiplos relatos, os quais implicam uma sucessão de acontecimentos ou uma perspectiva de projeto, tanto no sentido do curso da vida, quanto no da coordenação de intercâmbios sexuais concretos⁴⁰. Conquanto articulados pelo conhecimento formulado em interações (sexuais ou não) passadas, a mobilização ou encenação dos roteiros sempre se conformam a situações e interações presentes, de modo que eles são constantemente adaptados, conforme o indivíduo circula por diferentes contextos culturais⁴¹. Essa perspectiva é boa aqui por dois motivos: em

40 Para a análise de tal processo, os autores estabelecem uma distinção entre três níveis de roteiros, culturais, interpessoais e intrapsíquicos. Tais categorias não serão empregadas neste trabalho, pois partem de categoria de indivíduo e de cultura que busco problematizar. Dessa forma, retenho destes autores os aspectos dessa teoria destacados no texto, a saber, o aspecto cênico e a não-especificidade da coordenação e moralidade que incidem sobre a vida sexual.

41 O artigo em que Simon e Gagnon (2005) discutem a ocorrência de práticas homossexuais em presídios norte-americanos é exemplar a esse respeito. Gagnon (2006) enfatiza o caráter adaptável do ser humano, particularmente no tocante à sexualidade. Ele atenta para o modo como as motivações para realizar determinados atos sexuais se transformam, tendo em vista os estágios distintos do curso da vida.

primeiro lugar, porque a moralidade e as técnicas que orientam as práticas sexuais deixam de ser tratadas em separado de preocupações de outras ordens, de modo que as formas tomadas por elas podem ser influenciadas (e em geral são) por prescrições e ideias formuladas a partir de interações e de relatos que, neles mesmos, não tem nada de sexuais ou eróticos – como, por exemplo, a partir da interação com drogas e das narrativas e especulações sobre elas. Consequentemente, o esforço que incide na coordenação da conduta sexual pode também objetivar ganhos, mudanças ou correções em outras esferas da vida social. Em segundo lugar, o conceito pontua uma dimensão cênica (ou dramática) das práticas afetivo-sexuais, tanto no que se refere à coordenação das ações na relação sexual em si, tendo em vista as ações do parceiro, quanto no que se refere à mobilização dessas experiência para marcar as posições de sujeito que se assume em outras interações e relações⁴². Cabe pontuar que os atos sexuais, suas formas e as sensações que suscitam, são também signos que circulam nessas redes de amigos. Nesse sentido, similar à mobilização de objetos da cultura de massa para marcar diferenças de estilo e expressar as problemáticas da posição social, tal qual aparece no argumento de Hebdige (1979), a perspectiva dos roteiros chama a atenção para que consideremos não tanto os códigos morais que prescrevem, sancionam e marginalizam certas práticas, mas sim as mensagens e problematizações que são articuladas e expressas por meio da coordenação da conduta sexual.

Neste item, com o relato das histórias de Vitor, 29 anos, e de Ângelo, 28 anos, quero mostrar como a mobilização que se faz das substâncias psicoativas disponíveis, tendo em vista o conhecimento desenvolvido sobre seus efeitos nas práticas sexuais, delimitam e articulam relações, afetos e erotismos. Para tanto, atentarei para a categoria *putaria* e *cuidado*, pontuando sua relação com a *loucura* e explicitando que a partir delas, mais do que classificar atos específicos, vislumbra-se uma gama de articulações possíveis entre usos dos corpos, das drogas e das relações afetivo-sexuais – o que não é negligentes aos marcadores de gênero, sexualidade e idade.

Quando nos encontramos em um bar na Santa Cecília, Vitor me disse: “Faz quatro anos que eu fumo [maconha] todos os dias e, sinceramente, eu nem cogito passar um dia sem maconha”. Para me dizer isso, ele abaixou o tom da voz e reclinou a cabeça para olhar por cima dos aros de seus óculos, indicando que comunicava um segredo; ao mesmo tempo havia

42 Strathern (1999) avança nesse debate ao propor, com base na etnografia da Melanésia, que entre esses povos, o gênero não marca identidades unitárias, mas trata-se de uma convenção estética, uma linguagem, por meio da qual um modelo reprodutivo é articulado, tendo em vista as trocas que se estabelecem entre parentes e entre parceiros de clãs distintos.

um sorriso discreto que, por sua vez, insinuava que não havia muito pudor com relação a isso. Quando percebeu isso pela primeira vez, mais ou menos seis meses depois de ter começado a fumar maconha com essa frequência, ele tentou interromper o uso: deixou que a paranga acabasse e depois as pontas. A última ponta ele fumou em uma manhã, antes de sair para o trabalho, como fazia e faz normalmente. Quando chegou em seu local de trabalho, já se sentia irritado e um pouco triste, sabendo que não poderia fumar na hora do almoço, como fazia normalmente. Aliás, também não teve muita fome, conseguindo comer apenas alguns biscoitos ao longo da jornada de trabalho. Quando chegou em casa, suas costas doíam e ele não teve ânimo para conversar com sua mãe, como geralmente faz. Apenas teve vontade de tomar um banho e capotar.

No caminho da volta, logo que entrou no carro, cogitou ligar para o traficante, mas decidiu manter sua resolução – “só uma semana sem [maconha], vai te fazer bem”, ele pensou. Após o banho, deu boa noite a sua mãe, escolheu um episódio de seriado e se deitou, esperando cair no sono antes do final do vídeo, como sempre acontece. A falta do cigarro de maconha, no entanto, impediu que as coisas acontecessem assim e ele só adormeceu depois do terceiro episódio. “E isso te deixou mal?”, eu perguntei. E ele exclamou: “Claro! 'Tá viciado agora?!’ – eu pensei. 'Não pode mais ficar sem?’”. O dia seguinte foi igualmente difícil, ainda assim, preferiu voltar para casa sem ligar para o traficante. Arrependeu-se de não ter ligado, pois teve dificuldade de dormir ao final do seriado pela segunda noite consecutiva. No dia seguinte ele ligou para o traficante logo pela manhã, antes de chegar ao trabalho, e marcou de encontrá-lo no horário do almoço. Fumou antes de voltar para cumprir o segundo turno da jornada.

Após este episódio, Vitor chegou a ficar outros dias sem maconha, algumas vezes por escolha própria, dado o incômodo que se ver como viciado em maconha lhe causava, sobretudo porque ele também fumava tabaco e bebia muito. Contudo, na maioria das vezes a abstinência foi provocada por problemas com a oferta do produto, i.e., em geral, se tem dinheiro e acesso ao produto, ele certamente fumará um cigarro de *cannabis* antes de dormir. Como não cogita ficar um dia sem maconha, para compensar, ele parou de fumar tabaco cotidianamente e também diminuiu consideravelmente o consumo de álcool. Nesse encontro na Santa Cecília, ele mencionou se culpar também por não fazer nenhuma atividade física: “É claro que eu me culpo! Eu tenho quase trinta e não faço nada. Eu sou sedentário”. Ele passou a frequentar aulas de ioga na segunda metade de 2012, o que, juntamente com a diminuição

do tabaco e do álcool, compensa os problemas que a manutenção do uso de maconha possa lhe causar, tal qual ele me conta.

A maconha passou a ser a principal droga de Vitor mais ou menos na metade de seu relacionamento com Artur. O namoro começou quando ele estava no último ano do curso superior e sua aproximação com a maconha começou pouco depois da conclusão do curso. O relacionamento com Artur durou pouco mais de cinco anos, chegando ao fim no começo de 2012, pouco antes de meu primeiro encontro com Vitor. Contudo, o rompimento demorou quase um ano para se concretizar devido às constantes recaídas de ambas as partes.

Antes de Artur ter tomado essa decisão, foram mais de cinco meses de crise que Vitor se esforçou para mediar/gerenciar. Nesse período, eles praticamente não transavam e, mais de uma vez, Artur deu desculpas e contou mentiras para não precisar fazer companhia a Vitor ou sair com ele, preferindo se divertir com outros amigos; também houve traições de ambas as partes. Ainda assim, continuavam dividindo o quarto em uma república no centro da capital, do qual Vitor era responsável pela maior parte dos gastos. Nesses cinco meses, Vitor acreditou que a situação seria revertida, que precisava ter paciência, pois Artur passava por um momento difícil: “Eu acreditava que era isso que eu tinha que fazer, que eu tinha que continuar, porque eu acho que vale a pena, um relacionamento, eu achava que era esse o meu papel, cuidar para não terminar”, ele me disse naquela noite na Santa Cecília. E completou: “Eu sou *Amélia*, gato! Eu gosto de cuidar, da pessoa, da relação, é uma coisa minha. Não posso dizer que foi o Artur, porque eu sei que é uma necessidade minha – ser *Amélia*, cuidar”, ele me disse na noite na Santa Cecília. Tanto acreditava que, quando Artur finalmente se decidiu e lhe comunicou que desejava romper o relacionamento, Vitor recebeu a notícia com grande surpresa e, mesmo depois desse evento, continuou acreditando que a situação seria revertida. Como mencionei, ao longo dos meses que seguiram o término, Artur o procurou várias vezes e Vitor, ainda que, nessas aventuras, tentasse não se envolver e não criar expectativas, pelo menos em uma ocasião acreditou que sua previsão quanto à retomada do namoro se concretizaria de fato.

Era um feriado e Artur o convidou para passar com ele em uma casa no litoral de São Paulo, a qual pertencia a um parente. Além da casa, Artur conseguira também uma quantidade considerável de cocaína – o suficiente para mantê-los animados e com vontade de transar por todo o final de semana. Beneficiados pelo clima chuvoso destes dias, a cocaína foi empregada como imaginavam e eles mal saíram da cama. Aliás, cumpre ressaltar que em muitos desses

encontros sexuais que sucederam o término, Artur trouxe cocaína consigo, “pó bom”, notou Vitor, que não sabia explicar onde ou como Artur havia conseguido esse contato. Contrastando com o final do namoro, Vitor frisou a qualidade do sexo praticado pelos dois em todas essas ocasiões, com ou sem cocaína, algumas vezes com uísque ou vodca. Mais de uma vez, aproveitando que o sexo havia acontecido há poucos dias, ao me narrar a aventura, ele apontava em seu corpo os hematomas – marcas de chupadas, tapas e socos – que haviam sido causados nele. “Amigo, comi o Artur de novo!”, ele me interpelava e iniciava o relato, com o semblante de quem conta um segredo, de quem rompe com uma regra – a reconhece enquanto regra, mas não chega a ter pudores em tê-la quebrado. Aliás, um olhar similar àquele que trazia quando me confidenciou que já não cogita ficar um dia inteiro sem fumar maconha: olhando-me por cima do óculos, sorriso discreto, ele completava: “Foi fantástico... fiz coisa que eu até eu duvido”, finalizando com uma gargalhada.

O feriado no litoral foi mais uma dessas ocasiões em que, depois do namoro, Artur e Vitor se encontraram e tiveram relações sexuais – vale frisar que nem sempre o encontro era marcado com essa finalidade, pelo menos não explicitamente. Todas as vezes que Vitor me falou sobre elas, enfatizava que haviam sido de ótima qualidade. Nesta ocasião, entretanto, além do sexo, Vitor mencionou ter havido também bastante carinho e conversas íntimas e profundas. Como principal indício desse diferencial, ele disse que, na última manhã no lugar, um domingo, Artur levantou mais cedo, foi à feira e trouxe peixe e temperos para que cozinhassem, como faziam nos melhores momentos do namoro. Quando Vitor acordou, Artur já cortava legumes e temperava o peixe. Na sequência, consumiram o restante da cocaína e transaram até o final da tarde, tomaram banho e voltaram para São Paulo.

Em suma, Vitor voltou para São Paulo esperançoso de que desta vez reatariam. Ainda assim, não se precipitou e esperou até o fim de semana seguinte para fazer um convite ao ex. Vitor telefonou no sábado à tarde, sugeriu que fizessem algo, talvez um cinema, um jantar. Artur respondeu que sairia com uma amiga e que por isso não sabia, Vitor insistiu, perguntou se ele estaria livre depois deste encontro, Artur gaguejou, não soube responder se queria fazer algo e acabou chamando Vitor para acompanhá-lo no encontro com sua amiga. Ele aceitou na expectativa de que depois do encontro poderiam ficar a sós, o que não aconteceu. Quando Vitor fez a proposta, depois que a amiga partiu, Artur mais uma vez pareceu confuso, não conseguiu responder qualquer coisa e concluiu pedindo que Vitor o levasse em casa, pois precisava deixar a chave com a mulher com quem divide o apartamento. No trajeto, não disse

muita coisa. Somente quando estava prestes a sair do carro, já na porta de seu prédio, Artur conseguiu deixar claro que não passaria o resto da noite com Vitor: não era adequado, ele não tinha mudado de ideia, apesar do último fim de semana na praia. Vitor ficou sem reação. Ficou enfurecido. Para completar, Artur telefonou para ele pouco depois que se despediram. Vitor estava em uma avenida, ao ver a chamado do ex-namorado, estacionou o carro, onde estava: “Olha isso! Olha o que ela faz comigo, eu parei o carro, no meio da rua, ele telefonou e eu parei”, ele me disse, quando me contou do ocorrido. Artur apenas se desculpou, disse que não queria criar mal-entendidos, manteve sua posição. Por um segundo, quando celular tocou e ele estacionou o carro, Vitor achou que seria diferente, que Artur falaria outra coisa.

Vitor e eu nos encontramos pouco mais de uma semana depois deste evento derradeiro com seu ex-namorado, desta vez em um bar na Praça Roosevelt. Depois de me narrar essa sucessão de eventos, ele avaliou sua conduta com relação a Artur nesta longa crise e declarou como se sentia a respeito:

Eu me odeio por isso. Eu vejo que esse tempo todo eu estive aqui pra ele fazer o que quiser comigo, eu me odeio por ter dado todas essas chances pra ele fazer esse tipo de coisa comigo. Depois de tudo que ele já fez, eu ainda dei a chance pra ele me humilhar mais uma vez. Não bastava ele pegar outro na minha frente? A gente conversou, ele se explicou, disse que estava muito louco, que o cara veio em cima e ele não resistiu... Eu entendi, perdoei. Como que eu me coloco nessa situação!? É pior pensar nisso, porque se eu não vou atrás dele... Esse tempo todo eu fiquei aqui, a disposição dele, mas se eu não estou aqui, é *Grindr*, não tem outra coisa, não me controlo. Se eu não tivesse aqui, conversando com você, era isso que eu faria: ficaria na internet até encontrar uma *fodinha*... eu viro a noite, perco um dia todo. Eu não me controlo. Eu não sei o que fazer. Preciso tirá-lo da minha cabeça, porque agora eu sei que o Artur já me tirou da vida dele, mas é isso, se não penso nele, se não vou atrás dele, é essa ansiedade, é essa necessidade de sair, de encontrar alguém. Eu não tenho mais idade pra isso.

Por enquanto, não falarei da dificuldade que Vitor e Artur enfrentaram para concretizar o rompimento, antes [disso] quero chamar atenção para a complementariedade entre a conduta de Vitor [e de Artur] perante o conjunto de psicoativos a sua disposição e aquela que ele mantém perante o mercado afetivo-sexual⁴³ de que participam. A respeito deste segundo mercado, cumpre notar que, do ponto de vista de Vitor, fazer sexo com Artur como amante (como se fosse uma *fodinha*), fazê-lo na expectativa de um retorno ou, ainda, procurar (descontroladamente) por uma *fodinha* com um desconhecido, são algumas de suas possibilidades, já que ele está solteiro. Quanto ao primeiro mercado, o de drogas, nota-se que na constituição de seu estado de solteiro, ele recorre também à cocaína, tanto nas aventuras com Artur, quanto na busca de novos parceiras e no intercâmbio sexual com eles – com essa

43 França (2010) e Gregori (2011a) utilizam o termo em seus contextos de pesquisa.

mesma finalidade recorreu também a um inalante chamado *poppers*⁴⁴, passível de ser adquirido pela internet. Anteriormente, ao iniciar o namoro com Artur, houve um afastamento dessas substâncias, que passaram a ser mobilizadas raramente por Vitor: apenas quando pretendia uma noite especial com o parceiro. Mesmo nesses casos, a opção mais comum era o LSD. Já ao final do curso superior, quando já estava com Artur, ele se aproximou da maconha, que combinou com o estilo de vida caseiro que ele vinha mantendo, tanto por causa de sua situação conjugal, quanto pelo cansaço por conta da jornada de trabalho de 40h semanais.

O movimento em direção ao pó e ao *poppers* após o término de um relacionamento já havia sido experimentado por Vitor. Na época ele estava com 22 anos e dividia o aluguel com o parceiro, com quem morou por pouco mais de um ano. Após iniciar o curso superior, conhecer novas pessoas e, nesse processo, voltar a frequentar a *noite*, ele terminou o relacionamento, pois desejava *putaria*. De alguma maneira, essas duas substâncias propiciam a *putaria*, tal qual aparece nas trajetórias e nas falas de Vitor e de outros colaboradores. Além de propiciar a *putaria*, a forma *solteiro* muitas vezes se constitui a partir de um desejo por *putaria*, como aconteceu com Vitor ao ingressar na universidade, com Mariana quando decidiu embarcar para São Paulo e, como veremos a seguir, também com Ângelo. Consequentemente, a forma *solteiro* implica e contém esse desejo. Conforme as pessoas *comem* seus parceiros eventuais e conversam com seus amigos a respeito, tal desejo é exposto. Nesse sentido, enquanto modelo de coordenação da conduta sexual, a *putaria* em geral envolve ter vontade e buscar relações afetivo-sexuais com novos parceiros e sem intenções de iniciar uma relação conjugal. Nesse caso, a *putaria* compreende a *pegação*. Em alguns casos, nesse processo, pode haver o desenvolvimento de relações mais ou menos duradouras, as quais afetos também são atribuídos, fala-se, em geral, de amigos ou, mais explicitamente, de *fuck friends*. Esse aspecto é destacado por Pedro, que aponta para a compatibilidade entre *putaria* e *loucura*:

A minha putaria sempre foi de beijar trocentos na balada, uma coisa da *loucura* mesmo, bebaço, nunca fui puto sexualmente mesmo... nunca trepei cheirado, nunca fiz suruba, nunca rolou... uma vez eu chupei um cara na Loca, mas foi o máximo, assim, que eu já fiz. Eu sempre fui pudico, um falso moralismo até, hoje em dia que tenho mais curiosidade, sou mais aberto, com essa ideia de sauna, clube de sexo, suruba. Se eu fosse solteiro hoje em dia iria muito em sauna essas coisas.

A ideia de *putaria* pode ser empregada para caracterizar atos sexuais específicos,

44 O *Poppers* é um inalante, vendido normalmente na forma de um comprimido diluído em uma solução com álcool. Não é uma substância ilícita e pode ser encontrado em vários sites pela internet. Os efeitos relatados são: uma leve taquicardia, excitação sexual e relaxamento muscular. Nos relatos coletados sobre essa substância ela sempre aparece empregada com finalidades eróticas e sexuais.

como a fala de Pedro também pontua. Nesse sentido, ela remete a vulgaridades, exploração de prazeres que se aproximam da dor e arranjos sexuais que transgridem a forma diádica. Nesta acepção, ela não necessariamente contradiz a forma *casal*, mesmo nos casos em que este supõe monogamia.

É importante ressaltar que não é uma exclusividade de homens homossexuais o padrão, de acordo com o qual, o final de um namoro é seguido de um ímpeto em direção à intercâmbios sexuais com novos parceiros. Rafaela mesmo, após terminar com Bernardo, ficou longos quatro anos sem namorar, período em que ela teve vários casos, e acumulou alguns amigos com os quais ela transava com alguma frequência:

“Era uma coisa que acontecia, com Fabiano e o Marcelo, chegou a rolar até nós três algumas vezes [risos]. Mas não era tanto pela putaria, com o Marcelo era um pouco mais, porque ele é mais safado, mas com o Fabiano era uma coisa mais de amizade mesmo, mais de curtir a viagem, entende? Era uma coisa que acontecia, a gente ia só fumar um beque, quando via já estava se pegando”.

Paula, após romper um namoro de quatro anos, teve um comportamento similar. Em uma de nossas conversas, ela me revelou que no momento estava com três *casinhos*, dos quais ela gostava do sexo que fazia, mas que nenhum deles tem os requisitos para se tornar seu namorado. Ela diz que eles são *putos*, *galinhas*, além de serem *moleques*. “Teve uma vez que eu tive que pagar o motel, duas vezes, com o Leo. Afe! Eu não faço mais isso, posso dividir, normalmente eu divido, mas pagar sozinha, isso eu não faço mais”.

Não se trata aqui de formular categorias estanques, a esse respeito, chamo atenção para o fato de que, as aventuras sexuais que Vitor e Artur passaram a manter após romperem o relacionamento, do ponto de vista de cada um deles, se aproximavam do registro da *putaria*, o que é sinalizado pelo olhar confidente que ele me dirigia quando me contava a aventura mais recente, bem como pelos hematomas que apontava e pela informação de que tais marcas também materializavam a atuação da cocaína e/ou do *poppers* que o casal havia consumido. Aliás, com as devidas ponderações, a resistência e capitulação de Rafaela frente às provocações de Bernardo, que a “atiçava”, também se beneficiam do mesmo movimento de aproximação com a *putaria*. No caso de Vitor e Artur, é curioso notar ainda que eles já não se relacionavam sexualmente no período final do relacionamento, tendo retornado a fazê-lo na sequência, quando Vitor já se preparava, com *poppers* e cocaína, para explorar sua vida sexual com outros parceiros, de preferência, como ele mencionou uma vez, sem envolvimento emocional: “Eu quero curtir, quero aproveitar a vida de solteiro que também é boa – não quero engatar outro namoro”.

Apesar dessa afirmação, no depoimento que me deu na Praça Roosevelt, o que sobressai é o cansaço com as dinâmicas do mercado afetivo-sexual em que ele busca parceiros, o qual é intensificado pela figuração ambígua de Artur entre suas possibilidades. Apesar da história entre os dois, os contatos afetivo-sexuais entre eles após o término passou a ser marcado pelas mesmas incertezas que Vitor encontra na busca por novos parceiros. Cumpre ressaltar que procurar sexo na boate, na sauna ou na internet, muitas vezes é oneroso e, não raro, frustrante, seja porque não se encontra parceiro algum, seja porque se encontra apenas pessoas que não se deseja. Os esforços para conseguir uma *fodinha* podem ser medidos em horas no *Grindr*⁴⁵, em quilômetros rodados, litros de gasolina ou dezenas de reais. Se não existe um problema em ter desejos e em realizá-los, todo esse dispêndio nem sempre é justificável a ele próprio, sobretudo quando o produto final desse empenho é a sua imagem à espera de Artur. Resumindo tais infortúnios, ele diz: “não tenho mais idade pra isso”.

Intersecções semelhantes entre carreira como usuário de drogas e roteiro afetivo-sexual podem ser apontados na trajetória de Ângelo, que apresento a seguir. No caso deste interlocutor, no entanto, o foco das preocupações é o próprio consumo de cocaína, diferente do que acontece nas trajetórias de Rafaela e de Vitor, nas quais a causa de sofrimento é delineada a partir da posição passiva que se assumiu perante o par. No caso do segundo, aliás, esta posição submissa é constatada ou projetada também na forma de sua relação com o mercado afetivo-sexual como um todo, tendo em vista o fato de que “ele não se controla” e, em algumas ocasiões, simplesmente precisa de uma *fodinha*, sendo obrigado a se submeter às incertezas deste mercado. Tal qual notado por ele, soma-se como agravante, a incoerência que percebe entre esta posição e sua idade. No caso de Rafaela, esta posição desfavorável é indicada, sobretudo, pelo fato de que ela não conseguia manter-se longe de Bernardo, resistir a suas carícias e a suas drogas, mesmo sabendo que ele era um “playboy mimado”. Soma-se a isso o ciúme, os comportamentos agressivos e as infidelidades dele. A utilização que Vitor faz do termo *Amélia* para se referir ao papel que passou a assumir na relação com Artur indica a possibilidade de empregar o gênero feminino para representar tal posição, o que, do ponto de vista de Rafaela, implica em maiores cuidados e receios. Tal receio é contornado, entretanto, por meio da ênfase que o seu relato dá ao erotismo: às habilidades de Bernardo com as mãos e

45 *Grindr* é o nome de um aplicativo para *Smartphones*. Trata-se de uma ferramenta que promove o encontro de parceiros sexuais em potencial. O aplicativo indica os usuários que, no momento, estão em um determinado raio de distância e permite que se troque mensagens e imagens com essas pessoas.

com a boca, às frases sacanas que falava em seu ouvido para “atiçá-la” e ao *derretimento* de seu corpo, provocado pela ingestão do *ecstasy*. Mais ainda, pelo modo como tais práticas a fizeram constituir-se como uma *mulher que sabe dar*, o que em sua visão a destaca no mercado afetivo-sexual de que ela participa.

Além da maior sensibilidade tátil, aludida pela categoria *derretimento*, que faz com que o toque pareça invadir a pele, e estimula todo o tipo de fricção, essa droga também descontraí músculos e nervos, o que possibilita mais alongamento e articulação nos movimentos⁴⁶. Semelhante ao LSD pela intensidade do impacto das alterações que promove, ela se diferencia dele, segundo os relatos que coletei, pelo caráter mais sensorial de seus efeitos, contrastado com o caráter mental do ácido lisérgico. A cocaína, por sua vez, cujos benefícios para a vida sexual são também enfatizados, tem efeitos semelhantes sobre o sistema articular e sensorial e acarreta em maior confiança e destreza de raciocínio e ação, habilidades que podem ficar debilitadas pelos efeitos do *ecstasy*; diferente deste que, tal qual a ideia de *derretimento* também expressa, é marcado por um apagamento do ego, a cocaína propicia maior ímpeto individual. Essas afirmações são articuladas a partir das informações que obtive nas conversas com essas pessoas, quase sempre acessadas com dificuldade através de metáforas e analogias. Importa frisar que este conjunto de informações e de técnicas sobre o potencial erótico dos psicoativos é construído conforme a pessoa avança em sua carreira como consumidora de drogas e encena os roteiros afetivo-sexuais concebíveis e valorizados nas redes e espaços pelos quais circula. Nesse sentido, como mostrado por Gregori (2011b) em sua reflexão sobre o uso de *sex toys* e as paródias de masculinidades e feminilidades que eles sustentam, as narrativas que exponho também “indica[m] um foco de atuações, reflexões e demandas que constitui uma espécie de corporalidade erótica, e não propriamente questões de identidade ou de direitos” (p.317). Se, por um lado, tais experimentos implicam na exploração e articulação de mapas libidinais que mobilizam e deslocam convenções de gênero, instituem zonas erógenas e relativizam as formas possíveis de arranjos afetivo-sexuais, elas também implicam em perigo, confusão e engano. Continuo este argumento apresentando, a seguir, a trajetória de Ângelo, na qual, como adiantado, o ponto de preocupação não é tanto a relação com o parceiro ou o mercado afetivo-sexual, mas

46 Essa exacerbação dos sentidos e da sensualidade pode ser apreendido mesmo por quem observa pessoas que tomaram *ecstasy*. Lembro de uma vez, na boate *D-Edge*, que fica na Barra Funda. Saí para fumar um cigarro e do outro lado rua, oposta à entrada da casa, havia um grupo de quatro pessoas, dois homens e duas mulheres, todos heterossexuais. Eles formavam um pequeno monte no chão, todos os quatro entrelaçados, friccionando as mãos uns nos corpos do outro.

principalmente a relação com a cocaína e demais atrativos da vida de solteiro.

O relacionamento entre Ângelo e Bruno começou pouco mais de um mês depois da partida sua de mãe, enquanto ele ainda se esforçava para não comprar cocaína, mas já se permitia consumir em eventos esporádicos, quando lhe era oferecida. Se conheceram em uma festa, tinham amigos em comum. Embora circulasse pela noite, Bruno não usava nenhum tipo de droga, apenas tabaco. No início ele era flexível com a maconha – preferia que Ângelo não fumasse, mas não arrumava confusão quando ele pedia licença para fumar um na esquina, o que mudou com os meses, tendo havido discussões por causa desse hábito. Quanto à cocaína, Bruno sempre foi intransigente. Ao longo de todo o namoro, que durou um ano e dois meses, aos olhos dele, Ângelo havia parado de cheirar.

A – Quando a gente se conheceu eu já estava cheirando bem pouco, com o começo do namoro eu fiquei um tempo sem cheirar, uns dois meses, talvez um pouco mais. Depois eu voltei de novo.

E – E ele aceitou de boa?

A – Eu não contava pra ele, fazia escondido. O Bruno era contra tudo, nem bebida, maconha, quando estava com ele não podia fumar, se quisesse, tinha que descer, fumar na rua.

E – Ele brigava?

A – Podia até não brigar, mas ficava de cara feia, ficava incomodado. Algumas vezes gerou discussão sim.

E – E o que você achava disso?

A – Ah... eu entendia a posição dele, ele não podia consumir nada que altera, nenhuma droga, porque tomava remédio controlado, que alias eu nunca soube direito... O Bruno não falava muito dele, era muito fechado, essa parte da vida dele por exemplo a gente nunca conversou... ele é um cara que sente muito, muito profundo... Várias vezes ele me ligou de madrugada, quatro, cinco horas da manhã, chorando, porque se sentia sozinho, sentia que estava adoecendo, ficando maluco. Ele tem uma carência enorme... Eu me sentia um merda! Porque muitas vezes eu estava sozinho em casa cheirando. Isso era foda, porque eu sabia que tinha um namorado incrível, por quem eu ainda tenho o maior carinho, até hoje, e eu vivia mentindo pra ele – o tempo todo. Pelo menos uma vez por semana eu inventava alguma coisa pra não me encontrar com ele, pra ele não ir dormir em casa, dizia que tinha muito trabalho, precisava estudar, tinha que dormir cedo, qualquer coisa... e ele queria ficar comigo, pedia pra vir aqui, mas eu queria cheirar. Eu separava um dia, as vezes dois, ao invés de aproveitar a folga pra ficar com ele, eu ficava sozinho em casa cheirando. Podre!

É interessante notar que essa atitude com relação às drogas foi um diferencial em Bruno aos olhos de Ângelo, tendo em vista que este, depois do episódio com a polícia e da visita de sua mãe, estava decidido a interromper o consumo de cocaína. Dessa forma, o início de um relacionamento sério é visto, nesta trajetória, como uma estratégia que Ângelo mobiliza para dar outro rumo à sua carreira de *louco*, tendo em vista o conhecimento, elaborado na interação com seus pares, de que a conjugalidade implica em menor exposição

em bares e em baladas e, conseqüentemente, em menor contato com a cocaína. Nem sempre isso é verdadeiro, sobretudo quando ambos os amantes são frequentadores assíduos da noite ou, se pensarmos exclusivamente no consumo de algumas substância, quando ambos são consumidores frequentes dessa substância. No caso de Ângelo, em que há uma diferença, a esse respeito, entre as duas pessoas que formam o casal, este pressuposto parece especialmente eficaz. Nesse sentido, lembramos que, como descreve Heilborn, uma pessoa é marcada como “par preferencial” mediante alguns rituais, mais ou menos públicos, como o compartilhamento de experiências, seja realizando atividades conjuntamente, seja mantendo o par atualizado acerca das atividades que se realiza individualmente (ou com outras pessoas), o que a autora denomina, respectivamente, como “anseio de simetria” e “monitoramento pessoal”. Nesse sentido, no caso de Ângelo, a exclusividade com que deveria dar forma a sua relação com Bruno se combina com a prescrição do *Narcóticos Anônimos*, o qual foi procurado por este interlocutor, de afastar-se ou mesmo romper relacionamentos que ensejam o consumo da substância que se deseja abandonar.

O início de um relacionamento sério como estratégia de minoração dos riscos do estilo de vida é um recurso conhecido e utilizado por homens e mulheres, homo e heterossexuais. Ao refletir sobre suas motivações para interromper o uso de cocaína, Pedro confere grande importância ao relacionamento que iniciou ao retornar para a casa dos pais no interior. Antes disso, quando o entrevistei no começo de 2012, ele explorava essa possibilidade, dizendo que se tivesse um “gatinho”, seria mais fácil resistir aos vários convites para ir para *Loca*, beber, fumar e cheirar.

Guilherme também reconhece que o início de seu relacionamento com Sérgio foi decisivo para que ele parasse de usar cocaína. Quando se conheceram, Guilherme ainda consumia esta substância todos os dias, eventualmente passando um ou dois dias sem dormir, por conta do hábito e do volume de trabalho. Embora achasse perigoso esse tipo de relação com a cocaína, Sérgio diz não ter feito qualquer exigência a Guilherme, apenas ouvia suas queixas e propunha que ele se esforçasse para não comprar – aliás, o mesmo que falava para Ângelo. Além disso, Sérgio sugeria que ele passasse a fumar maconha, hábito que Guilherme já teve em outros períodos de sua vida, mas que havia substituído pelo consumo de cocaína nos últimos anos. Um dos eventos que marcaram essa transição foi a dificuldade de ter uma ereção, no início do relacionamento, quando ainda não eram oficialmente namorados. Segundo ele, o constrangimento perante o atual marido e a irritação consigo próprio que essa

situação lhe causou deixaram claro que a cocaína já não lhe trazia benefícios, em suas palavras: “Eu estava lá, com um cara por quem eu estava me apaixonando, e meu pau não subia, não subia, por causa do tanto de pó que eu tinha cheirado”.

Voltando à história de Ângelo, o relacionamento com Bruno de fato estimulou meu colaborador a se afastar da cocaína e da *noite*. Com este namorado, Ângelo passou a circular em outros ambientes e a desenvolver outros hábitos, o que o influenciou, inclusive, na decisão de seguir carreira na área de ciências humanas. No que diz respeito à interrupção do uso de cocaína, o plano acabou não funcionando como ele imaginava, é o que indicam as sucessivas mentiras que contou a Bruno para que pudesse passar noites sozinho *tecando*, o que resultou, por sua vez, no término do relacionamento: como não podia partilhar suas experiência com Bruno, o término tornou-se necessário. Como aconteceu com Vitor e Artur, Ângelo e Bruno também passaram por um período sem sexo no final do relacionamento, decorrente tanto da depressão do segundo quanto do interesse do primeiro pela cocaína e por relações sexuais com outros homens. No exemplo anterior, Vitor estava disposto a se esforçar para preservar a relação, diferente de Ângelo, a quem a ideia de estar solteiro era bastante sedutora.

Com o fim do relacionamento, sua disponibilidade para buscar novas experiências sexuais aumentou. Seguindo nesse ritmo, em algumas semanas, ele já voltara a cheirar todas as noites. No começo levava para a universidade, cheirava antes de participar da aula e, depois, na hora de ir embora; ao chegar em casa, continuava pela madrugada. Logo percebeu que cheirar e entrar na aula não funcionava, pois ele se sentia angustiado e não conseguia se concentrar, saía outra vez, bebia água, dava mais um *teco* no banheiro e voltava para a sala, onde não conseguia permanecer por muito tempo. Com o passar dos dias, ele parou de frequentar a faculdade, pedia para alguém assinar e acreditava que, ao final, daria conta das provas e dos trabalhos, o que não aconteceu e ele acabou reprovando em várias disciplinas, como já havia acontecido no primeiro semestre. De todo modo, indo ou não à faculdade, ele já se sentia ansioso na hora do almoço, vez ou outra ele levou *pó* para o trabalho, mas não deu muito certo pois ficava muito preocupado que alguém notasse qualquer sinal. No processo de abandonar o curso, várias vezes ele chegou a esperar o ônibus para a faculdade, mas, depois de deixar passar um ou dois, mudava de rumo e se dirigia ao apartamento, passando antes na esquina, onde comprava as cápsulas na *boca*.

“Era o meu altar”, ele me diz, se referindo à prateleira do antigo apartamento em que, ao chegar, ele deixava as capsulas que acabara de comprar, onde já estava a lata em que

guardava a maconha e os artefatos necessários para o seu consumo, mais um canudo de plástico e, ao lado da lata, uma chapa de vidro, os dois últimos necessários para o consumo de cocaína. “Várias vezes o Sérgio chegou e estava lá, o baseado de um lado e as capsulas do outro”, ele completa. Foi em uma dessas noites que ele conheceu Henrique, com quem se relacionou por mais ou menos cinco meses, mas com quem não chegou a namorar propriamente. Como ele me disse:

A – Foi uma coisa muita intensa o que eu vivi com o Henrique, cheguei a achar que estava apaixonado, mas era mais a coisa do sexo, que era muito bom, tudo girava em torno disso. Mas tinha semana em que eu o encontrava três, quatro vezes – era mais do que uma foderinha, entende?

E – E sempre tinha pó?

A – Sim, sempre... quase sempre pelo menos, uma vez ou outra não usamos, mas aí tinha vinho.

E – Ele tinha sempre? Cheirava sempre?

A – Não, ele não cheirava – era mais para trepar mesmo. Eu que levava o padê, eu cheirava todos os dias, as vezes ele tinha também, mas o padê quase sempre eu que levava. Quando eu chegava, a luz já estava baixa, ele já tinha escolhido um [filme] pornô, já tinha vinho, as taças ali, velas e aí a gente ficava ali mesmo, no chão da sala... era bem essa a cena, todas as vezes...

E – E como era o sexo?

A – Ele era muito puto, acho que o homem mais puto que eu conheci, tinha milhões de coisas, brinquedos de *sex shop*: algema, chicote, consolo de todos tipos e todos tamanhos. Tinha todo esse ambiente e o pó em cima da mesa, toda a hora a gente dava um teco... várias vezes eu mandava enquanto tava comendo ele mesmo – colocava na mão, aqui [aponta para o espaço entre o polegar e o indicador, esticados, formando um ângulo de 90°] e mandava. Então... tinha esse clima todo e a gente estava junto nessa pegada, de explorar essas coisas, o sexo desse jeito... e aí a gente foi se conhecendo e foi ficando melhor... o sexo tava ficando melhor.

E – E o pó ajudava?

A – Claro! Deixava a gente mais puto, certeza! Ele te deixa mais ligado, né? E ao mesmo tempo mais relaxado, anestesiado até... tem um calor, quando a pessoa te pega... várias vezes era tão bom, a gente se pegando, se mordendo, e tão quente, o coração disparado... você vai se esfregando, tem certeza de que o pau tá duro e quando você vê, ah, nada! você nem percebe, tá com tanto tesão que acha que tá duro.

E – E por que você não namorou com ele?

A – Ah, várias coisas... Esse tipo de experiência, essa coisa com o pó, eu nunca associei muito com namorado, isso pesou bastante... do jeito que a gente começou, aí pra mim ele sempre ficou nesse espaço da putaria, como eu disse, até achei que estava apaixonado, em um momento, mas pra mim ficou difícil dissociar ele dessa imagem, da putaria... ficou difícil namorar, pensar em alguma coisa mais séria.

Foi com Henrique que Ângelo viveu a segunda experiência que marcou negativamente sua relação com a cocaína, a qual foi relatada por ele como decisiva em sua segunda tentativa de deixar de consumir a substância. É bem verdade que a essa altura, quase dois anos depois de sua mãe tê-lo visitado e sete ou oito meses depois do término do namoro com Bruno, ele estava novamente pesando cinquenta e poucos quilos. Os ossos do rosto ficaram protuberantes e os traços que passam ao lado da boca tornaram-se profundos, o que o fazia

parecer mais velho. Além disso, sua pele estava ressecada e alguns pontos vermelhos surgiram em sua face, pareciam espinhas, uma ou duas vezes ele tentou espremer, mas elas eram mais resistentes e não ficavam amarelas. Depois ele soube por uma amiga que provavelmente aquilo se devia a falta de algumas vitaminas, dado que ele quase não se alimentava: a pele deixa de se renovar e aí aparecem essas feridas.

Em uma dada noite, ao chegar, Henrique ofereceu-lhe algo para beber e lhe mostrou o novo *dildo* que acabara de comprar e que inaugurariam naquela noite. “Era imenso, do tamanho de um braço”, Ângelo se lembra. Henrique já havia lhe adiantado que gostaria de ser *firstado*, isto é, queria que Ângelo introduzisse o punho e o antebraço em seu ânus. Ângelo acredita que chegaram a tentar uma ou duas vezes, mas Henrique não suportou a dor e eles desistiram – o *dildo* imenso que Henrique mostrava desta vez pretendia ser uma etapa na perseguição desse objetivo. Nesta noite, depois de algum tempo transando e cheirando, Henrique conseguiu receber o *dildo*. Transcrevo abaixo um trecho longo de minha conversa com Ângelo, em que ele fala do desfecho dessa experiência e dos pensamentos que a seguiram:

A – Foi uma coisa muito louca, eu nunca tinha sentido nada desse tipo – e olha que muita coisa já aconteceu aqui [risos]. A gente já tinha cheirado pra caralho e já estávamos trepando há horas, quando eu gozei – meu deus! – foi como se... como se eu tivesse atingido o nirvana, eu senti o meu corpo inteiro relaxar de uma maneira... como se eu tivesse injetado heroína.

E – Você lembra como foi, o que estavam fazendo?

A – Putz... tem tanta coisa... eu lembro que eu estava em pé, ou de joelhos, porque eu cai pra trás, foi tão intenso, que eu cai pra trás e fiquei, como se eu tivesse saído do meu corpo, uma coisa espiritual mesmo de nirvana.

E – Estava comendo ele?

A – Talvez... quer dizer, não, não estava... eu estava enfiando alguma coisa nele, ele estava de quatro... ah, era um *dildo*, imenso, do tamanho do meu braço, assim [aponta para o braço]! Eu estava enfiando nele, nesse clima, depois de horas ali já, fazendo de tudo... Aí nessa hora, eu estava usando o *dildo* nele e me masturbando com a outra mão... ele assim, na minha frente, gritando... quando eu gozei foi isso, uma explosão, um nirvana, só assim que eu consigo definir. Eu simplesmente cai pra trás e apaguei, nem lembro de ter falado com ele. Foi muito intenso, uma coisa que eu nunca tinha sentido.

E – E por que você diz que se sentiu mal depois? Por que te fez querer parar de cheirar, de trepar com ele?

A – Ah, eu comecei a ver onde eu tava chegando, sabe? Eu pensei muito nisso: “olha tudo o que eu to fazendo, todo o esforço... por causa de um prazer!”

E – E você pensou nisso quando, depois que caiu pra trás?

A – Ah, foi bem depois... não depois que eu cai, porque eu capotei... mas no dia seguinte, quando acordei, voltado pra casa eu já fui pensando, a cabeça a mil. Eu estava na faculdade, tinha passado, no curso que eu queria, sem precisar pagar nada, e teria que trancar porque passei o semestre cheirando, faltando, indo direto pra casa pra cheirar. Pra cheirar e pra foder... não que eu não queira trepar desse jeito mais, eu sou muito sexual, o sexo sempre foi muito importante pra mim, é da minha essência! Mas olha isso, eu pensava, olha o que eu to fazendo pra ter um prazer! Por causa de um prazer!

E – Você pensou, pensa nisso? Quero dizer, que o pó pode atrapalhar a sua sexualidade?

A – Claro! O Henrique era uma pessoa triste, a única coisa boa que ele tinha, a única parte da vida dele que ele era feliz era aquilo, cheirar e trepar – esse tempo que a gente passava junto [...] Olha, eu frequentei a casa dele por uns seis meses, e eu nunca vi ele receber uma ligação, marcar de sair com alguém... ele nunca nem contou nada sobre um amigo, família, qualquer coisa. A impressão que eu tinha é que ninguém sabia nada sobre ele... Uma pessoa muito triste. Eu não quero ficar assim, não quero ter uma vida assim, no escuro, me escondendo... longe das pessoas e era pra esse lugar que eu estava indo com o pó, era isso que eu via... ficou na minha cabeça, eu não quero ser uma pessoa assim. Não posso mais parar toda a minha vida pra ter um prazer.

A esse dia se seguiu um período complicado para Ângelo. A mulher com quem ele dividia o apartamento lhe deu um ultimato para que ele o desocupasse. A relação dos dois já estava difícil, mas essa atitude dela o pegou desprevenido. Ele precisou arranjar com rapidez um local para deixar seus pertences e conseguiu alugar um quarto em uma pensão do centro. Logo também perdeu o emprego e ficou sabendo que não poderia trancar a faculdade, pois já havia perdido sua vaga por conta de repetência por faltas. Sérgio chegou a visitá-lo nessa pensão, onde soube do *nirvana* que o amigo havia atingido, dos infortúnios que o afligiam e do novo relacionamento que ele iniciava, com César. Sérgio me disse o seguinte sobre esse encontro:

Eu fiquei passado quando o vi naquela situação, não sabia que estava daquele jeito, fiquei um ou dois meses sem vê-lo e ele parecia outra pessoa, parecia doente, mas estava cheirando ainda... eu até falei: 'Bicha, mas se você não quer mais... por que comprou?', que droga do mal, meu! O menino ali, falando de tudo, com a maior calma, isso que é o mais bizarro, porque ele falava normal, como se não fosse com ele que estivesse acontecendo. Tipo: “perdi tudo, to todo cagado”, mas continuava sereno, planejando o que iria fazer, como iria se levantar. Mesmo assim, com toda essa calma, ele falava que não conseguia, que passava na *boca* pra comprar beque e não conseguia, levava o padê também.

Nesse período conturbado, Ângelo conheceu César em uma festa. Ficaram conversando, cheiraram juntos, se pegaram e foram para a casa de César. Na manhã seguinte eles tocaram no assunto do pó, César também se queixava, há dois anos ele vinha cheirando quase que diariamente. Estava bem empregado, circulando em ambientes que eram novos para ele, ambientes em que ele fora introduzido pelo seu namorado anterior, que também o introduzira ao consumo cotidiano de cocaína. A situação de Ângelo era mais alarmante, já que ele acabara de ficar desempregado: “chegando todo dia virado no trampo, uma hora daria alguma merda”. Embora estivesse bem empregado, César tinha dívidas e estava difícil se manter no apartamento em que vivia no Jardins, bem como as idas frequentes à *D-Edge*. Começaram a namorar e muito do encanto inicial, da parceria entre os dois, estava no

comprometimento de ambos com o controle ou a interrupção do consumo de cocaína. No início do relacionamento, embora houvesse a expectativa de dar outro direcionamento às suas carreiras como usuários, havia também grande atração pela substância, tendo em vista o poder que ela manifestava na vida sexual do casal. Soma-se a isso, do ponto de vista de Ângelo, que César tinha acesso a *pó* de melhor qualidade em comparação àqueles que estava acostumado, do mesmo modo que tinha acesso VIP a casas noturnas, o que dificultava o controle que ambos diziam querer ter sobre o consumo desta substância. Embora estivesse apaixonado (ou se apaixonando), Ângelo percebeu que não conseguiria deixar o *padê* se permanecesse em São Paulo, apesar do comprometimento que César e ele diziam ter a esse respeito.

Mais uma vez se lembrou do que uma amiga havia lhe dito, e que também estava escrito no livro dos Narcóticos Anônimos, que para conseguir deixar uma substância, era fundamental deixar de frequentar pessoas que a utilizam e locais em que ela pode ser conseguida com facilidade. Pensando nisso, entrou em contato com amigos da cidade em que sua mãe mora e conseguiu esquematizar um emprego de monitoria em um acampamento de férias, em que teria que ficar por três meses, sem poder sair. “É isso, é o único jeito! Por que aí eu sabia que não poderia sair, não teria como arranjar pó”. Conversou com César, explicou a situação e recebeu seu consentimento e apoio. Tal qual ele me disse, essa foi a sua *rehab*⁴⁷, isto é, o modo encontrado por ele para se forçar um tratamento de abstinência. Em suas palavras:

Eu já tinha tudo agilizado, já estava atinando esse plano fazia tempo. Antes de ser mandado embora eu já tinha me dado conta que se ficasse aqui não conseguiria parar. Era difícil me afastar de todo mundo... eu tava sem um puto, mas pra essas coisas sempre aparecia alguém, oferecia, emprestava dinheiro... não tinha como... Então eu arrumei esse trampo, é perto da cidade que minha mãe mora, foi com um amigo meu de lá. Quando eu sai do trampo já corri pra lá, fiquei um mês com a minha mãe e depois fui pra essa fazenda, era um trampo de monitoria em acampamento de férias... e eu fui atrás porque sabia que lá não ia conseguir, porque não poderia sair. Mesmo com a minha mãe eu dei um jeito de arranjar, a ideia é que já ficasse limpo antes de ir pra fazenda, enquanto ficava com minha mãe, mas com isso eu não tinha controle, dei uma escapada e cheirei com uns amigos de lá. Só consegui ficar limpo mesmo depois que fui pro acampamento.

Conquanto uma vida sexual composta por muitos parceiros e experiências diversas seja valorizada, tais experimentos são mais adequados quando praticados pela pessoa solteira. Negociações podem ser feitas, sobretudo quando se trata de relacionamentos mais longos; pude observar esse tipo de negociação em dois casais com os quais interagi ao longo do

⁴⁷ *Rehab* é um termo que apareceu algumas vezes no trabalho de campo, trata-se da palavra em inglês para reabilitação, tratamento em geral clínico para deixar de usar alguma substância. A popularização do termo talvez se deva à canção de Amy Winehouse que tem esse nome, no refrão da qual a cantora britânica afirma sucessivas vezes que não irá para a reabilitação, por mais que seu pai insista para que ela vá.

campo, um formado por dois homens e o outro por um homem e uma mulher, ambos relacionamentos de mais de cinco anos. Ainda que as regras que cada casal utilizou para *abrir* o relacionamento fossem diferentes, chamou minha atenção que uma das principais motivações para tanto era a necessidade, sentida por pelo menos um dos parceiros, de ter experiências sexuais com um número maior de pessoas. No caso de Ângelo e Bruno, entretanto, a flexibilização da monogamia não estava em questão, segundo meu interlocutor por conta da insegurança do ex-companheiro.

Práticas menos usuais, como a introdução de um *dildo* gigante no ânus, por exemplo, são relatadas por alguns interlocutores como incongruentes com a conjugalidade. Note a afirmação de Ângelo de que a cocaína não combina com o tipo de sexo que se faz com namorados, tal qual ele praticava com Bruno, por exemplo. De acordo com esta hipótese, a intimidade bloqueia práticas obscenas, próprias da *putaria*. Em outras histórias, entretanto, é ao longo de um relacionamento sério que a pessoa relata ter ampliado os limites de sua sexualidade. Vitor, por exemplo, conta que foi com Artur que ele se tornou mais *puto*, o que em seu caso significou a intromissão de psicoativos, mas também a mobilização de artigos de *sex shops* além da encenação de disposições e atos mais agressivos (arranhões, socos, chupadas, etc), que deixavam as marcas que ele me mostrava após os encontros pós-rompimento. Além da situação conjugal, Vitor aponta também que atualmente, aproximando-se dos trinta, se considera mais *puto* – no que certamente ele computa os conhecimentos adquiridos após o relacionamento com Artur. Segundo ele: “é que quando fico puto hoje é muito mais puto que eu fui antes, mais novo. Antes era uma putisse mais amena, mas frequente, o tempo todo”. Este raciocínio, como mostrado acima, também é mobilizado por Pedro, que afirma: “eu sempre fui pudico, um falso moralismo até” e completa dizendo que só atualmente, com 31 anos, que ele tem maior curiosidade em explorar práticas sexuais mais **obscenas**. Este interlocutor, no entanto, não se sente confortável em explorá-las com seu atual namorado, que segundo ele é uma pessoa muito carinhosa, tal qual é o sexo que fazem juntos. Como Vitor, aliás, ele também não cogita acrescentar uma terceira pessoa na relação sexual ou ir para locais em que se pratica sexo explicitamente, como saunas e clubes de sexo, com o namorado, ambos dizendo que se constrangeriam com essa situação. Certamente, o limite entre o que é usual e o que é transgressor em termos de práticas sexuais, bem como o modo como elas articulam diferentes afetos e relações, varia entre os meus colaboradores. De todo modo, é patente a intenção de diferenciar o tipo de sexo que se faz casualmente, com

parceiros eventuais, e aquele que se faz com quem se entretém uma relação conjugal.

Nesse sentido, a figura de Henrique na trajetória de Ângelo é particularmente ambígua: ele é mais que uma *fodinha*, tendo sido, em muitas semanas, o único parceiro sexual mobilizado por Ângelo. Entretanto, o tipo de *putaria* que faziam juntos bloqueou a possibilidade de Ângelo se reconhecer apaixonado por ele ou ter expectativas de estabelecer uma relação conjugal de qualquer tipo. O desenvolvimento dessa relação ambígua, por sua vez, passou a preocupar Ângelo quando ele percebeu que, do modo em que estava, sua vida sexual aparecia cada vez mais inseparável do consumo de cocaína, o que, a seus olhos, corrompia o sexo. Na medida que este era sua “essência”, como ele diz, toda a sua personalidade se corrompia. “Olha o que eu estou fazendo por um prazer!”, ele pensou após o dia em que atingiu o “nirvana”. Como dito acima, não se pode esquecer que nesse dia muitos problemas acometiam meu colaborador, que mais uma vez via seus planos na capital ameaçados e que, por isso mesmo, os meios pelos quais a cocaína vinha agindo em sua vida, destruindo-a, não se reduzem ao descontrole dos desejos sexuais. Ainda assim, não é casual que o impacto perverso da cocaína na personalidade de Ângelo tenha se mostrado a ele, desta vez, justamente a partir das propriedades eróticas dessa droga. Nesse sentido, é interessante notar que sua decisão de deixar de se encontrar com Henrique, como reação a essa descoberta e meio de correção de sua conduta, seja justificada por ele em termos do medo que sentiu, em primeiro lugar, de ver sua sexualidade corrompida e, em segundo, de se tornar uma pessoa triste, que se esconde do mundo, tal qual seu amigo.

Com relação a sua sexualidade, o medo de Ângelo sugere que se, por um lado, uma trajetória composta apenas por relacionamentos sérios ou, pior ainda, apenas por poucos relacionamentos sérios, causa preocupações, por outro, a perspectiva de uma sexualidade que se concentra exclusivamente na *putaria*, se não chega a ser interdita ou sequer desvalorizada, ao menos preocupa. A questão não é resolvida pela afirmação de que a sexualidade conjugal tem maior legitimidade entre essas pessoas, já que a experiência da *putaria* também é fundamental para a realização de um roteiro afetivo-sexual legítimo. De todo modo, como pontuado já na primeira sessão do capítulo, o estatuto de solteiro pode incorrer em desvantagens, riscos e, por vezes, frustrações. A expectativa de Pedro quanto ao encontro de um namorado, para deixar de frequentar boates, a estratégia de Ângelo em inciar um namoro com alguém que não consumia drogas, o cansaço que Vitor sente em buscar parceiros na *noite* ou nos serviços digitais e a saudade que Cláudio sente em ter alguém para conversar antes de

dormir (“para dar o último carinho”, como ele disse) exemplificam esses inconvenientes com a forma *solteiro*.

Quanto à personalidade de Ângelo, a imagem da corrupção dela, em decorrência de seu contato com a cocaína e com a tristeza de Henrique, é também culturalmente densa, em termos do que expõe acerca das normas que regulam e formatam o relacionamento amoroso. Este contágio de Ângelo por Henrique, tal qual é visto aqui, ilumina as demais imagens e cenas de personalidades ameaçadas, dado o impacto sobre si da figura do parceiro e da relação que se estabelece por ele. Tal qual argumentamos a respeito da relação entre pais e filhos, não acreditamos que a transmissão de podridão seja instituída pela intromissão da droga. Pelo contrário, a hipótese de trabalho é justamente de que tais substâncias apenas tornam o potencial nefasto da intimidade sexual e conjugal visível. Lembremos, assim, da ansiedade de Sérgio, que não cheira cocaína, apenas fuma maconha, hábito que partilha com o marido. Partindo da visão de Ângelo, podemos sugerir que é o medo desse contágio que o assusta e o deixa ansioso e angustiado: na medida em que limpava a casa e não trabalhava para si, poderia se confundir demais com Guilherme. Nos casos de Rafaela e Bernardo e de Vitor e Artur e, no capítulo anterior, o de Mariana e Valter, por sua vez, com os quais pontuamos as dificuldades de se concretizar o término, vê-se não só a potencialidade de um contágio, mas também as formas sutis com que a ação do parceiro é percebida e articulada discursivamente, no que incide, ainda que metaforicamente ou como receio, a possibilidade de atualização de convenções e assimetrias de gênero, classe e idade tidas como arcaicas. Essas histórias não tratam somente do fato de que as pessoas caíram em tentação, mas também do receio de que elas tenham feito de acordo com os planos do parceiro, de modo que a pessoa se vê, de acordo com essa hipótese, como instrumento da ação deliberada do outro. Nesse sentido, trata-se de se ver como similar, portanto, à cocaína, às doses de uísque, ao *ecstasy*, aos cigarros de maconha e ao *dildo* gigante, que também foram mobilizados de acordo com os mapas libidinais que o parceiro desejava explorar. Um comentário feito por Sérgio sobre a experiência erótica que um amigo teve com cocaína sintetiza bem este receio:

A Beyoncé chegou em mim, faz tempo isso já, falando que foi encontrar um bofe e que ele ofereceu *padê*, disse que era muito louco e tal, que ia dar mais tesão... começaram a se pegar e tal e o cara pediu pra passar um pouco de pó no cu dela... aí ela veio me falar que foi o máximo, que foi incrível... eu ouvi tudo e tal, quando terminou eu disse assim, então, 'sabe o que eu acho que aconteceu? Você ficou mais relaxada, né? Mais amortecida, né? Então, o cara te encheu de cocaína pra você não incomodar, e aí ele fez o que ele quis com você e você não ligou, nem pensou se queria ou não. Ele fez o que ele quis com você e você ainda saiu achando que estava no lucro. Você foi trouxa, amiga, isso que aconteceu'... eu disse pra ela.

Judith Butler (2004) escreve que o interessante em experiências que envolvem sofrimento, perda e luto é que elas trazem para o primeiro plano o caráter fundamental das relações no que diz respeito à constituição daquele que sofre, característica que, segundo ela, tais experiências partilham com o ato de desejar. Nesse sentido, ela enfatiza, não se trata simplesmente de reduzir um termo ao outro da relação, mas de acompanhar, tendo em vista narrativas diversas, o modo como a integridade do narrador é feita e desfeita na dinâmica de desejar, estabelecer e romper relações. Algo é produzido, tragado ou introduzido, como algo também pode ser expelido ou retirado, perdido. Conceituar este *algo*, o caráter físico e corpóreo dos laços sociais, permanece um desafio tanto filosófico quanto prático (p.ex., no contexto de luta política); tal qual a formulação de noções adequadas de ação e “autonomia”, dada a exposição e vulnerabilidade de nossos corpos e de nossas intenções aos toques, sentimentos e desejos daqueles com quem nos relacionamos.

O que tentei fazer nesse capítulo, tendo em vista o modo como roteiros afetivo-sexuais e carreiras de usuários de drogas se intersectam, foi assinalar, em primeiro lugar, as marcas que tais experiências deixam nos corpos: a ferida no nariz de Rafaela e o roxo que ficou em seu braço no dia seguinte, decorrente do aperto que Bernardo lhe dera no carro; os hematomas e arranhões que sobravam das aventuras de Vitor e Artur; a lembrança do nirvana de Ângelo e da imagem do ânus de Henrique, sendo aberto pelo *dildo*, que já no dia seguinte dispararam uma grande crise moral em meu colaborador; sobretudo, os pés esfolados de Mariana, que contam a história de seu ciúme e da intensidade de seu amor por Valter, bem como do papel do álcool e da cocaína tanto na produção dessa intensidade e quanto na destruir da relação – articulação que Mariana compreende e enfatiza ter sido de sua responsabilidade: “a culpada era sempre eu, né? Tinha que ser...”; uma articulação entre carreira e roteiro que ela insiste em reproduzir: “mais um para a lista”, seguido de uma grande gargalhada.

Em segundo lugar, chamo atenção, a partir da leitura de Veena Das (2007), para a gramática que subjaz à interação entre palavra (e silêncio) e corpo, tal qual é composta na narração dessa histórias. No caso das mulheres indianas que a autora investigou, a agência se manifesta sobretudo no movimento de contenção de um “conhecimento venenoso”, que as corrói por dentro e que elas devem se esforçar para não não expressar. A manifestação das marcas de um estupro, por exemplo, pode acarretar no assassinado da mulher para limpar a honra da família. Um ato de contenção do qual dependem as vidas dessas mulheres e a existência de um lugar para os mortos e um para que os vivos possam chorar por eles. Nos

casos aqui descritos e analisados, percebe-se uma outra dinâmica entre fala e gestos. Como pontuei, ao longo dos relatos, nos momentos em que me falavam dessas marcas o interesse era exatamente expô-las: Rafaela reclinou o pescoço para que eu pudesse ter um ângulo favorável para vislumbrar as feridas, as quais já não estavam ali, mas cuja lembrança bem que poderiam representar o que aconteceu com ela em decorrência da relação com Bernardo. Ângelo, por sua vez, fez questão de se posicionar de pé e colocar a mão em frente ao pênis, insinuando masturbação, enquanto apontava com a outra o modo como segurava o *dildo* e, por fim, insinuando que cairia para trás. Essa mão no pênis, que o apertava, aproveitando-se da maior sensibilidade e do calor que o *padê* confere a esse toque, e a outra, que segurava o objeto de látex: por meio desses toques uma contaminação foi vislumbrada. Todo o contágio foi encenado em minha frente. Tanto quanto Mariana me estendeu os braços para que eu olhasse os hematomas daquela última noite com Valter, bem como me mostrou as solas dos pés, para que eu visse a esfoliação que a corrida pela Paulista havia lhe causado.

Nesse sentido, voltamos à ideia de uma “corporalidade erótica” (Gregori, 2011a), que é (ou deve ser) explorada e ampliada, entre *putarias*, paixões e relacionamentos sérios e carinhosos. Como assinalado no início do capítulo, ambas as modalidades de sexo, a *putaria* e o *sexo carinhoso* (se tomamos a nomenclatura de Pedro), e ambos os estatutos conjugais, solteiro e namorado/casado, são valorizados, sendo quase prescritivo, nessas redes de amigos, que a pessoa explore a todos – o que inclui, como venho mostrando, a exploração das combinações possíveis entre formas de relacionamentos, afetos e erotismos, ainda que certos limites sejam atendidos individualmente. Pontuei que a mobilização da rede de psicoativos auxilia no estabelecimento dessas formas e em sua exploração. Principalmente no caso de Ângelo, vimos que ações encadeadas de acordo com o roteiro afetivo-sexual podem intencional também alterações na carreira como usuário de drogas. Tal como tento expressar, as marcas que aponte atestam tal exploração e, assim, compõem expedientes performativo-retóricos que conferem autoridade àqueles que as mostram, ainda que elas já tenham secado, cicatrizado. Falando sobre as estratégias que os euro-americanos utilizam para evidenciar suas relações, Strathern (1991) concebe uma imagem do consumidor do final do século XX que nos ajuda aqui:

the twentieth-century consumer is depicted as having infinite appetite. Above all, the consumer is a consumer of experience and thus of him/her self. Perhaps it is against the compulsion of appetite, the coercion of having to choose, the prescriptiveness of subjective self-reference, that the possibility of unbidden goods and unanticipated experiences presents itself as exotic. The "free gift." (p.597).

Com o que foi exposto, concluo apenas considerando que, embora o que se extraia, oficialmente, seja “si mesmo”, i.e., o que se deseja é uma experiência que possa ser atestada no próprio corpo, com os próprios sentidos, alguns paradoxos podem aparecer ao longo da trajetória: (1) usualmente é a visão do outro *louco* que certifica a minha *loucura*; (2) mais importante, conforme se extrai subjetividade de si e a pessoa se revela, pode-se encontrar também o dedo de outras pessoas, pressionando a ferida do meu nariz, esfolando meus pés no asfalto. Tais imagens assustam e encantam, acredito que por isso meus colaboradores tiveram disponibilidade em mostrá-las a mim.

Considerações Finais: Responsabilidade e ansiedade

Por isso, não se meta a exigir do poeta
Que ele determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudo nada cabe
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata caiba
O incabível

Trecho da canção *Metáfora*, composta e cantada por Gilberto Gil.

Imagem 1 – *kit do Vitor*

Para concluir este trabalho, quero discutir dois conceitos que condensam, de acordo com os dados levantados, os principais resultados da relação dos sujeitos analisados com a rede de psicoativos disponíveis a eles. Trata-se dos conceitos responsabilidade e ansiedade que, ao longo do texto, apareceram de diferentes formas, mas aos quais não me detive. Não apresento uma revisão bibliográfica sobre eles, também não os trato simplesmente como categorias nativas, ainda que, principalmente a segunda, apareçam bastante nas falas de meus colaboradores. Ao trazer essas categorias para o primeiro plano quero alinhar a relação

entre essas práticas e o processo de transição para a vida adulta, tal qual experimentado por essas pessoas. Para retomar estes temas, contudo, peço licença para incluir uma última série de dados, a saber, as *lancheiras* que os *maconheiros* montam para organizar a *paranga* [de maconha] e os artefatos necessários para consumi-la⁴⁸.

Imagem 2 – Kit de Ronaldo e Gil

Como dito no último capítulo, Vitor fuma maconha praticamente todos os dias. Ele fuma em média três cigarros de maconha por dia, podendo fumar mais quando encontra amigos que também o façam. Para produzi-los, ele utiliza os artefatos que aparecem na **Imagem 1**. Sua *lancheira* é composta por pacotes de seda de dois tamanhos, a média e a grande – em geral, quando fuma sozinho, prefere a primeira, reservando a segunda para quando está com amigos. A latinha traz também um triturador de cor preta e bem fino que é utilizado para transformar a maconha prensada em pequenos pedaços. Quando comprado, o

48 A inspiração para concluir a dissertação a partir desses objetos veio da leitura da tese de Taniele Rui (2012), em particular, da análise feita por ela dos cachimbos utilizados pelos consumidores de crack que ela descreve.

tritador tinha o formato de uma bola de bilhar, Vitor preferiu tirar o entorno dos dentes para que ele coubesse na lata e para deixá-lo mais “clean”. O cartão telefônico que aparece na imagem (1) serve para arrumar a maconha triturada na seda, o que facilita o fechamento da folha ao redor da erva. Por fim, integram o seu *kit* um pedaço de arame, que ele obteve desenrolando um clipe de papel, utilizado para *pilar o baseado*, isto é, para ajeitá-lo dentro do papel, depois que o cigarro já foi selado; e também um recipiente plástico de formato oval e de cor vermelha em que ele guarda as *pontas*, isto é, restos de cigarros interrompidos ao ficarem muito pequenos. Essas *pontas* são utilizadas quando a *paranga* de maconha chega ao fim, garantindo a oferta até que Vitor se agilize para conseguir a próxima.

Certa vez, observei Vitor falando de seus hábitos com Gil e Ronaldo. O casal ficou surpreso com a informação de que Vitor fuma apenas três *beques finos*, já que eles consomem por volta de oito por dia, ou seja, individualmente, cada um deles fuma quatro *baseados* por dia. “Vê que absurdo?”, diz Gil a seu namorado e completa, trocando olhares com Vitor e comigo: “É bom a gente ouvir isso, *Honey*. Para ter parâmetros.” “Nossa, a gente fuma demais mesmo, né? Precisa se ligar!”, Ronaldo concorda.

O casal acorda quase todos os dias por volta das 8h. Enquanto Ronaldo toma banho, Gil começa os preparativos para o café da manhã. Assim que o primeiro vem para a cozinha, já traz consigo a *necessaire* (**Imagem 2**) que tem a mesma finalidade da latinha de Vitor. Ao sentar à mesa, já inicia a confecção do primeiro *baseado* do dia, enquanto conversa com seu marido, que continua ocupado com os preparativos para o café. Na imagem do *kit* do casal, vemos que a *paranga*, que é comprada uma vez por semana, aparece dividida em vários pedaços, que são embrulhados separadamente em papel filme. Cada um desses embrulhos corresponde à quantidade que será consumida ao longo de um dia pelos dois. Como consideram que estão fumando demais, elaboraram esse mecanismo para racionalizar o produto. Além disso, a estratégia visa também uma melhor conservação do produto, já que a divisão da *paranga* permite que a parte do produto que não será consumida imediatamente seja mantida no congelador.

Ronaldo enrola de uma vez três cigarros de maconha os quais tem o comprimento e o diâmetro similares aos de um cigarro de tabaco. O primeiro é consumido logo depois do café. Os outros dois, Guilherme leva consigo para o escritório. Um deles será fumado na hora do almoço; o terceiro cigarro será fumado no caminho de volta para casa, no trânsito. Gil, por sua vez, depois do *baseado* que fuma com seu marido, diz fumar uma ou duas *pontas* ao longo do

dia – depois do almoço e no meio da tarde. Ele diz que raramente enrola um outro cigarro para fumar sozinho, de modo que o próximo cigarro de maconha que fuma é quando Ronaldo chega em casa, normalmente por volta das 19h ou 20h. Assim que se reencontram, os dois sentam-se para conversar sobre o dia de trabalho, enquanto Ronaldo já alcança a *necessaire* e começa os preparativos para o *beque* que será fumado antes do jantar. Depois da refeição, entre 0h e 1h, já no quarto, fumam o último baseado do dia – o que normalmente é acompanhado de leite com chocolate ou de chá. Assistem a um filme ou a um episódio de seriado e dormem, assim como Vitor.

Os cigarros enrolados por Sabrina, a exemplo dos de Vitor, também são finos, como pode ser observado na **Imagem 3**. Ela trabalha apenas no período da tarde, mesmo assim costuma acordar cedo, no máximo 9h, e sua rotina se inicia com o *baseado*, o qual a ajuda a controlar seu “mau humor matinal”. Vejamos como ela segue sua rotina com maconha:

Eu não tomo nem café antes de fumar um baseado. Todo dia é assim, eu acordo e já bolo um fino. Fumo e aí que eu vou colocar água pra ferver e tal. É assim, sem acessar a loucura, eu não faço nada. Depois do almoço, as vezes, se sobra uma ponta, eu fumo também, mas normalmente eu só fumo outro de tarde, pra chapar mesmo, esse de depois do almoço é só pra dar uma reativada, pra aguentar o resto da tarde. O de cinco da tarde aí eu fumo pra chapar mesmo, depois mais um de noite, antes de dormir.

Seguindo seus amigos, Sabrina também fez a ressalva de que esses roteiros com relação ao consumo de maconha normalmente são alterados caso encontre algum amigo, o que sempre os faz fumar um ou dois *beques* a mais no dia, ela diz: “Ah, se encontrar com o Sérgio ou com a Laura, aí fodeu, aí eu fumo que nem um duende”. Laura, que já não fuma diariamente, faz comentários parecidos acerca de sua prima e amiga: “Ah, eu me seguro bem a semana toda, não sinto falta, mas é só encontrar a Sabrina que, pronto, é a tarde toda fumando, fico com a cabeça pesada, não tenho mais o costume”. Sabrina, diferente dos quatro homens, faz questão de fumar sempre com piteiras, que são feitas com qualquer tipo de papel resistente, como cartões de visitas e caixas de cigarro. Ela diz que isso evita que se queime e que fique com os dedos amarelos. As piteiras ainda a auxiliam no processo de enrolar o *baseado*: como ela corta a piteira e a posiciona na parte inferior do cigarro antes de fechá-lo, o papel mais resistente nesta região oferece um ponto de apoio para que ela enrole o baseado. Vitor e Ronaldo não gostam de piteiras, dizendo ter dificuldade para tragar do jeito que estão acostumados. Entre os dois também há diferenças: o primeiro, como se vê na imagem (1), torce o papel que sobra na parte inferior do cigarro, enquanto que o segundo amassa essa região.

Imagem 3 – Kit de Sabrina

As *lancheiras de maconheiros* estiveram presentes em boa parte dos eventos de que participei ao longo da pesquisa. Elas são montadas para organizar os objetos e também para mantê-los escondidos de pessoas que eventualmente aparecem nos espaços desses interlocutores e que não podem saber que ali ocorrem tais práticas. Eles se esforçam por manter os horários e as quantidades que consomem. Frequentemente, quando se encontram, comentam e comparam os rituais pessoais de uns e de outros. Tendo em vista toda essa rotina, Sérgio explicita os percalços da vida daquele que decide ser ou se torna *maconheiro*: “porque

quem fala que droga é fuga, não sabe mesmo do babado. Quando você começa a usar todo dia que nem a gente, é um problema que você tem que bancar”. Nos momentos em que amigos aparecem para uma visita, os *kits* rapidamente aparecem nas mãos dos anfitriões. Esse modo de proceder faz parte das boas vindas que é dada ao convidado, que muitas vezes chega precisamente com essa intenção.

Isso ocorreu quando visitei Ângelo: assim que o amigo Sérgio chegou, quase junto comigo, a latinha apareceu. Ele se referiu a ela como o seu altar, quando me falava do período em que, dentro dela, ele guardava também uma ou duas capsulas de cocaína. Eric mantém os mesmo artefatos em seu apartamento, mas atualmente já não fuma maconha todos os dias, mantém sua *lancheira* para o caso de algum amigo aparecer para *fumar um fino*. Depois de passar alguns anos fumando diariamente, aos 25 anos ele foi obrigado a parar com o hábito, pois perdeu o emprego e deixou de ter condições para manter a oferta do produto. Após regressar ao mercado de trabalho, Eric preferiu manter esse padrão de consumo. Quase todos os dias, no entanto, ele bebe uma ou duas cervejas que o ajudam a dormir melhor. Vejamos sua reflexão a esse respeito:

E – Você acha que ter tido acesso às drogas teve algum impacto na sua personalidade?

Er – Hmm... Não sei se é bem por aí. Sei lá, pode até ter tido, mas pra mim é o discurso do Trainspotting, tá ligado? É uma questão de defesa psíquica, uma barreira mesmo.

E – Você acha que tem a ver com uma fragilidade, uma dificuldade ou medo de enfrentar o mundo?

Er – Não, não acho que seja isso. É simples, cara! O mundo fica melhor assim, é melhor sair e andar por aí... acordar e fumar um beque, o dia já fica mais agradável, já tem alguma coisa. Isso que quem é careta não entende, acha que é doença, imaturidade, mas é só pra tornar viver melhor, pra conseguir habitar essa cidade, né?

E – Mas o que tem de errado aqui, você tá de bode de São Paulo?

Er – Ah, meu. Tá tudo errado, né? Mas agora mesmo o que me desilude é esse mercado de trabalho. Tipo, não faz sentido você ter que trabalhar oito horas todos os dias, é esse tempo todo em que você não é você... que você é, sei lá, qualquer coisa, um número, uma máquina da empresa... Enfim... as vezes penso que tem um problema comigo, porque eu não consigo parar em emprego nenhum, eu não aguento, eu vou me irritando com as pessoas, com o lugar... até que eu não consigo sair da cama, me recuso [...] Quando você toma droga, fuma um beque, você pode ser você mesmo, quer dizer, pode pensar nas suas coisas. Por isso que eu falo que é defesa psíquica, entende? Porque sem um lugar seu, a gente não aguenta, a gente surta mesmo, não tem como.

Com esses artefatos, que apareceram em outros pontos da etnografia, acredito ser possível retomar muitas das preocupações e das expectativas que, como visto ao longo do texto, cercam a experimentação com substâncias psicoativas no contexto etnográfico investigado. Ao longo do trabalho, a partir da análise das performances, imagens e marcas que

expressam os efeitos dos psicoativos, bem como a postura das pessoas perante eles, pontuei que tais práticas auxiliam na elaboração, atualização e problematização de posições de sujeito marcadas, sobretudo, pela idade, mas nas quais se articulam também marcadores de gênero, sexualidade, classe e estilo, bem como concepções acerca de relações de amizade, parentesco e conjugalidade. Nesse sentido, a discussão privilegiou o aspecto moral dessa experiência, isto é, atentou que a mobilização dos psicoativos ocorre de acordo com regras e valores socialmente negociados e, dessa forma, compõe a realização de “sujeitos morais”. A esse respeito, no entanto, permaneceu uma ambiguidade, que busquei destacar na descrição e análise dos dados: ao observar as ações e condutas valorizadas perante as drogas, vê-se que se problematiza e se busca coordenar também as relações que se têm com pessoas. Nesse sentido, os psicoativos mobilizados são tanto os objetos sobre os quais a reflexão moral se detém, quanto são os instrumento mediante os quais as moralidades que se voltam para, por exemplo, as relações entre gerações ou as relações conjugais, são elaboradas e problematizadas. Para trabalhar com essa ambiguidade, utilizei alguns conceitos que Taussig (1993a, 1993b) apropria do *insight* benjaminiano da “doutrina das semelhanças”, como a ideia de mimese e de conhecimento social implícito. A esse respeito fui influenciado também pela conceituação de moral feita por Foucault (2007).

Antes de tudo, cabem algumas considerações sobre os motivos que justificam a minha atenção para com esses artefatos. Como mencionado algumas vezes, a maconha é a substância mais consumida nas redes que estudei. Comumente, ela é comparada às outras substâncias de que se pode fazer uso diário, a cocaína e o álcool, e é tida como menos agressiva ao corpo e se afirma que seus efeitos são mais facilmente controláveis. Na comparação com o tabaco, outra substância de consumo diário, também afirma-se que ela é menos danosa e que, no caso de abstinência, a falta do primeiro incomoda mais. De todo modo, ainda que seja menos danosa, não significa que não acarrete em ônus de várias ordens, como a fala de Sérgio acima expressa muito bem: “quando você começa a usar todo dia que nem a gente, é um problema que você tem que bancar”. Com isso ele se referia tanto aos esforços necessários para garantir a oferta do produto, conservar suas propriedades, mantê-lo fora do alcance de pessoas que não podem saber de seu consumo, quanto às estratégias necessárias para que o consumo não atrapalhe outras atividades e outros relacionamentos. Todos esses cuidados são necessários, pois, a maior parte das pessoas, cujos artefatos eu exponho, não cogitam ficar um dia sem maconha. De todo modo, com essas considerações quero enfatizar que meus colaboradores,

que dizem que fumar maconha cotidianamente é um hábito mais seguro do que beber álcool ou inalar cocaína, também afirmaram várias vezes que são *viciados em maconha*.

Maurício Fiore (2012) aponta que, no atual debate sobre drogas, a maconha tem um estatuto peculiar: por um lado, ao permanecer ilegal, ela ainda ocupa um lugar de destaque nas carreiras, marcando uma passagem simbólica para experiências com psicoativos mais transgressores, em uma escala imaginada. Por outro, ao ser cada considerada uma droga menos danosa, seu estatuto jurídico vem sendo contestado em várias partes do mundo de modo que sua ilegalidade aparece cada vez mais como arbitrária. A afirmação de que se é *viciado* em maconha carrega um pouco dessa ambiguidade: ao mesmo tempo que pontua os riscos que o hábito cria; a recorrência com que a expressão aparece, denota que o *viciado em maconha* ou o *maconheiro* é um sujeito normal, inteligível⁴⁹.

Comentei com Guilherme que uma de minhas interlocutoras dizia que, quando usava cocaína, o fazia não por causa do desejo por essa substância, mas sim porque ao aspirá-la, ela conseguia beber mais álcool. Ele rapidamente retrucou: “quem cheira sempre vai dizer que é por outra coisa: é pra trepar, é pra trabalhar, nunca vai falar que é o pó”. As pessoas que entrevistei, no entanto, seja em tom irônico, seja em tom revelador, não demonstraram pudores em afirmar serem *maconheiros* ou mesmo *viciadas em maconha*. Tomo o modo descontraído com que afirmam seu vício não só como consequência das propriedades químicas da maconha, que seriam mais amenas do que de outras substâncias, mas também como resultantes do fato, apontado por Fiore, do lugar especial da maconha na crítica à atual política sobre drogas e, consequentemente, ao maior sucesso que os movimentos pela descriminalização/ legalização da *cannabis* vêm tendo em produzir uma imagem positiva do usuário de maconha.

Isso posto, sigamos para a análise dos kits apresentados acima. Um desses coletivos engajados na luta contra a guerra às drogas, e que concentra suas demandas em torno da maconha, denomina-se *Maconha da Lata*⁵⁰. O nome remete ao lendário “verão da lata”, ocorrido no final dos anos 80 no litoral sul do Brasil. As histórias que ouvi dizem que, em 1987, um navio que trazia toneladas de maconha – supostamente, da Ásia – foi perseguido pela Guarda Costeira ao passar perto de Angra dos Reis. A tripulação, então, se viu obrigada a

49 No documentário *Quebrando Tabu*, uma fala de Dráuzio Varela é exemplar da maior convivência que se tem com ela, tendo em vista as substâncias proscritas, ele diz: “Se tivermos que escolher uma droga para fazer esse experimento, que seja a maconha, pois ela é sabidamente a que causa menor dependência e menores impactos negativos para a vida indivíduo”.

50 O site do coletivo ser acessado no seguinte site: <http://maconhadalata.blogspot.com.br/>.

atirar no mar as latas em que o produto vinha estocado. Muitas pessoas dizem tem amigos ou conhecidos que chegaram a fumar dessa maconha que era de excelente qualidade. A maior parte das latas chegaram ao continente no litoral do Rio de Janeiro, mas as histórias que ouvi dão conta de latas que teriam chegado em Florianópolis e na cidade de Santos, no litoral paulista.

Nenhuma das pessoas, cujos *kits* eu pude registrar, mencionou esse evento (mítico) como tendo influência nas escolhas referentes à composição dos *kits*. Contudo, a “coincidência” entre esse caso emblemático no repertório do maconheiro brasileiro e a recorrência de latas na composição desses *kits*, comumente como recipiente principal, que comporta os demais artefatos, suscita reflexão.

Na história mítica, a maconha veio de graça para os consumidores e, se houve violência, ninguém ficou sabendo – pelo menos não com os próprios sentidos. Podemos retomar a ideia de Gell (1992) de que a magia é a representação encantada do trabalho, isto é, por meio da qual se concebe resultados equivalentes sem a necessidade de esforços. No caso, não é só o desgaste com os empregos ou os remorsos com relação aos esforços dos pais, mas também o desconforto com a origem nebulosa desses produtos, as coisas que podem ter sido feitas no caminho entre o Paraguai e a capital paulista. Não se comenta muito dessa origem, embora se fale muito da necessidade de uma revisão da lei, do fim do proibicionismo. Quando perguntados, quase todos os *maconheiros* relataram esse desconforto. Deve-se acrescentar que, principalmente no início de suas carreiras, quando ainda não dispunham de contatos *delivery*, muitos deles foram para favelas ou prédios populares da região central, sendo obrigados a interagir com locais e pessoas muito distantes de seus mundos sociais.

Obviamente, não posso afirmar que as latas das imagens com que iniciei o capítulo fazem referência, direta ou inconscientemente, do mítico “verão da lata”. Contudo, a ideia de uma maconha (de excelente qualidade) que chega até você sem passar pelas mazelas do tráfico de drogas é uma boa chave para iniciar a análise desses objetos. Com exceção do *dechavador* e do papel de seda, os demais objetos não se encontram disponíveis no mercado explicitamente para serem utilizados dessa forma. As latas e demais compartimentos, em geral, são provenientes de promoções de marcas de cigarro ou embalagens de produtos industrializados, como pastilhas, balas, chocolates, etc. – nesse segundo caso, muitas vezes trata-se de mercadorias importadas, as vezes comprada em viagens internacionais. Talvez não seja exagero imaginar que esses objetos purifiquem a *paranga de maconha*. Esses artefatos,

produzidos industrialmente, com preocupações estéticas e adquiridos em transações econômicas legais, deslocam o olhar das mazelas associadas ao hábito de fumar maconha. Para me ater em um exemplo concreto, essas lancheiras contrastam com as condições de vida de Péricles, o traficante *delivery* que atende a maior parte dos integrantes dessas redes, e dos riscos que sabem que ele corre cotidianamente. Além disso, contrastam com os efeitos sobre o organismo do uso cotidiano de maconha por tempo prolongado (a aspereza da língua, as machas nos dentes, pigarros, dores e manchas nos pulmões). Contrastam, por fim, com as posições nem sempre agradáveis em que já se encontraram por conta da falta do produto: a insônia e as dores nas costas de Vitor ou os gritos e xingamentos que Sabrina já proferiu contra sua namorada devido o seu mau humor, incrementado pela falta de maconha. Aqui temos também uma chave para introduzir o tema da responsabilidade.

Chamo atenção também para o papel filme que aparece nas imagens 2 e 3, no qual, em geral, a paranga vem embrulhada – pode ser também papel alumínio ou um saquinho com *zip lock*. Este artifício, segundo se sabe, serve para conservar as propriedades da maconha, particularmente o THC. Como mencionado, para incrementar essa conservação, é comum que as pessoas mantenham parte da *paranga* na geladeira ou no congelador. A imagem que me interessa nesse hábito é a da *loucura* que se esvai e que, portanto, demanda a mobilização de estratégias para que seja preservada na *paranga*. O armazenamento de pontas, *cemitério de pontas*, por sua vez, não só garante um abastecimento ao final da paranga, mas acredita-se que o resto de maconha que sobra nas pontas tem seu efeito potencializado.

Como Sahlins (2007) e Douglas e Isherwood (1994) nos lembram, o emprego e o valor dos objetos não são determinados nem por necessidades básicas do ser humano, nem por propriedades e/ou funcionalidades intrínsecas à materialidade dos artefatos. Acredito que também no que diz respeito às drogas, os consumi-las e as preocupações que suscitam, não podem ser reduzidos a prescrições universais de higiene e de saúde. O idioma bioquímico e fisiológico, com sua atenção às quantificações e controles, é acessado no decorrer da promoção de *loucura* e carrega, simultaneamente, a marca da incrementação das sensações e da minoração da degradação. Contudo, como mostrei ao longo do texto, no desenrolar da carreira, esse idioma é mobilizado para elaborar questões e produzir efeitos que pouco tem a ver com o bem-estar. Assim, ao invés de ser um padrão que se repete sempre, a competência ou responsabilidade são experimentações que envolvem deslocamentos e extensões variadas dos sentidos tomados pelos corpos e pelas coisas.

Le Breton (2003) oferece uma descrição dessa objetificação do corpo e do idioma bioquímico com que, mediante o recurso aos psicoativos, os sujeitos simbolizam e gerenciam o modo como se apresentam socialmente. Este autor argumenta que, contemporaneamente, os vários investimentos que recaem sobre os corpos recolocam a oposição cartesiana entre corpo e mente em um patamar elevado, em que o corpo é encarado como “matéria-rascunho”, aberta à inventividade dos espíritos. A relação dos sujeitos com drogas tanto lícitas quanto ilícitas é descrita nessa chave como “construção farmacológica de si”. A popularização desse fenômeno, dado a maior facilidade com que se tem acesso às substâncias, é descrita pelo autor como uma recusa dos sujeitos em serem reféns das contingências do corpo, especialmente aquelas ligadas aos humores e às emoções.

O trabalho de Fernanda Eugênio (2006) sobre o consumo de drogas entre os sujeitos que “se jogam” na cena eletrônica carioca ressoam as ideias de Le Breton. A autora, no entanto, é feliz em se contrapor à conclusão do autor de que haveria uma rejeição ao corpo, para ela, antes, há um processo de exploração de identidades sociais e de sociabilidades nas quais as sensações e emoções corporais são fundamentais. Tal qual descrito por ela, vigora entre seus colaboradores uma ideologia de acordo com a qual a vida deve conter tanto momentos de adensamento dos sentidos, de prazeres intensos, quanto momentos de rígida sobriedade e autocontrole, para que seus desempenhos para além das “modalidades suculentas e carnavais de encontro social”, postas em funcionamento na cena, também sejam satisfatórios. Ela denomina “hedonismo competente” a conduta valorizada nessa ideologia, a qual se aproxima da ideia de “descontrole controlado da emoções” de Featherstone (1995).

Sem dúvida, ao ritualizar os modos e as situações em que a maconha será utilizada, atentar para as formas menos danosas para o organismo de consumi-la e preservar as propriedades da droga, são ações pragmáticas e que, ao fim e ao cabo, atestam a responsabilidade daquele que assim age: constrói “um lugar que é seu”, como diz Eric, e bloqueia qualquer semelhança de si com a imagem do “drogadito” desregrado. Enfatizei com meu trabalho que categorias morais como responsabilidade (*ter cabeça*), ao serem formuladas mediante o recurso a bens de consumo, não podem ser pensadas como exógenas à materialidade desses bens e das formas tomadas pelo seu consumo: é exatamente essa materialidade que corresponde ao escopo experiencial a que se faz referência ao se dizer, por exemplo, “sou responsável”, “tenho cabeça”. Por isso que, ao delimitar condutas morais por meio da descrição do “processo contínuo da vida social em que os homens definem

reciprocamente os objetos em termos deles mesmos e definem a si mesmos em termos de objetos” (Sahlins, 2007, p.182-3), detive-me na descrição dos índices da ação dos psicoativos nos corpos e nas condutas, nas marcas que deixam a longo prazo e nas imagens que a mente *louca* vislumbra. A questão, então, não foi só como o avanço na idade e o aumento das responsabilidades demandam mudanças nas condutas com psicoativos, mas, principalmente: o que tais mudanças informam sobre a experiência de envelhecer? Ou, para voltarmos a alguns de nossos exemplos: que aspecto dessa responsabilidade pode ser apreendido pela imagem de Paula, no primeiro capítulo, quando se coloca de quatro em nossa frente, *louca de doce* e indefesa, catando as migalhas de maconha que haviam caído? E os corpos do pai e da mãe de Laura, que em várias *bads* provocadas por droga, ela viu adoecerem, o que essa imagem informa sobre o impacto da relação com pais e mães na produção de responsabilidade? E, ainda, como o “nirvana” experimentado por Ângelo o auxilia na tarefa de ter total reconhecimento enquanto pessoa responsável?

Certamente, essas imagens não se esgotam na expressão de responsabilidade, mas no caso das pessoas que descrevi, a coordenação desses eventos, tal qual tentei mostrar ao longo do texto, vem sendo um expediente importante por meio do qual elas definem, testam e expandem essa noção. Por isso, esforcei-me em descrever essas imagens, pois, acredito que em suas formas podemos encontrar testemunhos do processo em que sujeitos são produzidos e se produzem no embate com normas que regulam e conferem inteligibilidade aos corpos. No caso desta pesquisa, a idade se mostrou o principal eixo de diferenciação a partir do qual a adequação dos corpos e dos sujeitos foi refletida e avaliada por meus colaboradores enquanto me narravam suas histórias. Como visto, ser reconhecido de acordo com as normas que regulam as idades envolveu, neste contexto etnográfico, a elaboração e manutenção de uma certa estética corporal, de um estilo, o gerenciamento das relações e obrigações profissionais, atenção para com as obrigações e expectativas na relação com a família de origem, aperfeiçoamento e diversificação das experiências e relações afetivo-sexuais e o amadurecimento emocional que daí se espera.

Responsabilidade, ou *ter cabeça*, não é, de fato, um atributo exclusivo da vida adulta; de diferentes maneiras, desde a infância, todos os meus interlocutores foram chamados a fazer escolhas e a exercitarem algum grau de autonomia e independência. Do mesmo modo que seus desempenhos foram avaliados e cobrados. Espera-se, contudo, que as aptidões e competências para que alguém se reconheça e seja reconhecido como totalmente responsável

por suas ações e, portanto, seja capaz de atender a compromissos mais sérios, estejam totalmente envolvidas conforme alguém se consolida na posição de adulto⁵¹.

Portanto, enquanto promotoras de qualidade de vida, o consumo de psicoativos conta para a apresentação da pessoa como responsável tanto na medida em que não compromete demais desempenhos, como também na medida em que auxilia na composição de um “lugar seu”, em que se pode, por meio da *loucura*, retomar um sentido de saúde mental. Enquanto produtos perigosos para a saúde física do corpo, as drogas permitem afirmar a responsabilidade na medida em que possibilitam a diminuição e interrupção de certos usos. Ao invés de delimitar códigos bem definidos sobre a adequação entre condutas e idades, preferi apreender uma perspectiva de projeto que orienta o curso da vida a partir do trabalho cotidiano de reparar relações, de corrigi-las e adequar-se em virtude delas. Logo, no que diz respeito à conduta com drogas, responsabilidade não é apenas ser responsável por si, mas também por essas pessoas: quando Laura interrompe de maneira radical sua relação com qualquer tipo de psicoativo, visa sua saúde física e sua boa colocação profissional, mas também teme por sua mãe, seu pai e seu irmão, dos quais possivelmente terá de cuidar; quando Ângelo interrompe sua relação com Bruno, visto que preferia cheirar cocaína e ter novas relações afetivo-sexuais, mostra-se responsável pelo rapaz, pois sabia que ele não suportaria se descobrisse alguma infidelidade; de maneira menos dramática, alguém pode se mostrar responsável por um irmão, amigo ou marido auxiliando-o e fazendo alianças para que todos tenham a oferta de maconha atendida.

Mas não é só. Há outro produto importante da relação com psicoativos que apareceu em muitas das narrativas aqui apresentadas: a ansiedade, que ganha uma forma bastante peculiar no papel filme que embrulha a *paranga* de maconha, mostrado nos exemplos acima. Como disse, este papel tem a função de impedir que as propriedades da maconha se esvaíam. Gell (1993) argumenta que as ferramentas dão corpo às intenções de usá-las, por isso que, no caso, argumento que o papel filme dá formas à ansiedade. Este pedaço de plástico nos lembra das preocupações em aproveitar o máximo da *loucura*, lembra também, em negativo, dos últimos dias antes de encontrar o *delivery*, onde é preciso enrolar cigarros de maconha menores e mais finos, para que o produto dure até a chegada da nova remessa. Esse viés, i.e., da ansiedade causada pela perda da *loucura* e pela privação dela, nos leva a uma outra hipótese sobre a organização e manutenção desses *kits*. Pode-se pensar que as *lancheiras*

51 Vale lembrar do caráter social e histórico deste modelo que regula o curso da vida, descrito pelo trabalho clássico de Ariés (1981).

oferecem um sentido de estabilidade para um bem pouco durável. A *loucura* pode evaporar da paranga, mas a própria paranga se esvai com certa rapidez para a maior parte dos interlocutores: uma quantidade de 25g dura, para os mais comedidos, no máximo duas semanas, sendo que os últimos dias são normalmente experimentos com maior ansiedade: eles anunciam que alguém terá que se organizar para repor o produto e denunciam que alguém pode estar se aproximando de um padrão de consumo compulsivo. Por sua vez, essas reflexões incrementam a ansiedade ao acarretar problematizações desse uso e apontar para a necessidade de revê-lo – tarefa que às vezes soa impossível, lembremos da tentativa de Vitor de interromper o uso por uma semana.

Quase todos os colaboradores relataram que, não só já passaram por períodos ou crises de ansiedade, mas que de fato *são* ansiosos, isto é, a ansiedade é (quase que) um traço de suas personalidades. De todo modo, a ansiedade é, pelo menos, uma constante em suas carreiras como consumidores de drogas e na tentativa constante de tentar coordená-la. Quando Vitor, ainda no ensino médio, convencia sua mãe a lhe dar dinheiro e pagar a escola de artes no centro de São Paulo, estava presente a ansiedade por experimentar sua vida afetivo-sexual com outros homens e para ampliar e diversificar suas experiências com drogas. Quando, ao consumir alguma substância, meus interlocutores se detêm na busca das evidências de que ela está funcionando, que a *loucura* foi acionada, há também ansiedade, pois a droga pode não funcionar, pode não ser boa o suficiente, pode-se ter sido enganado pelo traficante... Era em boa medida ansiedade o que Sérgio demonstrava, aos meus olhos, quando fumava cigarros de tabaco e de maconha, um em sequência do outro, no período em que esteve desempregado e achava que seu projeto de visa estava arruinado. Recentemente, alguns dos *maconheiros* se questionam, vez ou outra, se a erva ainda lhes faz algum efeito, reclamam que já não ficam *loucos*, não sabem com certeza se estão *loucos*: pela ansiedade que a dúvida lhes causa, muitas vezes acabam fumando outro *beque*.

Como se vê, a experiência com droga nos fornece muitas estilizações de ansiedade – nesse contexto etnográfico, às vezes codificadas a partir das imagens da *bicha louca*: “To louca da buceta!”. Não se trata, obviamente, de afirmar que, como atos estilizados, os atos mencionados acima são intencionais, mas simplesmente de reconhecer que só tenho acesso à ansiedade através do que me falam sobre ela e por de seus gestos e posturas corporais. Ansiedade, grosso modo, é uma maneira de encarar a relação entre causa e efeito: aponta que, em muitos aspectos, alguém não sabe se os esforços que faz ou fez resultarão nos objetos

almejados. De maneira positiva, pode provocar uma antecipação abrupta das consequências imaginadas de ações passadas e presentes. Sua persistência denuncia a insegurança que, a meu ver, compõe o modelo da responsabilidade.

Vale lembrar que, como é mostrado por Zimberg (1984) e por Grund (1993), um dos componentes necessários para que o consumidor de drogas consiga manter padrões controlados de uso é a manutenção da oferta do produto: interrupções ou incertezas a esse respeito podem acarretar modalidades compulsivas de consumo quando a oferta é restituída. Assim, ao mesmo tempo, as drogas aparecem produzindo ansiedade, na incerteza de sua oferta e de sua atuação no organismo, mas também podendo curá-la ou amenizá-la: relaxar depois da semana de *correria*, ficar tranquilo quando o *delivery* aperta a campainha. É claro que a ansiedade não é experimentada somente por causa da droga desejada – no caso, da maconha, em particular. Como argumentado ao longo de todo trabalho, as condutas das pessoas com esses produtos, e as emoções implicadas nelas, nunca podem ser suficientemente separadas das condutas que se deseja nas relações com pessoas importantes, tendo em vista o modo como essas pessoas e esses relacionamentos impactam a trajetória e o projeto de alguém. Influenciado pelos trabalhos de Das (2007) e de Taussig (1993a), tentei mostrar que, a exemplo dos sentimentos de inveja, ceticismo e medo, descritos por esses autores, a ansiedade aparece codificada nas formas tomadas por certas relações, ainda que sejam formas imaginadas: o contágio de Sérgio por Guilherme e o de Ângelo por Henrique; as redes de pessoas interessantes que se esperava encontrar nos aparelhos de lazer do centro da capital e a possibilidade de ser inadequado para elas; a dúvida de muitos se terão tempo, dinheiro e desenvoltura para oferecer aos pais e mães os produtos, serviços, experiências e/ou atenção e cuidados que eles merecem. Ao descrever e explorar algumas das possibilidades sugeridas por essas imagens, eu espero ter contribuído com um relato que (1) informe sobre o impacto moral que essas relações (pessoas) exercem sobre meus interlocutores e (2) forneça pistas para compreender como a ansiedade participa das definições e negociações a respeito das formas que essas relações devem ou podem tomar.

Contudo, ainda restam questões acerca das articulações possíveis entre a ansiedade que se experimenta no decorrer das relações com pessoas e aquela que se experimenta em decorrência das incertezas na relação com os psicoativos. Quero dizer: será que o ato de esperar juntos, perscrutando os corpos uns dos outros, as evidências de que o comprimido de *ecstasy* ou o cigarro de maconha age em todos, informa sobre a construção do sentimento e da

relação de amizade? Seria possível pensar que, de alguma maneira, essa ansiedade que se partilha no ato de consumir drogas, interfere, auxilia ou exprime as demais incertezas que, enquanto indivíduos de um mesmo coorte geracional, eles também enfrentam juntos – ainda que a esse respeito as diferenças quanto às origens de classe e/ou as escolhas profissionais criem cisões? Então, será que aprender a controlar os efeitos de algum psicoativo sobre si metaforiza o modo como se é obrigado a reconhecer o impacto de outras pessoas sobre si e gerenciar esse impacto? E, portanto, será que a responsabilidade e o processo de sua aquisição ao longo do curso da vida são definidos nesse jogo (mimético) entre o impacto que uns exercem sobre os outros e o impacto que os psicoativos exercem em cada um?

Certamente, não pude responder todas estas questões neste trabalho, apenas apresentei dados que nos permitem atentar para essa dimensão da interação das pessoas com os psicoativos. Foi possível pontuar algumas possibilidades de ação que essas metáforas parciais possibilitam: encerrar um namoro, evitar certas experiências, levar o amigo para uma ducha quando ele perde o controle da *loucura* ou alertá-lo quando se percebe que ele está *se estragando*. Pontuei que a extensão e a duração que essas experimentações podem tomar variam de acordo com cada psicoativo. Ainda assim, formular tais questões é importante, pois, elas nos permitem delimitar alguns pontos problemáticos da experiência de envelhecer e o modo como a interação com psicoativos auxilia no aprendizado, negociação e extensão dos sentidos atribuídos a esse processo e das coerções que ele implica. Foi o caso, então, de fornecer dados que informam sobre como essas pessoas elaboram suas experiências de envelhecer no aprendizado e difusão de algumas narrativas-mestras sobre as potencialidades e os perigos de um conjunto relativamente pequeno de substâncias psicoativas, a saber, o tabaco, a maconha, o álcool, o *ecstasy*, o LSD e a cocaína.

Referência Bibliográfica

ABRAMO, Helena. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta,. 1996.

_____. "Condição juvenil no Brasil contemporâneo". In: Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005

ALMEIDA, M. I. M. & EUGÊNIO, F. "Paisagens Existenciais e Alquimias Pragmáticas: uma reflexão comparativa do recurso às 'drogas' no contexto da contracultura e nas cenas eletrônicas contemporâneas" in LABATE, B. et.al. *Drogas e Cultura: novas perspectivas*. Salvador, Edufba/Ministério da Cultura, 2008.

APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói, Editora da UFF, 2008.

ARIÉS, Phillip. *História Social da Família e da Infância*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

AZIZE, Rogério L. *A Química da Qualidade de Vida – Um olhar antropológico sobre o uso de medicamentos em classes médias urbanas*. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGAS da UFSC, Florianópolis, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora da Universidade de Brasília, 2008.

BARBOSA, Bruno Cesar. "Doidas e putas': usos das categorias travesti e transsexual". In: *Sexualidad, Salud e Sociedad*, Rio de Janeiro, n.14, ago. 2013, pp.352--379, 2013.

BASSIT, Ana Zahira. "O curso de vida como perspectiva de análise do envelhecimento na pós-modernidade". In: DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, D. *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Mandarim, 2000, p. 217-234.

BATAILLE, Georges *O erotismo*, Porto Alegre: L&PM, 1987.

BECKER, Howard. *Outsiders – Studies in the Sociology of Deviance*. New York: The Free Press, 1973.

_____. "Uma entrevista com howard s. Becker". VELHO, Gilberto. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 3, n.5, 1990, p.114-136.

BENJAMIN, W. *Haxixe*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984.

BORGES, Ana Luiza & AZEVEDO, Carolina A. "A mancha de lazer noturno da Vila

Olímpia”. In: MAGNANI, J. C. G. & SOUZA, B. M. (org.). *Jovens na Metrópole*. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2007.

BOTT, Elisabeth, *Família e Rede Social*, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1976.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, 2003.

_____. *Precarious Life: The Powers of Mourning and Violence*, New York, Verso, 2004.

BRAH, Avtar. “Diferença, Diversidade, Diferenciação”. *Cadernos Pagu* (26) jan-jun 2006, pp329-376.

CAIAFA, Janice. *Movimento Punk na cidade. A invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

CAMARANO, Ana A. & MELLO, Juliana L. “Introdução”. In: CAMARANO, Ana Amélia (org.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

CAMARANO, Ana A. & MELLO, Juliana L & KANSO, Solange. “Do nascimento à morte: Principais transições”. In: CAMARANO, Ana Amélia (org.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio de Assis. “Sexualidade, Cultura e Política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira”. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n.28, pp. 65-99, 2007.

CARSTEN, Janet. *After Kinship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

COUTINHO, Tiago. “O uso do corpo nos festivais de música eletrônica”. LABATE, B. et.al. *Drogas e Cultura: novas perspectivas*. Salvador, Edufba/Ministério da Cultura, 2008.

DAS, Veena. *Life and Words: Violence and descent into the ordinary*. Berkeley: University of California Press, 2007.

_____. “O ato de testemunhar: Violência, gênero e subjetividade”. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n.37, jul/dec, pp. 9-41, 2011.

DEBERT, Guita G. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 1999.

_____. “A Dissolução da Vida Adulta e a Juventude como Valor”. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n.34, jul-dez 2010, p. 49-70.

DOUGLAS, Mary & ISHERWOOD, BARON. *O Mundo dos bens: Para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

DUARTE, Luiz F.D. “A outra saúde: mental, psicossocial, físico-moral?”. In: Alves, Paulo

Cesar (org.) *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro : Editora FIOCRUZ, 1994.

_____. “Indivíduo e pessoa na experiência da saúde e da doença”. In: *Ciência e Saúde Coletiva*. Vol. 8, n. 1, Rio de Janeiro, p.173-183, 2003.

EUGÊNIO, Fernanda. *Hedonismo Competente – Antropologia de urbanos afetos*. Tese de Doutorado apresentado ao PPGAS do Museu Nacional/UFRJ , Rio de Janeiro, 2006.

FEATHERSTONE, Mike. “The Body in Consumer Culture”. In: Featherstone, M. *et.al.* (org) *The body: social process and cultural theory*. London: Sage, 1991.

_____. “O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento”. In: DEBERT, G. (1994). *Antropologia e velhice* Textos Didáticos. Campinas, IFCH-Unicamp, 1(13): 49-71.

_____. *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERNADEZ, Osvaldo. *Coca-Light? – Usos do corpo, rituais de consumo e carreiras de ‘cheiradores’ de cocaína em São Paulo*. Salvador: UFBA, 2007. (Tese de doutorado)

IORE, Maurício. *Uso de “Drogas”: Controvérsias Médicas e Debate Público*. São Paulo: Mercado de Letras, 2007.

_____. “Consumo de substâncias psicoativas: sujeitos, substâncias e eventos”. Trabalho completo apresentado na IX RAM, Curitiba, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

_____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2007.

_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

FRANÇA, Isadora Lins. “Sobre 'guetos' e 'rótulos': tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo”. *Cadernos Pagu*. Jan-jun 2007. pp.227-255.

_____. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: Homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Tese de doutorado apresentada ao PPGAS-Unicamp. Campinas: 2010.

FRY, Peter. “Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil”. In: FRY, Peter (org.). *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

GAGNON, John & Simon, William. *Sexual Conducts: The social sources of human sexuality*. London: Hutchinson & Co. Ltd., 1974.

GAGNON, John. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GELL, Alfred. *The Technology of Enchantment and the Enchantment of Technology*. In: J. Coote and A. Shelton (eds). *Anthropology, Art and Aesthetics*. Oxford: Clarendon, 1992, pp.40–66.

_____. *Art and Agency: An anthropological theory*. Oxford: Clarendon, 1998.

GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1993.

GOMART, Emilie. “Methadone: Six Effects in Search of a Substance”. In: *Social Studies of Science*, Vol. 32(1). Londres:Feb., 2002, pp. 93-135.

GREGORI, Maria Filomena. *Cenas e Queixas – Um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: ANPOCS, 1993.

_____. “Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo”. In: *Revista de Antropologia*, Vol. 51(2). São Paulo, 2008, pp. 183-214.

_____. “Usos de Sex Toys: a circulação erótica entre objetos e pessoas”. In: *MANA*, Vol. 17(2). Rio de Janeiro, 2011, 313-336.

GRILLO, Carolina. *Fazendo doze na pista: Um estudo de caso do mercado ilegal de drogas na classe média*. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGS da UFRJ. Rio de Janeiro, 2008.

GRUND, Jean-Paul. *Drug use as a social ritual: functionality, symbolism and determinants of self-regulation*. Rotterdam: IVO, 1993.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*: Campinas: material didático, s/d.

HARAWAY, Donna. “‘Gênero’ para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra”. *Cadernos Pagu* (22) jan-jun de 2004, pp.201-246

HEBDIGE, Dick. *Subculture – The meaning of style*. London: Routledge, 1979.

HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par – Conjugalidade e identidade sexual em contextos igualitários*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HENDERSON, Sheila. “Drugs and culture: The question of gender”. in SOUTH, N. (org.). *Drugs: cultures, controls and everyday life*. Londres, Sage Publications, 2000.

LINS DE BARROS, Myrian M. “Trajetórias de jovens adultos: ciclo de vida e mobilidade social”. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 71-92, jul./dez. 2010

MACRAE, E. & SIMOES, J. *Rodas de Fumo: O uso de maconha entre camadas médias urbanas*. Salvador: EDUFBA, 2001.

_____. “A Subcultura da maconha, seus valores e rituais entre setores socialmente integrados”. In: Marcos Baptista (et. al.) (org). *Drogas e pós-modernidade: faces de um tema proscrito*. Rio de Janeiro: Ed. Da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v.2, p.95-107.

MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos*. São Paulo: Forense Universitária, 1987.

MAGNANI, J.G. “De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, n. 49 2002.

MILLER, Daniel. *Teoria das Compras: O que orienta as escolhas dos consumidores*. São Paulo: Nobel, 2002.

MITCHELL, J. Clyde, *The concept and use of social networks* In: *Social Networks in Urban Situations*, Manchester University Press, Londres, 1969.

ORTEGA, Francisco. *O Corpo Incerto: Corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PALOMINO, Erika. *Babado Forte*. São Paulo: Ed. Mandarim, 1999.

PISCITELLI, Adriana “Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais”. In: PISCITELLI, Adriana; OLIVEIRA, Gláucia, et. al. *Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: PAGU/UNICAMP, 2011.

RUI, Taniele. *Uso de Drogas e Marcadores Sociais da Diferença: Uma perspectiva comparada*. Dissertação de de mestrado apresentada ao PPGAS do IFCH/UNICAMP. Campinas, 2006.

_____. *Corpos Abjetos: Corpos Abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack*. Tese de doutorado apresentada ao PPGAS-UNICAMP. Campinas, 2012.

SAHLINS, Marshall. “La Pensée Bourgeoise”. In: *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e Artes do Pós-humano*. São Paulo: Papirus, 1999.

SHINER, M. *Drug Use and Social Change – The distortion of history*. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

SCHNEIDER, David. *American Kinship: A cultural account*. Chicago: Chicago University Press, 1968.

SIMÕES, J. A. “Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais”. In: Adriana Piscitelli; Maria Filomena Gregori; Sergio Carrara. (Org.). *Sexualidade*

e saberes: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, v. , p. 415-447

SOUTH, N. “Debating drugs and everyday life: nomalisation, prohibition and ‘otherness’” in SOUTH, N. (org.). *Drugs: cultures, controls and everyday life*. Londres, Sage Publications, 2000.

STRATHERN, Marilyn. *After Nature: English Kinship in the Late Twentieth Century*. Cambridge: Cambridge Un. Press, 1992.

_____. STRATHERN, Marilyn. *O Gênero da Dádiva – Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2003.

_____. “Partners and Consumers: Making Relations Visible”. *New Literary History*, Vol. 22, No. 3, Undermining Subjects (Summer, 1991), pp. 581-601.

TAUSSIG, Michael. *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem: Um estudo sobre o terror e a cura*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1993a.

_____. *Mimesis and Alterity: A particular history of the senses*. New York: Routledge, 1993.

_____. *My Cocaine Museum*. Chicago: University Press, 2004.

VARGAS, Eduardo V. *Entre a extensão e a intensidade: Corporalidade, subjetivação e uso de “drogas”*. Belo Horizonte: UFMG, 2001. (Tese de doutorado)

_____. “Uso de Drogas: Alter-ação como evento” *Revista de Antropologia*, jul-dez 2006, 49(2): 581-623.

VELHO, Gilberto. *Nobres e Anjos: Um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

_____. *Subjetividade e Sociedade. Uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

_____. *Individualismo e Cultura – Notas para uma antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. “O consumo de psicoativos como campo de pesquisa e de intervenção política”. Fiore, Maurício. In: LABATE, B. et.al. *Drogas e Cultura: novas perspectivas*. Salvador, Edufba/Ministério da Cultura, 2008.

YOUNG, Jock. *The Drugtakers: the social meaning of drug use*. Londres, Paladin, 1972.

_____. “Moral panics and the transgressive other”. *Crime, Media and Culture*. 2011, pp.245-258.

ZINBERG, N. E. *Drug, Set and Setting*. New Haven, Yale University Press, 1984.